



REGRESSO A DEUS

NUMA VIDA QUE NÃO TEM FIM



Digitalizado, Corrigido e Adaptado por

Gullan Grey

24-10-2022

SINTESE

Uma obra arrebatadora e reconfortante, que explora as questões fundamentais da existência e da transcendência.

O que se passa realmente nesta vida, e o que sucederá quando ela terminar? Acabaremos por nos reunir aos nossos entes queridos que nos precederam na morte? Estará Deus à nossa espera? Haverá Dia do Juízo Final? Ser-nos-á permitido entrar no Céu? Será mesmo possível sabermos o que haverá depois da nossa morte? ACONTECERÁ alguma coisa?

Ao longo dos tempos, nada despertou tanto interesse — ou inspirou maiores receios ou terrores— como a experiência conhecida como «morte». Na presente obra, o último volume da sua série *Conversas com Deus*, o autor faz-lhe as perguntas profundamente perturbadoras que nos afligem e transmite-nos as respostas por que ansiamos.

Através do seu diálogo profundo e pessoal com Deus, Walsch analisa o processo pelo qual todos os seres humanos acabam os seus dias na Terra e começam a sua vida no Reino de Deus, onde todos acabam por regressar, independentemente do que tiver sido a sua vida terrena.

REGRESSO A DEUS

NUMA VIDA QUE NÃO TEM FIM

UMA MENSAGEM MARAVILHOSA DE AMOR
NUMA CONVERSA FINAL COM DEUS

NEALE DONALD WALSCH

Índice

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1	5
TODA AS PESSOAS FAZEM TUDO POR SI MESMAS	5
CAPÍTULO 2	7
TUDO O QUE TE <i>ACONTECE</i> , <i>ACONTECE ATRAVÉS</i> DE TI. E TUDO O QUE <i>ACONTECE ATRAVÉS</i> DE TI, <i>ACONTECE PARA</i> TI.....	7
CAPÍTULO 3	11
A MORTE É UM MOMENTO DE CRIAÇÃO.....	11
CAPÍTULO 4	14
TU ÉS A ÚNICA PESSOA QUE PODE LEVAR-TE PARA A VERDADE	14
CAPÍTULO 5	17
A VIDA CRIA CONTINUAMENTE DE FORMA INTERATIVA.....	17
CAPÍTULO 6	20
A CONSCIÊNCIA COMPLETA.....	20
CAPÍTULO 7	25
JÁ ESTÁS ONDE DESEJAS CHEGAR	25
CAPÍTULO 8	30
A PERSPETIVA CRIA A PERCEÇÃO	30
CAPÍTULO 9	36
OS TRÊS NÍVEIS DA CRIAÇÃO DA REALIDADE	36
CAPÍTULO 10	43
O VAZIO NÃO EXISTE	43
CAPÍTULO 11	50
O OCEANO E A ONDA	50
CAPÍTULO 12	53
NÃO TENS DE FAZER O QUE QUER QUE SEJA.....	53
CAPÍTULO 13	60
A VERDADE NÃO EXISTE COMO REALIDADE OBJETIVA.....	60
CAPÍTULO 14	68
AS ETAPAS DA MORTE.....	68
CAPÍTULO 15	73
A FÓRMULA DE TODA A VIDA.....	73
CAPÍTULO 16	81
TUDO NA VIDA É SEQUENTÂNEO – SEQUENCIAL E SIMULTÂNEO	81

CAPÍTULO 17	87
A SINGULARIDADE, A INDIVIDUALIDADE E O SEQUENTÂNEO	87
CAPÍTULO 18	93
A MORTE NÃO É UMA EXIGÊNCIA PARA SE EXPERIENCIAR O EU A VÁRIOS NÍVEIS	93
CAPÍTULO 19	96
METÁFORA DO TEMPO E ESPAÇO	96
CAPÍTULO 20	99
ÚNICA QUESTÃO NUCLEAR: QUEM EU SOU?.....	99
CAPÍTULO 21	107
A COSMOLOGIA DE TUDO	107
CAPÍTULO 22	114
NINGUÉM MORRE SEM TER EXPERIENCIADO TUDO O QUE VEIO EXPERIENCIAR AO MUNDO FÍSICO	114
CAPÍTULO 23	122
NINGUÉM NUNCA MORRE EM VÃO.....	122
CAPÍTULO 24	127
AS SUPERCORDAS, O ESPAÇO-TEMPO CONTÍNUO E A SINGULARIDADE E O CORREDOR DO TEMPO .	127
CAPÍTULO 25	135
CRIAS A TUA VERDADE ATRAVÉS DAQUILO EM QUE ACREDITAS	135
CAPÍTULO 26	140
OS SENTIMENTOS, PENSAMENTOS E AÇÕES ENQUANTO LINGUAGENS DA ALMA, DA MENTE E DO CORPO	140
CAPÍTULO 27	144
UMA IMAGEM VALE MAIS QUE MIL PALAVRAS.....	144
CAPÍTULO 28	154
TERCEIRA ETAPA DA MORTE	154
CAPÍTULO 29	157
IDENTIFICANDO-NOS COM NADA EM PARTICULAR.....	157
CAPÍTULO 30	162
UM EXEMPLO PRÁTICO	162
CAPÍTULO 31	169
PARA QUÊ INCOMODAR-ME?	169
CAPÍTULO 32	174
QUESTIONÁRIO SAGRADO.....	174
CAPÍTULO 33	182
MORRENDO VÁRIAS VEZES	182
CAPÍTULO 34	188

ENTENDENDO MELHOR O PROCESSO DA MORTE	188
CAPÍTULO 35.....	192
O DESEJO DE TODA A VIDA É CONHECER-SE A SI MESMA NA SUA PLENITUDE.....	192
CAPÍTULO 36.....	202
O CÉU É TUDO O QUE EXISTE	202
CAPÍTULO 37	205
A EXPERIÊNCIA DA MORTE NAS CRIANÇAS	205
POSFÁCIO.....	211
RECORDAÇÕES.....	220

INTRODUÇÃO

O conteúdo deste livro consiste numa transcrição palavra a palavra de uma conversa com Deus. É a última parte de um diálogo extraordinário, que cobriu cerca de três mil páginas em nove livros escritos ao longo de onze anos e respeitantes a todos os aspetos da vida humana.

A presente troca explora muitas áreas da experiência humana na fronteira mais recuada da espiritualidade: a cosmologia de toda a vida. Proporciona um vislumbre da Realidade por Excelência, numa breve visão de nos tirar o fôlego, apresentada numa metáfora. Revela em linguagem simples e acessível a razão e a finalidade da vida, os meios de alcançar a suprema alegria ao alcance dos seres humanos, a natureza da viagem em que todos embarcámos, bem como o fim extraordinário dessa viagem — um fim que afinal não é um fim, mas um intervalo numa experiência gloriosa e contínua, cuja descrição completa faz vacilar a imaginação.

O diálogo que aqui transcrevemos é circular. Dá saltos em frente, em espirais em direção a caminhos nunca antes descritos ou sequer imaginados, em seguida recua para terreno seguro e bem conhecido, para assegurar que a exploração que se segue parte de terreno sólido e batido. Se o leitor tiver paciência com este livro — e, já agora, com a sua vida —, será imensamente recompensado.

A mensagem de *Regresso a Deus* pode bem ser das mais esperanças e úteis já recebidas pela humanidade.

É muito importante que o leitor perceba como chegou a esta conversa. Se pensa que chegou a ela por acaso, poderá estar a deixar passar ao lado a enormidade do que lhe está a suceder neste preciso momento.

Foi a sua alma que o trouxe a esta conversa, da mesma maneira que o trouxe a todas as outras conversas que já teve com Deus, sob todas as formas em que elas se deram. Foi ela que arranjou maneira de pôr estas páginas perante o leitor. Para isso, houve um grande número de circunstâncias a confluírem de maneira precisa neste momento exato, para que o leitor fosse trazido a estas palavras, e apenas a intervenção da sua alma sagrada poderia ter produzido estes acontecimentos sem qualquer esforço. Se tiver isto presente, dará ouvidos ao que aqui se diz numa disposição de espírito diferente.

Se foi trazido até aqui, foi porque o universo percebe que tem procurado tranquila e silenciosamente respostas para perguntas que todos os seres humanos fazem. Que representa afinal esta vida e que haverá depois dela? Algum dia nos reuniremos aos seres que amamos e já partiram? Deus estará à nossa espera para nos saudar? Haverá um dia do juízo final? Poderemos

realmente ter de enfrentar uma condenação eterna? Seremos admitidos ao céu? Teremos conhecimento do que se passa na Terra na nossa ausência, depois da nossa morte? Passar-se-á de facto alguma coisa?

Na resposta a estas perguntas estão envolvidas implicações imensas para todos os seres humanos. Será possível que, se conhecêssemos essas respostas, vivêssemos as nossas vidas de maneira diferente? Penso que sim. Teríamos menos receio de viver como nascemos para viver — de forma destemida e cheios de amor — se tivéssemos menos medo de morrer? Estou convencido de que a resposta também é afirmativa.

Custa-me pensar e ter consciência de que tantas pessoas sentem medo da passagem para o outro mundo que se aproxima, e isto para não falarmos do receio que sentem deste mundo. A vida devia ser uma alegria constante, e a morte o momento de uma alegria ainda maior. Seria maravilhoso que todos enfrentassem esse momento com alegria e expectativa.

Como aconteceu com a minha mãe. No momento da sua morte, a minha mãe estava perfeitamente em paz. O jovem padre que lhe administrou os últimos sacramentos da Igreja saiu de junto dela a dizer: «Foi ela que teve de me confortar.»

A minha mãe tinha uma confiança cega de que estava a lançar-se nos braços de Deus. Sabia o que representava a vida e aquilo que a morte não representava. A vida tinha a ver com dar tudo o que se tinha a tudo o que se amava, sem hesitações, sem dúvidas, sem limites. A morte era apenas um encerramento, mas acima de tudo era um começo. Lembro-me bem do que costumava dizer-me: «Quando eu morrer não fiques triste. Podes dançar sobre a minha sepultura.» A minha mãe sempre pensou que Deus esteve ao seu lado durante toda a sua vida — e que era precisamente aí que estaria aquando da sua morte.

E aqueles que pensam que vivem e não-de morrer sem Deus? A sua vida pode realmente ser muito solitária, e a sua morte assustadora. Nesses casos, pode ser melhor morrer sem se perceber o que está a suceder. Foi assim que morreu o meu pai. Levantou-se do sofá onde estava sentado, deu um passo e caiu. Os paramédicos chegaram poucos minutos depois, mas nessa altura já tudo acabara. Estou certo de que o meu pai nunca percebeu que seriam aqueles os seus últimos momentos sobre a Terra.

A minha mãe percebeu que estava a morrer, e estou convencido de que se permitiu essa lucidez porque sabia que seria capaz de lidar com ela com paz e alegria. O meu pai não teria sido capaz de o fazer, e por isso partiu abruptamente. Não teve tempo de pensar que estava a morrer, que ia partir em breve. Da mesma forma, estou convencido de que ao longo dos 83 anos que durou a sua vida não houve qualquer momento em que tenha pensado que estava a viver, que estava «verdadeiramente a viver». Já a minha mãe percebeu que estava a viver em cada momento da sua vida. Sabia reconhecer o deslumbramento e a magia do que isso representava. Mas não o meu pai.

O meu pai foi um homem interessante, e os seus pensamentos acerca de Deus, da vida e da morte eram perfeitamente contraditórios. Falou-me mais de uma vez na sua estranheza em relação ao que via no dia-a-dia e na sua descrença total numa vida para além da morte.

Lembro-me particularmente de uma conversa notável que tive com ele cerca de dois anos antes da sua morte. Não foi uma conversa demorada. Eu tinha-lhe perguntado o que pensava ele que fosse o sentido da vida. Ele olhou para mim de uma maneira quase inexpressiva e respondeu: «Não me parece que tenha qualquer sentido.» Depois perguntei-lhe o que pensava que acontecia depois da morte, e respondeu-me que nada.

Insisti com ele para que se explicasse.

«Negrume. Fim. E mais nada. Adormecemos e já não acordamos.»

Fiquei muito perturbado e triste. Fez-se um silêncio embaraçoso e eu apressei-me a preencher o vazio com todo o tipo de garantias de que estava sem dúvida enganado, de que havia uma experiência extraordinária que nos aguardava a todos «do outro lado». Comecei por lhe descrever o que seria essa experiência quando ele me interrompeu com um gesto imperioso.

«Grande treta...», murmurou. E acabou-se a conversa.

Fiquei surpreendido, porque sabia que o meu pai, até aos 80 anos, todos os dias ajoelhara aos pés da cama para dizer as suas orações antes de dormir. A quem rezaria ele, tentei adivinhar, se na verdade não acreditava que a vida era sagrada e a morte era apenas o começo? E qual seria o conteúdo das suas orações? Talvez estivesse a rezar para que ele próprio não tivesse razão. Talvez se atrevesse a ter esperança contra o que lhe parecia uma certeza.

Este livro é para todas as pessoas que pensam como o meu pai, para as que se atrevem a ter esperança contra o que lhes parece uma certeza. Destina-se igualmente aos que pura e simplesmente não sabem o que acontecerá depois da morte, e por isso não têm grandes fundamentos para perceber com maior profundidade o que acontece durante a vida, e porquê. Destina-se aos que não conhecem qualquer fórmula de acordo com a qual a vida funciona. É para os que se sentem perplexos, para os que não se sentem perplexos e pensam saber meia dúzia de coisas acerca de tudo isto, mas mesmo assim perguntam a si mesmos de vez em quando se terão realmente razão. Mas é igualmente para os que estão assustados.

Regresso a Deus é ainda para todos os que não pertencem a nenhum destes grupos mas gostariam de ajudar outras pessoas que pertencem, embora possam não o saber. Que podemos dizer a uma pessoa que está a morrer? Como podemos reconfortar os que vão continuar a viver? Que podemos dizer a nós próprios nesses momentos? Não é fácil responder a estas perguntas.

Como vê, estão aqui as razões que o trouxeram a este livro.

Talvez não o perceba imediatamente, mas aquilo que o trouxe a este livro foi um verdadeiro milagre. Um pequeno milagre, é verdade, mas no entanto um milagre. Estou convencido, como disse, de que foi a sua alma a arrastá-lo para este livro, num impulso semelhante ao que nos faz a todos seguir em frente, dar o passo seguinte, até ao nosso próximo momento de compreensão e, no fim de contas, ao divino.

Nenhum de nós é obrigado a seguir este impulso. Em qualquer momento podemos mudar de direção. Podemos seguir outro caminho. Ou podemos ficar no mesmo sítio e não ir para sítio nenhum durante um bom bocado, estagnados na nossa confusão. Finalmente, no entanto, acabaremos por seguir de novo, e no fim alcançaremos o nosso destino.

E esse destino é o mesmo para todos nós. Estamos todos numa viagem para Casa, e não ficaremos pelo caminho. Deus não o permitirá.

Em três frases, é esta a mensagem de todo o livro.

CAPÍTULO 1

Todos fazemos alguma coisa por nós mesmos... Quando percebermos que isto se aplica mesmo à nossa morte, deixaremos de recear o que quer que seja..

TODA AS PESSOAS FAZEM TUDO POR SI MESMAS

É impossível morrer ou viver sem Deus, mas não é impossível pensar que é.

Se pensares que estás a viver ou a morrer sem Deus, é isso que estarás a experienciar.

Podes experienciar desta maneira sempre que for esse o teu desejo, mas também podes deixar de o experienciar quando o desejares.

Estou convencido de que estas palavras são sagradas. Penso que vieram diretamente de Deus.

Estas palavras têm pairado na minha mente nos últimos quatro anos. Percebo agora que constituíam um convite. Um convite de Deus para uma conversa mais alargada.

Tens razão. Eu queria ter a certeza de que tínhamos esta conversa mais alargada, de maneira que pus estas palavras na tua mente sempre que te debruçavas com mais seriedade sobre a vida e a morte, mesmo que brevemente. É uma conversa que te tens mostrado relutância em enfrentar, que tens adiado repetidamente.

Sim, eu sei. Não que eu tenha receio de conversas profundas acerca da vida, ou mesmo da morte. Acontece apenas que se trata de assuntos muito complexos e eu queria ter a certeza de estar preparado para uma conversa séria sobre eles. Queria estar psicológica e, sim, espiritualmente pronto para ela.

E agora pensas que estás pronto?

Espero que sim. Não posso continuar a adiar esta conversa indefinidamente. Mesmo que quisesse fazê-lo, continuarias a pôr estas palavras na minha cabeça.

É verdade, continuaria. Porque se tratam de palavras que queres ouvir, mesmo que não chegues ao fim da conversa.

Está bem, já as ouvi.

Quero que as ouças repetidamente.

É impossível morrer ou viver sem Deus, mas não é impossível pensar que isso acontece.

Se estiveres convencido de que estás a viver ou a morrer sem Deus, é isso que vais sentir.

Podes sentir desta maneira sempre que for esse o teu desejo, mas também podes deixar de o sentir quando o desejares.

Estas palavras cobrem tudo o que alguém, que receia a morte, ou a vida, precisa de saber.

Nesse caso podemos acabar aqui a conversa.

Podemos. Mas até onde queres ir na tua compreensão? Se desejares continuar esta conversa, apresentar-te-ei mais cem máximas — uma fórmula em cem máximas para toda a vida.

Estás a provocar-me.

É precisamente essa a minha intenção.

E resultou. Nesse caso não quero concluir aqui a nossa conversa. E aqui estou eu, mais uma vez, a ter uma conversa com Deus acerca da vida e da morte. Mais uma vez.

Sim, mas é uma conversa em que vamos considerar coisas que nunca antes discutimos.

Quem diria...

Não tem importância. Não estás a ter esta conversa para mais ninguém. Só para ti.

Tenho de lembrar isso constantemente a mim mesmo.

Muitas vezes as pessoas pensam fazer para outras certas coisas que afinal fazem para si mesmas.

Todas as pessoas fazem tudo para si mesmas.

Quando perceberes isto, terás dado um passo em frente. E, quando perceberes que isto se aplica mesmo à morte, deixarás de a recear. Viverás plenamente a vida, até ao último instante.

Calma! Espera um momento. Estás a dizer que quando morro é para mim que morro?

Claro. Para quem havia de ser?

CAPÍTULO 2

Quando conheceres a resposta a todas as tuas dúvidas acerca da morte, terás respondido à maior parte das tuas perguntas acerca da vida.

TUDO O QUE TE ACONTECE, ACONTECE ATRAVÉS DE TI. E TUDO O QUE ACONTECE ATRAVÉS DE TI, ACONTECE PARA TI.

Ora aqui está um ponto de partida interessante. Trata-se de uma afirmação curiosa.

É a primeira de muitas que encontrarás aqui. No entanto, o nosso diálogo levar-nos-á em direções curiosas, e não só curiosas mas, para algumas pessoas, pelo menos, inacreditáveis. Será essa a natureza das Recordações que aqui te trouxeram.

Das Recordações?

Como te disse em conversas anteriores, não tens nada a aprender, apenas a recordar. A conversa que teremos, como todas as nossas conversas, ajudar-te-á a recordar. Acompanhar-te-á numa série de Recordações acerca da vida e da morte.

Como verás, muitas destas Recordações têm a ver com morte. Isso acontece deliberadamente, uma vez que é através de uma compreensão mais profunda da morte que mais depressa chegarás a uma compreensão mais profunda da vida.

Algumas destas Recordações poderão ser surpreendentes, uma vez que vão desafiar muito do que imaginas saber. Outras talvez não te surpreendam. Assim que tomares conhecimento delas, saberás que sempre soubeste. No seu conjunto, estas recordações levar-te-ão de novo a ti mesmo, e recordar-te-ão tudo o que precisas de saber para te sentires em casa com Deus.

A humanidade teve de esperar muito tempo para ter uma nova conversa acerca destas grandes matérias. A maior parte do que a nossa realidade coletiva tem a oferecer-nos recua a memórias ancestrais. Estamos seriamente necessitados de alguma nova sabedoria.

Todos os seres humanos nasceram com toda a sabedoria do universo impressa nas suas almas. Na realidade trata-se do ADN de tudo. De facto, este

«ADN» pode muito bem ser considerado uma espécie de «Consciência Divina Natural».¹

Todos os seres vivos têm impressa na sua alma esta atenção, ou lucidez, ou consciência. É parte do seu sistema. Faz parte do processo a que chamamos «vida». É por isso que quando as pessoas são confrontadas com uma sabedoria superior ela tantas vezes lhes parece familiar. Concordam com ela quase sem opor resistência. Não há discussão. Há apenas recordação. Faz parte da sua consciência divina natural. Diz-se que ela faz parte do seu ADN. Significa mais ou menos: «Ah, sim, claro. Naturalmente.»

Comecemos então esta conversa a sério. Recordemos em primeiro lugar aquilo que sempre soubeste. Vamos falar destas coisas de uma maneira nova, de maneira que possas refrescar a tua memória celular, que possas encontrar o caminho para casa.

Enquanto ainda sou vivo posso estar em casa com Deus, não é verdade? Quero dizer, não tenho de esperar pela morte para regressar a Deus, pois não?

Não.

Nesse caso — diz-me outra vez, para eu ter a certeza que percebo —, por que têm tantas «Recordações» a ver com morte?

A morte é o maior mistério da vida. Perceber o mistério da morte é perceber tudo.

Depois de conheceres a resposta à maior parte das tuas dúvidas acerca da morte, terás respondido igualmente à maior parte das tuas perguntas acerca da vida.

Nessa altura saberás como estar em casa com Deus sem para isso teres de morrer.

Já percebi. Ótimo.

Mas aconselho-te a que não cries expectativas, e a que não metas na cabeça que todos os que te lerem vão perceber o que estamos aqui a dizer, porque se isso acontecer podes acabar por distorcer estas conversas para que a maior parte das pessoas perceba e concorde com o que dizemos.

Nunca faria uma coisa dessas.

É possível que isso te passasse pela cabeça, sobretudo se receasses que os outros ridicularizassem o teu esforço ou o pusessem de parte.

Não me parece.

Haverá partes desta conversa — especialmente quando começarmos a discutir toda a questão da cosmologia da vida — que podem parecer rebuscadas a muitas pessoas.

Não tenho qualquer dúvida de que as explorações e os excursos mentais que estamos prestes a empreender vão acabar por potenciar a tua capacidade de perceber mais profundamente a verdade acerca da vida e da morte — no entanto, muitas dessas verdades podem parecer de tal maneira esotéricas e afastadas da vida corrente que podes sentir-te tentado a alterá-las de modo a torná-las mais aceitáveis.

Não, isso não vai acontecer. O meu interesse nesta conversa é fazer uma transcrição fiel do que dissermos, integralmente, sem deixar de fora o que quer que seja.

Ótimo. Vamos então a isso.

Aqui está a...

1. PRIMEIRA RECORDAÇÃO

Morrer é algo que cada pessoa faz por si mesma.

Ora aí está algo de muito interessante. De facto, não me parece nada que eu próprio pudesse fazer por quem quer que seja. De resto, morrer não me parece algo que *façamos*. Parece-me mais algo que me *acontece*.

Está a acontecer-te a ti. E está a acontecer através de ti.

Tudo o que te acontece, acontece *através* de ti. E tudo o que acontece *através* de ti acontece *para* ti.

Nunca pensei em morrer como em algo que se faz deliberadamente — e muito menos em algo que pudesse fazer para mim mesmo.

É algo que fazes para ti porque morrer é algo de magnífico. E é «deliberadamente» que o fazes, por razões que hão-de ficar claras mais adiante nesta conversa.

Será morrer uma coisa magnífica?

Sim. Aquilo a que chamamos «morte» é algo de magnífico. Por isso não faz sentido lamentarmos a morte de quem quer que seja, nem enfrentar a própria morte com ansiedade e apreensão. Acolhe a morte como acolheste a vida, uma vez que a morte é outra forma de vida.

Acolhe a morte dos demais com uma alegria tranquila, uma vez que a alegria dos que partem é maravilhosa.

A via para uma experiência tranquila da morte — a tua ou a de qualquer outra pessoa — tem a ver com saber que aquele que morre tem sempre a ver com o que sucede.

E é essa a...

2. SEGUNDA RECORDAÇÃO

Tu és a causa da tua própria morte. Isto é sempre verdade, morras como morreres e onde morreres.

¹ Acrónimo em inglês DNA (Divine Natural Awareness) que significa (Consciência Divina Natural)

CAPÍTULO 3

Estás convencido de que a morte é algo que acontece contra a tua vontade?

A MORTE É UM MOMENTO DE CRIAÇÃO

Não há dúvida de que é mesmo isso que queres dizer. Muitas pessoas vão ter dificuldade em acreditar nisso.

Há alguns princípios subjacentes à vida — a que daremos uma vista de olhos em breve — que podem facilitar a reconciliação de algumas destas Recordações com a tua realidade.

Quando exploramos estes princípios básicos mais exaustivamente, chegamos à conclusão de que aquilo a que se chama «morte» é na verdade um momento poderoso de criação.

Ora aí está outro pensamento fascinante. A morte é um «momento de criação»?

É um dos momentos mais poderosos por que alguma vez passarás. É uma ferramenta. Se for usada como deve ser, a morte pode criar algo de extraordinário. Também isso te será explicado.

A morte é uma ferramenta? Não é simplesmente uma «passagem»?

É uma passagem. Mas é uma passagem mágica, porque a energia com que atravessares essa passagem *determina o que encontrarás do outro lado*.

Está bem, está bem, mas espera aí um bocadinho. Estás a deixar-me sem fôlego. Importas-te de abrandar um bocadinho? Podemos voltar a falar deste assunto por uns momentos para preencher algumas coisas que ficaram por explicar? Aquilo que acabas de dizer deixou-me cheio de interrogações.

Examinaremos essas questões uma a uma. E todas encontrarão resposta.

Ótimo. Então podemos começar pela ideia da morte como *ferramenta*. Este conceito é inteiramente novo para mim. Uma ferramenta é algo que usamos deliberadamente. É algo que queremos usar. Mas eu não quero morrer. Ninguém quer morrer.

Toda a gente quer morrer.

Toda a gente quer morrer?!

Evidentemente. Senão ninguém morreria. Achas que morrer é alguma coisa que acontece contra a tua vontade?

E é o que pensa muita gente...

Nada acontece contra a tua vontade. Isso é impossível. E aqui vem a...

3. TERCEIRA RECORDAÇÃO

Não é possível morrer contra a própria vontade.

Se eu estivesse convencido de que isso é verdade, a ideia seria reconfortante, seria algo de verdadeiramente magnífico. Mas como posso eu adotar essa afirmação como a minha verdade se a experiência me diz que são muitas as coisas que acontecem contra a minha vontade?

Não acontece nada que não queiras que aconteça.

Nada?

Nada.

Podes imaginar que acontecem coisas que não queres que aconteçam. Mas isso não é verdade. Serve apenas para que possas pensar em ti mesmo como numa vítima.

Nada impede mais a tua evolução que esta convicção concreta. A ideia da vitimização é um sinal inequívoco de uma percepção limitada. A verdadeira vitimização não existe.

Não é muito fácil explicar a uma pessoa cuja filha foi violada, ou cuja aldeia foi simplesmente suprimida numa ação vingativa de limpeza étnica, que ninguém foi vitimizado.

Não vale a pena falar desta maneira às pessoas no preciso momento em que estão imersas no seu sofrimento. Nessas alturas, mais vale acompanhá-las com a nossa compaixão, com a nossa dedicação e com o nosso amor. Não vale a pena fazer afirmações deste tipo com a intenção de minorar o seu sofrimento. Nesses momentos é melhor começar por tentar atenuar a dor, e depois a maneira de pensar que criou essa dor.

Não há dúvida de que é verdade que, no sentido humano vulgar, há pessoas que são «vítimas» de ocorrências e circunstâncias terríveis na vida. No entanto, esta experiência de vitimização só pode ser verdadeira no contexto da experiência humana normal.

Quando digo que a verdadeira vitimização não existe estou a falar de um nível de consciência inteiramente diferente. No entanto, trata-se de um nível de

consciência que está ao alcance dos seres humanos, mas apenas depois de a sua dor ter sido aliviada.

Estou convencido de que muitas pessoas vão ter dificuldade em aceitar essa afirmação, quer estejam no meio de um grande sofrimento, quer não estejam.

Aquilo que estou a dizer é apenas aquilo que a maior parte das religiões tradicionais anda a dizer há milénios. «Obscuros são os desígnios do Senhor», têm proclamado todas elas. «Tende confiança no plano perfeito de Deus.»

Mais tarde, nesta mesma conversa, teremos oportunidade de explorar esta ideia de um plano perfeito, e também aproveitaremos para estudar como interagem muitas almas de maneira a produzir o resultado que são os muitos acontecimentos individuais e coletivos da vida na Terra, de uma forma perfeita por uma razão particular e perfeita. Na realidade, vou pedir-te que me dês um exemplo disso.

A sério?

Sim. E quando o fizer saberás perfeitamente do que estou a falar. Por agora, guarda tranquilamente no teu coração o conhecimento de que todas as coisas acontecem com perfeição.

Tentarei fazê-lo. Tentarei reter esse pensamento, acolhê-lo no meu coração, como me pedes. Mas parece-me que estás a ir muito depressa. Estás a ir depressa demais. Ainda agora começámos esta conversa e já vais, como direi?, a chegar ao ozono. Não quero faltar-te ao respeito, mas para onde está esta conversa a caminhar?

Para onde sempre quiseste ir.

Ou seja...?

Para a verdade.

CAPÍTULO 4

Não há verdade, a não ser a verdade que existe dentro de ti. Tudo o resto é apenas aquilo que te dizem.

TU ÉS A ÚNICA PESSOA QUE PODE LEVAR-TE PARA A VERDADE

Sim, já ouvi dizer isso. Não há quem não me diga que pretende conduzir-me à verdade.

Sim, mas apenas uma pessoa poderá fazê-lo.

E quem é essa pessoa? Tu?

Não.

Então quem é?

Tu mesmo.

Eu?

Sim, tu. Tu és a única pessoa a poder levar-te para a verdade, porque a verdade existe apenas num lugar.

Não me digas... Dentro de mim.

Exatamente. Não há verdade a não ser a verdade que existe dentro de ti. Tudo o resto é apenas o que te dizem.

Incluindo o que acabas de me dizer!

Evidentemente. Sem dúvida.

Então qual é o objetivo desta conversa? E, a propósito, que razão temos para ouvir o que quer que nos digam?

Eu não disse que nada de exterior poderia algum dia orientar-te para a verdade. Disse que apenas tu te podes levar a ti mesmo à verdade.

No entanto, se eu soubesse o que pensar da vida e da morte, não estaria a fazer-te perguntas sobre o assunto. Nem sequer estaríamos a ter esta conversa, não é verdade?

Muitas pessoas que conheço prefeririam rezar. Rezariam por uma resposta, por alguma orientação, que lhes permitisse encontrar o seu caminho no que diz respeito a tudo o que se relaciona com a vida e com a morte. Quando as pessoas rezam a Deus para que lhes dê respostas, e depois as obtêm — muitas vezes com toda a clareza —, dizem que Deus atendeu as suas súplicas.

Podia mesmo dizer-se que é essa a minha experiência com o que se está a passar aqui. Parece-me, e toda esta conversa me parece, uma forma de oração, em resposta à qual estou a obter algo.

Essa afirmação é magnífica, porque acontece ser verdadeira!

É por essa razão que mantenho um registo de toda a nossa conversa, de todo o processo. Estou a escrever rigorosamente tudo.

Basta que tenhas a precaução de evitar que os outros possam ficar com a impressão de que a iluminação está fora delas, e de que têm de se dirigir a algum lugar — a ti, por exemplo — em busca de respostas. Tem o cuidado de não criares situações em que os outros possam invejar-te por teres encontrado um caminho para a sabedoria, pois nesse caso vão querer que lhes mostres o caminho, o que seria contraproducente, e podia mesmo ser perigoso.

Perigoso?

No dia em que as outras pessoas começarem a acreditar que tens acesso às respostas de Deus a que elas próprias não conseguem chegar, tornar-te-ás perigoso. Cabe-te assim a ti fazer tudo o que puderes para te assegurares de que os outros não pensarão tal coisa de ti. Farias bem em não permitir que te prestassem muita atenção.

Faz o que te parecer melhor para desviar de ti a ideia de que tens um conhecimento especializado do assunto. A ideia é eliminar na mente de qualquer outra pessoa o pensamento de que és mais especial que ela.

Que me sugeres?

Faz qualquer coisa totalmente inesperada tendo em conta a maneira de ser da pessoa que quiser considerar-te como um santo ou um guru. Cria uma banda rock. Torna-te comediante. Abre um clube de dança.

Mas os santos não podem ter clubes de dança? Não há gurus que sejam ao mesmo tempo comediantes?

Estás a brincar comigo? Todos são comediantes!

Ora, ora, ora...

O que se passa é que as pessoas estão convencidas do contrário. Aí é que está o busílis. É por isso que te digo que faças qualquer coisa um pouco escandalosa, uma coisa que ponha as pessoas a coçarem as cabeças, que as leve a negar que és alguém de especial, e mesmo a acusarem-te de não seres especial.

Contar a história da minha vida era capaz de bastar para as levar a tirar essa conclusão. Já cometi muitos erros, já fiz coisas que ninguém aprovaria, que poderiam levar qualquer pessoa à conclusão de que não sou nada de especial.

É verdade que não passas de um Mensageiro Imperfeito — e é isso que te torna perfeito.

Porque assim ninguém poderá confundir a Mensagem com o mensageiro.

Não é provável. A não ser que lhes permitas que o façam. Por isso deves manter-te humano. Perdoa a ti mesmo, e pede o perdão dos outros, por todos os teus pecados, os antigos e os mais recentes. Depois podes começar a dizer a todas as pessoas que as respostas que procuram estão dentro delas.

CAPÍTULO 5

Escolhas o caminho que escolheres, não podes deixar de chegar a Casa.

A VIDA CRIA CONTINUAMENTE DE FORMA INTERATIVA

Está muito bem dizer isto às pessoas, mas já foi dito tantas vezes que já nos parece um aforismo gasto. O que eu quero dizer é que «a resposta está em ti» é apenas um passo antes de chegarmos a «que a força esteja contigo».

No entanto, aqui estou para te dizer que tudo o que precisas de saber está contigo desde que nasceste. Na verdade, foi para o demonstrar que aqui vieste.

Estas afirmações são... nem sei dizer... desligadas da nossa experiência real. Como posso eu acreditar que cada resposta está «dentro de mim», e sempre estive, desde que nasci, quando o que sinto é que tenho uma infinidade de coisas a aprender?

Não tens nada a aprender. Apenas precisas de recordar. O crescimento é a prova da presença divina e da sua expressão. Tudo na vida funciona desta maneira.

Olha para a árvore que está à frente da tua janela. Agora, que mede seis metros de altura e te cobre completamente com a sua enorme sombra, não sabe mais que quando não passava de um rebento. Todas as informações de que precisava para se tornar o que tornou estavam contidas na sua semente. Não teve de aprender o que quer que fosse. Limitou-se a precisar de aprender. Para o fazer, usou as informações que estavam encerradas na sua memória celular.

Tu não és diferente da árvore.

Não te disse eu: «Antes que eles me chamem, eu lhes responderei.»

Sim, sim, mas... bem, tenho de perguntar outra vez... Nesse caso que interesse tem a nossa conversa? Porquê falar com quem quer que seja acerca do que quer que seja, e especialmente para quê falar com Deus ou rezar?

Mesmo as árvores precisam de sol para estimular o seu crescimento.

Toda a vida está interligada. Não há qualquer aspeto do Todo ou do indivíduo que atue independentemente de qualquer outro aspeto ou indivíduo. A vida cria continuamente de forma *interativa*. É mutuamente que produzimos quaisquer resultados. *Não há qualquer outra maneira de os produzir.*

As tuas conversas com os demais, e todas as informações que te chegam do teu mundo exterior são como raios de sol, que fazem crescer as sementes que estão dentro de ti.

Há muitas coisas no teu mundo exterior que te podem encaminhar para a tua verdade interior. Mesmo essas pessoas, lugares, objetos e acontecimentos não passam de chamadas de atenção. São como sinais num caminho.

Na realidade é para isso que serve o «mundo exterior». O mundo físico foi concebido para te proporcionar o contexto em que poderás experienciar exteriormente o que sentes interiormente.

E é isso o que beneficio com aquilo que o mundo exterior me mostra, da maneira como o faz.

Como todos os seres humanos. Foi por essa razão que eu disse, quando olhares o mundo e o que te tem sucedido, «não julgues nem condenes».

Continuemos a recorrer à árvore como a uma amiga nesta parte da nossa discussão, com a finalidade de alcançar uma compreensão mais profunda das coisas.

Imaginemos que te afastaste da clareira e penetraste na floresta. É a primeira vez que o fazes, e sabes que podes vir a ter dificuldade em reencontrar a clareira. Assim, decides ir marcando as árvores quando te afastas.

Mas quando deixas a floresta recordas, ao ver as marcas, que as puseste ali para vires a encontrar mais facilmente a saída.

Estas marcas são exteriores a ti. Acabarão por te conduzir a Casa, mas em si não são a própria Casa. As marcas mostram-te o caminho, a vereda, a estrada — e esse caminho parece-te familiar. Reconhece-lo. Isto é, «re-conhece-lo», ou conhece-lo de novo. No entanto, o Caminho não é o Destino. Serve apenas para te levar até ele.

Há outros recursos para te pôr no bom caminho; há outros que podem mostrar-te o que eles próprios seguiram. Mas apenas tu próprio podes encontrar o teu Destino. De facto, todos os acontecimentos no teu mundo exterior têm precisamente esse objetivo. *Foi por isso que os puseste ali.*

São marcas nas árvores.

Pois são.

Mas se tudo o que existe no meu mundo exterior for colocado por mim no seu lugar consigo conduzir-me de regresso à minha verdade interior — e é isso que estás a dizer, não é verdade?

É precisamente isso que estou a dizer. Tens razão.

Se assim é, nesse caso, de certa maneira, fui eu que pus este livro nas minhas próprias mãos.

Exatamente.

Fui eu que levei a que este material viesse ter comigo, precisamente como acontece neste momento. É um sinal. É uma marca numa árvore.

Agora estás a ver as coisas com clareza. É precisamente o que estou a dizer.

Mas nesse caso, se tudo o que faz parte do meu mundo exterior constitui um sinal, como pode um sinal em particular ter qualquer significado? Isso seria como ir descendo uma rua, chegar a um cruzamento e ver cada sinal a apontar para uma direção diferente, mas todos a indicar «caminho para casa».

Estás a começar realmente a ver as coisas com clareza.

Que estás para aí a dizer?

Estou a dizer que, seja qual for o caminho que escolhas, *não podes deixar de ir dar a Casa*.

Nesse caso tanto faz escolher um como outro.

De facto assim é.

Tanto faz escolher um caminho como outro?

Isso é total, completa e inteiramente verdade.

Então para quê ralar-me a escolher? Se todos os caminhos vão dar a Casa, que diferença faz escolher este ou aquele?

Alguns são menos difíceis.

CAPÍTULO 6

Faças o que fizeres, não acredites no que aqui é dito.

A CONSCIÊNCIA COMPLETA

Ah! Então alguns caminhos são melhores que os outros!

«São menos difíceis» é uma descrição factual; «melhores» é um juízo de valor. O que nos conduz à...

4. QUARTA RECORDAÇÃO

Nenhum caminho para Casa é melhor que qualquer outro.

Tens a certeza? Por favor, meu Deus, por favor! Preciso de ter a certeza. Quase todas as religiões à face da Terra dizem precisamente o contrário.

Digo-o mais uma vez, para que tudo fique bem claro: nenhum caminho para Casa é melhor que qualquer outro.

Todos os caminhos te levam para lá, porque a única coisa que faz falta para isso é um verdadeiro desejo de chegar, um coração puro e aberto, e fé de que Deus não tem razão para dizer «não, tu não podes estar comigo» a quem quer que seja, seja por que razão for, e muito menos porque acredita em Deus de uma outra maneira.

Todas as verdadeiras religiões são magníficas, e todos os ensinamentos verdadeiramente espirituais são caminhos para Deus, e nenhuma religião e nenhum ensinamento está mais «certo» que outro. Há muitas maneiras de chegar ao cimo da montanha.

A religião foi criada pelas culturas humanas para ajudar os que nasceram no seio dessas culturas a conhecer e a perceber que há uma fonte de ajuda e compreensão sempre presente em tempos difíceis, de força em tempos de desafio, de clareza em tempos de confusão e de compaixão em tempos de dor.

A religião também é uma manifestação da consciência intuitiva da humanidade de que os rituais, as tradições, as cerimónias e os costumes têm um imenso valor como marcas que afirmam a presença de um povo no mundo, e como a cola que prende essa presença mantendo a cultura de um povo consistente.

Cada cultura tem as suas tradições, magníficas e singulares, que honram uma verdade maravilhosa e central: que há alguma coisa acima de nós e mais importante que os nossos desejos particulares, e mesmo que as nossas necessidades; que a própria vida é uma experiência muito mais profunda e significativa do que muitas pessoas começam por imaginar; que é no amor e na preocupação mútua, bem como no perdão, na criatividade e no divertimento, no dar-se as mãos num esforço coletivo para alcançar um objetivo que é de todos que serão encontradas as mais profundas satisfações e se darão os mais magníficos encontros humanos.

Cada pessoa deve escolher o seu caminho para chegar a mim. Começai a vossa jornada em direção a Casa. Não vos preocupeis com julgar os caminhos escolhidos pelos outros. Não podeis enganar-vos no vosso, e todos acabareis por vos reunir de novo quando chegardes a Casa, e nessa altura todos ficareis surpreendidos com as quezílias que alimentastes pelo caminho.

E não foram poucas, pois não? Discutimos interminavelmente. Discutimos e lutámos e matámos e morremos por termos insistido que o nosso caminho é que era o melhor — na realidade, todos sabemos que o nosso é o único — para o Céu.

Pois foi.

E no entanto aqui estás tu a dizer-nos que «nenhum caminho é melhor que qualquer outro». E eu vejo-me levado a perguntar delicadamente como posso eu acreditar em tal coisa? Como posso saber em que devo acreditar?

Decidas o que decidires, não acredites no que aqui é dito.

Que dizes?

Não acredites numa única das minhas palavras. Ouve o que digo, e depois acredita no que o teu coração te disser ser verdadeiro. É no teu coração que se encontra a sabedoria, e é também no teu coração que se encontra a verdade, e é ainda no teu coração que se encontra Deus na mais íntima comunicação contigo.

Peço-te apenas uma coisa.

E que coisa é essa?

Por favor, não confundas o que está no teu coração com o que está na tua mente. O que está na tua mente tem sido aí posto pelos outros. O que está no coração foi lá posto por mim.

Mesmo assim, é possível que me feches o teu coração, como tantos. Muitos fecharam-me igualmente as suas mentes.

E por favor não digas a ninguém que, se não acreditar no que vai na tua mente, acabarei por condená-lo.

Finalmente, faças o que fizeres, não os condenes tu próprio em meu nome.

É verdade que é algo que estamos constantemente a fazer. Parecemos incapazes de não o fazer. E isso só nos causa sofrimento.

No entanto, nem tudo é mau. A verdade é que a humanidade não precisa de se sujeitar aos maiores sofrimentos para alcançar o Céu.

Nem sequer precisamos de entrar nessas florestas confusas, onde temos de marcar as árvores para encontrar o nosso caminho de saída. Podemos simplesmente contorná-las.

Isso é verdade.

Por mais belas e tentadoras que sejam essas florestas vistas da estrada, não sou obrigado a embrenhar-me no meio das árvores, não preciso de me perder por aí e ser obrigado a esforçar-me por encontrar o caminho de regresso.

Sim, é verdade. Não és.

Todos os dias prometo a mim mesmo que vou *conservar-me no caminho*, mas todos os dias sou tentado pela vida a envolver-me em todo o tipo de «dramas» que nada têm a ver com quem sou ou para onde vou. Mal dou por mim estou novamente perdido na floresta.

E ainda não encontraste o caminho para saíres de lá.

Eu sei. Continuo a ouvir as palavras de Robert Frost na minha cabeça. Já antes as ouvia, mas agora ouço-as de uma nova forma...

As florestas são encantadoras, escuras e profundas.

Mas eu tenho promessas a cumprir,

E um longo caminho a percorrer antes de poder dormir,

E um longo caminho a percorrer antes de poder dormir.

Nesse caso, agora segue-me. Caminhemos juntos para a clareira, para que finalmente possas distinguir as árvores da floresta.

Está bem. Aqui vamos nós a caminho da luz. Encontrei-me a mim mesmo na floresta. Internei-me na escuridão da floresta dos meus próprios conflitos interiores, da minha própria confusão, e o que agora desejo verdadeiramente é «voltar para Casa». Mas o melhor caminho não é sempre o mais curto? Quero eu dizer, «mais curto» não significa «melhor»? E qual é o caminho mais curto?

Para responder a esta pergunta temos de definir o que queremos dizer com «Casa». Qual é exatamente a «casa» aonde as pessoas querem voltar?

A maior parte das pessoas está convencida que «voltar para casa» significa «voltar para Deus». Mas não é possível voltares para Deus porque nunca o deixaste — *e a tua alma sabe-o*.

Mas se a minha alma sabe que não preciso de regressar para Deus porque nunca o deixei, então que está a tentar fazer? Qual é a finalidade da vida na Terra, do ponto de vista da alma?

Posso explicar-te o que perguntas em quatro palavras.

O que a tua alma procura é *experienciar aquilo que sabe*.

A tua alma sabe que nunca deixaste Deus, e é isso que procura viver.

A vida é um processo pelo qual a alma transforma Saber em Experiência, e, quando aquilo que soubeste e experienciaste se torna uma realidade vivida, o processo foi completado.

Casa é afinal um lugar chamado «perfeição».

É a Consciência Integral e Aquele que Realmente És, através do Conhecimento Completo e da Experiência Completa. É o fim da separação entre Ti e a Divindade.

Esta Separação é ilusória, e a tua alma sabe-o. A perfeição pode por isso ser definida como o momento em que termina a Separação, o momento da tua reunião com a Divindade.

Não se trata realmente de uma reunificação, porque *nunca* estive desunificado, mas, se o tiver esquecido, pode parecer uma reunificação.

É verdade. No momento da reunificação o que acontece é que simplesmente recordas Quem Realmente És, e o experiencias.

Assim, de certa forma, é um «regresso a Deus», mas apenas em sentido figurado. Em sentido estritamente literal é um regresso à nossa consciência do facto de que nunca partimos, de que nós e Deus somos um só.

Sim! E o regresso à consciência é um processo com dupla vertente. A consciência é alcançada pelo Conhecimento e pela Experiência, que produz o Sentimento.

A consciência é o Sentimento do que Conheces e Experiencias.

Uma coisa é Saber algo, mas outra é Experienciá-lo, e ainda outra Senti-lo.

Apenas o Sentimento produz a Consciência. O Saber não pode produzir senão uma consciência parcial. Também a Experiência por si apenas pode dar origem a uma consciência parcial.

Podes Saber que és Divino, mas, quando Experiencias o teu Eu a ser Divino, a tua consciência torna-se Perfeita pela vivência desse Sentimento.

Podes Saber que és qualquer aspeto da Divindade — por exemplo, que és uma pessoa compassiva —, mas, quando Experiencias o teu Eu a ser compassivo, a tua consciência é tornada perfeita pela vivência desse Sentimento.

Podes Saber que és generoso, mas, quando experiencias o teu Eu a ser generoso, a tua consciência é tornada Completa pela vivência desse Sentimento.

Podes Saber que és afetuoso, mas, quando experiencias o teu Eu a ser afetuoso, a tua consciência é tornada Completa pela vivência desse Sentimento.

Muitas vezes digo a mim mesmo «hoje não pareço eu», e só agora percebo do que se trata.

Quando não te sentes «tu mesmo», não é porque não Sabes quem és; é porque não o experiencias. Tens de acrescentar a Experiência ao Saber para produzir o Sentimento.

O Sentimento é a linguagem da Alma. A consciência de Si é alcançada pelo sentimento completo do Eu a Ser Quem Realmente É.

Uma vez que a Consciência é um processo com duas vertentes, pode ser alcançada por duas vias. Uma alma alcança o Saber Completo ao longo do caminho do mundo espiritual e a Experiência Completa ao longo do mundo físico. Ambas as vias são necessárias, e é por essa razão que há dois mundos. Se os reunires, tens o ambiente perfeito para criar o Sentimento Completo, que produz a Consciência Completa.

CAPÍTULO 7

Todas as almas encontram a paz depois da morte.

Antes disso, nem todas a encontram.

JÁ ESTÁS ONDE DESEJAS CHEGAR

Aqui está uma explicação magnífica e compreensiva do que se passa realmente nesta experiência a que chamamos «vida».

E estamos longe de ter terminado. Os mais profundos mistérios da morte em breve serão revelados. Esta conversa ainda só arranhou a superfície das coisas.

Comecemos por examinar mais profundamente a última questão.

Perguntaste-me se o caminho mais curto não é o melhor caminho para Casa. A resposta é que não necessariamente. O caminho que tem para ti maiores vantagens é o caminho que leva à Perfeição — por muito tempo que demores a percorrê-lo.

O momento da Consciência Absoluta — isto é, de Saber e Experienciar e Sentir Completamente Quem Realmente És — é alcançado por fases, por etapas. Cada passagem por uma vida pode ser considerada uma dessas etapas.

Nenhuma alma chega à Consciência Absoluta em apenas uma vida. É o efeito cumulativo das muitas passagens pelo Ciclo da Vida que dá origem àquilo que podemos chamar o «Perfazer da Perfeição», ou Consciência Absoluta.

Cada passagem termina quando o projeto *dessa passagem particular* foi completado.

Esta Vida termina quando completares o que vieste experienciar desta vez a este mundo físico.

Depois acrescentas o que aqui completaste àquilo que completaste noutras passagens pelo Tempo, até que finalmente «reúnas tudo» e alcances a Consciência Absoluta.

Nesse caso há dois níveis de Perfeição. O Nível Um acontece quando se dá um passo completo no processo global. O Nível Dois acontece quando completamos o próprio processo global.

Sim. E o processo global está completo quando Aquele Que És se conhece plenamente a si mesmo, se experiencia plenamente, e sente plenamente.

Essa explicação é magnífica, e percebo-a. As almas vêm à Terra para completar tarefas específicas, para realizar, para experienciar. Algumas almas precisam de percorrer um caminho mais longo para o conseguir. Quando perfazem essa experiência chegou o momento de nos alegrarmos, uma vez que a sua tarefa foi completada.

Estás a perceber. E isso é magnífico! É absolutamente verdadeiro.

E por isso o caminho mais curto não é necessariamente o melhor. Ser *perfeito* é o objetivo, e não ser *rápido*.

Exatamente.

Ótimo. Agora posso voltar a sentir-me bem comigo mesmo, porque não penso que já consegui — e já vou na sexta década de vida— o que vim aqui fazer.

E que vieste aqui fazer?

Não tenho a certeza.

Isso torna muito mais difícil que o consigas.

Eu sei. E parte do meu problema é esse.

Talvez valha a pena falarmos desse assunto.

Tenho a certeza que só tenho a ganhar com isso, mas de momento não quero desviar-me do assunto. Estavas a dizer que, embora possam não ser necessariamente «melhores», alguns caminhos de regresso a Casa são menos difíceis que outros. E isso é uma coisa que me deixa perplexo.

É mais fácil escolher um caminho em que há menos obstáculos.

Concordo. E como encontrar um desses caminhos?

Não é possível. Tens de ser tu a criá-lo.

Como?

É o que estás a fazer neste momento. Ao esforçares-te por encontrar o caminho já estás a tornar as coisas mais fáceis. Muitas pessoas atravessam a vida sem ter sequer consciência de que percorrem um caminho. Não estudaram, não oraram, não meditaram. Não prestaram qualquer atenção à sua vida interior, nem exploraram com seriedade realidades mais vastas. E é isso que tu estás a fazer neste momento. Simplesmente, ao iniciares a exploração que estás a levar a cabo aqui — pelo simples facto de estares a ter esta conversa —, já estás a criar um caminho com menos obstáculos.

O que quero dizer é que, quer escolhas um caminho tortuoso, quer escolhas uma estrada sem curvas, quer te embrenhes na floresta, quer passes ao seu lado, terás afastado os obstáculos e criado um caminho menos difícil para a Perfeição.

Quando conheceres a morte, poderás viver plenamente a vida. Depois poderás experienciar o teu Eu em plenitude — e é precisamente o que vieste aqui fazer — e depois podes morrer de maneira graciosa e grata, sabendo conscientemente que perfizeste o teu destino. Esta via é muito menos penosa, e cria uma morte em paz.

Há nisto qualquer coisa que me recorda um julgamento. É quase como um imperativo. «Se não tiveres morrido bem, não viveste bem.» Qualquer coisa deste género.

Estás a formular um juízo que nunca sairia da minha boca. Não é possível «morrer mal», e não há maneira de não chegares ao teu destino — que é a união extática com o Divino no Núcleo do Teu Ser. Não é possível não estares em Casa com Deus.

Estamos aqui a falar de tornar a tua vida e a tua morte menos difíceis, mais pacíficas. A afirmação a que te referes é uma observação, e não um juízo. Se te encaminhares para esse Perfazer com aquilo com que entraste no teu corpo para viver, e por isso morreres graciosamente, encontraste paz antes da morte, e não depois.

Todas as almas encontram a paz depois da morte, mas nem todas a encontram antes dela.

Quando morreres, é impossível não seres Perfeito, embora seja possível que não tenhas consciência disso. «Paz» é estares consciente dessa Perfeição. De que não há mais nada que possas fazer. De que já está. Acabou. E podes ir para Casa.

Se te aproximares da morte com temor e tremor, agitado e temeroso, sem desejo de partir, ou receoso do que se passar na tua vida, ou do que está para vir, mesmo assim chegarás ao teu destino. *Não é possível não chegares lá.*

Mas nesse caso é mais difícil, não é?

Precisamente.

Mais uma vez, há uma coisa que quero deixar clara. Estás permanentemente imerso no Divino. Estás imerso nele neste preciso momento. Na realidade, tu és o Divino. És o Divino, estás imerso na Divindade, que se expressa como o Aspeto Individuado da Divindade conhecido como Tu.

Assim, no mais verdadeiro sentido, não estás numa viagem de regresso a Casa. Já estás em Casa. Estás sempre em casa com Deus.

Já estás onde desejas chegar. O segredo extraordinário é que basta que o saibas para o experienciases imediatamente.

Neste momento estou com a impressão de que estamos a andar em círculos. Quero dizer que estamos a andar em círculo nesta conversa. Tenho a impressão de ser sonâmbulo e de não saber para onde vou.

E isso não só nesta conversa, mas em toda a tua *vida*.

Quando vives — ou quando morres, de resto — no medo e no receio, agitado e temeroso, sem queres libertar-te da vida, com medo do que é presentemente a tua vida, ou do que está para vir, estás a mostrar que não sabes onde estás, e o problema disto é que o que *experiencias* é o que *mostras*.

Sempre foi assim e sempre há-de ser assim.

Deste modo, não sentirás que estás unido ao Divino, não sentirás que estás em Casa com Deus, embora *estejas*.

Quer acredites quer não, estou a tentar perceber. Estás a avançar muito depressa, e o assunto é complexo — como eu sempre soube que seria —, mas mesmo assim estou a tentar perceber.

Muito bem. Continua a tentar. Não te distraias. Na verdade já sabes tudo isto; eu estou só a tentar recordar-te o que já sabes.

Não estás em viagem para o Divino, estás no meio de um processo eterno no qual experiencias cada vez mais a Divindade ao avançar dentro dela. Sentes cada vez mais o Núcleo do Teu Ser, cada vez mais a Essência de quem és, e a vida continua.

Estás eternamente em fusão com a Essência — e, como parte do processo da vida, emerges de novo dela, como uma expressão mais plena dela.

Este processo é aquilo a que se poderia chamar «confluência de energia», a fórmula de todo o ciclo da vida.

É isto que representa viver e morrer.

Queres então dizer que não entro em união total com o Divino, mas sim que surjo dessa união?

Sim.

Estaremos a falar de reencarnação?

De certa forma.

Lá vamos nós outra vez...

Estou convencido de que é importante que nada disto seja reduzido a uma única frase ou sentença. Mesmo assim, se tiveres paciência, penso que chegarás à conclusão de que não há nada que esteja para lá do teu poder de compreensão.

Tudo o que desejo é conhecer a verdade acerca da morte e de morrer. Quero conhecer a «verdade de Deus».

Continuas a pensar que Deus está separado de ti, não é verdade?

Não estou realmente convencido disso. Sei que Deus e eu — que tu e eu — somos um só.

Pensas realmente?

Penso. Sei que não há separação entre mim e ti. Sei que sou a Individuação da Divindade.

Então por que razão falas dessa maneira? Por que dizes que queres conhecer a «verdade de Deus»? Devias saber que a verdade de Deus está dentro de ti mesmo.

A «verdade de Deus» é só uma maneira de falar.

Ah! Nesse caso aquilo que esperas encontrar é na realidade a tua própria verdade...

Sempre esperei vir a usar esta conversa, esta «oração», como um meio de me conduzir à verdade, à resposta, que está de facto dentro de mim.

Muito bem. Esta experiência pode encaminhar-te nessa direção, mas tens de te pôr a ti próprio nessa via, como eu disse repetidamente. Eu posso mostrar-te o caminho de regresso a Casa, mas és tu que tens de o percorrer.

Já disse que no sentido mais estrito não és um viajante. Já estás no sítio para onde desejas ir. No entanto, uma vez que não estás consciente disso, sentes que estás a meio de uma viagem. Assim, tens de fazer essa viagem para chegares à conclusão de que não é necessária. Tens de pôr pés ao caminho para perceberes que a viagem termina precisamente no sítio onde te encontras.

CAPÍTULO 8

Tens medo de morrer, tens medo de viver. Que maneira de existir!

A PERSPETIVA CRIA A PERCEÇÃO

Como posso ter a certeza de que estas palavras, de todas as que já foram ditas acerca deste assunto, me podem conduzir à minha verdade acerca da vida e da morte?

Não és obrigado a concordar com estas palavras para seres conduzido à tua verdade.

Não tenho?

Não. Mesmo que discordes completamente destas palavras, serás encaminhado para a tua verdade — terás de encontrar o caminho de regresso a Casa, porque, se discordares destas palavras, saberás com o que estás de acordo. E nesse caso escolherás outro caminho. E, se esse caminho ainda não for o teu, escolherás outro, e depois outro, e ainda outro, até que encontres o teu caminho no meio desta confusão e possas regressar a Casa.

Suponho que as coisas se possam passar desta maneira.

Sim, é assim que as coisas acontecem. Toda a tua vida te orienta para o regresso a Casa, a mim. Assim, todos os acontecimentos, todas as pessoas, todos os momentos são sagrados e abençoados.

Mesmo que não estejas de acordo com alguma coisa, que não gostes de alguém, mesmo que não estejas a apreciar um certo momento, todos eles são sagrados, já que a Vida informa a vida acerca da vida através do próprio processo de viver, e não há nada mais sagrado que Viver, e depois que Experimentar o que a vida tem para nos dizer acerca de nós mesmos.

Sendo assim, através desta mesma conversa, mesmo que não concordes com ela, serás encaminhado para a Verdade e posto no caminho para Casa. Também serás orientado para essa via se concordares com esta conversa. Seja como for, esta conversa levar-te-á onde procurares ir.

Todos os caminhos levam a Casa.

Todos sem exceção.

E cada caminho tem as suas próprias «marcas sobre as árvores» para me ajudar a chegar lá.

Precisamente. Agora sim, estás a perceber. Todas as marcas que encontras nas árvores lá foram postas por ti. Olha à tua volta. Não verás nada que não tenha sido lá posto por ti.

Contudo, por vezes terás dificuldade em reconhecer as tuas próprias marcas. Se as observares de um ângulo diferente, podem elas próprias parecer-te diferentes. Pode parecer que foram lá postas por outra pessoa.

Estamos a falar, evidentemente, das marcas da tua vida — e especialmente daquelas a que chamarias «cicatrizes». Não te convenças de que foram feitas por outra pessoa que não tu. Isso transformar-te-ia numa vítima, e aos outros em vilões. No entanto, na vida, como já te disse, não há vítimas nem vilões. Nunca te esqueças disto.

A minha maravilhosa amiga Elisabeth Kübler-Ross costumava dizer acerca deste assunto algo que sempre adorei:

«Se protegemos a montanha das tempestades, nunca veremos a beleza das suas formas extravagantes.»

Sim. Era isso que eu queria dizer quando afirmei que tudo na vida é maravilhoso, da mesma forma que a própria morte é maravilhosa. É tudo uma questão de ponto de vista. A perspetiva cria a perceção.

Sim.

Não, não te limites a dizer «sim». Examina a última afirmação com mais cuidado. Trata-se de uma das afirmações mais importantes que vou fazer aqui.

Eu disse que...

A perspetiva cria a perceção.

A maneira como olhamos para as coisas cria a maneira como as vemos.

Exatamente. Obrigado.

Assim, se olhares para ti mesmo como vítima, ver-te-ás como tal. Se olhares para ti mesmo como vilão, ver-te-ás como vilão. Se te vires como participante no processo da criação, será assim que te verás a ti mesmo.

Se considerares qualquer acontecimento da tua vida — incluindo a morte — como um dom, vê-lo-ás como um dom, como um tesouro, como algo de valioso a que sempre poderás recorrer e que te conduzirá à alegria. Se

considerares qualquer acontecimento, incluindo a morte, como uma tragédia, acabarás por lamentá-lo para sempre, e nunca receberás dele senão sofrimento.

O que nos leva à...

5. QUINTA RECORDAÇÃO

A morte nunca é uma tragédia. É sempre um dom.

Agora concentra-te nisto. Concentra-te seriamente nesse acontecimento a que chamas «morte». Isto porque, se perceberes que as coisas são assim no que diz respeito à morte, depressa perceberás que o mesmo acontece com qualquer outro acontecimento da vida.

E, se eu alguma vez conseguir olhar a morte como uma dádiva, em vez de como uma tragédia, então não há nada na vida — as «pequenas mortes» — que não possa ver igualmente como dádivas, até as pequenas maldades de que fui vítima, ou a que sujeitei alguém. E então deixará de haver sofrimento.

Para ti e para todos os demais.

Quando souberes viver bem todas as tuas «mortes», permites que os outros vivam igualmente bem COM as suas mortes. Com as pequenas e com as grandes.

Caramba, ora aí está uma afirmação forte. Não estás com meias medidas. Só que nem sempre é possível «morrer bem». E agora é da «grande morte» que estou a falar. Quero eu dizer que por vezes temos simplesmente medo de morrer.

Claro que sim. Além disso, quando também tens receio das «pequenas mortes» — isto é, de qualquer derrota ou perda —, tens igualmente receio de viver. Isto quer dizer que tens medo de viver e tens medo de morrer. Que maneira de existir!

Então ajuda-nos!

E o que achas que estou aqui a fazer? Estou aqui a gastar o meu tempo para te ajudar a vencer o medo da «grande morte». Isto porque, quando não tens medo disso, não tens medo de nada. E então podes verdadeiramente viver.

Então por que razão temos todos este «medo mortal» de morrer?

Devido ao que te ensinaram acerca da morte. Devido ao que te disseram.

Quando comesças a encarar a morte de outra maneira, também podes senti-la de outra maneira. E isso pode ser uma grande dádiva, não apenas para ti, mas também para os que amas.

Tenho um amigo, Andrew Parker, que vive na Austrália, e a cuja mulher, maravilhosa — Pip, como lhe chamavam os amigos —, aconteceu precisamente isso. A Pip morreu de cancro no dia de Ano Novo, logo a seguir à chegada de 2005. O Andrew enviou-me um e-mail que mandou igualmente a um grande número dos seus amigos e da sua mulher. Este mail ilustra perfeitamente aquilo de que aqui estamos a falar. No seu e-mail, Andrew diz:

A Pip foi a maior dádiva que algum dia recebi. Entrou na minha vida numa altura em que eu pensava que tinha tudo dominado, embora isso não fosse verdade. Ela sentou-se comigo ao luar no dia em que a nossa relação realmente começou e eu percebi imediatamente que se ficasse algum tempo com ela acabaríamos por casar e ter filhos. E que bênção ela foi para a minha vida! Um cancro no seu peito magnífico deu início à jornada da nossa relação e à maneira como a sua coragem me mostrou o caminho.

O seu sorriso sempre presente e seu sentido de humor mantiveram-me alerta, embora tenha sido o seu amor incondicional que teve o maior impacto sobre mim. O seu amor foi tão forte como um carvalho forte, tão profundo e azul como um oceano e tão poderoso como as marés e as correntes nas suas profundezas. E o mais comovente foi o seu apego a mim e a maneira como me viu.

Ela conseguiu ver o que estava para além dos meus pequenos defeitos, dos palavrões e dos maus hábitos que vieram comigo do meu passado anterior ao tempo em que a conheci. Em mim via apenas o melhor, e teve a capacidade de encorajar esse melhor.

Os tratamentos a que foi submetida foram brutais, como os tratamentos médicos de outros tempos. As operações, a quimioterapia e a radiação, as hormonas e uma menopausa precoce nunca alteraram a essência feminina que era o meu amor. A dor e o sofrimento associados aos tratamentos nunca provocaram nela queixumes e descontentamento. Com o nascimento dos nossos filhos irradiou a felicidade da maternidade, energia feminina e um amor profundo.

Não havia quem não fosse tocado pela sua beleza, tanto interior como exterior. Quando descobrimos que tinha metástases ósseas, sete meses depois do nascimento dos nossos gémeos, quase me pediu desculpa. Nesse momento não era nela mesma que pensava, mas em mim e nos nossos três rapazes. Depois ergueu-se, sacudiu a poeira e ligou a válvula do carinho.

Custou-lhe ficar sem a segunda mama. Era o seu sentimento de feminilidade que era assim afetado, embora nunca tenha sido mais mulher para mim que nos tempos que se seguiram a essa operação. Quando levámos os nossos rapazes a visitá-la no dia que se seguiu à operação, pegou-lhes ao colo um a um, sem um queixume de dor.

A sua força ficou marcada na minha consciência, a sua generosidade e a sua coragem servem-me de conforto no espaço que agora ocupo, preenchido com as suas recordações e ainda com muito tempo de vida na minha própria vida.

Nos quase três anos que ainda viveu, e de que maneira, com a minha vida profissional e o meu negócio numa lástima, soube aceitar a minha luta por me encontrar e deu-me espaço para viver. Reconfortando a minha alma com amor, aceitação e uma orientação firme, nem uma vez me encarou com condescendência. E como a respeito por isso...

Os últimos seis meses da minha vida pareceram uma eternidade enquanto os vivemos. No entanto, agora daria tudo por mais alguns instantes com ela. Se esses tempos voltassem, como daria valor a cada instante passado na sua companhia!

Os últimos meses e os últimos dias da Pip foram a sua maior dádiva. Aos poucos, foi saindo da minha vida. Acabaram-se os seus magníficos jantares; chegara a minha vez de cozinhar e de fazer limpeza. «Se deixares a roupa por aí, quem achas que vai apanhá-la?», dizia com um tom de voz doce que ainda tenho a impressão de ouvir.

E como em tempos essas tarefas, e a de fazer as camas e tratar da roupa, eram feitas com alegria. Foi ela que acabou por me ensinar a fazer tudo isso, reconfortando-me enquanto eu a reconfortava a ela. Nunca estive mais próximo dela, além de me ter sentido abençoado com a oportunidade de a ajudar.

Depois chegou o momento de a levar para casa, para Perth, para junto dos amigos e da família. Olhei muitas vezes para ela durante o nosso voo de cinco horas e era evidente que sofria com dores. Foi uma viagem muito difícil, e só eu me apercebi disso. Como de costume, com a maior dignidade e a maior preocupação com os outros, lá conseguiu suportar tudo. E insistiu que a levássemos na viagem que tínhamos planeado a Rottneest Island, para nadar no oceano Índico, no seu azul profundo, e apreciou a beleza e a bênção de fruir uma vez mais daqueles pequenos prazeres.

Os seus últimos dias foram de um sofrimento de proporções bíblicas, uma verdadeira provação de quarenta dias no deserto. De certa forma, o seu falecimento deu-se no momento escolhido por ela. Quando soube que isso ia acontecer, fez-me a maior de todas as dádivas, que foi deixar-me ficar com ela, no seu espaço, e de mãos dadas, no momento em que partiu.

Passava meia hora da meia-noite no dia de Ano Novo. Ela tinha-me dito que queria chegar ao novo ano, e foi o que aconteceu. Todo o sofrimento daquela vigília, todo o medo de não fazer as coisas devidamente, de não dizer o que devia ser dito — tudo isso partiu com o seu espírito. Delicadamente, como sempre vivera, acabou por partir. E deixou-me sem qualquer dúvida em

relação a quem sou e ao que faço aqui. A sua maior dádiva foi levar o meu medo com ela.

Agora vivo de maneira diferente, é verdade, mas ela nunca está longe de mim. Os nossos filhos não estão a adaptar-se facilmente — não é fácil perder um amor como o da Pip. Continuamos a desenvolver-nos em conjunto, e as suas dádivas são como uma flor de lótus que se abre lentamente, pétala a pétala, ao mesmo tempo que a nossa vida ganha forma, alimentada pelo amor daquela mulher.

À minha maneira, estas palavras querem ser o meu tributo de amor à mãe dos meus filhos, a ti, a todos. Somos melhores por ela ter estado connosco. Não lamento um só minuto e não acuso ninguém do nosso sofrimento.

Todos temos algum peso nas escolhas que faz a nossa vida, na maneira como reagimos, que dá cor à nossa existência. Pip e eu escolhemos o nosso amor, e, por difícil que fosse, foi ele que me deu a vida. Decidi encará-lo do ponto de vista da gratidão, e não da perda e da dor. Sim, a perda e a dor estão presentes, e percebe-se que assim seja. Mas quando ultrapassamos o medo encontramos o amor e a nossa própria divindade e individualidade.

O amor cura. Cura as nossas almas, cura as nossas relações e pode mesmo curar o nosso planeta. A minha mulher deu-me esse amor e eu decidi partilhá-lo convosco.

No dia de Ano Novo jantei com toda a minha família e depois fui beber um copo a casa de alguns amigos dela. Saí de casa deles às 23.40 e no caminho de regresso a casa a Pip esteve comigo. Senti a energia da criação, das possibilidades que se abrem à minha frente. Enquanto as pessoas celebravam com fogo-de-artifício, a voz de Pip dentro da minha cabeça dizia-me que tudo estava bem.

O que ela queria dizer com isso era que estava com Deus, na consciência coletiva e mais uma vez no lugar da criação.

E chorei.

CAPÍTULO 9

No mundo não há vítimas nem vilões

OS TRÊS NÍVEIS DA CRIAÇÃO DA REALIDADE

Isto é um bom exemplo, um belo, magnífico exemplo de como, quando vives bem a tua morte, deixas os outros viver bem com a tua morte.

Quando morrer, gostaria de o fazer com a mesma graciosidade que a Pip.

E a conversa que agora estamos a ter fará uma grande diferença. Saber que estás a morrer porque decidiste fazê-lo será uma grande ajuda.

Toda a gente morre quando decide? Será que a Pip morreu quando decidiu morrer? Terá Terri Schiavo morrido quando escolheu?

Em relação à Pip não há dúvida nenhuma, porque ela própria *disse* quando queria morrer. Disse que queria chegar ao novo ano.

Sim, mas terá sido ela a decidir ter cancro naquela *altura* da sua vida? Terá realmente decidido partir tão cedo? O seu marido teria uma grande dificuldade em aceitar uma coisa dessas, assim como os filhos e os outros membros da sua família. Tenho a certeza que todos eles teriam perguntado *por que teria ela decidido deixá-los daquela maneira*.

A minha resposta a essa pergunta é capaz de te deixar chocado.

E que resposta é essa?

Fica para mais tarde. Teremos de falar mais deste assunto. Primeiro há muitas coisas que têm de ser esclarecidas. A seguir a resposta já não te deixará tão chocado.

Seja qual for a resposta, tenho a certeza que as pessoas da família de Terri Schiavo fariam a mesma pergunta. Também elas, estou certo, teriam rejeitado esta ideia de que a morte obedece a uma escolha prévia do tempo e do modo da morte de cada um. Não, tenho a certeza de que a maior parte das pessoas diria que isso não corresponde à sua experiência, nem, certamente, à de Pip e de Terri.

Eu sei que já antes disse que as almas só abandonam o corpo quando o seu trabalho foi completado, e que isso deve ser um motivo de celebração, mas a partida de uma alma do seu corpo pode ser muito triste para os que são deixados para trás no mundo físico — e dizer a essas pessoas que a pessoa que tanto amam na realidade decidiu partir poderia levá-las a pensar que essa pessoa já não queria estar com elas, e... bom, isso pode ser muito doloroso, parece-me.

Conheço uma mulher cujo marido morreu ainda muito jovem. A mulher sofreu anos a fio com a morte dele. No entanto, quem mais sentiu a perda foi a filha dos dois, ainda muito pequenina. Nunca se recuperou da morte do pai — e, na verdade, acho que ainda hoje não lhe perdoou tê-la deixado. Não percebe por que fez o seu pai uma coisa daquelas. Se eu lhe dissesse que ninguém deixa o seu corpo antes de decidir fazê-lo, e que cada alma é a causa da própria morte e na realidade deseja morrer, sentir-se-ia ainda mais magoada.

A não ser que percebesse que ele pode não ter sabido conscientemente aquilo que desejava.

Não é esta a resposta surpreendente que hei-de revelar-te mais tarde, mas uma coisa importante em que deves pensar desde já.

Não estou a perceber. Que queres dizer quando afirmas que a Pia pode não ter sabido conscientemente aquilo que desejava? Pensei que estavas a dizer-me que cada um de nós é a causa da própria morte, e que ninguém morre contra a sua vontade.

Talvez te ajude saberes que os seres humanos criam, e também «sabem o que sabem», a três diferentes Níveis de Experiência: subconsciente, consciente e superconsciente.

Lembra-te que eu disse que, quando morres, é impossível não estares Realizado, mas É possível não estares *consciente disso*.

Ao nível superconsciente, uma alma pode saber que se Realizou nesta vida, mas não ter consciência disso ao nível subconsciente e consciente.

Estes três níveis de experiência já foram mencionados num dos nossos diálogos anteriores, que deram origem ao livro *Amizade com Deus*. O assunto pareceu-me francamente deslumbrante.

Neste contexto é ainda mais fascinante. É importante percebê-lo, de maneira que as tuas perguntas possam obter respostas.

Então é melhor voltarmos ao assunto. Que representam esses três níveis de experiência?

O subconsciente é o lugar da experiência de que não te apercebes, ou de que não tens consciência que cria a tua realidade. Isso é feito «subconscientemente» — isto é, com pouca noção de que estás realmente a fazê-lo, e muito menos da razão por que o fazes.

Não é um nível de experiência «mau», por isso não deves julgá-lo. É um dom, porque te permite fazer certas coisas de forma automática.

Que queres dizer com «fazer as coisas de forma automática»?

Há funções, como o crescimento do cabelo, pestanejar ou o funcionamento do teu coração, que são bons exemplos de coisas que se fazem automaticamente. Não precisas de refletir, de pensar: «Agora tenho de pestanejar, de fazer crescer as minhas unhas.» Estas coisas acontecem — todo o teu sistema corporal as opera — sem qualquer instrução específica tua.

Além disso, o subconsciente também cria soluções instantâneas para certos problemas. Verifica os dados que te chegam, armazena-os e responde com grande rapidez a um grande número de situações, mais uma vez de forma automática. Se tocares numa frigideira quente, não precisas de pensar que tens de afastar rapidamente a mão. Retira-la sem refletir, num ápice. Trata-se de uma *resposta automática com base em dados recebidos anteriormente*.

O subconsciente pode salvar-te a vida. No entanto, não estás consciente de que partes da tua vida escolheste criar automaticamente. Podes imaginar que és um «produto da vida», e não uma causa. Podes mesmo convencer-te de que és uma vítima. Assim, é importante que tenhas consciência daquilo que escolheste não perceber de forma consciente.

O Nível Consciente é o lugar da experiência que conheces, e em que crias a tua realidade, com alguma noção do que estás a fazer. O quanto percebes depende do teu «nível de consciência». É este o nível físico.

Quando estamos empenhados numa via espiritual, esforçamo-nos por «elevar o nosso nível de consciência», ou por alargar a experiência da nossa realidade física de forma a incluir aquilo que a outro nível aprendemos acerca de nós mesmos.

O Nível Superconsciente é onde se dá o que diz respeito às funções mais elevadas da alma — o que tem a ver com a Perfeição da vida e com aquilo que cada um deve viver e sentir por ter vindo ao mundo. É o verdadeiro nível da alma. A maior parte das pessoas não tem consciência das suas intenções superconscientes — a não ser em casos excecionais.

O superconsciente é a parte de cada pessoa que toma as decisões respeitantes à alma — é o que te move para a Realização no âmbito daquilo que vieste experienciar e sentir quando assumiste esse corpo. Está constantemente a empurrar cada um para o nível de crescimento seguinte, a atraí-lo para as pessoas, os lugares e os acontecimentos que podem proporcionar a combinação perfeita de Conhecimento e Experiência que pode dar origem ao Sentimento — criando a Consciência do Ser Verdadeiro.

A última vez que falámos deste assunto perguntei se havia alguma maneira de enraizar as mesmas intenções no subconsciente, consciente e superconsciente ao mesmo tempo.

Há. O nível de consciência que reúne os outros três num só é a *supraconsciência*. Também há quem lhe chame a «consciência de Jesus» ou «consciência superior».

Todos os seres humanos podem encaminhar-se para esse estado. Alguns conseguem-no com a meditação, outros com a oração profunda, outros com rituais ou com a dança, com cerimónias sagradas — ou com aquilo a que se chama «morte». Há muitas maneiras de chegar lá. É quando chegam a esse ponto que as pessoas são mais criativas. Os três níveis de consciência tornam-se um só. Tu disseste para os “ter todos juntos”. Mas é realmente mais do que isso, porque nisto, como em todas as coisas, o todo é maior do que a soma das partes.

A supraconsciência não é apenas a combinação do subconsciente, do consciente e do superconsciente. É o que acontece quando todos são combinados *e se transcendem*. Tu moves-te então para o puro Ser. Este Ser é a Fonte Última da Criação dentro de ti. Podes alcançá-lo antes ou depois da tua «morte».

Suponho que é assim que um mestre cria.

Sim.

Será possível surpreender um mestre?

Para uma pessoa com um estado de consciência continuamente elevada, os acontecimentos e os resultados são sempre conscientemente desejados e nunca previstos. O grau de imprevisibilidade de uma experiência é uma indicação direta do nível de consciência a que está a ser percebida. Lembra-te do que eu disse: a percepção cria a experiência.

O estudante de mestria é aquele que concorda com a experiência, mesmo que ela não lhe «pareça» favorável, porque o bom estudante sabe que deve tê-la desejado a algum nível. Tem a «noção» de que saber é o que torna possível a paz interior em circunstâncias que outra pessoa consideraria muito difíceis.

O que o estudante de mestria nem sempre vê o nível de consciência a que a experiência foi destinada. No entanto, mesmo assim, sabe que *é responsável por ela a algum nível*. É precisamente este conhecimento que o põe na via da mestria.

Já me tinhas perguntado se a Pip queria morrer, se foi ela que esteve na origem da sua própria morte, e eu respondi que não a um nível consciente. Agora já percebes o que eu queria dizer com isso.

Todas as decisões que afetam a alma humana são tomadas pela alma pelo menos a um dos níveis, ou mesmo ao último, ao da supraconsciência.

A Pip escolheu o período da sua vida em que quis deixar o seu corpo, como todas as almas. No seu caso, a decisão não foi tomada a um nível consciente. Depois que ela tomou essa grande decisão *superconscientemente*, a Pip escolheu conscientemente o dia e o momento exato da sua partida — momentos depois da passagem para o dia 1 de Janeiro, depois da entrada do novo ano. Podemos ter a certeza de que esta decisão foi tomada ao nível consciente porque *ela a anunciou antecipadamente*. Sabia perfeitamente o que estava a escolher e foi ela que o criou.

Talvez se possa dizer algo de semelhante em relação a Terri Schiavo. Talvez ela não tenha escolhido conscientemente os primeiros acontecimentos da sua vida, mas talvez as coisas tenham mudado quando, depois desses primeiros acontecimentos, ela disse ter «perdido a consciência» de tudo. Talvez ela não tenha *perdido* a consciência de maneira nenhuma. Talvez tenha «desviado» a consciência. Talvez se tenha «encontrado» a si mesma a outro nível de consciência — primeiro, ao nível do superconsciente, onde se tornou plenamente consciente do que criava e da razão por que o fazia, e depois ao nível da supraconsciência, onde, depois de ter completado o que viera aqui fazer, alcançou a Consciência Absoluta da sua unidade intrínseca com o Divino.

Estou convencido de que Terri Schiavo usou a sua vida para convidar as pessoas de todo o mundo para ascenderem a um novo nível de pesquisa das questões da vida e da morte, da alma e de Deus, e das ações benéficas para a humanidade em casos como os dela.

Também estou convencido de que Terri Schiavo, a um nível espiritual, nunca foi uma *vítima* das suas circunstâncias. Estou convencido de que durante os seus últimos anos soube precisamente o que estava a acontecer e permitiu a si mesma ser sujeita a isso para chamar a atenção de todos para si para bem de toda a humanidade.

Estou convencido de que Jesus fez *precisamente o mesmo*. Terei razão em relação a Terri?

Seria absolutamente inconveniente que eu revelasse o que se passa nos níveis do superconsciente e da supraconsciência de uma pessoa particular. Mas o mesmo pode dizer-se, e eu já o disse muitas vezes, em relação a todos os seres humanos:

Neste mundo, não há vítimas nem vilões.

Só nesta conversa já deve ser a terceira ou quarta vez que o dizes, mas também eu já disse e volto a dizê-lo: a ideia de que ninguém é vítima é muitas vezes emocionalmente muito difícil de aceitar.

Já observaste que isso acontece porque a maior parte das pessoas considera a vida do ponto de vista muito limitado da compreensão humana normal, mas como podem aqueles que procuram elevar o seu nível de consciência, e contribuir também para elevar o nível da humanidade de forma global, esperar alargar essa compreensão?

Fala à humanidade das Ferramentas da Criação: Pensamento, Palavra e Ação. São estes os mecanismos com que vais criar a tua microrrealidade. Estas ferramentas são perfeitas. São maravilhosamente eficazes.

O que pensas, o que dizes e o que fazes cria a experiência a que chamas «*tu próprio*» e as condições e circunstâncias da tua vida.

Tudo se passa de acordo com o que já expliquei: se pensas que és uma vítima, se dizes ser uma vítima e ages como se fosses uma vítima, *irás sentir-te e experienciar-te a ti mesmo como uma vítima* apesar de não o seres.

O mesmo acontece quando decides etiquetar a experiência de outras pessoas. Se pensas que alguém é uma vítima, dizes-lhe que é uma vítima, ages como se essa pessoa fosse uma vítima *irás experienciar como se a outra pessoa fosse uma vítima*, apesar de não o ser.

Pensas em Terri Schiavo como numa vítima? Possivelmente sim. E Terri foi realmente uma vítima? Não.

É impossível alguém ser uma vítima das circunstâncias que criou.

Nunca te esqueças disto.

É impossível alguém ser uma vítima das circunstâncias que criou.

Assim, para seres uma vítima das circunstâncias, tens de jurar que não lhes deste origem.

És tu que crias todas as circunstâncias da tua vida. Se as criares ao nível consciente, terás consciência disso. Se as criares ao nível subconsciente ou superconsciente, podes não ter. Mesmo assim, não há dúvida de que *terás criado as circunstâncias*.

Todos os mestres sabem isto, e é por essa razão que nunca um mestre apontou para outra pessoa e disse «tu fizeste-me isto».

Podes por isso experienciar aquilo que escolheres. Podes experienciar tudo o que descobriste acerca de ti como resultado da tua vida no mundo espiritual antes do teu nascimento, ou podes experienciar uma coisa diferente, alguma coisa que não chegue a isso. Nisto, como em todas as outras questões, és senhor do teu livre arbítrio.

Isso apresenta-me ainda outra questão. Haverá consciência antes do nascimento? Pelo que estás a dizer-me, a resposta parece ser afirmativa. Teremos por isso consciência de nós antes de nascermos?

Sim, sem dúvida. O «tu» que és «tu» tem consciência de si para sempre. Voltaremos a falar deste assunto mais tarde, quando explorarmos a questão do nascimento com mais profundidade. Por agora, basta saberes que tu sempre foste, que és agora e que sempre serás. Quando nasces, limitas-te a desintegrar-te.

Eu o quê?

Desintegras-te. Deixas de estar integrado. Deixas de ser Singular e divides-te em três partes: corpo, mente e espírito. Ou aquilo que também poderia ser chamado subconsciente, consciente e superconsciente.

Ah, então é essa a correlação!

Mais ou menos, sim. Não se trata de uma correlação rigorosa, mas apresenta uma imagem do que sucede em pinceladas gerais.

Nesta trindade sagrada — Deus em três partes —, a tua mente está onde a tua atividade consciente tem lugar.

Assim, pensa apenas o que decides experienciar, diz apenas o que decides tornar real, e usa a tua mente para instruir conscientemente o corpo para fazer apenas o que decidires demonstrar como a tua realidade mais elevada. É assim que crias ao nível consciente.

Olha para este assunto mais de perto. Não foi isto que todos os mestres fizeram? Algum mestre terá feito mais? Não. Numa palavra: não.

CAPÍTULO 10

E cada pessoa que está em questão em tudo o que se passa na sua vida — incluindo na sua morte.

O VAZIO NÃO EXISTE

Isso é maravilhoso. Muito bem posto. Obrigado. Mas agora, se fosse possível, gostaria de regressar a outro assunto. A um assunto um tanto perturbador.

Com certeza.

Quando, no princípio desta conversa, me disseste que somos a causa das nossas próprias mortes, a primeira coisa que me ocorreu foi que, se isso é verdade, todas as mortes são, por definição, suicídios. Desde essa altura que isto não me sai da cabeça.

Isso não é muito rigoroso.

O facto de todos terem a ver com o fim das suas vidas não significa que a um nível consciente o escolham deliberadamente. Nem implica que o façam para fugir a alguma coisa ou a alguma situação.

Estar na origem de uma coisa e escolhê-la conscientemente podem ser duas coisas completamente diferentes.

O quê? Não estou a perceber.

Podes ser a causa de um acidente, mas isso não significa que tenhas escolhido conscientemente provocar esse acidente.

Ah! Estou a ver o que queres dizer.

Mas sejamos claros em relação ao que está aqui a ser dito. Toda a gente está em causa em tudo o que diz respeito ao que se passa na sua vida — incluindo a sua morte. A maior parte das pessoas não tem consciência disto.

No entanto, se uma pessoa está consciente disto — e, já agora, o diálogo está a tornar as pessoas conscientes —, isso não significa que ao morrer qualquer pessoa está a suicidar-se? Quero eu dizer que, à luz do que aqui foi dito, todas as pessoas têm a ver com a questão do fim das suas vidas, não é verdade? Ou será que me escapou alguma coisa?

Têm de ser reunidas duas condições para que uma morte possa ser classificada como suicídio.

1. A pessoa tem de estar consciente do que está a fazer, ou seja, tem de fazer conscientemente a escolha de morrer.
2. A pessoa tem de estar consciente de escolher morrer com a finalidade de escapar, em vez de completar a tua vida.

Uma das finalidades desta conversa é ajudar-te a conhecer o aspeto sagrado da tua vida física, ajudar-te a perceber que a vida no corpo é um dom de proporções inexprimíveis.

Já disse anteriormente que a morte é um momento de criação poderoso, e isso é um facto. Contudo, está concebido em direção a um fim, e não com a finalidade de lhe escapar.

Há tanta dor ligada ao suicídio que quase me custa falar do assunto. A dor é sentida em primeiro lugar, como é evidente, pela pessoa que atravessa o torvelinho que conduz à decisão de acabar a sua vida, e depois também pela família e pelos amigos dessa pessoa. Será possível encontrar forma de confortar alguma das partes envolvidas?

O conforto pode resultar de saber que a pessoa que cometeu suicídio se encontra bem. Essas pessoas ficam bem. São amadas e nunca são abandonadas por Deus. Acontece simplesmente que não concluíram o que vinham fazer. É importante que qualquer pessoa que esteja a pensar em suicídio perceba isto.

Estás a dizer-me que aqueles que se suicidam não são punidos de nenhuma forma?

Não há nada que se pareça com «punições» na vida do Além. Os que são punidos são os que são deixados para trás. Esses sofrem um grande choque, de que alguns nunca chegam a recuperar-se. Todos sentem uma perda enorme. Muitos deles passam o resto da vida a acusar-se. Tentam perceber onde erraram e sofrem horrivelmente com a ideia do que poderiam ter dito que tivesse modificado o que veio a suceder.

O mais triste é que aqueles que põem fim à própria vida imaginam que vão mudar as coisas, mas não vão.

Pôr fim à vida para fugir a qualquer coisa não cria uma situação em que as pessoas consigam escapar ao que quer que seja. Se estás a pensar em pôr fim à vida para fugir a alguma coisa, devias saber, aproveito para dizer de novo, que estás a tentar fazer algo que não está ao teu alcance.

É normal que as pessoas desejem evitar coisas dolorosas. Tudo isso faz parte da vida humana. No entanto, nesse momento particular da vida, alguém

está a tentar evitar algo que a alma veio fazer àquele corpo. Não veio para evitar essa experiência.

Uma vez que a pessoa achou essa experiência dolorosa e difícil, procura saltar para o vazio, onde não há nada a enfrentar nem a recear. No entanto, as pessoas não podem saltar para o vazio, porque não existe vazio para onde se possa saltar. *O vazio não existe.*

Não há vazio no universo. Em sítio rigorosamente nenhum. Não há qualquer lugar onde «exista o nada». Onde quer que nos encontremos, o espaço está preenchido com alguma coisa.

Com o quê? Com o que está preenchido o espaço?

Com as tuas próprias criações. Terás de enfrentar as tuas criações para onde quer que vás. Não poderás escapar-lhes — nem desejarás fazê-lo, uma vez que criaste as tuas criações para te recriares. Assim, não retirarás qualquer benefício de evitá-las, ou de as contornares. Não vale a pena atirares-te para o vazio.

Pondo as coisas de maneira clara: a dança do vazio não existe.

Ora aí está uma ideia engraçada. Um jogo de palavras inteligente e engraçado.

Como sabes, uso muitas vezes as palavras desta forma, de maneira que possas recordar facilmente a minha mensagem.

Bom, desta não vou esquecer-me. «Não existe dança do vazio».

Não, porque continuarás sempre a viver com aquilo de que morreste..

Ora aí está uma afirmação forte.

Era essa a ideia.

Perdoa-me por estar a regressar a isto, e perdoa-me por dizer isto agora, aqui, quando estamos a falar de pôr fim à vida, mas antes tinhas dito que a morte era magnífica. Por que razão não havia alguém, cuja vida é horrível, de desejar a morte?

Aquilo a que chamas «morte» é magnífico, mas não mais que a vida. Na verdade, a «morte» é vida, mas continuada de uma outra forma.

Gostaria de ser muito claro em relação a este ponto. Acabarás por te encontrar do outro lado da morte, e tudo o que trouxeste contigo será levado. Mas depois acontecerá algo de irónico. *Darás a ti mesmo uma nova vida física na qual terás de lidar com aquilo com que não lidaste na vida mais recente.*

Voltarei à vida física? Não posso «resolver as coisas» no reino espiritual, não físico?

Não, uma vez que a finalidade da vida física é proporcionar um contexto no qual possas experienciar aquilo que escolhes, no reino espiritual.

Assim, ao deixares a vida física não escapas a nada. Limitas-te a regressar à vida física e à situação de que quiseste escapar. O problema é que quando regressas vais novamente para o princípio.

Isto não será sentido como uma «punição», uma «exigência», ou um «fardo», porque será feito com todo o teu livre arbítrio, com a compreensão de que se trata de parte do processo de autocriação, *para o qual existes*.

Assim, mais vale enfrentarmos o que temos de enfrentar o mais cedo possível.

Na realidade, é para isso que serve a vida.

Quando a vida é usada dessa maneira, morres quando estás pronto a usar a morte como uma ferramenta com a qual podes criar uma vida nova e diferente. O suicídio é o uso da morte para a fuga, mas cria de novo a mesma vida, com os mesmos desafios e experiências.

Nunca tinha visto as coisas desse ponto de vista. Isso diz muito.

Sim.

Desta maneira, podes usar a morte como uma ferramenta com a qual *fugir*, ou com a qual *criar*. A primeira hipótese é impossível e a segunda incrível.

Mas não haverá nisso um certo juízo de valor? Isso não parece tornar o suicídio algo de errado? Quero com isto dizer que imaginava que Deus não julgava.

Não há nada de «errado» ou de «mau» em criar os mesmos desafios e experiências mais de uma vez. Se alguém desejar enfrentar repetidamente os mesmos desafios, pode fazê-lo. Nisso, como em todas as outras coisas, cada um decide por si.

Simplesmente, é importante que se saiba que, se alguém pensa que vai escapar a estes desafios, isso não é verdade. Vai encontrar-se novamente perante eles. E, como é evidente, isto pode tornar-se um pouco repetitivo.

Aquilo que leva muitas pessoas a sentir que não querem continuar a enfrentar os desafios que a vida lhes apresenta é a ideia de que terão de os

enfrentar sozinhas. Embora se trate de um pensamento falso, é o que muitas pessoas julgam.

A solidão é o maior mal do mundo de hoje. A solidão emocional, física e espiritual — o sentimento de estar só e em sofrimento ou de ter sido sobrecarregado de uma maneira que ninguém percebe, e de não ter recursos — é a fórmula da falta de esperança.

É perante esta falta de esperança que as pessoas acabam muitas vezes por sentir que já nada importa a não ser fugir. No entanto, não é possível escapar; ninguém escapará. As pessoas limitam-se a repetir desde o princípio aquilo que procuram evitar.

É por isso que estou aqui a dizer-te que tens recursos, que toda a gente tem recursos, e te peço que anuncies este facto ao mundo. Basta que recorras a mim, com a certeza de que estou à tua disposição. Tens de te limitar a procurar-me com uma fé absoluta para que eu te responda.

Posso fazer-te uma pergunta que te vai parecer atrevida?

Com certeza.

Por que temos de ser nós a procurar-te antes de *tu* nos procurares? Se és na verdade um Deus onisciente, devias saber que precisamos de ajuda. Se és um Deus compassivo, devias estar disposto a oferecer-nos essa ajuda — *sem termos de pedir*. Se já estamos de rastos, derrotados, por que temos de rastejar para que venhas em nosso auxílio? Se és um Deus de amor, por que não nos amas o bastante para nos ajudares sem que tenhamos de suplicar?

E já que estamos a falar deste assunto, que tens a dizer àqueles que te dizem: «Chamei-te e não me respondeste! Pensas que não pedi a ajuda de Deus? Por que pensas que estou tão desesperado? Estou assim porque tenho a impressão de que até Deus me abandonou! Fui deixado só. E estou farto. Não aguento mais. Acabou-se.»

Que tens a responder a uma pessoa que te diz uma coisa destas?

Digo...

Gostava que por um momento considerasses a possibilidade de um milagre. Há uma razão para não teres recebido a solução de mim, mas essa razão não tem importância neste momento. O que é importante é que consideres a possibilidade de haver uma resposta, agora, neste preciso momento, à tua frente. Abre os olhos e não poderás deixar de a ver. Abre o coração, e sentirás que está à tua frente.

Digo...

Apenas se me chamares com a certeza absoluta, com conhecimento absoluto, te aperceberás de que a resposta te foi dada. Porque é o que tu sabes, o que tu sentes e o que tu dizes que é verdade na tua experiência. Se me chamares com descrença, não deixarei de estar lá, mas o teu desespero vai cegar-te e impedir-te de me veres.

Digo...

Nada do que possas ter feito é tão horrível, nada do que te aconteceu está para além da possibilidade de reparação, de tal maneira que não possa ser reparado. Eu sou capaz de te recompor, e é isso que farei.

No entanto, tens de deixar de te julgar a ti mesmo. Os outros podem julgar-te de fora, mas não te conhecem, não te veem, e por isso o seu juízo não é válido. Não o tornes válido fazendo-o teu. Esses juízos não têm significado.

Não contes com os outros para veres aquilo que és realmente, porque os outros veem-te pelos olhos da sua própria dor. Por exemplo, *vejo-te neste momento, em deslumbramento e em verdade*, e o que vejo de ti é Perfeito. Ao olhar-te tenho apenas um pensamento: «Este é o meu amado, com o qual estou profundamente satisfeito.»

Digo...

O perdão não é necessário no Reino de Deus. Deus não pode ser ofendido nem magoado. Em todo o universo há apenas uma questão importante, e essa questão nada tem a ver com culpa ou com inocência. Tem a ver com a tua identidade. Sabes quem és realmente? Quando souberes, todos os teus pensamentos de solidão vão desaparecer, todas as ideias de falta de valor desvanecer-se, todas as contemplações transmutar-se numa consciência magnífica do milagre que é a tua vida. E do milagre que tu próprio és.

E finalmente, meu amado, digo...

Neste momento estás rodeado de centenas de milhares de anjos. Aceita o que te indicam. E depois transmite os seus ensinamentos a outros. Porque é ao dar que receberás, e é ao curar que serás curado. O milagre que tens esperado tem estado à tua espera. Saberás que assim é quando te transformares no milagre que *outra pessoa* aguarda.

Vai e faz os teus milagres, e permite que a tua morte seja o teu maior momento de glória, e não um anúncio da tua maior desgraça. Usa a morte como uma ferramenta de criação, e não de destruição, com a qual avances, em vez de

recuares. Nesta escolha terás de honrar a própria Vida, e permitir que a Vida te traga o seu maior sonho, mesmo enquanto ainda vives no teu corpo físico: a paz à tua alma, finalmente.

Obrigado.

Obrigado por essas palavras.

Espero e oro para que sejam ouvidas por todos aqueles que sofrem.

Tenho de te fazer mais uma pergunta acerca deste assunto. E quando uma pessoa pede a outra — a um médico ou a uma pessoa amada — que a ajude a pôr fim à sua vida?

Estás a falar da eutanásia, que é uma coisa muito diferente. Isso acontece quando uma pessoa percebe que a sua vida já acabou em todos os sentidos, que já nada resta para experienciar a não ser uma dor física que não admite alívio ou uma perda completa de dignidade no processo de morrer.

A eutanásia não pode ser comparada com o suicídio. As pessoas que põem a hipótese do suicídio a meio de uma vida em certo sentido ativa e saudável estão a tomar uma decisão de um tipo muito especial. As pessoas que põem fim a uma vida que de qualquer forma está muito perto do fim, e em que todas as indicações médicas o confirmam, estão a tomar uma decisão de um tipo completamente diferente.

As que veem claramente, a partir de todas as indicações que lhes são dadas pelos médicos, que a sua vida está no fim podem pôr a questão: «Será necessário sofrer esta última dor e indignidade?» Todas as almas terão de responder o que é correto, e nenhuma responderá incorretamente a esta pergunta — porque não existe aquilo a que se possa chamar um resposta «incorreta».

Percebo claramente a diferença, e estou convencido de que qualquer pessoa razoável a verá igualmente.

CAPÍTULO 11

Podes não ser Deus, mas não estás separado dele. É por isso que nunca morrerás.

O OCEANO E A ONDA

Mas agora permite-me que regresse a outro assunto. Já disseste que ias descrever alguns princípios espirituais básicos da vida que tornariam mais fácil compreender a própria vida, bem como a morte. Embora depois disso já tenhas mencionado vários, gostaria de saber se existe um princípio em particular que possa abrir-nos de par em par as portas do conhecimento mais profundo num só instante?

Sim. E é a...

6. SEXTA RECORDAÇÃO

Tu e Deus são um só. Não há separação entre os dois.

Embora para alguns esta informação possa parecer muito elementar, quando se aplica este princípio básico à vida, cria-se um contentor no qual se podem conservar todas as Recordações anteriores que já vieram até aqui, bem como as que ainda hão-de chegar.

A Sexta Recordação tem implicações imensas. Se é claro para ti que Deus e tu são um só e que não há separação entre os dois, isso modifica o contexto no qual experiencias tudo o que já aconteceu na tua vida, está a acontecer e há-de vir a acontecer.

Para recorrer a um exemplo retirado daquilo de que temos estado a falar, a compreensão da tua unidade com o Divino faz que seja menos difícil recordar e adotar a verdade que é seres a causa da tua própria morte, e que não há vítimas nem vilões no mundo. Isto pode tornar o teu caminho para a Realização menos árduo, e a tua morte mais pacífica.

No entanto, como é óbvio, o indivíduo que és tu não representa a Totalidade de Deus. Apesar disso, tens todas as características, todos os aspetos, todos os elementos da Divindade em ti.

Deus és tu, para dizer as coisas simplesmente. Na verdade, Deus é tudo. Não há nada que não seja Deus.

Já ouvi muitas vezes a analogia de que sou para Deus como uma onda para o oceano. Precisamente o mesmo, mas menor em tamanho.

De facto, essa analogia já foi usada muitas vezes, e não é inadequada.

Mas agora podemos definir este «oceano». Começemos pela ideia de que Deus é o Criador. São raras as pessoas que acreditam em Deus que tenham alguma ideia contra isto.

É verdade que Deus é o Criador, o que significa que também tu és criador. Deus cria toda a vida, e tu crias a tua vida. É tão simples como isso.

Se pensares nas coisas desta maneira, elas tornam-se acessíveis à tua consciência.

Tu e Deus criam constantemente — tu a um nível microscópico, Deus a um nível macroscópico. Percebeste?

Sim, estou a ver! Não há separação entre a onda e o oceano. Nenhuma separação. A onda é uma *parte* do oceano, que age de *uma certa maneira*. A onda faz o mesmo que o oceano, em menor grau.

Isso está absolutamente correto. Tu és eu, agindo da maneira que ages. Dou-te o poder de agires como ages. O teu poder vem-te de mim.

Sem o oceano, a onda não tem o poder de ser uma onda. E sem ti o meu poder não é manifesto.

A tua alegria está em tornares manifesto o meu poder. *A alegria da humanidade está em tornar Deus manifesto.*

Ora aí está uma afirmação forte.

E aqui está outra...

A Vida é Deus tornado físico.

O mais importante é perceber que não existe apenas uma maneira de a vida tornar Deus físico. Algumas ondas são pequenas, mal chegam a ser uma pequena ondulação, enquanto outras são enormes, esmagadoras. No entanto, minúsculas ou monstruosas, há sempre ondas. Não há um só momento em que não haja ondas no oceano. Apesar de cada onda ser diferente das demais, não há uma única que esteja separada do oceano.

Diferença não significa *divisão*. Estas palavras não podem ser substituídas uma pela outra sem modificar o significado do que se pretende dizer.

Tu és *diferente* de Deus, mas não foste *dividido* de Deus. O facto de não teres sido dividido de Deus é a razão por que nunca poderás morrer.

A onda rebenta na praia, mas nunca deixa de ser. Limita-se a mudar de forma, recuando para o oceano.

O oceano não se torna «mais pequeno» cada vez que uma onda bate na areia. Na realidade, a onda que regressa ao mar mostra, e portanto revela, a majestade do oceano. Assim, ao recuar para o oceano, restitui o oceano à sua glória.

A presença da onda é uma prova da existência do oceano.

A tua presença é uma prova da existência de Deus.

Acho que um dia vou colar essa afirmação à porta do meu frigorífico. A TUA PRESENÇA É UMA PROVA DA EXISTÊNCIA DE Deus. Daria um belo efeito! Trata-se de uma explicação muito simples, e no entanto muito elegante.

Assim, quando dizemos que «Deus e apenas Deus» escolhe o momento da nossa morte, estamos a dizer que os seres humanos são parte desse processo porque os seres humanos são parte de Deus.

Sim, isso está absolutamente correto.

E quando morro a minha morte acontece *através de mim e não a mim*.

Exatamente. Estás a encarar o assunto de outro ponto de vista. Estás a mudar de perspetiva. Isto vai mudar o teu ponto de vista. E alterar a tua experiência. A percepção cria a experiência.

Só há uma coisa que ainda não percebi. Por que razão há-de alguém escolher morrer, seja quando for?

Ah, isso é simples.

Porque acabaste. Estás completo. Fim.

CAPÍTULO 12

Há quem diga que ver é crer.

Eu digo-te que crer é ver.

NÃO TENS DE FAZER O QUE QUER QUE SEJA

Pronto, está bem. De certa forma voltámos ao princípio. Estarei a perceber bem ao entender que vim para aqui com alguma coisa que tenho de fazer? E que aquilo que vim aqui fazer está terminado e eu estou pronto para partir?

Não se trata de algo que tenhas que fazer, mas de algo que escolhes viver, experienciar.

Se tu e Deus são um só, *não tens de fazer o que quer que seja*. Todas as decisões resultam do teu Livre Arbítrio. Todas as escolhas o demonstram.

Vieste ao teu corpo para experienciar um aspeto de ti, como discutimos anteriormente. É possível que este aspeto de ti seja experienciado através de qualquer coisa que faças — isto é, através de uma atividade física — ou através de alguma forma particular de seres, mesmo que na realidade não estejas a fazer o que quer que seja.

Preciso de um exemplo para tornar o que dizes mais real.

Bom, uma vez que estamos a falar muito acerca daquilo a que chamas «morte» e «morrer», pensemos por exemplo que estás sentado muito sossegado numa missa de um funeral. Não estás a fazer o que quer que seja, a não ser estar ali sentado. Praticamente não te mexes. No entanto, estás a ser alguma coisa, não é verdade?

Talvez estejas triste. Ou talvez interiormente estejas contente. Também podes estar ambas as coisas. Tudo depende da maneira como encarares as coisas — neste caso, de como encarares a «morte».

A minha perspetiva criará a minha perceção.

Sim, e é desta maneira que crias o que és. Em resumo, se estiveres triste, isso deve-se à maneira como olhas para as coisas. E se no teu íntimo estiveres triste num funeral, é exatamente pela mesma razão. E a maneira como olhas as coisas é a escolha que fazes. É uma escolha do teu Livre Arbítrio que define quem és e quem queres ser, bem como a maneira como queres experienciar-te a ti mesmo.

Podes modificar a tua perspetiva em qualquer situação modificando a tua mente no que diz respeito à maneira como a «olhas». Podes decidir o que queres ver, e em seguida, tendo posto lá isso, será isso que lá encontrarás.

Mais uma vez, aí está uma afirmação forte.

Sim. É uma afirmação forte da tua independência — a não ser que não seja. E sabes quem decide?

Eu.

Sim, és tu. É verdade. Tu é que vais decidir. Vais decidir se é uma afirmação da tua individualidade através da maneira *como vês as coisas*. Sendo assim, o efeito é circular. O que vês corresponde à realidade, e o que é real é o que vês.

Estás a ver?

Engraçado. Muito engraçado.

Acredites ou não, não se trata apenas de conversa fiada.

Sim, eu sei. A tua conversa fiada aponta sempre para alguma verdade subjacente.

Ainda bem que aprecias as palavras. Daqui a pouco isso vai ser-nos útil.

Assim, voltando ao nosso exemplo, uma das maneiras de eu me sentir intimamente feliz quando a hora do meu *próprio* funeral se aproximar é perceber que quando eu morrer isso acontecerá porque o decidi. Tudo o que me acontece é, a um certo nível, causado por mim — incluindo a minha própria morte, e a altura em que acontecer.

É precisamente o que estou a dizer. Isto dar-te-á uma grande paz no momento da tua morte. Saber que tu e Deus são um só, e que esta decisão foi tomada em conjunto, pode dar-te uma grande serenidade.

No entanto, essa ideia exige que a humanidade acredite numa espécie de universo completamente diferente. No nosso universo, a maior parte das pessoas que acreditam em Deus pensam em Deus, e não nelas próprias, como a Primeira Causa. E Deus é sem dúvida a causa da sua morte. Morrem quando Deus decide «chamá-las para Casa».

Morrem quando *Elas* decidem *Ir* para Casa.

Estás a pedir-me que acredite num universo em que sou a causa da minha própria experiência, de forma absoluta.

É esse o universo em que vives.

Mas não é isso que parece.

Nem há-de (a)parecer enquanto não mudares a tua perspetiva. Não há-de (a)parecer nada que não consigas ver.

Ora aí está o que significa para ti a sabedoria.

O que dizes é mais verdade do que imaginas. Há quem diga que ver é crer. Eu digo-te que crer é ver.

Adoro essa nova forma de um velho aforismo. Mas também isso já foi dito anteriormente.

E voltará a ser, até que percebas.

Está bem, então ninguém morre «antes de chegada a sua hora». Já o disseste várias vezes, de maneira que tenho ou de aceitar ou de rejeitar a ideia. Vou partir do princípio de que é verdade, embora tenha alguma dificuldade em fazê-lo.

Diz-me por que achas tão difícil aceitar essa ideia.

Acho que é porque continuo agarrado à ideia... Enfim, eu ouvi todos os teus argumentos, mas... Acho que há uma parte de mim que continua agarrada à ideia de que nos acontecem coisas que não gostaríamos que acontecessem, de que «há chatices» que não somos nós a criar. Mas já percebi que nada acontece por acaso, que ninguém morre sem decidir fazê-lo.

«Não decidir» é coisa que não existe. *Tudo é escolhido.*

Sim, está bem, estou a ver. Além disso acho que vais ter de insistir, mais de uma vez, neste ponto, porque isto se opõe a tudo o que a humanidade alguma vez disse a si mesma em relação a este assunto. E deixa-me dizer-te uma coisa: ao escrever estas palavras, ao iniciar precisamente esta parte tão específica do que espero venha a ser uma longa conversa, a Própria Vida se esforça por tornar cada vez mais claro que o que me dizes é verdadeiro. Nada acontece por acaso, isto é, *a minha vida do dia-a-dia* tem-me convencido disso — e está a fazê-lo neste preciso momento.

Fala-me desse assunto.

Será «por acaso» que, precisamente quando estávamos a ter a conversa acima, fiz uma pequena interrupção na minha escrita e, para variar um pouco, decidi ir abrir a caixa de correio e encontrei uma carta de um leitor?

A autora da carta, Jackie Peterson (cujo nome alterei para proteger a sua identidade), escreveu-me para me contar que perdeu o noivo há dois meses com um ataque de coração fulminante. Está de rastos, especialmente porque ele sempre tinha sido uma pessoa saudável; quando fazia exames médicos completos diziam-lhe sempre que não tinha qualquer problema.

Esta leitora fala-me dos meus livros, das *Conversas com Deus*, nos quais leu que somos nós que escolhemos a nossa situação na vida na Terra. Isto levou-

a a perguntar a si mesma se terá sido ela a escolher esta situação para si mesma, ou se se trataria do modelo de vida do seu namorado.

Respondeste à carta?

Claro que sim. Depois de ter vencido a surpresa por ela ter chegado precisamente neste momento, fiz os possíveis por lhe dar uma resposta correta. Baseei a minha resposta precisamente na conversa que estamos a ter neste momento.

Bom, vejamos então o que fizeste.

Então aqui está a minha resposta:

Querida Jackie,

Por favor, acredita com todo o teu coração que estou profundamente triste com o que aconteceu na tua vida. Não gostaria de te dar algumas «respostas fáceis» que façam tudo parecer simples e te levem a tentar perceber por que razão te hás-de sequer ralar com o assunto...

Jackie, o que te aconteceu é um problema, e uma grande tristeza, e tens todo o direito de sentir o que estás a sentir, triste e revoltada, confusa e frustrada e em busca de respostas.

A primeira coisa que gostaria de te aconselhar é que permitas a ti mesma esses sentimentos, e não tentes, a nível nenhum, controlar, regular, limitar ou restringir o que sentes. Limita-te a senti-los, a deixá-los ser o que são em cada momento.

*É incrível que me apresentes este problema precisamente hoje, porque estou neste momento a escrever o meu próximo livro de conversas com Deus, *Regresso a Deus numa Vida Que Não Tem Fim*. E nesse livro estava precisamente a explorar esta ideia da alma que escolhe quando vai deixar o corpo e regressar a Casa.*

E é um facto que no último livro das conversas com Deus, como em todos os outros, Deus nos diz que ninguém morre numa altura ou de uma forma que não seja escolhida por si. No entanto, Deus também deixa muito claro que esta escolha pode não ser consciente, mas pode ter sido feita a um nível a que apenas a alma pode aceder.

Se assim for, isto significaria que o seu noivo não decidiu morrer quando morreu a um nível consciente. A esse nível, a sua morte deve tê-lo surpreendido tanto como a si. Desconfio que assim foi. Não creio que o seu noivo tenha decidido deixá-la conscientemente.

Tenho a noção de que por vezes a Alma escolhe a um nível subconsciente ou superconsciente coisas que nunca escolheria a um nível consciente, e que o faz para cumprir os seus planos mais alargados. Morrer faz quase sempre parte das coisas que são escolhidas a este nível. São muito poucas as pessoas que

decidem conscientemente quando, onde e como morrer. Estou convencido de que Cristo o fez. Também penso que o mesmo aconteceu com Buda. Além disso, acredito que houve outras almas a fazê-lo, mas penso que isso deve ser muito raro.

Assim, tente não ficar muito revoltada com o seu noivo. Pelo contrário, oriente a sua raiva para as circunstâncias que o levaram para longe de si precisamente na altura em que começavam a apreciar a vossa vida em conjunto. Percebo profundamente, e sei avaliar o estado em que se encontra, e em que, como disse, tem o direito de se encontrar.

No que diz respeito a perceber o que aconteceu, no entanto, estou convencido de que um dos objetivos da alma do seu noivo pode ter sido experienciar a Perfeita União e a Magnífica Relação, depois de muitas tentativas feitas durante o seu tempo de vida, e talvez também em vidas anteriores. Estou convencido de que o seu noivo constituiu para si uma bênção — e de que a Jackie foi para ele uma bênção ainda mais extraordinária. A Jackie foi para ele o que ele também procurou.

Estou convencido de que fez parte da vida dele enquanto elemento de um «contrato» ou «acordo», que lhe permitia experienciar-se a ele mesmo, finalmente, como muito, muito mais que Aquilo Que Realmente É. Estou convencido de que se sentiu mais «ele mesmo» consigo do que com qualquer outra pessoa que tenha conhecido. E isto talvez não só durante o seu tempo de vida, mas também em muitas e muitas outras vidas.

De um ponto de vista humano, isto pode ser muito difícil de aceitar, e é por isso que lhe vou pedir que «dê o salto» para um nível espiritual muito mais alto para perceber o que vou dizer a seguir: estou convencido de que é possível que o seu noivo tenha morrido de felicidade.

Tem razão, Jackie, ele nunca tinha estado seriamente doente. Estava em forma, fazia regularmente exames médicos, e não havia uma única razão compreensível para que tenha partido tão cedo. No entanto, pode ter havido uma razão espiritual.

É possível que a sua vida terrena tenha simplesmente sido concluída — com a sua ajuda. Sem a sua ajuda, a Alma Carinhosa com a intenção específica de lhe proporcionar essa última ajuda que lhe permitiu regressar a Casa, talvez ele não tivesse pura e simplesmente podido continuar a sua evolução espiritual.

A Jackie mostrou a esse homem maravilhoso como uma relação podia ser magnífica, e como ele podia ser magnífico nessa relação. Como eu disse, Jackie, estou convencido de que a vossa relação criou um contexto dentro do qual ele podia ter uma experiência dele mesmo diferente de qualquer outra que alguma vez tenha tido. Irei um pouco mais adiante e estou disposto a apostar que ele chegou a dizer-lho. Estou aqui a escrever convencido de que ele lhe

disse de facto isto, com estas precisas palavras — que nunca passou pela experiência de si mesmo que passou consigo.

Foi assim que o seu noivo deixou o corpo, gloriosamente, na celebração do que encontrara e do que finalmente experienciou de si mesmo: a inteireza de Quem É.

Aquilo que de mais triste lhe é pedido que suporte é parte do enorme, magnífico, indizivelmente generoso dom que a Vida a convidou a depositar neste «outro» tão especial (que na realidade é apenas a outra parte de si mesma), de maneira que também a Jackie possa vir a Saber Quem É.

Isto porque ele também lhe deu alguma coisa, um tesouro (como é dito noutras conversas com Deus, «todos os verdadeiros benefícios são mútuos»), que é o conhecimento de que também a Jackie é capaz de dar, de receber e de experienciar um magnífico amor em forma humana — algo de que já começara a duvidar seriamente antes de ele ter aparecido na sua vida. A intenção dele foi por isso dá-la de volta a si mesma. E foi o que fez.

Assim, o Objetivo Divino da vossa relação foi servido e perfeito na Forma Divina e no Momento Divino. O início da vossa relação sob esta forma aconteceu no Momento Divino (tenho a certeza que sabe disso, e também de que falaram muitas vezes do assunto), e o fim da relação dessa forma também aconteceu no Momento Divino, embora eu tenha consciência de que neste momento é muito difícil percebê-lo.

Estou convencido de que nos próximos anos servirá um objetivo ainda mais alargado, e de que usará esta experiência para ajudar outras pessoas que se encontrem noutras situações, e para desafiar cada uma delas a um nível espiritual. Estou convicto de que poderá estar a preparar-se para avançar na alegria de devolver as pessoas a si mesmas.

Algumas das pessoas que encontrará podem ter perdido a confiança no amor, pensar que a relação certa não é pura e simplesmente possível ou não está ao seu alcance e achar que seria melhor simplesmente esquecer tudo isso. Poderá dizer-lhes que as coisas não são assim, encorajá-las a permanecer abertas, sempre, a essa possibilidade.

Outras dessas pessoas podem encontrar-se subitamente desamparadas, não perceber e não ser capazes de «ver a perfeição», mas apenas de sentir a dor e a perda, e podem mesmo acreditar que não têm forças para seguir em frente. Poderá dizer-lhes que as coisas não são assim e encorajá-las a permanecer abertas ao seguinte grande dom da vida, e ao seguinte momento extraordinário de compreensão da mais elevada noção de si mesmas, de Deus, do amor, e de Quem Realmente São.

Como é evidente, tudo isto é conjectura da minha parte. Posso estar a tirar tudo isto da minha cabeça, Jackie, e admito que assim seja. No entanto, não posso deixar de ver uma finalidade mais ampla em jogo nos acontecimentos da vida

— incluindo os mais trágicos, e também os mais tristes. Estou convencido de que no fim das nossas vidas na sua forma física atual tudo isto se tornará instantânea e alegremente presente, e de que nos regozijaremos na perfeita simetria que tudo então se mostrará.

Também acredito, Jackie, que a sua relação com o seu noivo nunca terminará, e que ele conseguirá estar consigo sempre que a Jackie quiser invocar o seu amor e a sua energia espiritual para a ajudar a continuar a sua viagem, ao mesmo tempo que ele continua a dele.

Estou convencido de que as vossas viagens serão sempre feitas em conjunto, mesmo daqui a muitos e muitos anos. Não foi esta a primeira vez que estiveram juntos sob uma forma física — e estou certo de que isto é algo em que vocês também acreditaram, algo que reconheceram e perceberam. Também estou certo de que não será esta a última vez que isso acontecerá. Na verdade, a vossa relação não tem fim.

Ela está a decorrer neste preciso momento — senão, quem imagina que lhe está a levar estas palavras? Pensa que sou eu? Não será antes outra pessoa a falar através de mim que lhe leva esta mensagem?

Pensa que isso é possível, Jackie? Porque, você vê, eu penso.

Não procure deliberadamente a tristeza durante este período de perda. A tristeza é uma das formas que tem o coração de prestar homenagem a alguém. O mesmo acontece com a felicidade. A Jackie honra a alma do seu amado ao sentir plenamente a tristeza neste momento. E também estará a honrá-lo ao sentir plenamente a felicidade quando o dia em que isso acontecer chegar — como sem dúvida chegará.

Enquanto esperamos esse dia, o que lhe desejo é que encontre a paz para a sua alma. Que a paz esteja consigo, e permaneça consigo, agora e para sempre.

O meu amor vai para si nas asas de uma oração.

Neale

CAPÍTULO 13

A observação objetiva não é possível. Nada do que é observado pode deixar de ser afetado pelo observador.

A VERDADE NÃO EXISTE COMO REALIDADE OBJETIVA

Estou a ver que interiorizaste profundamente aquilo que ainda recordavas.

Agora já percebeste perfeitamente.

Graças a ti, penso que sim. Penso que finalmente abarqueei, e *compreendi*, a verdade.

Tem cuidado. Estás a falar da tua verdade, não é assim? A verdade não existe como realidade objetiva.

A perspetiva cria a perceção, e a perceção cria a experiência. A experiência que a perceção cria para ti é aquilo a que chamas a «verdade».

A tua verdade é aquilo que na realidade faz parte da tua experiência. Tudo o mais é o que outra pessoa qualquer viveu — *e te contou*.

Não tem nada a ver contigo.

Não existe realidade objetiva?

Não. A «realidade objetiva» é um oxímoro.

Estás a dizer-me que nada é aquilo que parece?

Estou a dizer precisamente o contrário. *Tudo* é o que parece. E o que parece baseia-se nas perceções. E as perceções baseiam-se nas perspetivas, e as perspetivas não são objetivas. São subjetivas. Não são uma experiência pela qual possamos passar; são algo que *escolhemos*.

Foi o que disseste ainda agora. Já então me custou ouvir, e agora continua a custar. Eu escolho ter a perspetiva que eu tenho?

Escolhes, de facto.

É esse o processo pelo qual crias.

Custa-me acreditar numa coisa dessas.

Então não acredites.

E daí resultará que...

Não terás essa experiência.

Assim, se eu não *acreditar* que escolho ter qualquer perspetiva que desejo, então eu *não posso ter* qualquer perspetiva que deseje.

Precisamente.

Porque é essa a minha perspetiva.

Porque é esse a tua perspetiva.

E isso vai alterar a tua perceção, que vai alterar a tua experiência — e a tua experiência vai reforçar a tua perspetiva.

Mas eu posso argumentar que não *escolhi* essa perceção. Trata-se simplesmente do que observo, objetivamente.

É o que observas, *dada a tua perspetiva*.

Não observas o que quer que seja «objetivamente».

A observação objetiva é impossível.

Outro oxímoro. «Observação objetiva» é um oxímoro.

Sim.

Não há nada que possa ser observado que não seja afetado pelo observador.

Tenho a certeza que muita gente vai achar que isto é conversa fiada espiritual *new age*.

É interessante que digas isso, porque na realidade é uma observação puramente científica.

Científica?

É pura física quântica elementar. Basta que leias qualquer livro acerca do assunto.

Nesse caso estás a dizer que afeto aquilo que vejo pela própria maneira como vejo?

Ou pelo simples facto de olhares. É precisamente o que estou a dizer. E é precisamente o que se passa.

Bem, acho que me perdi um pouco. Agora metemo-nos num pântano de teoria da perceção e de física quântica!

Tem tudo a ver com orientar-te para a descoberta da verdade. Não podes redescobrir a tua verdade, não podes recordar a tua verdade, não podes residir na tua verdade, até seres capaz de recordar *como chegaste lá*.

Estamos a falar da maneira como lá chegámos.

Este diálogo está a levar-te para onde sempre quiseste ir: para Casa. Se conseguires chegar lá antes de morreres, nunca voltarás a preocupar-te com a morte. Nunca voltarás a ter medo de morrer.

Não é isso que queres conseguir com esta conversa? Para ti e para todos os outros?

Sim.

Nesse caso, a nossa discussão da teoria da percepção e de física quântica não foi apenas uma diversão — e talvez agora percebas por que abordamos a vida, e a vida depois da «morte», deste ângulo.

Ah! Nesse caso confirmas que há «vida depois da morte»?

Não.

Não?!

Não há vida depois da morte.

Não há vida depois da morte?!

Não. Na verdade, não há sequer «morte».

E essa é a...

7. SÉTIMA RECORDAÇÃO

A morte não existe.

Mas eu sei que tu *pensas* que existe, de maneira que para ti, de forma absoluta, existe.

É disso que estamos aqui a falar.

Estamos a falar de percepções, e das perspetivas das quais aquelas resultam...

Hum... Então fechou-se o círculo.

Toda a nossa conversa é circular.. Se ainda não tinhas notado, vais notá-lo agora.

O nosso diálogo não é um diálogo em linha reta. Estamos a andar em círculo, e no nosso movimento voltamos muitas vezes aos pontos importantes. Não apenas duas, mas três ou quatro vezes. Isto vai tornar-se cada vez mais evidente ao longo desta conversa. E não será por acaso. Será uma redundância absolutamente intencional.

O que está aqui a ser discutido é nada menos que a cosmologia do cosmos. São os segredos de toda a vida. As expedições da vida depois da morte. A natureza do espaço e do tempo. E pelo menos duas ideias que servirão de Âncora ao barco da cosmologia. E por vezes tens de ouvir coisas mais de uma vez para seres realmente capaz de as absorver. Portanto, vamos seguir em frente. Ainda temos muito terreno a percorrer. Estás pronto?

Estou pronto.

Então deixa-me repetir, apenas para que tudo fique absolutamente claro, que a tua perspetiva — isto é, a maneira como olhas para qualquer coisa— cria a tua realidade, tanto durante esta vida como *depois dela*.

Nesse caso, se eu não pensar que há uma vida depois da morte, não haverá tal coisa?

Haverá, disso não há dúvida. Não podes modificar a Realidade Final, mas podes modificar a tua experiência dessa realidade. Foi por isso que eu disse...

É impossível viver ou morrer sem Deus, mas não é impossível pensar que é.

Se estiveres convencido de que estás a viver ou a morrer sem Deus, é isso que vais experienciar.

Podes experienciar desta maneira sempre que for esse o teu desejo, mas também podes deixar de o experienciar quando o desejares.

O que nos conduz à...

8. OITAVA RECORDAÇÃO

Não podes modificar a Realidade Final, mas podes modificar a tua experiência dessa realidade.

Estou a tentar perceber de que forma precisamente funciona tudo isso, o que significa. Estou a analisar a minha experiência pessoal para ver se posso dar consistência a essas palavras, com base no meu percurso de vida.

Muito bem. É um processo que me parece correto. E uma excelente forma de começar. Simplesmente, não deves deixar-te ficar por aí.

Que significa isso?

Significa que deves manter a tua mente constantemente aberta a coisas que não podem ser vividas de forma pessoal.

Pronto. A minha mente está aberta.

Nesse caso, regressemos a algo que podes retirar da tua própria memória. Vamos retirar um exemplo da tua própria vida. Alguma vez aconteceu ires a andar na rua quando de repente começou a chover?

Claro. Várias vezes.

Muito bem. E sentiste esse momento, a realidade da chuva que caía por cima de ti, como um inconveniente e uma contrariedade ou como uma maravilha e um prazer?

Na verdade, lembro-me de ter sentido isso das duas maneiras. Isto é, lembro-me de uma vez em que isto aconteceu e em que o senti como uma grande contrariedade. Fiquei furioso por ter começado a chover. Abriguei-me o mais depressa que pude, mas não me serviu de nada, porque fiquei encharcado na mesma.

Lembro-me de outra vez em que andava a passear com uma amiga num dia de Verão e de ter começado a chover abruptamente. Estávamos num parque de estacionamento ao ar livre e ela começou a despir-se e a dançar à chuva. Dançava, pulava, saltava de alegria, enquanto eu tinha ficado parado, perplexo, com o cabelo encharcado agarrado à testa.

Ela riu-se de mim e encorajou-me a juntar-me a ela. E foi o que fiz. E dançámos à volta do estacionamento durante cinco minutos até a polícia chegar. A agente foi muito simpática — era uma senhora —, e pediu-nos simplesmente que nos vestíssemos porque não queria ter de nos prender por comportamento indecente ou por perturbação da ordem pública. Rimo-nos os três e fizemos o que ela nos pediu, mas foi um momento da minha vida que nunca esquecerei. Tratou-se de um momento da mais pura alegria.

E, evidentemente, eu tenho conhecimento desse momento. E foi por isso que escolhi este exemplo particular. Agora deixa-me fazer-te uma pergunta. O que havia de diferente na chuva?

Perdão?

Em que sentido foi a chuva do primeiro incidente diferente da chuva do segundo? Foi mais molhada? Chovia mais? As gotas de chuva eram mais grossas ou mais frias?

Não. Na verdade foi tudo precisamente igual. A primeira chuvada não aconteceu num dia em que o tempo estivesse pior que no segundo, ou menos mau. Em ambos os casos foram simples chuvadas de Verão.

Então qual *foi* a diferença entre as duas experiências?

A maneira como as encarei. A minha perspetiva. Num dos casos eu estava de fato e ia para uma reunião muito importante, e da minha perspetiva a chuva foi um incómodo. Mais que um incómodo. Foi uma intromissão nos meus planos.

Foi um obstáculo no meu caminho. No outro caso estava vestido com roupas práticas e informais e não tinha horas marcadas para nada. A chuva até pareceu divertida.

Sim. E quem criou essas perspetivas?

Eu, naturalmente.

Podias ter decidido que a reunião não era assim tão importante, ou que toda a gente ia perceber se aparecesses um pouco molhado e ninguém ia ligar, não é verdade? Podias ter “visto as coisas dessa maneira”, não é verdade?

De facto, assim é.

Agora pensa na chuva como a «realidade final». Não podes alterar o facto de que chove, mas podes alterar a tua *experiência* da chuva modificando a maneira como a encaras. Não podes modificar a Realidade Final, mas podes experienciar a Realidade Final da maneira que entenderes.

Este é o maior segredo da vida.

Mas nem sempre é assim tão fácil!

É sempre tão fácil.

Mas, se eu modificasse a maneira como encaro certas coisas, todo este problema desapareceria.

Ah, *agora* é que estamos a chegar ao que interessa...

Por exemplo, a Sétima Recordação — «A morte não existe». Se a humanidade no seu conjunto a adotasse como verdadeira, onde estaria o drama? Como poderíamos ficar revoltados, tristes ou lamentar a perda das pessoas que amamos? *O que fariam os Italianos?*

Isso é muito engraçado.

Achas que os Italianos pensarão assim?

Claro que pensarão. Eles irão rir bastante alto.

Está bem. Mas a sério, o que quero dizer é — isto pode ser realmente verdade? Uma coisa é dizer que há vida depois da morte, mas outra muito diferente é dizer que a morte não existe. O que disseste é muito importante.

Tu fazes parecer como se isto fosse algo novo.

Quase sempre que sou citado — seja qual for a religião, seja qual for a cultura, seja qual for o período ou o contexto — tem sido dito, corretamente, que afirmo que a morte não existe, não da maneira que a maior parte das pessoas pensa, que é o fim de toda a vida. *Não existe tal coisa como o «fim da vida».*

Nesse caso a «morte» como experiência humana não existe.

É o fim da tua existência física, sim. Essa experiência termina com a tua morte, mas não a própria vida.

Se acreditas em Deus, deves acreditar na vida eterna, uma vez que os deuses de todas as religiões a prometem.

E se eu não acreditar em Deus?

Isso pode modificar o que experiencias, mas não aquilo que é a realidade. O que vais experienciar é aquilo em que acreditas, e aquilo em que acreditas depende da tua perspetiva.

Não há “formas fixas” que ocorrem? Não há uma coisa que ocorra com toda a gente?

Há coisas “fixas” que ocorrem — embora a pessoa a quem acontece possa não se aperceber disso.

Isto está a ficar muito confuso.

Desculpa. Mas a verdade é que no momento da morte o que vais experienciar vai ser aquilo em que acreditas, e a tua crença vai ser baseada no que tu percecionas, e a tua perceção vai basear-se na tua perspetiva.

E não há possibilidade de a minha perceção mudar?

Há, sem dúvida. Tal como na vida antes da morte, a tua perceção pode mudar na tua vida depois da morte.

O que poderia causar isso?

Uma mudança na tua perspetiva.

Ver as coisas de uma nova maneira.

Ver as coisas de uma nova maneira.

Mas o que poderia causar *isso*?

Muitas coisas — incluindo a tua decisão, no momento posterior à tua morte, de que a maneira como atualmente vês as coisas não está a funcionar. Isto é, que não está a trazer-te a experiência que tu escolheste ter. Tal decisão bastaria para alterar imediatamente a tua experiência.

Está bem, está bem... Mas e se nós... Haverá alguma maneira de eu te levar a descrever precisamente o que acontece no momento posterior ao da morte, e de falarmos a partir dessa informação?

Eu ficaria feliz em falar das *alternativas*, mas, como Eu disse, cada caso é diferente.

Fala-me de algumas dessas alternativas, então.

Estás a fazer uma pergunta que exige uma resposta muito vasta. Queres mesmo falar desse assunto precisamente agora?

Sim. Acho que já esperei o suficiente. Quero saber o que acontece às pessoas depois da morte.

CAPÍTULO 14

Sejamos claros. O Inferno não existe. Não existe pura e simplesmente um tal lugar.

AS ETAPAS DA MORTE

A pergunta «que acontece depois da nossa morte?» é a grande pergunta de todos os tempos. Mas tenho de a fazer, diretamente, e espero que me dê uma resposta direta.

Darei. Claro que darei. Mas não será uma resposta curta. Não será «bem, dependendo da vida que tiveste, podes ir para o Céu ou para o Inferno».

Não posso dar-te nenhuma resposta de uma só frase a uma pergunta deste tipo.

Não. Essas respostas terás de as deixar à Igreja.

Não tenho nada a dizer a isso.

Mas... qual é a tua resposta?

Deixa-me começar por dizer que há uma coisa que será igual para toda a gente, e é que a tua morte será experienciada naquilo a que podes chamar «etapas» ou «fases», e que a primeira fase é igual para todos.

Na primeira etapa, no momento da tua morte, sentirás instantaneamente que a vida se foi. Isto será igual para toda a gente. Pode haver um breve período de desorientação, quando perceberes que não estás no teu corpo, mas sim, pelo contrário, separado dele.

Em breve perceberás que, embora tenhas «morrido», a tua vida não terminou. É nesse momento que percebes e sentes plenamente, talvez pela primeira vez, que não estás no teu corpo, que um corpo é algo que se pode ter, mas não algo que se seja. Passarás então imediatamente à etapa dois da tua morte. E é aí que os caminhos individuais divergem.

De que forma?

Se o sistema de crenças que abraçaste antes da tua morte incluir a certeza de que a vida continua, quando perceberes que «morreste», saberás imediatamente o que está a acontecer, e perceberás. Nesse caso, a tua segunda etapa será a experiência do que acreditares que acontece depois da morte. Isto será instantâneo.

Se acreditares na reencarnação, por exemplo, podes experienciar momentos de vidas anteriores de que não tinhas anteriormente recordações conscientes.

Se acreditares que serás recebido pelos braços abertos de um Deus incondicionalmente amoroso, será essa a tua experiência.

Se acreditares no Dia do Juízo Final, seguido pelo Paraíso ou pela condenação eterna...

Sim, diz-me, que acontece nesse caso?

Precisamente o que estás à espera que aconteça. Assim que passares da etapa um e perceberes que já não estás a viver num corpo, passarás à etapa dois e viverás a experiência de ser julgado, precisamente como imaginaste que aconteceria, e o julgamento será precisamente como imaginaste que seria.

Se morreres a pensar que mereces o Paraíso, será isso que sentirás imediatamente, e, se pensares que mereces o Inferno, será o que viverás.

O Céu será precisamente como imaginaste que seria, tal como acontecerá com o Inferno. Se não tiveres qualquer ideia de como serão cada um especificamente, inventá-los-ás quando isso for necessário. Em seguida esses lugares serão criados para ti precisamente dessa maneira, de forma instantânea.

Estas experiências podem prolongar-se pelo tempo que desejares.

Nesse caso *posso* muito bem ir parar ao Inferno!

Sejamos claros: o Inferno não existe. Pura e simplesmente não existe um tal lugar. Assim, não há lugar para onde possas ir.

Agora se me perguntares se podes tu próprio criar um «Inferno» pessoal para ti mesmo se assim o entenderes, ou se acreditares que é isso que mereces, nesse caso a resposta é sim. Por esta razão, podes mandar-te a ti próprio para o «Inferno», que será precisamente como o imaginares ou sentires necessidade que seja. No entanto, não ficarás lá nem um minuto a mais do que entenderes que deves ficar.

E quem escolheria ir para o Inferno?

Ficarias surpreendido se soubesses. Muitas pessoas vivem dentro de um sistema de crenças que lhes diz que são pecadoras e devem ser punidas pelas suas «ofensas», de maneira que de facto permanecem na sua ilusão de «Inferno», por pensarem que é isso que merecem, que é isso que lhes está reservado, que é isso que *têm de fazer*.

Pouco importa, no entanto, porque não sofrerão de maneira nenhuma. Observar-se-ão simplesmente a si mesmas a uma certa distância e verão o que está a passar-se — será como ver um vídeo didático.

Mas, se não há sofrimento, o que há?

Sufrimento, embora não haja.

Perdão?

O que acontece é que parece haver sofrimento, mas a parte que está simplesmente a observar não sentirá o que quer que seja. Nem sequer a tristeza. Estará simplesmente a observar.

Para usar outra analogia, seria um pouco como ver uma criança a fazer de conta que está doente, a encenar uma pequena história na cozinha. A criança parece «sofrer», com as mãos na cabeça ou sobre a barriga, para convencer a mãe de que não pode ir à escola e tem de ficar em casa. A mãe percebe perfeitamente que não se passa nada com ela, que ela não está a sofrer.

A analogia não é exata, mas está suficientemente aproximada para transmitir esse sentimento.

Assim, estes observadores vêem-se a si mesmos neste «Inferno» criado por eles próprios, mas terão consciência de que ele não é real. Quando tiverem chegado à conclusão de que precisam de aprender (isto é, quando tiverem recordado a si mesmos aquilo que esqueceram), «libertar-se-ão» a si mesmos e passarão para a terceira etapa da morte.

E os que criaram um «Céu» para si mesmos? Alguma vez passarão à etapa três?

Acabarão por passar. Acabarão por recordar que foram eles próprios que criaram a experiência do seu «Céu», e depois acabarão por recordar o mesmo que recordaram no fim da sua vida terrena.

E que é...?

Que não há mais nada para fazer.

E então continuarão.

Sim, seguirão em frente. Passarão à etapa três da morte. Mas não gostaria de descrever já essa fase. Primeiro gostaria de me deter um pouco nas outras possibilidades da etapa dois.

Oh, está bem. Quais possibilidades?

Podes ser uma daquelas pessoas que morrem numa etapa de incerteza em relação à continuação da vida depois da morte.

Estou a ver! Que acontece nesse caso?

Ficarás confuso e inseguro em relação ao que está a acontecer, e isso levar-te-á a enfrentar o que se segue de maneira completamente diferente. Percebes que não és o teu corpo, que estás «morto» (isto acontece a toda a gente na etapa um), mas, uma vez que te sentes inseguro em relação ao que vem a seguir, em relação a haver o que quer que seja, podes ter de ficar bastante tempo a tentar perceber o que deves fazer.

Terei ajuda?

Toda a ajuda que fores capaz de aceitar.

Nos momentos que se seguirem à «morte», todas as pessoas se encontram na presença do mais afável dos anjos, dos guias ou de espíritos carinhosos, incluindo do espírito ou essência de todos os que foram importantes para essa pessoa durante a sua vida.

A minha mãe? O meu pai? O meu também lá estará?

As pessoas que mais amaste serão as que estarão mais próximas. Estarão à tua volta.

Isso é maravilhoso.

A presença dos que amaste e dos anjos será para ti uma imensa ajuda. Ajudar-te-á a «orientares-te» e a perceberes precisamente o que está a acontecer e quais são as tuas «opções».

Já tinha ouvido dizer que nos unimos aos seres amados depois da morte e que eles nos ajudam a «passar», mas fico infinitamente satisfeito por saber que isso é verdade!

Podes chegar mesmo a aperceber-te da presença de algumas das pessoas amadas antes da tua morte.

Antes da minha morte?

Sim. Muitas pessoas, enquanto ainda estão nos seus corpos físicos, anunciam aos outros presentes no local que estão a ver as pessoas próximas, ou que essas pessoas acabam de chegar.

As outras pessoas presentes na sala tentam muitas vezes convencer os moribundos de que estão a ver coisas — e eles estão na verdade a ver coisas, coisas que são muito reais, mas que as outras pessoas não são capazes de ver

devido à sua perspetiva limitada. As nossas perspetivas abrem-se imensamente logo a seguir à «morte» — e muitas vezes também nos momentos anteriores.

Isso é excitante! Agora estás quase a fazer com que a morte pareça excitante.

É excitante. De facto, a tua morte pode ser dos momentos mais excitantes da tua vida. Tudo depende daquilo em que acreditas. Na morte, tal como na vida, aquilo em que acreditas é aquilo que vais experienciar.

Por exemplo, se não sentires a presença destes espíritos no momento da tua morte, será porque não estás à espera de os ver, e porque a possibilidade de eles existirem está muito para lá do teu sistema de crenças. No entanto, basta teres esperança de que estejam presentes para os perceberes imediatamente.

Estou a ver. Por essa razão é realmente importante termos ideias claras acerca dos acontecimentos que rodeiam a morte.

Na vida, é importante termos ideias claras em relação a tudo. Não é apenas a tua morte que é afetada pelas tuas crenças, mas toda a tua vida.

CAPÍTULO 15

A morte é algo de surpreendente. É excitante, surpreendente e absolutamente magnífica.

A FÓRMULA DE TODA A VIDA

Há muito que ouço dizer que as minhas crenças afetam a minha vida. Acho que sempre imaginei que depois da morte se aplicavam uma espécie de regras diferentes. É por isso que fico surpreendido por ouvir dizer que mesmo depois da morte sou eu que crio a minha própria realidade.

Nesse caso fico satisfeito por estarmos a ter esta conversa.

Espera aí um bocadinho. O que é que isto me diz acerca do meu pai? O meu pai estava convencido de que nada acontece depois da morte. Absolutamente nada.

Se morreres numa certeza absoluta de que não há vida depois da morte, assim que perceberes que morreste passas imediatamente para o estágio dois, que é a experiência de que não há vida.

Como posso eu experienciar a «ausência de vida»?

Não experienciarás o que quer que seja. Não haverá simplesmente qualquer experiência. As coisas continuarão, mas tu não serás capaz de as perceber.

As coisas passam-se exatamente como passariam neste momento se estivesses a dormir, ao mesmo tempo que tudo à tua volta continuaria como de costume.

Nesse caso não há esperança? O meu pai morreu com a certeza absoluta de que não havia nada, nenhum tipo de vida, nenhum tipo de experiência depois da morte, e por isso não há qualquer esperança para ele...

Mais uma vez, quando morrer dessa maneira, é um processo semelhante ao de adormecer. Para viver outro tipo de experiência, tens simplesmente de acordar.

Como é que ele pode acordar?

A parte boa de tudo isto é que todos acordam. Tal como na vida terrena, as pessoas não ficam a dormir para sempre, da mesma forma que não ficam esquecidas numa inconsciência eterna para toda a eternidade. *Não é isso que está previsto.*

A alma acaba por acordar graças ao empenho dos anjos e dos que amaram cada pessoa. Depois começará a perguntar a si mesma onde está, por que não acontece nada, o que aconteceu. Começa a juntar dois e dois, e nesse momento inicia uma consciência do estágio dois da morte.

E o que será isso? Que viveu o meu pai?

Aquilo que escolheu viver.

Fosse o que fosse que tivesse decidido criar? O que quer que fosse?

Sim, o que quer que fosse. Mas, se houver confusão, a própria experiência pode tornar-se um pouco confusa. Pode ser uma espécie de mistura indistinta de hipóteses imaginadas à pressa que podem ou não fazer sentido.

Isso não parece muito interessante...

Não te preocupes. Não é uma coisa «má». Tem apenas a ver com voltar a orientar-se. É como passar muito rapidamente de uns canais para outros com o controlo remoto da televisão. Não há nisso nada de doloroso. A pessoa tem simplesmente de escolher o canal que quer ver.

Se começarem a ficar um pouco ansiosas e a sentir que precisam de ajuda, tornar-se-ão imediatamente conscientes das pessoas amadas e dos anjos e espíritos que têm andado sempre à sua volta, à espera que aqueles de quem se ocupam se apercebam de que eles ali estão.

Seja como for, uma pessoa que passe por esta experiência depressa começa a estabilizar, a partir dos milhares de imagens presentes na sua mente, e nessa altura começa a criar a partir desse ponto.

Mas neste momento é importante que percebas que nenhuma das hipóteses que acabo de descrever tem o que quer que seja a ver com a Realidade Última. Esta é experienciada em três etapas. Os que descrevi são apenas os dois primeiros, os iniciais, da «experiência da vida depois da morte».

Está bem. Nesse caso, na primeira etapa da «morte» aquilo que acontece é que já não estou no meu corpo. Na segunda etapa da «morte» desloco-me por entre o que quer que tenha imaginado ou decidido que acontecerá quando eu «morrer». E na terceira etapa, ou fase? Podes descrever-me o que acontecerá então? Que me acontecerá nessa altura?

Acabarás por te fundir na Essência e por começar a experienciar a Realidade Última como Núcleo do Teu Ser.

Queres dizer, Deus?

Podes chamar o que entenderes à Realidade Última. Há quem Ihe chame Essência. Também há quem Ihe chame Alá. E há ainda quem Ihe chame Todo. Pouco importa o que Ihe chames: trata-se sempre do mesmo.

E se isso for aquilo que sempre pensei que seria?

E se fosse realmente o que sempre pensaste que seria?

E se o que sempre pensei que seria acontecer imediatamente a seguir à minha morte, e isso fosse a imersão em Deus? Isso não seria vivido na segunda etapa da morte?

A tua *ideia* acerca disso seria experienciada na segunda etapa, sim. Isso acontece porque na segunda etapa da morte continuas a funcionar a partir da tua mente.

Esta experiência seria tão agradável e gloriosa quanto as tuas capacidades o permitissem, na tua imaginação. Mas nessa altura, na última etapa da morte, terias a experiência daquilo que realmente é, e não daquilo que imaginaste que seria.

Mas tens razão. Estás a começar a perceber. Se aquilo que sempre pensaste que aconteceria foi que logo a seguir à morte ficarias em Casa com Deus, será isso que acontecerá.

É esta a maior esperança que o mundo oferece, e é verdadeira.

A minha mãe não esperava — *sabia*. A minha mãe *sabia* que todos os anjos iriam ao seu encontro, e que com isso estaria a regressar a casa.

E foi precisamente isso que experienciou. Depois passou à etapa seguinte da morte, e a imaginação dela transformou-se numa realidade ainda mais ampla.

Ela viveu a presença de Deus? Estavas lá à espera dela?

Como já te disse, estou lá à espera de toda a gente.

É impossível morrer sem Deus. Estarei sempre lá. Vou acolher-te, abraçar-te, reconfortar-te, dar-te as boas-vindas e assegurar-te que estás bem como estiveres e perfeitamente preparado para entrar no Reino dos Céus. Depois volto a entregar-te às almas das pessoas que amaste e te amaram e aos anjos, que te encaminharão para o reino espiritual... ou aquilo a que chamarias o «verdadeiro» céu, e se opõe ao céu imaginário. Será aí que farás o trabalho que vinhas fazer.

Terei de «trabalhar» no Céu?

Não te preocupes. Será como brincar. Estarás a divertir-te no Jardim dos Deuses. Será verdadeiramente um «céu». Uso a palavra «trabalho» no sentido de «alcançar o que se pretende alcançar».

E o que é que se «pretende alcançar» no Céu?

Quando iniciarmos as nossas explorações do mundo espiritual, veremos isso, mas posso dizer-te já que não sairás da minha presença antes de eu ter feito o Santo Questionário e de tu lhe teres respondido.

O Santo Questionário?

Sim, mas não gostava de falar já deste assunto. Pode ser essa a parte mais importante da nossa conversa, e por isso quero começar por preparar bem o terreno para ela.

Está bem... Mas disseste duas coisas muito importantes que queres deixar para mais tarde. Há bocado disseste que tinhas uma resposta para uma pergunta que pode realmente deixar-me chocado. Disseste que querias «preparar o terreno». Agora estás a dizer-me que vais revelar o que é o Santo Questionário, mas só depois de teres «preparado o terreno». E agora conseguiste realmente deixar-me surpreendido.

Bom, a morte é surpreendente. É excitante, surpreendente e absolutamente magnífica.

Nesse caso, se Deus lá estava para receber a minha mãe, qual era o aspeto dele? Quero eu dizer, quando te encontrar, serei capaz de te reconhecer?

Como gostarias que fosse o meu aspeto?

Consigo que te pareças com aquilo que eu entender que pareces?

Sim. Como em tudo, consegues tudo o que escolheres. Sim, sim, e mais uma vez sim.

Se achares que me pareço com Moisés, será com Moisés que me parecerei. Se esperares que me pareça com Jesus, será com Jesus que me parecerei. Se desejares que me pareça com Mohammed, será com Mohammed que me parecerei. Tomarei qualquer forma que esperares, ou que te faça sentir à vontade na minha presença.

E se eu não tiver ideia nenhuma do aspeto que Deus terá?

Nesse caso serei um sentimento. Será o sentimento mais magnífico que alguma vez tiveste. Sentir-te-ás como se estivesses imerso num banho de luz, como se fosses abraçado pelo amor.

Ou podes ter a impressão de que estás numa crisálida, ou suspenso num contentor imaterial de aceitação absoluta e incondicional. Terás o mesmo sentimento se eu começar por te aparecer sob uma forma física. Essa forma acabará por se transformar num sentimento, e nunca mais terás necessidade de me ver sob uma forma física particular, seja ela qual for.

No entanto, lembra-te do que eu disse. É impossível morrer sem Deus, mas não é impossível *pensar que é*. Na etapa dois da morte podes pensar o que quer que desejares. Assim, a energia da minha Pura Essência pode rodear-te e tu podes escolher ignorá-la, desvalorizar essa experiência, chamar-lhe uma alucinação ou simplesmente não lhe prestar atenção.

Nunca faria uma coisa dessas! Por que razão havia de fazê-lo?

Fizeste-o muitas vezes ao longo da tua vida. Por que razão não havias de fazê-lo depois da morte?

Porque não sou parvo. Quando morrer, espero não o ser. Além disso, quando tiver morrido, *tu não me deixarias a menor dúvida* de que és Deus, e de que sou amado, e de que essa experiência que eu tiver serás tu a acolher-me à chegada a Casa.

Ouve-me com atenção.

A morte é um momento de criação. Há um ajustamento de energia no momento a que chamas «morte» que afina a energia com que entras nesse momento, produzindo um efeito duplicador no mundo físico em que acabas de entrar de tal maneira que podes continuar a ter a experiência que tens criado, mesmo que estejas em fase de transição para um outro mundo.

(O mesmo processo ocorre à nascença, mas ao contrário. Quando nasces, a energia que trazes contigo do mundo espiritual é transformada em matéria por este processo de afinação de energia, que produz um efeito de duplicação no mundo físico em que acabas de entrar.)

Lembra-te do que eu disse há pouco: a morte é uma passagem, e a energia com que atravessas essa passagem determina o que vais encontrar do outro lado. Embora seja possível que venhas a recriar qualquer coisa de novo em qualquer momento em que decidas fazê-lo (tal como acontece em vida), inicialmente encontrarás sempre aquilo que esperares encontrar.

Se não acreditares em Deus, e entrares na morte sem acreditares, Deus estará lá, mas não o sentirás — *tal como aconteceu durante a tua vida*.

Tens de saber que Deus está presente para poderes experienciar que Deus está presente.

Se olhares para uma flor e souberes que ali está Deus, verás Deus. Se assim não for, não verás senão uma flor. Até podes não ver mais que uma erva daninha.

Se olhares outra pessoa nos olhos e perceberes que ali está Deus, verás Deus. Se assim não for, não verás senão mais um ser humano. Até podes ver um malfeitor.

Se te olhares a ti mesmo nos olhos ao espelho e perceberes que Deus está ali, verás Deus. Se assim não for, não verás senão uma pessoa a tentar perceber quem ali está. Até podes ver uma pessoa que não tem qualquer resposta a essa pergunta.

Queres dizer que Deus não me pode salvar do meu próprio «desconhecimento»?

Deus «salva-te» todos os dias do teu próprio desconhecimento. Não sabes isso?

Acho que sim.

Sabes?

Bom, às vezes sei.

O mesmo acontece imediatamente depois da morte. Por vezes as pessoas sabem-no, e outras vezes não. E conforme aquilo em que acredites assim será sentido em ti.

Caramba, que mensagem! Mas o que é certo é que estava à espera de mais. Estava à espera que me disseses que a presença de Deus na vida para além da morte se «sobrepunha», e com isso apagava todas as obstruções, todas as crenças que estivessem no caminho como obstáculos e enchesses o momento com Glória Absoluta.

Deus encherá o momento com Glória Absoluta, já que não há nada mais glorioso que o Ato de Pura Criação, e Deus permitir-te-á que cries no momento da tua morte a experiência que desejares.

É isso que acontece no momento dois da morte. No momento, ou etapa três, conhecerás uma Verdade mais ampla acerca de ti mesmo — e nessa altura voltarás a recordar como criá-la. Porque tu és a parte de Deus de que estás a falar. No entanto, se continuares a imaginar que não o és, mesmo assim poderás continuar a criar as experiências que desejares.

E por isso há uma coisa que deves perceber: a tua primeira experiência de vida depois da morte é algo que estás a criar aqui e agora, e que continuarás a criar aqui e agora, com o teu pensamento acerca do assunto, e também com a tua esperança.

A «esperança» também tem aqui uma função?

Lembra-te do que eu já te disse. Se pelo menos tiveres esperança de que alguém virá ajudar-te, ficarás rodeado de seres amados e de anjos. Se pelo menos tiveres *esperança* de vir a encontrar Mohamed, Mohamed guiar-te-á. Se pelo menos tiveres esperança de vir a encontrar Jesus, Jesus estará à tua espera. Ou então Krishna. Ou talvez Buda. Ou então a Essência Pura do Amor.

A esperança tem um papel na «morte» e na «vida». (Como é evidente, são uma e a mesma coisa.) Nunca desistas da esperança. *Nunca*. A esperança é uma afirmação dos teus desejos mais elevados. É o anúncio dos teus sonhos mais ambiciosos. A esperança é o pensamento feito Deus.

Que afirmação magnífica! *A esperança é o pensamento feito Deus*. Que afirmação verdadeiramente magnífica!

Já que gostas tanto dessa afirmação, aqui está a fórmula em cem palavras que te prometi.

Ah, sim, mais uma das tuas promessas adiadas...

A esperança é o portal da crença, o portal do conhecimento. O conhecimento é o portal da criação, e a criação o portal da experiência.

A experiência é o portal da expressão, a expressão é o portal do devir, o devir é a atividade da vida, toda, e toda a Vida é a função única de Deus.

Aquilo que esperas é aquilo em que acabarás por acreditar. Aquilo em que acreditas é aquilo que acabarás por saber, o que criarás, o que acabarás por viver. O que viverás será o que acabarás por expressar, e o que afinal te tornarás.

É esta a fórmula de toda a vida.

É tão simples como isso.

Adoro que este tipo de informações sobre a vida seja dado de forma tão sucinta. Que bênção! Poetas como Fernando Pessoa tinham esse dom. E dramaturgos. E escritores. E mensageiros, ou professores. Adoro aquilo que outra poetisa, Lisel Mueller, pôs num poema intitulado «Esperança».

Ela diz que a esperança «é o impulso que vai dos olhos para a cauda de um cão». Não é uma afirmação magnífica? Não é algo que capta precisamente o que interessa? Aqui está um excerto maior do poema:

*... é o impulso que vai
dos olhos para a cauda de um cão,
é a boca que enche os pulmões
da criança acabada de nascer.*

*É o dom singular
que não podemos destruir em nós mesmos,
o argumento que vence a morte.
o génio que inventa o futuro,
e todos conhecemos Deus.*

CAPÍTULO 16

A experiência que temos corresponde a um mundo tridimensional, mas não vivemos realmente num mundo desse tipo. A Realidade Final é muito mais complexa do que alguma vez imaginaste.

TUDO NA VIDA É SEQUENTÂNEO – SEQUENCIAL E SIMULTÂNEO

E assim voltamos mais uma vez à ideia de que o estado de espírito de uma pessoa no momento da sua morte é a experiência que a sua alma viverá «do outro lado».

Sim, é precisamente isso que estou a dizer. Já o disse aqui mil e uma vezes.

Sim, mas continuo a pensar no assunto porque há nessa afirmação algo que não posso aceitar sem inquietação, e tenho estado a tentar perceber do que se trata. Mas agora acho que já percebi.

Diz-me então, por favor.

A ideia não deixa grande margem para consolação para aqueles que abordam a morte sem esperança — aqueles que se encontram num estado de medo ou de terror, de apreensão ou de recriminação ou de dúvida — nem para as suas famílias.

Sim, estou a ver onde queres chegar.

Bom, o que quero dizer é que não são muitas as pessoas que morrem tranquilamente ou estão em paz como pareces sugerir que seria necessário para ter uma experiência gloriosa. Sou obrigado a pensar que as pessoas morrem num estado de... qual será a melhor palavra?... apreensão, pelo menos, se não mesmo receio ou medo, confusão ou choque, com o súbito que foi o acontecimento, como por exemplo num acidente, ou em qualquer outro...

Estou a perceber a tua preocupação. No entanto, a consolação vem-nos de saber que todas as almas acabarão por encontrar paz, alegria e amor. Todas as almas passam à etapa três da morte, o tempo da fusão com a Essência.

Entretanto, não existe nada a que possa chamar-se «dor» — física, emocional ou espiritual — na vida para além da morte. Já antes disse que mesmo aqueles que imaginam que vão para o «Inferno», e parecem atirar-se a eles próprios para lá, não sofrem. Limitam-se a observar-se a si mesmos a ter essa experiência, mas sem qualquer emoção ligada a ela.

Disseste que era algo como ver um vídeo pedagógico.

Exatamente. É esse o nível real de desprendimento. Tens simplesmente de proporcionar a ti mesmo essa experiência para poderes conhecê-la, retirando dela qualquer sabedoria que dela possa ser retirada — mas não sofrimento. Na vida depois da «morte» não há nada que se assemelhe ao sofrimento.

Então o que há? Não há nada negativo?

É tudo o que há. Não há nada negativo.

Nada negativo?!

Nada.

Mas eu pensava que tinhas dito que as pessoas experienciavam precisamente aquilo que esperavam experimentar.

É verdade.

E se uma pessoa *esperar* sofrer? E que dizer de uma pessoa que *escolheu* sofrer, que pensa que é essa a única maneira de «conquistar o seu lugar no Céu», ou de pagar pelos seus pecados? Pensei que tinhas dito que uma alma pode viver o que quer que tenha decidido viver depois da morte.

Aquilo que eu disse é verdade. E de acordo com isso acabarias por experienciar o sofrimento... exceto se não o experienciasses.

Porque é como disseste — estamos apenas a observar, e não a identificar-nos com o «eu» que vive a experiência”?

Sim, e também porque, mesmo se pudesses identificar-te com a parte de ti que a está a experienciar, não o experienciarias.

Não sei se percebeste que me estás a deixar um bocado baralhado...

Deixa-me lembrar-te uma coisa que já aqui foi dita que podia explicar melhor isto.

Sim, seria uma boa ideia. Neste momento é mesmo do que preciso.

No momento em que sucede o que quer que a alma considere não desejável, a própria ideia de que não é desejável leva a que a experiência mais íntima da alma seja modificada. E assim não há sofrimento. Nem sequer para a pessoa que imagina, com uma imaginação poderosa, que devia ser punida.

Essa pessoa deveria criar a experiência da sua própria imaginação, mas não a sente como a imaginou, pela simples razão de que assim que começasse a tê-la escolheria deixar de a ter.

Mesmo que fosse realmente aquilo que imagina que deseja?

O nível de consciência da vida para além da morte exclui a possibilidade de alguém escolher deliberadamente aquilo que não é real. E a alma saberia e perceberia perfeitamente que o conceito, a ideia e a experiência do sofrimento não são reais.

Na primeira etapa da morte, a alma alcança a compreensão de que o corpo com o qual passou a vida física não é real. Ou seja, não é quem a alma realmente é. Na segunda etapa da morte, a alma alcança a compreensão de que a mente, com todos os pensamentos, não é real, ou seja, não é quem a alma realmente é.

Todos os pensamentos da mente limitada, emergindo da perspectiva limitada da experiência humana, são fortemente alterados na segunda etapa da morte, precisamente porque a *perspetiva* da alma para além da morte é muito mais ampla, e muito diferente do que era a da alma quando se encontrava no corpo.

É a partir desta experiência alargada que a alma começa a criar e a experienciar-se a si mesma. Assim que a alma vê e percebe que não é um corpo, a sua perspectiva altera-se profundamente, como podes imaginar. Na verdade, é isto que impulsiona a alma para a terceira etapa da morte, quando todos os pensamentos — e não apenas os «maus» pensamentos, mas até os próprios pensamentos acerca do «Céu» — são abandonados, e a Realidade Última é finalmente experienciada.

Assim, mesmo no caso da pessoa que acredita sinceramente que deve sofrer, que merece sofrer, que esse sofrimento é a única maneira de se redimir aos olhos de Deus, a própria ideia de redenção, e de sofrimento como meio de alcançar, deixa de ser significativa na perspectiva alargada da alma.

A alma pode observar a sua própria *tentativa* de sofrer no Inferno da sua própria congeminação, mas a alma depressa perceberá que não se trata de uma experiência significativa, que mereça ser criada.

Eu não pensei que houvesse coisas impossíveis para uma alma que se expressa a si mesma como Criadora da Sua Própria Realidade.

Não se trata de uma questão de impossibilidade. É uma questão de falta de sentido. A alma não teria razão para criar certas experiências — para além do facto da «recordação» que aí está envolvida. Uma vez que a alma tenha recordado que o sofrimento não é uma realidade, mas apenas uma experiência criada na mente humana, terá alcançado aquilo que se pensa que pode ser alcançado com a criação do próprio «Inferno», e a experiência deixará de ter sentido por essa razão.

Isto acontece porque, em certo sentido, a alma «sabe demasiado» para conseguir tirar o que quer que seja dessas experiências além disto. Seria como um ilusionista que fizesse os mesmos truques para um público de apenas um que fosse ele mesmo.

Estou convencido de que não seria fácil manter um ilusionista indefinidamente interessado nos próprios truques.

Seria mais do que difícil. Seria impossível. É nesse sentido, nesse contexto, que podia dizer-se que é impossível para a alma sofrer.

Mas nem sequer por um instante? Nem sequer enquanto está a decidir se está ou não interessada?

Não, nem assim.

Não existe nada a que possa chamar-se «um instante». A tua questão está no interior da realidade a que chamas «tempo», em que as coisas acontecem sequencialmente. No entanto, todas as coisas que descrevi como acontecendo a uma alma depois da morte acontecem num só e mesmo instante.

Espera aí um bocadinho! Tu próprio disseste que acontecem em etapas, em fases. Etapa um, etapa dois, e por aí fora.

É verdade, de acordo com a tua terminologia. No entanto, todos essas etapas são experienciadas ao mesmo tempo — com cada nova experiência “apagando” a experiência anterior. E assim é, como se a velha experiência nunca tivesse acontecido. Tu “És” o que “És” Neste Momento, e é como se *nunca tivesses sido outra coisa*.

Tenho muita pena, mas acho que isso não faz sentido. É precisamente neste ponto que deixa de fazer sentido.

Neste ponto o desafio está em falar com palavras do dia-a-dia de uma situação ou experiência que não é deste mundo. Deixa-me só dizer que todas as coisas acontecem sequencial e simultaneamente.

Isso ainda faz *menos* sentido! As coisas acontecem sequencialmente OU ao mesmo tempo. Não podem ser ambas.

Não podem?

Pois eu estou a dizer-te que tudo na vida acontece das duas maneiras.

Tudo na vida é «sequencial» e «simultâneo»?

Exatamente.

Bom, está bem então, isto é para me dar cabo da cabeça. Não consigo integrar isto na minha realidade.

Consegues ao menos conceber essa possibilidade? Consegues forçar a tua mente ao ponto de a levares a conceber essa possibilidade?

Na tua linguagem não há qualquer palavra que possa designar esta experiência, por isso teremos de inventar uma. Vamos falar de “sequentâneo”. É “sequencial” e “simultâneo” ao mesmo tempo.

Eu não sei o que dizer. Suponho que tudo e qualquer coisa seja possível, e estou disposto a admitir que não sei tudo o que há para saber acerca da Realidade Última, mas não posso ir mais longe do que isto. Mesmo que pudesse estar lá *conceitualmente*, não consigo imaginar-me estar lá *experiencialmente*. Não consigo imaginar essa experiência.

Deixa-me ver se consigo encontrar outras palavras — algumas palavras «reais» — com as quais isto te possa ser explicado, ou pelo menos que permitam que seja um pouco esclarecido.

Muito bem, porque estou mesmo a precisar de ajuda, e já. Ou talvez possa dizer que preciso *sequentaneamente* de ajuda...

Perfeito. Isso é perfeito!

Agora imagina comigo uma realidade em que o tempo não exista. Pelo menos não da maneira que imaginas. Existe apenas um momento, o Momento de Ouro do Agora.

Tudo o que aconteceu, o que está a acontecer agora, e o que sempre acontecerá — está a acontecer Agora Mesmo.

Isto aplica-se a todas as tuas vidas, e não apenas à parte da tua experiência a que chamas Esta Vida ou Após a Morte Particular. A diferença está em que na vida depois da morte tu Sabes. Tu Experiencias.

Está bem, mas espera aí um bocadinho. Tu acabaste de dizer que *todas* as minhas vidas estão a ocorrer simultaneamente. Com isso queres dizer todas as minhas encarnações, não é verdade?

Sim, mas também quero dizer todas as tuas muitas passagens por esta encarnação.

Queres com isso dizer que passo mais de uma vez por esta encarnação?

Exatamente. E muitas possibilidades, muitas experiências, a ter lugar ao mesmo tempo.

Mas, se tudo está a acontecer simultaneamente... isso significaria que teria de haver «realidades alternativas». Estás a dizer-me que existem tais coisas como «universos paralelos», ocorrendo ao lado do nosso, nos quais o «eu» que sou «eu» tem experiências diferentes?

Sim, estou.

Bem, disseste-me no princípio que algumas partes desta conversa podem parecer «extravagantes» a algumas pessoas, e não há dúvida de que estás a cumprir o que prometeste. Muitos diriam que esta última hipótese é pura ficção científica.

Mas não é. Como eu já disse anteriormente, isto é ciência.

Isto, também, é ciência? Na ciência fala-se de realidades alternativas?

Achas que vives num mundo com apenas três dimensões? Fala com qualquer físico quântico sobre o assunto.

Não vivemos num mundo de três dimensões?

Tu experiencias um mundo tridimensional, mas não vives num mundo tridimensional.

Que significa isso?

Significa que a Realidade Última é muito mais complexa do que alguma vez imaginaste. Significa que há mais a acontecer aqui do que aparenta aos olhos. Estou a dizer-te que Todas as possibilidades existem em todos os tempos. Estás a escolher a possibilidade que desejas experienciar agora a partir de um campo multidimensional de possibilidades infinitas. E há um outro «tu» a fazer escolhas *diferentes*, precisamente aqui, neste momento.

Outro eu?

Exatamente.

Estás a dizer que «eu» existo multidimensionalmente?

Sim, estou.

CAPÍTULO 17

Se olharmos com atenção para o universo, não há nele nada de misterioso.

A SINGULARIDADE, A INDIVIDUALIDADE E O SEQUENTÂNEO

Mais uma vez lançámo-nos numa área inteiramente diferente daquilo que eu julgava que íamos explorar. Por fascinante que seja, será relevante para o meu tópico? O que me interessa é saber o que é a vida tal como a experiencio, e o que significa a minha morte.

Tudo aqui está relacionado. Não há um único facto relacionado com a vida e aquilo a que chamas «morte» que possa ser visto isoladamente. Todos eles são relevantes.

Muito bem. Nesse caso responde-me a uma coisa. Se tudo acontece ao mesmo tempo, como é possível que o «nós» que somos “nós” experiencie os acontecimentos como se estivessem a acontecer de forma isolada, sequencialmente?

Isso tem a ver com aquilo para o qual escolhes olhar. E essa é uma peça da informação extremamente prática sobre a tua passagem atual através desta vida.

A tua experiência é criada por aquilo para o qual olhas. Ou, mais corretamente, pela forma como te *moves* no Espaço-Tempo.

Perdão?

Deixa-me dar-te uma ilustração simples, para ver se consigo que te aproximes do que quero explicar-te.

Meu Deus, *por favor*. Estou a fazer o possível para te seguir, mas preciso de um ponto de apoio por onde possa começar.

Muito bem. Suponhamos que acabas de entrar numa sala. E uma sala enorme, e cheia de ornamentos. Talvez seja uma biblioteca numa casa rica.

Muito bem. Até aí ainda vou.

Entras nessa sala e há certas coisas que comesças por ver «em primeiro lugar». Podem ser, por exemplo, duas estátuas, dois nus, em tamanho natural a um canto da sala. Como é evidente, chamam-te a atenção, o que te leva a aproximares-te delas para as observares melhor. Ou talvez haja por lá outras coisas igualmente dramáticas. Um enorme urso empalhado, por exemplo. Ou

uma televisão de grande formato ligada num dos lados da sala. Nesse caso a tua atenção é imediatamente atraída para ela. A tua mente vai para lá imediatamente.

Está bem. Consigo imaginar isso.

A seguir comesças a olhar à tua volta e a ver outras coisas, mais pequenas, menos dramáticas. Por fim, aproximaste-te de uma estante que está no meio da sala. Os teus olhos detêm-se num título particular na lombada de um livro no meio da prateleira do centro, precisamente à altura dos teus olhos. Foi por causa deste livro que entraste na sala. As estátuas chamaram a tua atenção, e isso fez-te aproximar delas, mas na verdade entraste na sala para ir buscar aquele livro.

Mais tarde, ao descrever esta cena a outra pessoa, poderias dizer qualquer coisa como: «Por fim lá encontrei aquilo de que ia à procura!»

Como é evidente, não há propriamente nenhum «por fim» metido no assunto. Podias muito bem ter dito: «E o livro lá estava desde o princípio.»

O livro que procuravas sempre lá tinha estado, à espera que o visses. Não apareceu «mais tarde». Na realidade, não se pode sequer dizer que «apareceu». Não chegou a certa altura. Sempre lá esteve. O que acontece é que não reparaste logo nele, porque não estavas a olhar para ele.

No entanto, tudo o que estava na sala estava à tua frente. Tudo existia ao mesmo tempo. Viste o que lá estava, «descobriste-o», e por isso experienciaste-o, sequencialmente. Assim, o momento foi verdadeiramente «sequentâneo».

Estou a perceber. Agora percebo que o processo podia de facto ser visto dessa maneira.

Uma coisa não «aparece subitamente» quando olhas para ela. O vê-las é uma coisa que acontece do ponto de vista de alguém. Aqueles que se interessam por física quântica elementar diriam que nada existe antes do nosso olhar. É o nosso olhar que ao ver algo o põe ali. No entanto, a ciência mais avançada sabe que não é esta a última explicação ou descrição de como as coisas são.

Na Realidade Última, as coisas Estão lá antes que as vejas, isto é, as possibilidades múltiplas sempre existiram. Todos os resultados concebíveis de todas as situações concebíveis existem aqui mesmo, agora mesmo — e estão a ocorrer aqui mesmo, agora mesmo. O facto de que vejas apenas um deles não significa, no sentido literal, “coloca-lo lá” — significa que o colocas “aqui”, *na tua mente*.

Mas *qual* é a realidade fora das realidades que existem que eu coloco na minha mente?

A que escolhes ver.

E o que me leva a escolher ver uma realidade em vez de outra?

Ora aí é que está a questão, não é verdade? O que te leva a escolher ver uma realidade em vez de outra?

Quando passas por uma pessoa caída na rua, suja, com a barba por fazer, a beber uma garrafa de vinho, o que te leva a escolher ver um «vadio» ou um «rebelde»? Quando lêes um aviso do teu patrão que te explica que foste despedido, o que te leva a ver nisso um «desastre horrível» em vez de uma «oportunidade magnífica»? Quando vês uma notícia na televisão sobre um terramoto ou um maremoto, em que morreram milhares de pessoas, o que te leva a ver nisso uma «calamidade» ou uma manifestação da onnipotência de Deus?

O que te leva a escolher uma coisa em vez de outra?

As minhas próprias ideias acerca do que as coisas significam?

Precisamente. E também as tuas ideias acerca de *ti mesmo*.

Isto lembra-me uma história de D. Quixote de la Mancha, na qual um homem vê o mundo por olhos diferentes dos seus, «olhos que ardem com o fogo da visão interior» — na letra do musical inspirado no tema, da autoria de Joe Darion. D. Quixote concebe «o mais estranho projeto alguma vez imaginado [...] para se tornar um cavaleiro errante e ir pelo mundo a pôr bem o que está mal».

Encontra um alguidar da barba e, voltando-o, vê nele um elmo, que usa orgulhosamente na cabeça. Encontra uma criada de taberna que é um estafermo, e vê nela Dulcineia, uma bela donzela, pura e leal. Pede-lhe algo que possa levar com ele para as suas batalhas, e quando, para trocar dele, ela lhe dá um trapo velho de limpar o chão, ele vê-o como o seu lenço e começa a usá-lo junto do coração. Afasta-se declarando: «Sou D. Quixote de la Mancha. O meu destino chama por mim, e eu vou!»

E estava tudo na cabeça dele!

Mas qual é o teu destino? Como tencionas viver a tua vida? Como verás as outras pessoas, os lugares, os acontecimentos com que te hás-de deparar? E como acabará tudo isso?

Tu é que és Deus, diz-me tu.

Tudo depende de como olhares para as coisas.

Sabes o que é incrível? Por mais que pareça uma loucura, acho que estou de facto a perceber.

Claro que estás, porque tudo isto é perfeitamente natural. A tua alma percebe tudo isto — incluindo o «sequentâneo» — sem dificuldade. A tua alma sabe que todas as realidades existem. O homem que está caído à beira do caminho é ao mesmo tempo um vadio e um rebelde. A apaixonada de D. Quixote é ao mesmo tempo uma criada de taberna e uma donzela de grande beleza. Tu és ao mesmo tempo a vítima e o vilão, e na tua vida já desempenhaste os dois papéis. E nenhum desses papéis é real. Está tudo na tua cabeça. Crias a tua própria experiência decidindo qual a parte do todo para que escolhes olhar. E podes muito bem não reparar em qualquer coisa de que andes à procura.

Caramba, disso percebo eu. Há pessoas que me dizem que andam à procura da sua alma gémea, mas quando essa pessoa lhes é enviada pelos céus nem sequer reparam nela, porque estão profundamente embrenhadas nas aparências, ou naquilo a que chamam «defeitos». D. Quixote viu a rapariga da taberna como uma magnífica donzela, e ela por isso *transformou-se numa magnífica donzela*.

Esta distração, este não ver as coisas, aplica-se mesmo aos objetos físicos. Quantas vezes não andamos à procura de coisas que estão mesmo à nossa frente, mas por causa de uma ou outra coisa que nos distrai não as vemos. Passámos por elas sem as ver! É por essa razão que deixo essa «sala» (esse momento na minha vida), anunciando a todos os que se interessam pelo assunto que aquilo que procuro não se encontra ali. Logo a seguir, para minha grande surpresa, outra pessoa qualquer entra na mesma sala e regressa triunfalmente com aquilo que acabo de jurar não se encontrar lá!

É o que faz um mestre. Um mestre espiritual é aquele que entra na sala da tua vida e vê aquilo que juras não estar lá.

Já muitas vezes ouvi dizer — pensando bem, já muitas vezes me ouvi dizer a mim próprio — «como conseguiste tu isso?»

Os ilusionistas percebem perfeitamente este princípio. Dizem que «a mão é mais rápida que os olhos». Porque os ilusionistas fazem os seus truques sempre à frente do nosso nariz. Não há qualquer embuste no que fazem. Mas o ilusionista sabe que o que faz te vai parecer uma *ilusão* por causa daquilo *para onde estás a olhar*.

O segredo da profissão de ilusionista é *fazer o público olhar para um lugar diferente daquele onde o truque está a ser feito*.

Não é por acaso que os mágicos e os mestres espirituais têm sido associados por muitas pessoas, e chamados «místicos». As palavras «místico» e «mágico»

são muitas vezes usadas no mesmo sentido, para descrever uma mesma pessoa ou experiência.

Os místicos são pessoas que veem coisas que nós não vemos. São pessoas que não estão a olhar para um sítio diferente daquele onde o truque está a ser feito; pelo contrário, estão a olhar precisamente para lá.

Não há no universo nada de misterioso quando olhamos bem para ele, quando o vemos na sua multidimensionalidade. Contudo, nem todas as pessoas conseguem fazê-lo, dada a sua perspetiva limitada das coisas.

Foste tu que te puseste num corpo, dentro do Espaço e do Tempo, a veres, a perceberes e a movimentares-te nas direções limitadas em que um corpo pode fazê-lo. No entanto, o teu corpo não é Quem Tu És, mas uma coisa que *tens*. O Tempo não é algo que passa, mas algo através do qual passas, como passarias através de uma sala. E o Espaço não é realmente «espaço», como «um lugar onde não há nada», já que tal lugar não existe.

O tempo É. Diz-se que «o tempo passa», mas o Tempo, na verdade, não vai a lugar nenhum. És tu que passas, és tu que te “moves através do tempo”, és tu que crias a ilusão do “tempo a passar” ao passares pelo Único Momento que Há.

E o «Único Momento que Há» é eterno, e portanto, à medida que te moves através dele, vais tendo a impressão, literalmente, de «apenas passares o tempo», *porque tu estás*.

O tempo é algo que observas sequencialmente, enquanto ele existe simultaneamente em todos os espaços. O Espaço e o Tempo são «sequentâneos».

À medida que te deslocas pelos Corredores do Tempo, vais percebendo e experienciando que o Espaço-Tempo é vasto. O «Único Momento que Há» é o CONTÍNUO espaço-tempo, precisamente porque esta realidade do espaço-tempo continua sempre a ser.

Tu, como Puro Espírito, podes deslocar-te por esta Realidade Singular (por vezes chamada simplesmente a Singularidade) em ciclos intermináveis, ao mesmo tempo que continuas a experienciar o teu Eu. Tu És esta Singularidade. És o material do qual ela é feita. A Essência Pura. A Energia. Tu és uma *individuação* desta energia e desta Essência. Tu és uma “Individuação da Singularidade”.

A Singularidade é o que algumas pessoas chamam Deus. A Individuação é o que algumas pessoas chamam Tu.

Podes subdividir o teu Eu e deslocar-te pela Singularidade em muitas direções diferentes. Chamas esses movimentos variados através do Contínuo Espaço-Tempo de “vidas”. Estes são os Ciclos do Eu que revelam o Eu Ao Eu através do Ciclo do Eu ATRAVÉS do Eu.

Estou sem chão aqui. Até agora nunca ninguém me tinha explicado nada disto.

Bom, tem a ver com o Tempo.

Essa agora é gira. Tens muita graça.

Obrigado.

Então agora deixa-me ver se consigo trazer tudo isto para o meu Eu individual, e obter alguma perspetiva de tudo isto. Nós, seres humanos, somos a «individuação da singularidade a experienciar a vida sequencialmente simultaneamente».

É isso mesmo. Agora é que percebeste.

Estás a brincar comigo? Ouviste o que eu acabei de dizer? Eu DISSE...

Somos a individuação da singularidade a experienciar a vida sequencialmente simultaneamente.

Sim, e eu disse-te que desta vez percebeste tudo bem.

Formidável. Estou no País das Maravilhas aqui. Acabei de cair na toca do coelho.

CAPÍTULO 18

A tua intenção é conheceres-te plenamente através da tua experiência, e não conheceres-te a ti mesmo parcialmente.

A MORTE NÃO É UMA EXIGÊNCIA PARA SE EXPERIENCIAR O EU A VÁRIOS NÍVEIS

Então deixa-me fazer-te uma pergunta direta. Esta tem a ver mais especificamente com a vida depois da morte.

Está bem.

Se nós somos a Essência Eterna, que se move pela Singularidade a que chamamos Espaço e Tempo, num ciclo contínuo e interminável do Eu através do Eu, como é possível que experienciemos a vida eterna contigo — com Deus — como nos foi prometido?

Boa pergunta.

E a tua resposta?

Este Ciclo contínuo do Eu que tu descreves É a vida eterna Comigo, acerca da qual te tenho falado. Estás a experienciar a «vida eterna com Deus» agora mesmo.

Nesse caso qual é o papel da morte em tudo isto? E estás a dizer que é isto o Céu? Será este Ciclo contínuo, que nunca acaba, o melhor que vamos alcançar? Será que nunca viremos a conhecer a fusão, a unidade contigo acerca da qual tanto tem sido escrito? E quanto ao momento de comunhão acerca do qual os místicos tanto falaram, e em que a alma individual se une ao todo?

Antes de a nossa conversa acabar, esse momento vai ser-te descrito. A tua sede de saber vai ser satisfeita. Quanto às outras perguntas, o movimento da Individualidade através da Singularidade nunca acaba, continua em ciclos, como já aqui foi descrito.

Ciclos que ocorrem sequencialmente — porque um ciclo é, por definição, sequencial. E no entanto estes ciclos também ocorrem simultaneamente.

É verdade. Tudo acontece ao mesmo tempo, «parecendo» acontecer em sequência.

Tu recorres àquilo a que se chama «morte» como a maneira de marcar o início e o fim destas sequências, e de voltar à plenitude do teu Eu entre esses extremos. A «morte» é uma deslocação de energia que produz imensas

flutuações no ritmo e na frequência da vibração do teu ser, impulsionando-te em todas as direções entre o que chamarias vida física e espiritual.

Contudo, a «morte» não é exigida para que possas deslocar-te através do Espaço-Tempo Contínuo e experienciases o teu Eu a diferentes níveis.

A «morte» não é exigida?

Não se definires «morte» como o afastamento do corpo físico. A experiência mais plena do teu eu espiritual pode ocorrer ainda no teu corpo físico. Não precisas de te afastar do corpo para viveres essa experiência. E a tua experiência mais intensa do teu eu físico pode ocorrer enquanto percorres o reino espiritual.

Posso levar o meu corpo comigo para o reino espiritual?

Podes, de facto.

Então por que não hei-de fazê-lo sempre? Por que «morrer» sempre?

Permanecer por toda a eternidade no mesmo corpo físico não serviria a própria finalidade da eternidade.

Não serviria?

Não.

Porquê?

Porque a finalidade da Eternidade é proporcionar-te um Campo Contextual de Intemporalidade no qual terás oportunidade de viver uma Experiência Eterna e Sem Limite de Variedade na Expressão de Quem És.

Não plantarias apenas uma flor no teu jardim. Por bela que fosse essa flor, por gloriosa que fosse a sua fragrância, é pela variedade de expressão que a criação a que chamas «flores» pode verdadeiramente florescer.

A tua intenção é conheceres-te plenamente através da experiência, e não conheceres-te parcialmente. Continuar a existir com uma forma física por toda a Eternidade não serviria esse propósito.

Mas não te preocupes. As formas em mutação não produzem forçosamente uma experiência de perda, porque podes regressar a qualquer forma física particular em qualquer momento em que o desejes.

Posso voltar ao que já fui?

Sim, e tu o fazes frequentemente, com a finalidade de experienciases essa expressão particular de Ti de uma maneira nova e mais grandiosa.

Isto é descrito em algumas tradições religiosas como a segunda vinda de Cristo — embora muitos de vocês possam ter imaginado que isto possa acontecer a apenas uma pessoa. O facto é que cada um de vocês pode experienciar o seu Ser como o Cristo e, de facto, todos vocês têm o potencial de fazer isso a qualquer momento.

Tu podes abraçar a tua Filiação a qualquer momento, e *fá-lo-ás* no momento em que perceberes Quem Tu Realmente És. Terás então florescido plenamente no jardim da vida. Esse é o Jardim do Paraíso, acerca do qual vocês escreveram nas vossas mitologias.

Desta forma moves-te através dos ciclos da vida.

Estes ciclos estão a ocorrer simultaneamente para as muitas Individuações que compõem a Singularidade, que é a Alma Única.

Podes deslocar-te através do Espaço-Tempo em várias localizações, como já disse anteriormente, e também podes deslocar-te através da mesma localização — através do mesmo «túnel do tempo» — mais de uma vez.

Sim, e da última vez que disseste tal coisa puseste-me a cabeça a andar à roda. E agora voltou ao mesmo.

Está bem. Tenho a impressão que daqui a pouco somos capazes de ficar sem palavras. Vamos ver se uma imagem mental te ajuda a concetualizar aquilo de que estamos a falar.

Aquilo que vou fazer é criar uma metáfora. Será uma metáfora que poderás usar para o resto da vida, por isso é importante que percebas que não se trata de uma verdade literal, mas apenas de uma metáfora. Não é assim que as coisas se passam realmente: trata-se de uma metáfora. Contudo, as metáforas podem ser muito úteis para ajudar a perceber as coisas quando «as coisas como elas são» não podem ser facilmente explicadas através de palavras que possas perceber — *ou quando, na verdade, não há mesmo palavras capazes de o fazer.*

As metáforas, tal como as parábolas, podem ajudar a compreender o incompreensível. Foi por isso que todos os grandes mestres as usaram.

Então vamos chamar isso de *Metáfora Maravilhosa*.

Muito bem.

Vamos lá a isso.

CAPÍTULO 19

Sempre imaginaste que eram precisas muitas coisas, não só para seres feliz, mas mesmo para sobreviveres.

METÁFORA DO TEMPO E ESPAÇO

Na tua mente, cria a imagem de uma bela maçã vermelha, agradável e sumarenta. Chama «Tempo» a esta maçã, e depois chama «Espaço» ao seu interior.

Tenho alguma dificuldade em pensar no interior de uma maçã como «espaço», por haver lá tanta Matéria.

Se soubesses a quantidade de matéria que existe naquilo a que chamas o «espaço profundo», não terias a menor dificuldade. Proporcionalmente, as moléculas desta maçã imaginária estão tão afastadas como a matéria sólida do cosmos.

Muito bem.

Agora imagina que és um micróbio infinitesimal, pequeno mas muito vivo, e que te deslocas através de um túnel desta maçã.

Nesta metáfora as paredes do «túnel» são os Corredores do Tempo. Ao longo do corredor estão marcas que tornam cada milímetro da parede do percurso diferente de qualquer outra parte desse percurso. Consegues imaginar este «túnel do tempo» com todas as suas marcas?

Sim, tenho uma imagem mental do que descreves.

Muito bem. Agora observa que à medida que te vais deslocando ao longo deste túnel o tempo vai passando. Estás a atravessar o tempo.

Valha-me Deus! Consegui realmente ver. Já antes me tinhas dito, mas agora consegui realmente ver! Caramba, uma imagem vale realmente mil palavras. E esta inverte a situação de uma maneira muito interessante. É uma reviravolta concetual completa.

Continua com esta imagem em mente. Continua a ter presente que o Tempo não vai para sítio nenhum. O tempo está ali, precisamente agora. É estático, estável, estacionário. Está sempre ali, precisamente naquele sítio. Onde quer que possas estar no tempo, é Agora.

És tu que estás de viagem. Estás a deslocar-te através do Tempo.

Está bem, já percebi. E retive a imagem. Estou a deslocar-me através do Tempo.

Agora imagina que o micróbio a que chamámos Tu faz parte da maçã.

Perdão?

Imagina que és uma parte minúscula, um átomo, se quiseres, da própria maçã. Nesse caso estarias a mover-te *através de ti mesmo*, não é verdade?

Hum... Acho que sim. Parece-me que sim.

Tu és um átomo desta maçã, uma parte de ti que se move através de ti. Podes por isso dizer que és uma maçã atómica...

És sempre muito engraçado...

Estava apenas a tentar usar imagens e palavras que deixassem uma marca indelével na tua mente.

Acho que conseguiste.

Ainda bem.

Agora estás a viajar da parte exterior para a parte interior da maçã — da parte mais exterior do eu para a mais interior. Consegues imaginar a situação?

Sim.

É esta a tua viagem através da Vida. As marcas ao longo do túnel dizem-te onde estás. Na realidade estas marcas são imagens, e cada imagem assinala um momento diferente. Cada Momento é como um floco de neve. Não há dois iguais em toda a Eternidade.

À medida que vais passando vais olhando para as imagens. Concentras-te nelas, e vais atravessando o túnel desta maneira, concentrando-te numa imagem a seguir à outra. Por fim chegas ao centro da maçã. Este foi sempre o teu destino. Esta parte da tua viagem está terminada.

Tenho o pressentimento de que é aqui que «morro». É quando eu «morro»?

Sim, é aqui que «morres». Atravessaste o mundo físico e chegaste ao Núcleo desta esfera que contém todo o tempo e o espaço. Estás no «núcleo morto».

Mais uma vez, muito espirituoso. E fico ali para sempre, muito aconchegado no calor do núcleo...

Não. Tens algumas experiências nesse sítio (algumas das quais já descrevi e outras que descreverei mais adiante), depois emerges dele e orientas-te para o lado exterior oposto do Espaço-Tempo Contínuo — o outro lado da esfera.

E já chegaste ao «outro lado».

O «outro lado». Claro. Interessante metáfora. Mas afinal o que é o «outro lado»?

Uma realidade diferente.

Diferente como?

Inteiramente diferente. Tão diferente que era como se a maçã se tivesse transformado numa laranja. É a isto que vamos chamar o «reino espiritual», e compará-lo com o mundo físico seria como...

...Não me digas. Eu sei. Seria como *comparar maçãs com laranjas*. Estás a ver? Estou a começar a apanhar a tua Palavra e os teus Jogos de Imagens.

Muito bem. Está muito bem. Brinca com as ideias. Brinca com elas. Nunca deixes que isso se transforme em trabalho. Brinca com elas. E brinca com a vida.

E brinca com os outros, enquanto estás aí. Aprende a brincar como deve ser. Mande-te para o Jardim dos Deuses e ofereci-te um mundo inteiro para brincares. Ofereci-te riqueza suficiente para ter a certeza que há que chegue para todos. Ninguém devia passar fome, e muito menos *morrer* de fome. Ninguém precisa de passar frio por não ter roupa, e ninguém precisa de não ter onde se abrigar da tempestade. Há que chegue para todos.

Para além disso, não é preciso nada para brincar bem. Não é necessário mais nada para ter uma experiência gloriosa de Quem És. Sempre imaginaste que eram precisas muitas coisas, não só para seres feliz, mas mesmo para sobreviveres. *Tens inventado tudo isto*.

Quando te aproximares da morte vais perceber o pouco que tudo isto importa. *Tudo isto*. No momento de partires da vida física, perceberás que lutaste para nada. E então a tua longa luta terminará.

Podes chegar a essa consciência a qualquer momento e terminar a tua luta a qualquer momento. Esta oportunidade e esta experiência não estão reservadas apenas para o momento da tua morte. Se observares atentamente, verás que cada dia da tua vida está repleto de «pequenas mortes». Podes usar qualquer uma delas como plataforma para essa realização.

CAPÍTULO 20

A morte é um processo através do qual restabeleces a tua identidade.

ÚNICA QUESTÃO NUCLEAR: QUEM EU SOU?

Muito bem, estávamos então a falar de alhos e bugalhos, e foi dessa maneira que eu saltei, nessa metáfora, do mundo físico para o mundo espiritual, atravessando o Núcleo do Meu Ser para chegar lá. Quando entro nesta realidade diferente, quando alcanço o «outro lado» do Núcleo, o que acontece então?

A maneira como experiencias aquilo que aprendeste depende da maneira como saíres desse núcleo. Se libertares as tuas questões e as deixares no Núcleo, vais sentir-te «centrado», porque não levaste as tuas «questões nucleares» contigo.

Se não as libertares, se pura e simplesmente não as deixares ir, levarás quaisquer «questões nucleares» que não tiveres libertado contigo para o «outro lado», onde voltarás a confrontar-te com elas e onde terás nova oportunidade de as enfrentar.

Se tiveres posto fim conscientemente à tua própria vida com a finalidade de escapar a essas questões nucleares, não o conseguirás. Acabarás por escolher o caminho inverso e virás, através do mesmo Corredor do Tempo e repetindo as mesmas experiências, até ao mesmo princípio.

Quando te referes às «questões nucleares» o que queres dizer?

As questões nucleares podem incluir o medo de ser abandonado, ou de não ser suficientemente válido ou bom, ou um pensamento de insuficiência, ou uma ideia de separação, ou uma série de outros pensamentos falsos que podes ter acerca de ti mesmo.

No fundo, todas as questões nucleares têm a ver com uma única questão: a tua identidade. As questões nucleares podem assumir diferentes formas, mas todas vão dar à Única Questão que Realmente Interessa: Quem Sou Eu?

Estás de passagem através do Espaço-Tempo Contínuo para conhecer o teu Eu e para o experienciar plenamente — e em seguida para *recriar o teu Eu* mais uma vez, na próxima versão mais grandiosa da visão mais sublime que alguma vez tiveste acerca de Quem Realmente És.

Dependendo da natureza da experiência que proporcionares a ti próprio no mundo físico, chegas ao Núcleo do Teu Ser e aventuras-te para o «outro lado» num estado de ser ou outro.

A minha experiência no Núcleo não garante que me Conheça plenamente, libertando-me de quaisquer questões pendentes que haja em mim mesmo?

A tua experiência no Núcleo SERÁ conheceres-te plenamente a ti mesmo. Na realidade, nunca te conhecerás mais plenamente. Contudo, podes escolher ou não libertar-te dessas questões. Tudo dependera de onde quiseres ir a seguir. Daquilo que desejares Conhecer. Daquilo que desejares Experienciar.

Não estou a perceber.

Eu vou descrever tudo isto em mais pormenor quando falarmos da própria experiência do Núcleo — a Imersão Total do Eu no Eu. Por agora, ficas a saber o seguinte: vais *emergir* da Imersão Total, e depois chegará o mais importante Momento de Livre Arbítrio que poderias imaginar.

Vou emergir? Não vou ficar lá? Não vou ficar em Imersão Total com Ele?

Não.

Fico, então, «do outro lado» por toda a eternidade? É lá que eu fico?

Não. Quando chegares ao «outro lado» — quando tiveres percebido que a «maçã» se transformou numa «laranja» (ou, por outras palavras, que passaste para uma nova realidade inteiramente diferente) — perceberás que estás ali por uma razão, com uma finalidade, e que o teu trabalho «do outro lado» é um trabalho surpreendente, excitante, alegre, mas que quando tiver terminado, estará na altura de regressares.

Foi ao Verdadeiro Eu, ao Eu Pleno, que foste apresentado e do qual foste recordado no Núcleo. As condições no «outro lado» são perfeitas para o trabalho de conhecimento completo do Eu fora do Núcleo, e ao fazê-lo abres caminho através do Corredor do Tempo para o limite exterior do «outro lado».

Explica-me isso outra vez, por favor. Que «trabalho» é este que a minha alma vai fazer do «outro lado»?

Não é trabalho no sentido em que um trabalho pode ser difícil ou árduo. Na verdade, trata-se de uma grande alegria. É a alegria de vir a Conhecer o que experienciaste durante a Imersão Total na Essência como real, como Quem És. Isto é o «Céu». Mais tarde vou descrever precisamente como é feito este trabalho.

Logo a seguir a teres terminado a tua vida física, quando passas para a terceira etapa da morte, a esperança torna-se realidade. Todas as ilusões da vida física foram reveladas precisamente enquanto ilusões. Os teus olhos foram abertos, a tua perspetiva foi alargada e aprofundada, e, depois de teres deixado partir os pensamentos e crenças mantidos na tua mente ao longo da segunda etapa da morte, começas a formar novas crenças.

Agora lembra-te da Fórmula para Toda a Vida, já que ela é verdadeira não só para a vida no corpo físico, mas também para a vida depois da morte: A Esperança é a porta da Crença, a Crença é a porta do Saber, o Saber é a porta da Criação e a Criação é a porta da Experiência. A Experiência é a porta da Expressão, a Expressão é a porta do Devir, o Devir é atividade de toda a Vida e a única função de Deus.

Não sei porquê, mas estou surpreendido por ouvir que há um lugar para tais coisas como «esperança» e «crença» na Vida depois da Morte.

A «Esperança» é uma energia. Nem mais nem menos. Todos os pensamentos são energias, e o que é comumente chamado de Vida depois da Morte nada mais é do que um campo de energia. É um Campo Cósmico de Possibilidades Infinitas. É enorme, é vasto, mas é bastante básico e fundamental na sua química, nos seus elementos energéticos, na sua construção e função. Na verdade, a sua elegância reside na sua absoluta simplicidade na sua base.

A Vida depois da Morte não é um tempo ou um lugar onde as almas existam como autómatos, sem emoções ou sentimentos. Pelo contrário, é um lugar onde os sentimentos e as emoções são primordiais, criando um campo contextual dentro do qual as almas recordam e vêm a Saber mais uma vez Quem Realmente São.

A «morte» é um processo pelo qual restabeleces a tua identidade. Aquilo a que chamamos «Céu» é o lugar onde isto é feito. O Céu não é um lugar em sentido estrito, mas um Estado de Ser. *O «outro lado» não é uma localização no cosmos; é uma expressão do cosmos.* É uma forma de ser. É «estar no Céu» através do processo de autoexpressão — que é a expressão da própria Divindade, no, em e através do Eu.

Estás a perceber agora?

No «outro lado» afastas-te do Núcleo do Teu Ser e penetras no reino espiritual, para que possas vir a Conhecer melhor aquilo que encontraste no Núcleo do Teu Ser como real, através da perspetiva do distanciamento e depois cria-lo EM ti, COMO tu próprio.

Caramba! O que é que eu encontro de tão espantoso no Núcleo do meu ser?

O Verdadeiro Eu, o Eu Pleno. A Glória e o Espanto de Quem És e do Que a Vida É.

Em suma: Deus.

Bom, mas e o que é? *Com que se parece?*

Mais tarde hei-de descrever-te o que é, tanto quanto isso é possível dentro das nossas limitações de comunicação atuais.

Por agora, será mais benéfico continuar com a nossa metáfora.

Está bem.

Uma vez no limite exterior do «outro lado» — isto é, depois de teres levado o que vieste Saber tanto quanto esteve ao teu alcance penetrar no reino do Saber, tu — metaforicamente — voltas-te e regressas, atravessando mais uma vez o reino espiritual, desta vez voltando ao Núcleo do Teu Ser com tudo o que Sabes.

Estás a levar o teu Conhecimento de regresso ao Núcleo do Teu Ser, desta vez para dar início ao processo mais sagrado: a recriação do Eu uma vez mais, na tua próxima visão mais grandiosa, no Nível do Núcleo. No teu momento de Livre Arbítrio, decides, partindo de tudo o que Sabes, o que desejas experienciar de Quem Tu És, através expressão física de ti mesmo.

Tendo mais uma vez passado pela experiência da Imersão Total — de seres “um com Deus” —, estás preparado para nascer de novo.

Vou deixar a «laranja» e regressar à «maçã»? Vou deixar o espiritual e regressar ao físico?

Sim.

Porquê? Para que havia eu de querer uma tal coisa?

Para que possas *experienciar* o que vieste *saber*. Saber algo e Experienciá-lo são duas coisas diferentes.

O processo que aqui estou a descrever é circular.

Entras no Núcleo do Teu Ser na sequência daquilo a que chamas «morte», com a finalidade de restabelecer a tua identidade. Atravessas o reino espiritual e através desse processo vens a Saber de Novo quem e o que és, plenamente. Regressas ao Núcleo do Teu Ser antes daquilo a que chamas «nascimento» para *recriar* a tua identidade novamente, na próxima versão mais grandiosa da visão

mais sublime que alguma vez tiveste acerca de Quem Tu És. Isto é, elevas a tua experiência e expressão do Eu, passando ao nível seguinte. É a isto que se chama evolução. Vives a tua vida no mundo físico, de maneira a poderes Conhecer o teu Eu pela tua própria Experiência. A reentrada no mundo físico — uma existência extremamente «pesada», densa, em comparação com a que acabaste de viver — produz uma perda da identidade total que acabas de estabelecer. Está desenhado assim. Se a conhecesses em plenitude, não poderias experienciá-la em cada uma das suas partes — e foi isso precisamente que vieste fazer ao mundo físico. Quando este «trabalho» está concluído (a experiência deve ser absolutamente feliz, tal como a tua existência na Vida após a Morte), «morres outra vez», e entras novamente no Núcleo do Teu Ser para restabeleceres a tua identidade em plenitude. Emerges de novo, e atravessas o reino espiritual para expressares quem e o que és em plenitude através do Conhecimento. Regressas ao Núcleo do Teu Ser antes daquilo a que chamas «nascimento» para recriares a tua identidade novamente, na próxima versão mais grandiosa dessa identidade. Dás vida a ti mesmo e vives essa vida no mundo físico, de maneira que possas Conhecer-te a Ti mesmo na tua própria Experiência. Quando este «trabalho» está concluído, «morres outra vez», e entras novamente no Núcleo do Teu Ser para restabeleceres a tua identidade em plenitude. Emerges de novo, e atravessas o reino espiritual para expressares quem e o que és em plenitude através do Conhecimento. Regressas ao Núcleo do Teu Ser antes daquilo a que chamas «nascimento» para recriares a tua identidade novamente, na próxima versão mais grandiosa dessa identidade. Dás vida a ti mesmo e vives essa vida no mundo físico, de maneira que possas Conhecer-te a Ti mesmo na tua própria Experiência. Quando este «trabalho» está concluído, «morres outra vez», e entras novamente no Núcleo do Teu Ser para restabeleceres a tua identidade em plenitude. Emerges de novo, e atravessas o reino espiritual para expressares quem e o que és em plenitude através do Conhecimento. Regressas ao Núcleo do Teu Ser antes daquilo a que chamas «nascimento» para recriares a tua identidade novamente, na próxima versão mais grandiosa dessa identidade.

O processo continua.

Eternamente.

A Imersão Total com a Essência no Núcleo do Teu Ser produz a atenuação de energia (aquilo a que poderia chamar-se ajustamento vibracional, ou «aceleração do espírito»), tornando possível a subsequente reemergência tanto no reino espiritual como no mundo físico.

O Ciclo da Vida continua eternamente porque é o desejo de Tudo O Que É Conhecer-se a Si Mesmo na Sua Própria Experiência.

Esta é, de facto a...

9. NONA RECORDAÇÃO

É o desejo de Tudo O Que É Conhecer-se a Si Mesmo na Sua Própria Experiência. Esta é a razão de toda a Vida.

Lembra-te que eu disse-te que uma alma alcança o Conhecimento Completo ao longo do caminho do mundo espiritual, e a Experiência Completa ao longo do caminho do mundo físico. Ambos os caminhos são usados, e é por isso que há dois mundos. Junta-os, une-os ao Núcleo, e tens o ambiente perfeito para criar o Sentimento Completo, que produz a Consciência Absoluta.

Lembra-te que eu disse-te que o momento da Consciência Absoluta — isto é, de Saber e Experienciar e Sentir Completamente Quem Realmente És — é alcançado em vários passos. Cada passagem pela vida física pode ser considerada um desses passos.

Nesse caso regresso ao mundo físico para poder adquirir «um mundo de experiências»!

Exatamente. É precisamente o que disseste.

Antes de fazeres essa jornada de regresso à fisicalidade, primeiro fundes-te novamente com a própria Essência do Ser no Núcleo do Teu Ser. Fundes-te, e em seguida emerges, para seguires a viagem em frente, para o extremo exterior do local de onde vieste.

Posso fazer uma pergunta aqui? Que acontece quando completo todos os passos — podemos chamá-los de «vidas» — e chego, finalmente, à Consciência Absoluta? Consigo finalmente permanecer no «Céu»? Fico dentro do Núcleo? Experimento a Imersão Total eternamente?

Não escolherias isso.

Por que não?

Se tu te autorrealizasses plenamente, o teu maior desejo seria experienciar isso como uma realidade física discreta.

E...?

E regressarias ao mundo físico.

Voltaria ao sítio de onde regressara.

Regressarias ao sítio de onde regressaras.

No mesmo corpo experimentando a mesma vida novamente, ou noutro corpo diferente experimentando uma vida diferente?

Seria como desejares. Decidirias isso quando chegasses ao maior Momento de Livre Arbítrio que possas imaginar.

Algumas almas que alcançaram a maestria optaram por voltar para experienciá-la no mesmo corpo em que deram os seus últimos passos no caminho. Outros optaram por voltar à fisicalidade num corpo totalmente diferente, vivendo uma vida totalmente diferente.

Seja como for, agora Saberias plenamente Quem Realmente És. Viverias em Consciência Absoluta. Tão absoluta seria a tua consciência, tão completo seria o teu Conhecimento e Experiência, que os outros conheceriam e experienciariam igualmente Quem Tu És, e eles te chamariam de Rabi, Mestre e Professor.

Talvez até jurassem que sou «o Tal».

Sim. Eles podiam pensar que não há outro como tu. Então, seria o teu trabalho convencê-los de que isso é impreciso, e que cada um deles é como tu, e que todos podem saber e experienciar tudo o que tu sabes e experiencias.

O que tu Sabes e Experiencias seria a tua maior alegria, e procurarias partilhá-lo com toda a gente. E nada te faria pensar em desistir da tua vida física se, caso o fizesses, isso significasse que poderias mostrar aos outros quem eles realmente são.

Pode parecer como se as outras pessoas estivessem a tirar a tua vida, mas tu saberias exatamente o que está a acontecer. Tu saberias que ninguém «morre» contra a sua vontade, nem num momento ou de uma maneira que não seja da sua escolha. E assim, usarias a tua «morte» como um momento de criação, produzindo em muitos outros uma abertura para uma Realidade Muito Maior.

Bem, então, seja como for — quer eu alcance a Consciência Absoluta ou continue a minha viagem até lá —, é verdade que eventualmente me encontraria no extremo externo da «maça», onde comecei, sim?

Sim. Terás completado o círculo.

E vais dizer-me que nessa altura irei voltar-me e passar por todo o ciclo novamente? E continuar, indo e vindo repetidamente?

Sim, se o decidires.

Então eu poderia realmente continuar a viver *a mesma vida*, mil e uma vezes?

Temos muito que falar sobre esse assunto aqui...

Também me parece.

CAPÍTULO 21

Nem todas as coisas são o que parecem. Há mais possibilidades em cada momento dentro de cada vida do que tu poderias ter alguma vez imaginado.

A COSMOLOGIA DE TUDO

Olha, eu ouvi acerca como todos nós vivermos muitas vidas *diferentes* — mas já me disseste várias vezes aqui que todos nós estamos a viver também a *mesma* vida repetidamente, como numa versão na vida real do filme *O Dia da Marmota*.

Isto é muito para tu entenderes, especialmente de uma só vez, então talvez devêssemos irnos um pouco mais devagar aqui.

Estás a fazer perguntas profundas e importantes sobre a «vida», «morte» e «morrer», e para entenderes completamente o que chamas de «morte» e «morrer», é necessário explorar alguns tópicos muito esotéricos do que pode ser chamado de a «cosmologia de tudo». Mas vamos um pouco mais devagar.

Está bem. Eu sinto como se estivéssemos a correr. Ou seja, de que tenho recebido mais dados nos últimos dez minutos...

Eu sei. Por isso, vamos voltar aqui um pouco e pegar alguns desses dados e examiná-los novamente.

Eu disse-te que és uma parte de Tudo O Que É. Tu és — para regressarmos à nossa memória — um átomo da maçã+laranja, e estás a viajar através dela.

Podíamos chamá-la de Maçaranja!

Essa é boa. Isso pode tornar esta imagem metafórica inesquecível. Vamos usar a palavra que inventaste para nos referirmos abreviadamente ao Espaço-Tempo contínuo.

Está bem. Combinado.

Vamos lá então. Podes viajar através da Maçaranja repetidamente, por qualquer percurso da tua escolha. Como eu tinha dito, pode ser o mesmo percurso que já escolheste anteriormente, ou pode ser outro percurso, outro «túnel».

E também podes escolher uma série de maneiras de te movimentares através do Corredor do Tempo, modificando os teus movimentos de momento para momento, se o desejares.

Que queres dizer com isso?

Bom, tu dizes-me como te vês a ti mesmo a deslocares-te ao longo do Corredor do Tempo. Vamos supor que estás suspenso no ar no meio desse corredor. Estás, literalmente, «suspenso no tempo». Nesse caso, em que direção te imaginas a deslocar-te?

Em frente. Vejo-me a andar em frente ao longo do túnel. É isso que estás a perguntar-me?

Há mais alguma direção em que pudesses deslocar-te?

Bom, *para trás*, imagino eu. Estás a dizer que podemos deslocar-nos para trás no tempo?

Ah, agora estás a tocar num assunto muito significativo. Mais significativo do que imaginas. Isso faz parte do Santo Questionário, de que já te falei.

Ah, é agora que vais dizer-me o que é o Santo Questionário?

Ainda não, mas já não falta muito. Ainda tenho algumas peças a pôr no lugar. A resposta resumida à tua outra pergunta é que sim, que podes «andar para trás no tempo», não apenas para outras vidas, mas *dentro* de qualquer vida particular.

Fascinante.

Mas consegues pensar em mais alguma outra direção em que pudesses mover-te ao longo desse túnel?

Hum, não. Só para trás e para a frente. Bom, talvez lateralmente, de um lado para o outro.

Exatamente. Se estivesses suspenso no Corredor do Tempo, também podias mover-te para a esquerda e para a direita. Haverá mais alguma outra maneira?

Para cima e para baixo?

Correto. Podias mover-te para cima e para baixo. E assim, há três formas de te deslocares que consegues ver — para trás e para a frente, para a direita e para a esquerda, para cima e para baixo. E consegues pensar em mais alguma outra maneira de te moveres?

Está aí alguém?

Estou a pensar?

Não, acho que não.

A maior parte das pessoas não consegue.

Porquê?

Porque a sua experiência delas mesmas existe num ambiente tridimensional. Mas que me dirias se eu te dissesse que há uma quarta dimensão espacial no interior desse túnel, uma quarta direção em que poderias mover-te?

Ficaria muito surpreendido. Não consigo imaginar do que se trate.

Poderias mover-te circunferencialmente. Partindo da tua posição, suspenso no Corredor do Tempo, poderias mover-te no sentido horário ou anti-horário.

Não tinha pensado nessa possibilidade.

No túnel tem três distâncias... a distância do princípio ao fim (para a frente/para trás), a distância de um lado para o outro (para a esquerda/para a direita), e a distância do topo para a base (para cima/para baixo). Também tem

uma quarta distância — a distância em *torno* do seu espaço interior (circunferência). Esta é a Quarta Dimensão do Tempo... e, por isso, há mais maneiras de se «deslocar através do tempo» do que poderias ter imaginado.

Tens razão. Nunca tinha pensado nesta quarta maneira.

Na realidade, no Espaço-Tempo Contínuo há mais de quatro dimensões espaciais.

Mais de *quatro*? Valha-me Deus! Quantas?

Neste caso o número pouco importa. Se quiseres conhecer melhor o assunto a um nível técnico, fala com um físico especializado em física quântica. Mais uma vez, estamos a falar apenas da ciência contemporânea. Para a finalidade desta discussão tudo o que interessa é saber e entender que nem todas as coisas são o que parecem. Há mais possibilidades em cada momento dentro de cada vida do que tu poderias ter alguma vez imaginado.

Mesmo assim, a viagem é a mesma, no sentido de que o destino é o mesmo. É o teu caminho que pode ter mais possibilidades de variação do que tu imaginas.

E o que é que determina a escolha que eu faço, dadas todas essas opções?

Tem a ver com aquilo que desejas experienciar. Todos os caminhos podem levar ao mesmo destino, mas cada «caminho» oferece diferentes experiências. Uma vez que estás a fazer viagens contínuas através do Espaço-Tempo Contínuo, em número infinito, a escolher todos os caminhos que te apetecer, não há «risco» de «perder uma oportunidade» para escolher qualquer caminho particular, de maneira que as tuas opções estão em aberto.

E isto continua para sempre? Nunca vou ficar no mundo espiritual para toda a eternidade?

Não ficas em sítio nenhum para toda a eternidade.

Nem sequer no Centro, no Núcleo do Meu Ser? Eu sei que já não é a primeira vez que pergunto, mas...

Continua.

Não fico em sítio nenhum por toda a eternidade?!

Deves colocar o espaço nessa palavra «nowhere» (nenhum lugar), como já te ensinei antes, para entenderes a afirmação. A palavra «nowhere» (nenhum lugar) com um espaço no meio revela: «now here» (aqui agora).

Tu ficas Aqui Agora por toda a eternidade.

Tempo e Espaço existem Aqui e Agora.

Isto, realmente, expande a mente. Então, céu, «paraíso», nirvana, reunião em êxtase com Deus, *não* está no Núcleo?

Está, sim — mas também está em *todos os outros lugares*. Não se trata de estar «aqui» e não «ali». Está *em toda a parte*.

No entanto, há algo de único em relação ao Núcleo que tu não encontras em nenhum outro lugar dentro do Espaço-Tempo Contínuo — e é por essa razão que vais até lá.

E do que se trata?

Da singularidade.

No Núcleo do Teu Ser, Tudo o Que És e Tudo o Que Tu És aparece na sua Forma Singular. É aqui que o Saber e o Experienciar se fundem.

Esta fusão pode ser criada por ti a qualquer momento e lugar dentro do Contínuo, mas no Núcleo do Teu Ser não há mais nada para «competir» com isso, nada que desvie a tua atenção disso. É tudo o que há.

Muito bem, então, nesse caso trata-se do *Céu*. *E é aí que quero ficar*.

Não, não queres. Isso é o que queres Saber e Experienciar, mas não é onde queres ficar.

Por que não? Estou certo de que me soa bem a mim!

Se Soubesses e Experienciasses Isso e Nenhuma Outra Coisa, acabarias por te perder nessa fusão. Deixarias de saber que *estavas* a fundir-te, porque não haveria outro Saber ou Experiência com que pudesses compará-los. Não saberias sequer quem és. Perderias a tua capacidade de diferenciar, de individuais o teu Eu.

Estás, na verdade, a dizer-me que o «céu» poderia tornar-se «numa coisa boa demais»?

Estou a dizer-te que tudo existe no Espaço-Tempo Contínuo num equilíbrio perfeito. A Essência de Quem Tu És Sabe precisa e exatamente quando o Processo da Própria Vida exige que te fundas e emergas do seu interior, para que Conheças a bem-aventurança da Unidade através da Experiência e a glória da tua Individuação.

O sistema funciona perfeitamente. O equilíbrio é preciso. A conceção tem a elegância de um floco de neve.

Para a Unidade retornas, e da Unidade emerges, uma e outra vez, eternamente e sempre, e até mesmo para sempre.

E esta é a...

10. DÉCIMA RECORDAÇÃO

A vida é eterna.

Sim, bem, todas as religiões nos dizem isso. Todas as tradições de fé na terra o proclamam. E agora aqui estamos nós novamente, a ouvir isso.

É verdade que vos tenho enviado esta mensagem através de muitos mensageiros ao longo de muitos séculos.

Rossiter W. Raymond foi escritor, editor, orador, teólogo, professor, romancista, engenheiro consultor de minas e advogado que viveu entre 1840 e 1918, e a sua citação mais famosa foi:

A vida é eterna; e o amor é imortal; e a morte é apenas um horizonte; e um horizonte nada mais é que o limite da nossa visão.

Suponho que ele tenha sido um dos teus mensageiros.

Foi sim.

E alguns artistas da atualidade também, imagino eu. Como a Carly Simon. Ela usou esta frase de Raymond quando gravou uma canção escrita com Teese Gohl, há alguns anos, para enviar uma mensagem a um público novo e mais alargado acerca de estar em Casa com Deus. E Alanis Morissette. Ultimamente ela tem dito *muito* acerca da vida e da natureza da existência através da música dela. E o realizador Stephen Simon, através dos seus filmes, e agora o seu Círculo do Cinema Espiritual. E...

Deixa-me explicar uma coisa com toda a clareza. *Todos* vocês são meus mensageiros. Cada *um* de vocês.

Todos vocês estão a enviar uma mensagem *à* vida *acerca* da vida *através* da vossa própria vida, vivida.

A questão não é «és tu um mensageiro?». A questão é «qual é a mensagem que tu estás a enviar?».

CAPÍTULO 22

Não existe tal coisa como a verdade.

NINGUÉM MORRE SEM TER EXPERIENCIADO TUDO O QUE VEIO EXPERIENCIAR AO MUNDO FÍSICO

A décima recordação não me surpreendeu rigorosamente nada, nem me deixou com falta de ar pela sua originalidade.

Tenho a certeza que não. Mas *devia* deixar-te com falta de ar pelo seu significado. Não haverá nada mais significativo que tenha sido dito nesta conversa interessante.

Quando sabes que a vida é eterna, não voltas a rezear a «morte», porque vês e percebes a sua natureza, a sua maravilha, a sua glória, a sua perfeição, e a dádiva impecável que é.

Talvez um dia eu venha a escrever um outro livro só acerca desse assunto: *Morte, a Dádiva Impecável*.

Seria sem dúvida um livro muito bom. Um pequeno manual. Um pequeno «livro de instruções» para os que estão a morrer e os seus entes queridos. Seria uma contribuição extraordinária.

Entretanto, temos esta conversa para concluir, de maneira que tu e os outros que estão a explorar estes assuntos com maior profundidade possam percebê-los.

O questão agora não é se, quando tivermos concluído esta conversa, vais perceber aquilo que sempre quiseste perceber, mas se vais acreditar naquilo que chegaste a perceber.

Por que não haveria de acreditar?

Porque a humanidade sempre teve a maior dificuldade em acreditar nas verdades mais esplêndidas, e as verdades acerca da «morte» são as mais maravilhosas de todas.

Há verdades maravilhosas, devo admitir. Eu quero muito acreditar em cada palavra aqui. Só espero que *sejam* verdade.

Estás a ver? Lá estás tu a pô-las em causa. Ah, vocês de pouca fé... Não vês que quando estás a pô-las em causa estás a pôr-te em causa a Ti Mesmo?

Se amas as verdades que encontras na tua alma, não as abandones apenas porque alguém de fora da tua alma não concorda com elas ou as ridiculariza ou põe em causa. Não estás a dizer que a tua verdade é A verdade. Estás a dizer que é a TUA verdade.

Não existe tal coisa como A verdade. Já falámos sobre isso. Que seja suficiente que tu entres em contato com a TUA verdade.

Esta é a minha verdade. O que estou a começar a entender através das minhas conversas contigo é a minha verdade.

Isso é o suficiente. Isso basta. Na verdade, isso é mais do que suficiente. Isso é muito poderoso. Sabes o quão poderoso é ter entrado em contato com a tua própria verdade — acerca *do que quer que seja*?

Outras pessoas entrarão em contato também com a sua própria verdade em resultado desta conversa. Porque, «na verdade», esta conversa não é apenas tua, é igualmente delas. Todos os que lerem estas palavras criam esta conversa. Sabias disso? Sabias que, ao leres estas palavras, tu estás a criar para onde vais a seguir?

Este é um conceito incompreensível. É difícil entender, porque o fim deste livro já existe. Podíamos saltar imediatamente para as últimas páginas e ver o que lá está. E se todos nós, que estamos a ler isto, estamos a criá-lo à medida que avançamos, como é que o fim já existe?

O livro na prateleira da biblioteca ricamente decorada já existia, também, mas não existia na tua realidade até que tu o *visses lá*. TUDO o que criaste já lá está. Tudo. O facto de já lá estar não significa que não o criaste. Significa simplesmente que tu não estás *consciente* de que o criaste, porque de onde tu estás agora no Espaço-Tempo Contínuo, tu não consegues *ver* isso.

Sabes o quão alucinante todas estas coisa são realmente?

Acho que tenho uma boa ideia.

Sinto-me tão feliz agora. Sinto-me como se tivesse recebido a explicação de tudo o que está por trás da cosmologia do universo. Isto é o mecanismo da vida e da morte. Suponho que agora posso ir em frente e morrer...

Escolherás «morrer» quando a tua vida na Terra estiver completa. A tua vida na Terra estará completa quando tiveres experienciado *tudo* o que vieste aqui experienciar.

Ou quando perceber que não experienciei tudo isso e que não há outra maneira de experienciar tudo isso ao longo do caminho que percorri.

Não. Enfaticamente, não. Isso não pode acontecer. Ninguém morre sem ter experienciado tudo o que veio experienciar ao mundo físico.

O quê?

Eu disse *que ninguém morre sem ter experienciado tudo o que veio experienciar ao mundo físico*.

Não existe tal coisa como estar “incompleto”.

É o que se entende por...

11. DÉCIMA PRIMEIRA RECORDAÇÃO

O momento e as circunstâncias da morte são sempre perfeitos.

Acredito nisso. Mas como pode o pai de uma criança que foi violada, mutilada e assassinada chamar as circunstâncias de uma tal morte «perfeitas»? Como fazer as pessoas, que viram os seus entes queridos morrer no 11 de Setembro, aceitarem uma tal morte como «perfeita»?

Estás a pedir muito aqui. Isto é levar a credulidade da maioria das pessoas ao limite absoluto.

Eu já disse que a elegância do desenho da vida é como a de um floco de neve. Parece quase demasiado perfeito para poder ser credível, demasiado bom para ser verdade. No entanto, posso dizer-te o seguinte: O conforto dos que sofrem só pode ser encontrado no conhecimento seguro da perfeição inquestionável de Deus.

Deus é perfeito, sempre e eternamente. Agora já só há mais uma coisa que tens de perceber: quem e o que é «Deus».

Eu disse-te várias vezes na nossa conversa, e vou dizer-te aqui e agora, uma vez mais e finalmente: DEUS e a VIDA são uma e a mesma coisa.

Assim, quando digo que «Deus é perfeito», estou a dizer que a *Vida é perfeita*. E é. O «sistema» assenta num equilíbrio perfeito consigo mesmo.

Todas as coisas acontecem no momento perfeito e de maneira perfeita. Nem sempre é possível perceber isto, ver isto, da perspetiva extremamente limitada da experiência humana. Trata-se de uma limitação do mundo físico. Contudo, essa limitação pode ser vencida.

Muitos «sábios» e «profetas» venceram esta limitação da percepção escolhendo uma perspetiva diferente, olhando para a vida de uma nova forma. Por essa razão, as suas mensagens foram muitas vezes ignoradas. As suas intuições continuam a ser menosprezadas. Muitas vezes eles próprios foram

condenados. E assim os cegos continuam a conduzir os cegos, porque os homens não dão ouvidos àqueles que veem.

Assim, deixem quem tem ouvidos para ouvir, que oiçam:

A imperfeição é impossível no Reino de Deus.

Sim, mas e aqui na Terra?

«Aqui na Terra» é o Reino de Deus. Não há nenhum lugar existente que não faça parte desse reino.

Não sei se estás a ver, mas nós aqui na Terra imaginamos tudo separado. Pensamos que a vida na Terra é a provação e o sofrimento que *nos permite* ir para o Céu e o Reino de Deus. E a nossa ideia é que a morte é a maneira de lá entrar.

Não há maneira de entrar no Reino de Deus. Não é lugar onde se entre ou de onde se saia. É um sítio onde ESTÁS sempre. É o único lugar onde podes estar.

Com certeza que às vezes não parece assim.

Isso só acontece porque não te recordas de quem és, e não tratas os outros como quem eles são. Se o fizesses, experienciarias o Céu na Terra. Estarias em Casa com Deus *em toda a parte. E sempre.*

Há alguma maneira pela qual as pessoas possam, alguma vez, entender isso?

Uma das maneiras são as conversas deste tipo. Não guardes esta conversa só para ti. Assegura-te de que ela chega às mãos do maior número possível de pessoas. Partilha-a com o mundo.

Mas antes disso faz o sentido desta mensagem penetrar profundamente na tua própria vida. Vê Deus em toda a gente e em tudo, e vê tudo como perfeito.

Já tinhas dito isso, quando falámos das pessoas que se sentem vítimas. Sugeriste que alteremos a nossa perspetiva e vejamos tudo como perfeito, mesmo quando, em termos humanos, é evidente que assim não é.

Talvez especialmente quando não é. Porque uma tal consciência vai trazer-te paz no meio do torvelinho, repouso num lugar de cansaço e de desgaste, perdão no momento em que podem surgir o ressentimento e a raiva, e um maior amor pela vida do que alguma vez sentiste.

Procura a perfeição em cada momento. Procura-a. De forma diligente. Com persistência. Não duvides que lá está, e que acabarás por descobri-la se procurares com profundidade suficiente.

Lembras-te de eu ter dito, quase no princípio desta nossa conversa, que teríamos outra oportunidade de explorar esta ideia de «perfeição», e que eu ia pedir-te que me desses um exemplo disso? Pois bem, agora vou pedir-te que contes a história do Billy, do teu retiro.

Eu sabia. Eu sabia que era este assunto que tu ias buscar agora. Foi a primeira coisa em que pensei quando a conversa começou a encaminhar-se para este ponto.

Muito bem. Então conta a história.

Está bem.

A «Helen» era uma das noventa e sete participantes num dos meus retiros, que têm sido realizados na semana entre o Natal e o Ano Novo nos últimos dez anos. Na última noite do retiro, antes do nosso ritual de resoluções de Ano Novo, a Helen levantou a mão e pediu o microfone.

«Esta semana ouvi dizer muitas vezes que Deus é o nosso maior amigo, que Deus é magnífico e nos ama, e que todos devíamos ter uma conversa com Deus todos os dias», começou ela. «Pois bem, se eu tivesse uma conversa com Deus, era para lhe dizer como estou zangada com Ele.»

«Está bem», disse eu. «Deus aguenta-se com isso. Mas a Helen está bem?»

«Não», respondeu ela, e desta vez a voz tremia-lhe.

«E a que propósito está assim tão zangada com Deus?»

A Helen respirou fundo.

«Há quase vinte e um anos atrás, eu e o meu marido adotámos um bebé, um rapaz. Há cinco anos que tentávamos ter filhos, mas eu não engravidava. Pensámos que nunca íamos ser pais. O meu relógio biológico ia avançando, de maneira que adotámos o Billy. Três semanas mais tarde descobri que estava grávida. Tive o bebé, outro rapaz, e criei-os aos dois como se fossem ambos meus filhos, embora tivéssemos dito ao mais velho, quando ele já era um pouco mais crescido, que era adotado. Queríamos ser honestos com ele. Dissemos-lhe que gostávamos dele como gostávamos do irmão, e sabíamos que os nossos atos lhe mostravam que isso era verdade. Nessa altura o Billy tinha 8 anos. Acho que ele deve ter contado isto inocentemente a alguns colegas, porque um dia voltou para casa muito zangado. No intervalo tinham-no provocado por não ter mãe. Toda a gente sabe como são os miúdos. Por vezes são muito cruéis. Diziam-lhe coisas como: «O Billy é tão feio que nem a mãe o quis.» Seja como for, voltou para casa magoado e furioso, a querer saber por que é que a mãe o tinha dado para adoção, e a exigir saber quem ela era e a querer vê-la imediatamente. Senti-me muito mal, como devem imaginar. Primeiro por causa do sofrimento e da angústia por que o Billy estava a passar, e depois também por minha causa. Senti-me cheia de tristeza porque, como é evidente, sentia que era a mãe dele. Lembrava-me das noites em que tinha acordado para lhe mudar as fraldas, de ter tratado dele quando esteve doente, e de todas as outras

coisas que as mães fazem pelos filhos e senti o coração despedaçado com a ideia de que o Billy já não me via como mãe. Mas compreendi o problema dele — tinha de o compreender — e prometi-lhe que quando fosse mais crescido, se continuasse a querer conhecê-la, isso acabaria por acontecer. Eu própria faria todos os possíveis por encontrá-la e proporcionar o encontro. O Billy pareceu ficar satisfeito com esta promessa, mas nunca venceu realmente a sua raiva. Manteve-a dentro dele o resto da sua infância e durante toda a adolescência, que foi muito difícil para nós. Conseguimos ultrapassar os problemas, mas não foi fácil para ninguém, e muito menos para mim. Quando o Billy já era mais velho voltámos a conversar acerca de ele conhecer a mãe e combinámos que quando fizesse 18 anos eu começaria a procurá-la se ele ainda tivesse vontade de se encontrar com ela. Ao longo de toda a adolescência foi-me recordando essa promessa. Finalmente o Billy fez 18 anos, e nesse mesmo dia morreu num acidente de mota.»

Todos os presentes no retiro tiveram uma exclamação abafada. De repente, a energia da Helen transformou-se em raiva.

«E agora quero que me diga», continuou, «como é que um Deus que nos amasse podia ter deixado acontecer uma coisa destas, precisamente quando o Billy ia conhecer a mãe, quando eu e o pai íamos finalmente pôr fim à tensão que existia entre nós? *Por que havia Deus de fazer uma coisa destas?*»

A sala mergulhou num silêncio pesado. Eu fiquei imóvel. Olhei a Helen por momentos e em seguida fechei os olhos e concentrei-me em mim mesmo. Ouvi os meus próprios pensamentos. «Pois bem, meu Deus, chegou o momento. Não sei o que dizer. Tens de me ajudar.»

«O Billy morreu nesse dia porque era o dia em que lhe fora prometido que ia conhecer a mãe — e assim aconteceu. Nesse dia a mãe já não estava entre nós.»

Mais uma vez, todos os presentes ficaram de respiração suspensa. Alguém pronunciou um «sim» enfático. Outra pessoa começou abertamente a chorar.

Eu continuei.

«Os acidentes são coisas que na realidade não existem, e as coincidências tão-pouco. Foi-lhe dado um filho biológico, embora até então não tivesse conseguido conceber e se tivesse convencido de que não ia conseguir fazê-lo, porque havia um plano, um plano mais elevado, em preparação. A dádiva especial do seu filho biológico resultou da sua disponibilidade para aceitar o Billy, para lhe dar um lar, para o amar e o educar como se fosse seu, e para cuidar dele até que ficasse pronto para conhecer a mãe e ela a ele. O dia da morte do Billy foi o dia mais feliz da vida dele. A sua gratidão por tê-lo conduzido àquele momento é eterna. Ainda agora rodeia o seu coração e cria um laço eterno consigo. O desígnio da Vida é perfeito, e isso em todas as circunstâncias e experiências humanas. Em todas as condições. A nossa oportunidade está em notá-lo. E isso constitui igualmente a nossa libertação. A nossa salvação. O fim do nosso sofrimento e da nossa dor.»

A expressão do rosto de Helen modificou-se imediatamente. Momentos atrás estava cheio de raiva, mas depois de eu ter falado tornou-se radioso. Todo o seu corpo parecia ter-se libertado da tensão. Pela primeira vez em muito tempo parecia descontraída. As lágrimas deslizavam pelo seu rosto, apesar de o seu sorriso luminoso encher a sala com a sua alegria.

A razão por que contei esta história é desejar que todos saibam aquilo que a Helen e os outros participantes do retiro agora sabem. O Céu deu-nos a todos uma «fórmula mágica». É uma fórmula capaz de dissolver qualquer tristeza, qualquer raiva, qualquer negatividade que rodeie a experiência humana. É uma fórmula que nos permite recriar-nos a nós próprios de raiz. É fácil de recordar, e contém apenas três palavras:

VÊ A PERFEIÇÃO.

E resultará? Funcionará realmente?

No dia de Ano Novo, a Helen entregou-me uma folha escrita com a sua letra na noite anterior, quando passeara sozinha sob o céu estrelado do Colorado. Tal como Robert Frost e Lisel Mueller, também ela transformara em poesia a beleza do seu conhecimento:

*Vim aqui com o coração pesado,
Com um coração receoso de chorar.
Já lá vão três anos desde que Billy partiu
E eu não conseguia dizer-lhe adeus.
Fiquei parada, de pé, ao lado da sua campa
E nem sequer conseguia chorar.*

*Tínhamos um acordo, disse-lhe eu
E tu partiste sem avisar.
Já lá vão três anos desde que Billy partiu
E Deus ainda não tinha querido
Acalmar esta dor, sarar este coração.
Dar-me lágrimas para chorar.*

*E depois Deus falou. Fez-me notar
Que embora Ele tenha tentado,
O meu coração estava fechado e não conseguia ouvir
O seu suspiro eterno e delicado.
E embora tenha sido apenas a voz do Neale*

*A trazer-me a mensagem do alto,
Hoje o meu espírito ouviu as palavras de Deus
E agora os meus olhos podem chorar.*

*Fui dar um passeio nesta noite estrelada.
Chegou finalmente o momento de tentar
Encontrar a alegria para libertar o meu filho.
Chegou o momento de dizer adeus.
E foi o que fiz. E uma estrela cadente
Atravessou o céu numa dança.*

CAPÍTULO 23

Nenhuma morte é desperdiçada e toda a morte traz uma mensagem, tanto aos que partem da Terra como aos que nela permanecem.

NINGUÉM NUNCA MORRE EM VÃO

Essa história é magnífica. Mostra perfeitamente de que maneira cada viagem através do Espaço-Tempo Contínuo tem a finalidade de conduzir cada alma a uma experiência especial, e como o momento e as circunstâncias de cada «morte» são sempre perfeitos.

Sim, eu percebo em que sentido foi «perfeito» que este jovem tivesse deixado o seu corpo no momento em que deixou, porque disse que queria conhecer e encontrar-se com a mãe biológica, e como este desejo lhe foi concedido através do expediente da sua própria morte.

O que não vejo é como pode ter sido «perfeito» que tudo tivesse acontecido dessa maneira — e não vejo de maneira nenhuma como é que esse jovem teve a tal «experiência especial» que veio a este mundo ter.

Billy veio ao mundo para passar pela experiência de se sentir frustrado toda a sua vida e de ter de morrer num acidente de mota apenas para finalmente conhecer a mãe? Ora...

Não presumas que podes saber, ou deduzir pelos «factos», qual o caminho da alma. Não podes conhecer as delicadas tramas cocriadas por todos os Seres Abençoados envolvidos na experiência de vida que acabámos de relatar. Billy veio aqui para atender a TODAS as agendas.

Todas as agendas?

Houve aqui muitas almas a interagir e a cocriar, como acontece sempre em todos os momentos da vida, em toda a parte. Neste caso essas almas incluíram aquele jovem na mota, a sua mãe biológica, a sua mãe adotiva, o seu pai adotivo, e o irmão — bem como a alma da pessoa que ia a conduzir o veículo que chocou com a mota dele e o matou.

E isto nada nos diz nada em relação às outras almas, algumas delas mais afastadas, como a do pai biológico do Billy, nem às dos familiares e amigos de todas estas pessoas ou — estás preparado para ouvir isto? — A TI, e às pessoas *presentes no teu retiro?*

Cada um tem uma agenda que está a ser atendida.

E assim, com esta compreensão, chegamos à...

12. DÉCIMA SEGUNDA RECORDAÇÃO

A morte de cada pessoa serve ao propósito de todas as outras pessoas que estão cientes disso. É por isso que elas estão cientes disso. Portanto, nenhum morte (e nenhuma vida) é “desperdiçada”. Ninguém nunca morre “em vão”.

Isto faz-nos ver as tragédias pessoais, bem como os desastres nacionais, ou as mortes em massa, ou ainda a morte de cada pessoa individual, a uma luz inteiramente diferente. De súbito, tudo, da morte de uma criança no berço à aniquilação de milhares de pessoas pode ser entendido de uma maneira inteiramente nova.

Sim.

Quando percebes as intermináveis e miraculosas inter-relações da vida, cada morte é transformada num evento de significado celestial.

As mortes do 11 de Setembro, do maremoto de 2004, dos furacões de 2005, do genocídio em Darfur ou do Holocausto são todas elas elevadas a um lugar de honra.

As mortes de muitas avós depois de muitos anos acamadas, as mortes de crianças que são atropeladas por não prestarem atenção aos carros, as mortes dos doentes de sida, dos pilotos de testes, as mortes daqueles que morreram em paz e dos que morreram de mortes violentas, as mortes heroicas e as que passaram despercebidas — todas as mortes são elevadas a uma posição de extraordinário significado, e cada morte redime todas as outras mortes.

Todas as mortes são redentoras porque todas as mortes devolvem cada alma à verdade acerca de si mesma, à verdade da vida, à verdade de Deus — e todas as pessoas que são tocadas por qualquer morte são abertas a esta verdade, e portanto também podem experienciá-la.

Como te digo, nenhuma morte é desperdiçada e toda a morte traz uma mensagem, tanto aos que partem da Terra como aos que nela permanecem.. És tu que tens de procurar e encontrar essa mensagem, de a ouvir, de lhe prestar atenção.

Qual é a mensagem do Holocausto? Qual é a mensagem do 11 de Setembro? Qual é a mensagem do maremoto de 2004, da morte de um doente de sida ou do avô afetuoso que parte a meio da noite?

Na verdade, qual é a mensagem e a finalidade de *toda a morte e de toda a vida*?

Vais dizer-nos? Podes dizer-nos aqui?

A mensagem é o que anuncias que seja. O propósito é o que demonstras que é. Fazes o anúncio e a demonstração vivendo a tua vida.

Tu és a mensagem e o mensageiro. Tu és o criador e o criado. Tu estás no processo de produzir a mensagem enquanto a estás a entregar. Na verdade, o processo de entrega-la É o processo de produzi-la. Eles são uma e a mesma coisa.

Pensa nisto. Pensa profundamente nisto.

Isto eu posso dizer-te: a Própria Vida é uma glória e uma maravilha além de qualquer coisa que tu tenhas imaginado anteriormente — e tu, tu mesmo, és uma glória e uma maravilha muito além de qualquer coisa que tu tenhas experienciado anteriormente.

Esta vida, que estás a viver — esta vida que és — dura para sempre e é eterna. Nunca acaba, nunca.

Todas as almas interagem e criam coletivamente em todos os momentos. Todas as almas. Há qualquer coisa de inter-relacionado a acontecer. É essa inter-relação que produz a surpreendente tapeçaria da vida. Cada fio segue o seu caminho, mas supor por isso que cada fio «está por sua própria conta» seria menosprezar em grande escala a maneira como o Grande Quadro é criado.

Meu Deus...

Teu Deus, de facto.

Então a vida não é uma experiência singular.

Na verdade, É.

É a experiência da Singularidade, Conhecendo-se a Si Mesma como Si Mesma através das experiências das suas Individuações. Há apenas uma Agenda Única, e esta é servida por meio das experiências distintamente diferentes, mas notavelmente conjuntas, de cada um de nós.

Esta Agenda Única é para que a Divindade seja expressa e experienciada em todo o seu esplendor, e para recriar e definir-se novamente em cada momento dourado do Agora. COMO ela se expressa a si mesma, COMO ela se experiencia a si mesma, COMO ela se define a si mesma, depende de ti. Essa é a decisão que estás a tomar todos os dias. Essa é a escolha que estás a demonstrar a cada

momento. Estás a fazê-lo individual e coletivamente. Todo o ato é um ato de autodefinição.

Desta verdade, e de muitas outras, serás recordado quando te fundires com o Núcleo do Teu Ser. É aqui que tu serás rejuvenescido, reunido e reintegrado, caso tenhas esquecido a Agenda Original, caso tenhas perdido a tua memória e o teu senso de Quem Realmente És. E se não a perdeste, mas tens uma plena consciência de tudo isso e uma experiência completa de ti, é no Núcleo do Teu Ser que serás restabelecido.

O grande mal-entendido de todos os que esqueceram a Verdade Suprema, a grande ilusão de todos os que vivem em amnésia temporária, é que há um sítio onde têm de «ir», um sítio para onde têm de viajar para «chegar ao Céu», ou para se «unirem a Deus», e experienciar a bem-aventurança eterna.

Não há lugar para onde ir, nada que precises de fazer, e nada que precises de ser, exceto exatamente o que estás a ser agora, a fim de experienciar a bem-aventurança do Divino.

Tu és a bem-aventurança do Divino, e simplesmente não o sabes.

Nesse caso para quê dar-se ao trabalho de fazer estas viagens intermináveis pela *maçaranja*? Por que estou continuamente a viajar através do Espaço-Tempo Contínuo? Por que empreendi esta busca sem fim por Deus?

A tua viagem não é uma BUSCA eterna por Deus; é uma EXPERIÊNCIA eterna de Deus.

Percebida desta maneira, a razão da continuidade da viagem torna-se evidente. A viagem é um processo. É a maneira como Conheces Deus — na realidade, COMO te conheces a ti mesmo como aquilo que é Divino. Assim, esta viagem é a tua maior alegria.

Está bem. Nesse caso estou a fazer estas «viagens» através do tempo e do espaço para experienciar Deus. Mas quando é que O encontro realmente? Há bocado disseste que Deus será a primeira experiência que terei depois da minha morte.

Se acreditares que será, então será. Mas não precisas de esperar até lá. *Na verdade, tens-te encontrado com Deus durante todo este tempo. É isso que tenho estado a dizer-te.*

É aqui que está o erro central da maior parte das teologias humanas: pensas que um dia vais encontrar Deus. Imaginas que um dia voltarás para Casa para Deus. Mas *nunca* regressarás a Casa.

Na verdade, *nunca* de lá saístes.

CAPÍTULO 24

O Universo inteiro é composto de uma coisa, agindo de forma diferente... Tu estás a experienciar o teu EU como uma Individualidade Múltipla.

AS SUPERCORDAS, O ESPAÇO-TEMPO CONTÍNUO E A SINGULARIDADE E O CORREDOR DO TEMPO

Bom, tal como tinhas dito que farias, já começaste a passar mais de uma vez pelo mesmo ponto. E aquilo que estás aqui a construir é nada mais nada menos que uma espiritualidade inteiramente nova. É uma nova maneira de olhar as coisas.

Em tempos imaginava que estava fora da maçã, que o meu sonho e a minha esperança era vir a conhecer o seu sabor. Foi isso que a velha espiritualidade me ensinou. Mas o que tu me estás a dizer é que eu não estou fora da maçã; sou uma *parte* dela, desloco-me *através* dela e *a maçã no seu conjunto* é Deus. Deus não só está no centro da maçã, mas é ele próprio o centro de todas as coisas. Deus É todas as coisas.

Sim, isso está correto.

Agora estás a usar a metáfora para ver para além dela.

Tens imaginado que estás fora de Deus, mas não estás fora de Deus. Não PODES. Deus é Tudo O Que Há. É impossível que qualquer coisa exista fora de Tudo O Que Há.

E nesse caso, eu sou...

— isso está correto. Como já tinhas dito, fazes parte da maçaranga movendo-se através da maçaranga. Tu és uma parte de Deus, provando o sabor de Deus.

E de que maneira faço isso que dizes? Quero eu dizer, como se processa o meu movimento eterno, cíclico, através dos Corredores do Tempo, que me proporciona o tal «sabor de Deus»?

Proporcionando-te a experiência infinita de ti mesmo como o criador. Deus é o Criador, e quando te experiencias a ti mesmo como o criador, experiencias-te a ti mesmo como Divino.

Já antes te disse que todo o universo é composto de Uma Só Coisa, atuando de formas diferentes. Os vossos cientistas estão a chamar a esta Uma Só Coisa

de energia básica da vida, que se manifesta sob a forma de minúsculas «supercordas» que vibram a diferentes velocidades. As variações nestas vibrações produzem as variações na matéria física que compõem todas as coisas do universo.

Também disse que tu eras composto da mesma coisa. Agora que sabes isto, e uma vez que sabes que a «matéria» aparece de forma diferente dependendo das diferentes vibrações destas supercordas, tudo o que precisas de perceber para criar a realidade física que desejas *é como fazer as supercordas vibrarem de acordo com o que pretendes.*

São a velocidade e o padrão da vibração das cordas que criam as manifestações físicas particulares.

Está bem, mas sendo assim o que é que faz que essa vibração aumente ou diminua? O que é que faz a sua frequência ser mais elevada ou mais baixa?

Tu.

Eu?!

Sim, todos vós. Com os vossos pensamentos, as vossas palavras e as vossas ações.

As coisas que pensas, as coisas que dizes e as coisas que fazes enviam uma «vibração» do centro do teu ser. Os pensamentos não passam de vibrações. Como sabes, podem ser medidos. As palavras são vibrações das tuas cordas vocais. As ações são todo o teu corpo físico a vibrar de uma forma ou de outra.

Estas vibrações formam padrões particulares e obtêm frequências particulares, e estas flutuações produzem tipos particulares de perturbações nos padrões de energia que são a Própria Vida. Tais perturbações nada mais são do que movimentos padronizados e variáveis destas supercordas invisíveis, e são estas vibrações variáveis que produzem matéria física variável.

É esta a alquimia da vida!

Sim. Podes modificar a «frequência da vida» com aquilo que estás a pensar, a dizer, ou a fazer, produzindo desta maneira modificações no padrão de energia que és «tu» e na energia que «tu» emites e envias para o mundo.

As mudanças no campo de energia dentro e à volta de ti produzem novas flutuações localizadas no imenso Espaço-Tempo Contínuo no qual existes, e é isso que causa os *novos* efeitos físicos da tua vida.

Que tipo de pensamentos, palavras e ações produzem as frequências mais benéficas? Eu penso que conheço a resposta, mas seja como for gostaria que me disseses.

Claro que conheces a resposta. Os pensamentos, as palavras e as ações positivas produzem as frequências mais benéficas nas vibrações das supercordas, ou nos padrões de energia da vida.

A meditação e a oração são maneiras de produzir alterações nas energias. Visualizar aquilo que desejas é uma forma elevada de manipulação de energia. Dizer o que pensas é uma forma elevada de ajustamento de energia. Tais atividades alteram a vibração das supercordas que te compõem e a tudo o que te rodeia.

O próprio tempo também é experienciado de diferentes maneiras dependendo das mudanças vibracionais que ocorrem com as mudanças no teu estado de consciência. Se o teu estado de consciência estiver alterado, o tempo pode parecer parado ou acelerado de forma dramática.

Muitas são as pessoas que estiveram profundamente em meditação pelo que pareceu uma eternidade — apenas para descobrirem que apenas alguns momentos se passaram na Realidade Externa. Por outro lado, não é incomum que uma pessoa esteja em oração ou contemplação silenciosa pelo que parece ser um curto período de tempo, depois olhe para o relógio e descubra que se passou uma hora ou mais.

As pessoas experienciam isto e depois dizem que o tempo pode parecer que se contrai ou se expande. O que realmente está a acontecer é que vocês estão a mover-se mais devagar ou mais rapidamente pelo Corredor do Tempo, que não está a contrair-se ou a expandir-se de forma alguma.

Isto é um breve curso de metafísica extraordinário. Talvez devêssemos chamar isto de «cosmologia metafísica». Ou ainda «cosmologia metafísica *metafórica*». Mas não devemos rotular isto de “ciência”, porque teríamos muita gente a desmascará-la com bases científicas. E com toda a razão fá-lo-iam porque, com base no que a ciência sabe atualmente, muito disto não fará sentido.

Ficarias surpreendido com o quanto disto fará todo o sentido.

Dito isto, que parte deste breve curso é realmente necessário, na tua opinião, para entender a vida e a morte? Quero dizer, nós entrámos em tantos assuntos aqui...

Pode ser muito útil saberes, a um nível teórico, o que está a acontecer no *processo* da vida e da morte, bem como a maneira e a razão pela qual acontece.

Está bem. Então vamos explorar melhor esta ideia de que há muitas «rotas» através do Espaço-Tempo.

— um número infinito delas —

— e que eu posso tomar qualquer rota que eu desejar.

Podes. Incluindo, como já observámos, aquele que já escolheste. Na realidade, é o que fazes muitas vezes.

E, quando o faço, posso experienciar as mesmas coisas que já experienciei, ou não, conforme aquilo que escolho, não é verdade?

Sim, é precisamente isso.

Mas como funciona o processo? Como faço esta escolha?

Através daquilo para o qual olhas, através daquilo para o qual prestas atenção. Aquilo para o qual olhas é aquilo que experiencias.

Sim, já me tinhas dito. Mesmo assim, preciso de um pouco mais de ajuda aqui. Acho que começo a perceber isto, mas preciso de um pouco mais de ajuda.

Lembras-te de eu te ter pedido que imaginasses marcas no túnel? Lembras-te das marcas no Corredor do Tempo?

Sim. Tu disseste-me que eram, na verdade, imagens, pinturas.

Precisamente. Tens muito boa memória. Bom, agora, na tua imaginação vamos transformar isso num mural. Num mural sem fim. Cobre ambas as paredes do túnel, o teto e o chão. O mural está em toda a parte à tua volta. Consegues imaginar isto?

Sim.

Muito bem. Agora digamos que na tua primeira passagem pelo «túnel do tempo», ou «corredor do tempo», a tua atenção é captada num ponto particular por uma parte deste mural. O mural tem muitas partes, que te rodeiam por todos os lados, mas tu avançaste e estás a olhar para uma parte e é nela que estás concentrado. A seguir continuas a andar, mas lembras-te de que nessa parte do túnel experienciaste uma parte da pintura. Chamas agora a isto o teu «passado». Estás a seguir o fio desta história metafórica?

Acho que sim. Continua.

Na viagem seguinte atravessas este túnel do «tempo» particular no mesmo ponto em que o atravessaste antes. Talvez avances um pouco e olhes para um

novo ponto no mural. E vê qualquer coisa inteiramente nova. Concentras-te noutra parte da pintura. Podes fazer isto no mesmo «momento», através do teu movimento da esquerda para a direita, para cima e para baixo, para trás e para a frente, ou em *circunferência*, no Corredor do Tempo.

Lembra-te de que há pinturas a toda a tua volta em cada «momento» do «tempo». Se apenas te movimentares para a frente e para trás, para cima e para baixo, para a esquerda e para a direita ao longo do corredor, limitas as tuas opções em relação às figuras de que te podes aproximar e que podes ver. Contudo, se te deslocares em circunferência, podes explorar todas as imagens que existem num momento único, ao moveres-te em torno do «anel do tempo» que representa esse nanossegundo particular. É como moveres-te em torno dos limites de um floco de neve. Lembra-te que eu disse que cada momento é como um floco de neve. Não há dois iguais em toda a eternidade.

E se eu alterar uma única coisa em qualquer destes anéis, mudo todas as «pinturas» que se seguem.

Exatamente. É assim que podes escolher o mesmo caminho, mas ver coisas diferentes.

Valha-me Deus! Acho que sou praticamente o Senhor dos Anéis!

Pois és, de facto.

O anel, ou círculo, sempre foi um símbolo sagrado que significa eternidade, completude, amor infinito e viagem interminável.

Mas, se estou a fazer esta viagem interminável, não reconhecerei — isto é, o mural está por toda a parte à minha volta... Não reconhecerei rigorosamente nada?

Oh sim. Quando viajares em espiral através do Corredor do Tempo, muitas vezes os teus olhos irão deparar-se com uma parte do “mural” que viste anteriormente, e dirás: “Já estive aqui antes! Está tudo exatamente como era então.”

Déjà vu!

Precisamente.

Por vezes, quando viajas em volta de um «túnel do tempo», experiencias a tua própria pessoa a receber uma «mensagem» ou a receber «instruções». Poderia tratar-se de um aviso... «Não vás nessa direção. Não te concentres nessa parte do mural.» Ou poderia ser um convite... «Olha para *esta* parte do mural. Vê esta pintura, aqui.»

Sim! Já tive essa experiência! Quem é que me está a dizer essas coisas?
Tu?

Tu. TU próprio estás a dizê-las a ti mesmo. É a Individuação da Singularidade que te está a enviar essas «instruções», que chegam sob a forma daquilo a que chamas «dicas», «palpites», «intuição feminina» ou «sugestão psíquica».

Estou a falar comigo mesmo.

Estás.

O meu «eu futuro» está a falar para o meu «eu presente».

Podes pôr as coisas dessa maneira. E, se te ouvires cuidadosamente a ti mesmo, podes experienciar qualquer ponto do «tempo», ou toda a tua viagem através do túnel, de uma maneira inteiramente diferente.

Nesse caso.... deixa-me ver se percebi bem... estou a deslocar-me constantemente através do Tempo e do Espaço, e estou a tomar rotas inteiramente novos —

— Aquilo a que chamas «viver diferentes vidas» —

— ou seguir o mesmo caminho que antes.

Aquilo a que chamarias «viver novamente a mesma vida», durante a qual tens sensações de déjà vu— a impressão de já teres estado naquele sítio.

Mas se tudo isto estiver a acontecer no *mesmo momento*...

Está. Lembra-te de que há apenas uma *maçaranja*. O Espaço-Tempo Contínuo é a Singularidade. Não há nada a não ser a Singularidade.

...nesse caso tenho de existir *dentro* da Singularidade em diferentes pontos simultaneamente. Já antes falámos disto, quando explorámos a ideia das realidades alternativas. Estás a dizer que posso estar em dois sítios ao mesmo tempo?

Podes estar em muitos sítios ao mesmo tempo, e não apenas em dois. E estás.

Sou a Individuação da Singularidade a experienciar simultaneamente a vida de uma forma sequencial!

E agora percebeste perfeitamente.

O «tu» que és Tu — o Tudo que é a Individualidade — expressou-se multitudinariamente.

Eu sempre soube que tinha múltiplas personalidades!

Em termos metafísicos, estás a experienciar o teu Eu como a Individualidade Multitudinária ou Individualidade Múltipla.

Meu Deus, não admira que tenhas de voltar atrás para falar destes assuntos. Parece-me que sou a individuação múltipla da singularidade, a experienciar a vida sequencialmente simultaneamente.

Estás a ver como é difícil pôr estas coisas em palavras? Tens de inventar palavras e expressões que não existem para conseguires pelo menos aproximar-te do que há a dizer.

Mas eu percebo o que estás a dizer! Estás a dizer que tenho vivido muitas vidas, que já vivi ESTA vida muitas vezes.

Está correto. Exceto que serias capaz de perceber ainda melhor — estarias a afirmar com mais precisão — se não usasses o tempo verbal no passado.

Estou a viver muitas vidas, e *estou a viver* ESTA vida muitas vezes.

Agora é que disseste bem.

Quase.

Quase?

Ainda há um pequeno pormenor...

Que pormenor é esse?

Tu pintaste o mural.

O quê?

Tu podes alterar o quadro em qualquer momento.

O QUÊ?

Podes acrescentar coisas, apagar qualquer parte dele, colorir ou alterar a cor de qualquer parte dele sempre que passares por qualquer ponto do «tempo». Podes alterar a pintura da maneira que desejares, sempre que o desejares.

Oh, meu Deus, as supercordas são os meus pincéis!

Bom trabalho! Boa analogia.

Então nada NUNCA tem que ser da maneira que era antes forçosamente!

Precisamente.

Isso significa que as possibilidades são *infinitas*.

Correto.

Então... neste caso... isto poderá *continuar para sempre*.

Continua, minha maravilha que és. Continua.

CAPÍTULO 25

A morte é a passagem entre o mundo físico e o reino espiritual... e o retorno deste para aquele.

CRIAS A TUA VERDADE ATRAVÉS DAQUILO EM QUE ACREDITAS

Assim, estou a “pintar o mural” no Corredor do Tempo alterando a vibração da energia da vida que gira em mim e à minha volta.

Sim.

Com os teus pensamentos.

Tu vais «pintando» à tua frente com os teus pensamentos.

E com as tuas palavras.

Tudo o que dizes pinta uma imagem de quem pensas que és, e de como imaginas que a vida é.

E com as tuas ações.

Tudo o que fazes expressa algo sobre ti. Estás a colocar as imagens de todas as possibilidades no mural. Tudo o que tu sempre pensaste que seria possível — cada esperança, cada sonho, cada preocupação, cada pesadelo — está tudo no mural.

Misturaste a tua metáfora com física quântica, que diz que todas as possibilidades existem.

Exatamente.

E eu experiencio todas as possibilidades que observo.

Exatamente. Isso é a metáfora E a mecânica quântica, tudo numa só imagem. Lembra-te de que é a física quântica que diz que tudo o que é observado é afetado pelo observador. A metáfora diz: «A parte do mural a que estás a prestar atenção é aquilo que experiencias.»

A *Física e a Metáfora* estão a dizer a mesma coisa. Apenas usam uma linguagem diferente!

Finalmente estás a perceber o quadro geral. A cada minuto que passa percebes melhor.

A questão aqui é que tens muitos pensamentos, mas não tens de prestar atenção a todos eles. De facto, mesmo que quisesses não conseguias. Acabarias por perder a cabeça.

No entanto, *há* aqueles que veem uma parte maior do mural de uma só vez que os outros de nós. Muitas vezes eles são rotulados como tendo «síndrome de défice de atenção».

De facto, não se trata de défice de atenção, mas de excedente de atenção. Esses indivíduos têm uma capacidade de atenção mais ampla do que a maioria das pessoas. Eles veem através de um espectro mais amplo da Realidade Suprema. Eles “absorvem” muito mais. Depois de entenderes isto, começarás a tratar essas crianças e adultos de forma diferente, chamando a muitos deles de “dotados”, “psíquicos” ou “índigos”.

Wow, estás a explicar *tudo* aqui.

Não, tudo não. Seriam precisas mais conversas acerca da eternidade do tempo para explicar «tudo». Mas é bom que estejamos a ter esta conversa, por limitada que seja. Isto porque basta começares a perceber realmente como a vida funciona, e o que representa a morte, para começares por fim a sentir-te em Casa com Deus.

Ansiaste por esta experiência durante muito tempo. Agora chegou a altura. Chegou o momento de passar para o nível seguinte, de melhorares a tua compreensão. Foi por esta razão que a tua alma te trouxe aqui. É por esta razão que estás a criar esta experiência. É ainda por esta razão que estás a produzir este diálogo.

Estou a ensinar a mim mesmo como fazer a vida funcionar.

Sim. Tens estado a ensinar tudo isso a ti mesmo todo este tempo. Agora estás simplesmente a ganhar velocidade. Estás a proporcionar a ti mesmo a base teórica da vida, a usar um pouco de metáfora, um pouco de ciência, um pouco de metafísica e muita espiritualidade.

Estou a perceber. Estou a ver. De maneira que agora o que quero saber é o que posso ter, a maneira como posso trabalhar com isso, as imagens que eu, por mim próprio, estou a pintar no *Mural das Possibilidades*, ao longo do Corredor do Tempo.

Quando vês uma imagem, nos olhos da tua mente, de algo que não escolhes como parte da tua realidade, nem penses nisso uma segunda vez. Imagina outra coisa.

Isso vale para tudo na vida, não é verdade?

Sim, vale. E também vale para a «morte».

O que é incrível. Quero eu dizer que já é surpreendente pensar que estamos a criar a nossa própria realidade durante a vida, quanto mais pensar que estamos a criar a nossa própria realidade depois da «morte».

Não é assim tão surpreendente quando percebes que Não Há morte.

Sim, agora percebo a sétima recordação, «a morte não existe», a um nível muito mais profundo. O que queres dizer com isso é precisamente o que já tinhas dito: a morte não existe *como a tínhamos imaginado*.

Continua.

Agora ouço-te melhor quando dizes que existe esta experiência a que chamas «morte», mas não é um «fim» para as nossas vidas — ou um fim para o que quer que seja. A «morte» está realmente no centro de tudo. É o «caroço da maçã».

Sim. É a experiência central da tua vida. É aquilo que te leva ao Núcleo do Teu Ser. É onde se encontram as sementes da nova vida. As sementes da nova vida encontram-se sempre no Núcleo.

A «morte» é algo através da qual te moves por forma a chegares ao «outro lado». É a passagem entre o mundo físico e o reino espiritual, e *vice-versa*.

Parece-me que esta é a grande revelação da metáfora. Mesmo quando uma alma vive no reino espiritual, chega um dia, chega uma altura, em que «morre».

Chega uma altura em que «nasce de novo». É nessa altura que a alma se torna física mais uma vez.

E isso acontece quando passa através o Núcleo e reemerge de novo no mundo físico.

Sim.

Estás a ver tudo perfeitamente através da metáfora da *maçaranja*.

Mas isso significa que, para a alma...

É precisamente isso que significa. Acabas de acertar na...

13.DÉCIMA TERCEIRA RECORDAÇÃO

Nascer e morrer são a mesma coisa.

A experiência da morte e a do nascimento são idênticas?

No Centro do Núcleo do Teu Ser, sim. Para a tua alma, sim. Ambos são simples atenuações de energia, que agem de forma não muito diferente da de

transformadores de energia, facilitando as transições de um mundo para o outro.

As palavras «*morte*» e «*nascimento*» podiam muito bem ser eliminadas de todas as línguas humanas. A palavra «*criação*» podia facilmente substituí-las em ambos os casos.

O nascimento e a morte são momentos de criação. São os Momentos Primordiais.

Nesse caso, em vez de dizermos Fulano ou Cicrano «nasceu» hoje, podíamos dizer que Fulano ou Cicrano foi «criado» hoje. E em vez de dizermos que Fulano e Cicrano «morreu» hoje, podíamos dizer que Fulano e Cicrano foi «criado de novo» hoje.

Sim, isso seria magnífico. Seria muito mais rigoroso!

Muito poucas pessoas entendem a «morte» e, portanto, muitas delas pintam dessa experiência o mais triste dos retratos. Lembra-te de que eu disse que podes pintar o mural da maneira que desejares... e a imagem que tu crias é a imagem que tu vais experienciar.

Mas isso é *terrível*. Não é *culpa minha* se me disseram coisas horríveis por pessoas em quem confiei!

Deixaste que fossem outras pessoas a pintar os teus quadros por ti?

Todos deixámos. A maior parte das pessoas ouviram falar de juízo final e danação eterna da parte das suas religiões — padres, sacerdotes, rabis, mullahs e outros, em quem as pessoas confiam profundamente e que imaginam conhecerem a verdade.

Sim. É isso que torna as religiões, e aquilo que as religiões dizem aos seus seguidores, tão crítico.

Mas se não houver «inferno» ou «juízo» e «danação» na Realidade Suprema, por que havia uma pessoa de experienciar isso?

Como já dissemos repetidamente, uma pessoa não *tem* que experienciar isso. Uma pessoa deveria *escolher* experienciar isso. Não tens de seguir os ditames de qualquer sistema de crenças, nem de aceitar e adotar os ensinamentos de ninguém. Podes tomar conscientemente a decisão de procurar a tua própria verdade. Na verdade, de criá-la.

Continuas a dizer que eu posso *criar a minha própria verdade*.

Todos os dias o fazes, através daquilo em que acreditas.

Mas se, como já antes me disseste, uma pessoa está constantemente a criar a três níveis diferentes — o subconsciente, o consciente e o superconsciente —, por que razão o mundo do superconsciente, a parte mais elevada de nós, escolheria a danação? Por que não criaria uma coisa diferente?

Tens prestado atenção a tudo o que tenho dito, não tens?

Agora estás a falar da vida e da morte da maneira mais importante e pormenorizada que é possível falar. Claro que sim.

Muito bem. Porque eu também tenho prestado atenção a todas as coisas que TU disseste.

Que queres dizer com isso?

Já vais perceber.

CAPÍTULO 26

*Não podes mudar a tua experiência
— nesta vida ou na próxima — até que saibas como a criaste.*

OS SENTIMENTOS, PENSAMENTOS E AÇÕES ENQUANTO LINGUAGENS DA ALMA, DA MENTE E DO CORPO

Continua. Continua com o que estavas a perguntar-me.

Bem, isto está tudo a ficar muito teórico, e na verdade não sei — já antes disse isto —, não sei mesmo se isto tem algum valor...

Uma vez mais, deixa-me prometer-te que olhares para toda a vida, desta maneira mais ampla, tem um enorme valor. Ajuda-te a cristalizar o teu pensamento sobre o que está a acontecer aqui, a aprofundar a tua compreensão. Isto prepara-te tanto para a vida quanto para a «morte».

Então se, como disseste, o superconsciente é a parte de nós que detém a agenda maior da alma, e está constantemente a levar-nos à nossa próxima experiência de crescimento mais apropriada, por que diabos ele nos levaria a experienciar o julgamento, a condenação e o inferno na vida depois da morte? Por que permitiria que a nossa mente consciente aceitasse e abraçasse tal ideia?

Lembras-te agora do que disseste, nas tuas próprias palavras, na carta à Jackie?

Acho que sim...

Nessa carta dizias: «Por vezes a Alma escolhe coisas a um nível subconsciente ou superconsciente que nunca escolheria a um nível consciente.»

Disseste que o faz isso “para cumprir a sua Agenda Maior”.

Então estás a dizer-me que a Agenda Maior da minha alma é experienciar o julgamento, a condenação e o inferno?

Esse pode muito *bem* ser a Agenda Maior da tua alma. E lembra-te de que a tua experiência do Inferno não envolve nada daquilo a que chamas «sofrimento».

Mesmo assim, se há uma coisa como essa a que chamas «superconsciente», custa-me acreditar que ele escolheria deliberadamente fazer-me experienciar o inferno, com ou sem sofrimento. Além disso, fizeste um grande esforço para me explicar que o que experienciamos no momento da nossa morte é aquilo que *acreditamos* que vamos experienciar. Disseste-me que a nossa experiência da

vida depois da morte é, portanto, o resultado de uma *escolha consciente*. E agora estás a dizer-me o contrário! Agora estás a dizer-me que é o resultado da nossa *escolha superconsciente*! Qual delas é?

Ambas.

Ambas?

Considera a possibilidade de que seja a escolha do teu superconsciente criar o que quer que escolhas criar ao Nível Consciente.

Porquê? Por que faria isso?

Talvez para que tu possas alcançar a Plenitude na Experiência e no Sentimento daquilo que Sabes acerca de ti mesmo.

Que seria...?

Que és o Criador da tua própria realidade.

A parte superconsciente de mim vai permitir que a parte consciente de mim me experiencie a mim mesmo dessa maneira, como criador, *mesmo que aquilo que estiver a ser criado seja mau para mim?*

Não existem tais coisas como «bom» e «mau». Eles não existem na Realidade Suprema. Bom e mau são julgamentos feitos na mente.

Quem é que se interessa por saber onde eu formulo os juízos? Se estou no «inferno» e a minha mente diz: «Isto é o inferno», isso basta-me. Não vai importar para mim saber que “está tudo na minha mente”. Tudo o que irá importar para mim é o *que estou a experienciar*. Não vai ser muito importante para mim saber COMO aconteceu estar a experienciar isso.

Ah, mas devia ser.

Porquê?

Porque somente quando sabes “como aconteceu” podes mudar o que aconteceu. Não podes mudar a tua experiência — nesta vida OU na próxima — até saberes como a criaste.

Agora, se tu *souberes* que o “inferno” que estás a experienciar está a ser criado por ti conscientemente, apenas na tua mente, então saberás a fórmula pela qual poderás terminar imediatamente essa experiência.

Que é?

Tens que estar fora da tua mente.

Eu vou estar quando terminar esta conversa!

Fica com isto apenas, meu amigo. Estás a ir muito bem.

As pessoas que experienciam o céu em vez do inferno ouvem *todas* elas dizer que estão «fora da sua mente ou fora de si». São confrontadas com o mesmo conjunto de circunstâncias que todas as outras pessoas, mas experienciam-nas de uma maneira diferente.

Como D. Quixote.

Como D. Quixote. Algumas pessoas, como já foi dito, experienciam a vida como algo infernal, enquanto para outras parece ser o céu na Terra.

Sim, bem, isso depende do que está a acontecer na vida delas, não é?

E por que razão pensas que o que «está a acontecer» está a acontecer?

Por causa da maneira como pensam.

Está correto. Ou, por outras palavras, para que não te esqueças que:

O que está a acontecer

na vida da pessoas

é o que está a acontecer

na vida das pessoas

por causa do que está a acontecer

na mente das pessoas.

O que está a acontecer é o que *pensamos* que está a acontecer, e o que *vai* acontecer é o que pensamos que vai acontecer.

Em grande medida, isso é verdade.

É aqui que entram as três Ferramentas da Criação (pensamentos, palavras e atos) e os três Níveis da Experiência (subconsciente, consciente e superconsciente).

Certo. E o pensamento é uma ferramenta muito poderosa porque é usado em todos os três níveis.

E as palavras? As palavras não são usadas no nível superconsciente? Não é dessa maneira que o superconsciente comunica connosco?

Não. As palavras são uma criação da mente. Quando passas da mente consciente para a consciência superconsciente, chegas à conclusão de que não há palavras para ela.

Se te moveres para este nível de consciência na meditação, durante uma dança ou ritual sagrado, ou por qualquer outro meio, descobrirás nesse lugar que só existem sentimentos (ou vibrações).

Quando a maioria das pessoas sente algo, explora imediatamente esse sentimento com a sua mente consciente e tenta “colocá-lo em palavras”. Isso pode ou não ser útil.

O mestre não faz isso impulsivamente. O mestre limita-se a sentir o sentimento, a permitir o sentimento, e a experienciar o sentimento plenamente. Só então o mestre decide se haverá algum benefício em tentar colocar esse sentimento em palavras.

Os sentimentos são o teu primeiro pensamento, o teu pensamento puro. Um sentimento é um pensamento sem palavras. Transmite muito sem “dizer” nada. Os sentimentos são a linguagem da tua alma.

As palavras são o teu segundo pensamento. Elas são a tua tentativa de conceitualizares os teus sentimentos, traduzindo-os em declarações audíveis. As palavras são a linguagem da tua mente. Os mestres têm um sentimento e muitas vezes não lhe dá um segundo pensamento. Isso evita todos os tipos de complicações da vida. Isso torna o caminho menos árduo.

As ações são o teu terceiro pensamento, e muitas vezes são o que vem depois do pensamento. Elas são a tua tentativa de fisicalizar ou materializar o que tu conceituaste. As ações são a linguagem do corpo.

Na altura em que puseres sentimentos em palavras e palavras em ação, podes ter perdido muito com a tradução. O mestre sabe-o, e é por essa razão que é tão cuidadoso e se movimenta com tanta deliberação de um nível da experiência para outro — se é que se chega a mover.

CAPÍTULO 27

A maioria dos seres humanos está focada na maior parte do tempo em coisas que realmente não importam.

UMA IMAGEM VALE MAIS QUE MIL PALAVRAS

Falando das Ferramentas da Criação, fizeste questão de salientar que a morte é um momento de criação.

Porque é, e muito poucas pessoas pensam dessa maneira.

Se mais pessoas o fizessem, poderia haver muito menos tristeza em torno da morte.

Não haveria tristeza nenhuma. Não para a pessoa que parte. Haveria, pelo contrário, celebração.

A morte é um momento em que as pessoas se tornam muito poderosas, porque quem elas são é ampliado pelo próprio processo da morte.

E, mais uma vez, esse processo é?

A «morte» é a energia que te impulsiona através do Núcleo do Teu Ser e para a tua realidade seguinte.

Havemos de voltar a este assunto do «alinhamento da energia» aqui, que já antes explorámos.

O «nascimento» e a «morte» são momentos de Pura Criação porque alinham ou «sintonizam» a energia que é a Própria Vida, aumentando a vibração da sua frequência e manifestando-se como matéria no mundo físico, ou decrescendo a vibração e manifestando-se como energia invisível no reino espiritual.

É assim que nascem universos inteiros. Foi assim que tu nasceste.

E — eis aqui o segredo — a energia com a qual tu entras no nascimento é «o que importa». Ou seja, é o que se *transforma em matéria*, manifestando-se no mundo físico.

O exato oposto ocorre no momento da morte. Assim, tu crias com a morte com aquilo que trazes para a morte do mundo físico e crias com o nascimento com aquilo que trazes para o nascimento do reino espiritual.

Uma vez mais, nunca ninguém me tinha explicado as coisas desta maneira. Muitas coisas estão a ser esclarecidas aqui.

Ainda bem, porque este ponto é crítico. O aquilo que trazes para a experiência da tua morte será trazido consciente ou inconscientemente, com plena consciência ou com total falta de consciência do que estás a fazer.

É por isso que esta conversa, que estamos a ter agora, é tão importante.

A finalidade desta conversa é tornar-te plenamente consciente daquilo que estás a fazer. Trouxeste o teu Eu a esta conversa para que pudesses lembrar-te disto:

estás a criar a tua própria realidade através da vibração, da energia, que emites.

AGORA PODES DIZER QUE JÁ OUVISTE TUDO ISTO ANTES — MAS NÃO ESTÁS A AGIR COMO TAL.

É POR ISSO QUE CONTINUAS A DIZER ISTO A TI MESMO REPETIDAMENTE.

Como seria “se pareceria” se eu *estivesse* a “agir como tal”?

Se eu realmente entendesse isto e não precisasse de voltar a ter esta conversa, repetidamente, acerca daquilo que «penso» que já sei, como seria isso?

- 1 - Em primeiro lugar, nunca mais terias pensamentos negativos na tua mente.
- 2 - Em segundo lugar, se um pensamento negativo conseguisse *insinuar-se*, afastá-lo-ias imediatamente da tua mente. Pensarias noutra coisa, deliberadamente. Limitar-te-ias a *mudar de ideias acerca do assunto*.
- 3 - Em terceiro lugar, começarias não só a perceber Quem Tu Realmente És, mas também a honrá-lo e a demonstrá-lo. Ou seja, passarias do que Sabes para o que Experiencias como medida da tua própria evolução.
- 4 - Em quarto lugar, amar-te-ias plenamente a ti mesmo tal como és.
- 5 - Quinto, amarias todas as outras pessoas plenamente, tal como elas são.
- 6 - Em sexto lugar, amarias plenamente a vida tal como ela é.
- 7 - Em sétimo lugar, perdoarias tudo a toda a gente.

- 8 - Em oitavo lugar, nunca mais magoarias deliberadamente outro ser — emocional ou fisicamente. E muito menos te atreverias a fazê-lo em nome de Deus.
- 9 - Em nono lugar, não voltarias a lamentar a morte de ninguém, nem por um só instante. Lamentarias a tua perda, mas não a morte dos seres queridos.
- 10 - Em décimo, não temerias nem lamentarias a tua própria morte, nem por um só instante.
- 11 - Em décimo primeiro lugar, terias consciência de que tudo são vibrações. Tudo. E assim prestarias muito mais atenção às vibrações de todos os teus alimentos, de todas as tuas roupas, de tudo o que vês, lês ou ouves, e, o que é ainda mais importante, de tudo o que pensas, dizes e fazes.
- 12 - Em décimo segundo lugar, farias tudo o que fosse preciso para ajustar a vibração da tua própria energia e a energia da vida que estás a criar à tua volta se achasses que ela não estava em ressonância com o mais elevado conhecimento de Quem Tu És, e com a mais elevada experiência disso que possas imaginar.

Desculpa-me, mas como é que isso acontece? Por exemplo, como posso eu tornar-me “conhecedor” da «vibração» de uma peça de vestuário ou de uma refeição enumerada numa ementa, isto para não falar daquilo que penso, digo ou faço?

Na verdade é muito simples. Sintoniza em como te sentes.

Até parece que já estou a ver alguém dizer: «Rapaz — que *foleirice* da nova Era — *entra em contato com os teus sentimentos...*»

Aqueles a quem isso pareça uma *foleirice* vão experienciá-lo como *foleirice*. Aqueles que o virem como sabedoria abrirão uma porta para um mundo totalmente novo.

Alguma sugestão em relação à melhor maneira de o fazer?

Trata-se apenas de uma questão de ponto de vista. A maior parte dos seres humanos estão sempre concentrados em coisas que não têm realmente importância nenhuma. No entanto, se tirassem alguns momentos todos os dias para se concentrarem naquilo que interessa, poderiam modificar completamente as suas vidas.

O teu corpo é um instrumento magnífico de recetores de energia altamente sensíveis. Acredites ou não, podes passar a mão a uns dez centímetros da comida

sobre um balcão de bufete e sentir se ela será boa para ti ou não sem a comeres. Podes fazer o mesmo com roupa que retires de um cabide para usar nesse mesmo dia ou que estejas a pensar comprar numa loja.

Quando estiveres com outra pessoa, se parares de ouvir o que estás a pensar e começares a ouvir o que estás a sentir, a qualidade da tua comunicação com essa pessoa vai subir vertiginosamente — tal como a qualidade da própria relação.

Quando te sentires perplexo e confuso e em busca de respostas acerca do universo, se desligares simplesmente a parte de ti que quer desesperadamente perceber as coisas e ligares a parte que sabe que tem consciência de ter acesso a todas as respostas — se parares de tentar decidir o que fazer e começares a escolher aquilo que desejas *ser* —, verás que os dilemas se dissolvem e as soluções surgem como por magia à tua frente.

Quanto a medir as vibrações dos pensamentos ou das palavras, há muito *poucas* pessoas, na verdade, que não podem dizer se estão a sentir-se leves ou pesadas em relação a pensar ou dizer algo. A maioria das pessoas pode avaliar isso rapidamente.

Sim, mas — e é aqui que a porca torce o rabo — *são poucas as que o fazem*. Pelo menos de acordo com o que tenho observado. E na verdade eu próprio não faço o suficiente.

Nesse caso, é possível que queiras começar.

Porque tens razão, muito poucas pessoas usam as suas capacidades intuitivas e psíquicas para penetrarem em si mesmas e entrar em contato com os seus sentimentos antes de pensarem, dizerem ou fazerem alguma coisa. Pouquíssimas pessoas o fazem depois.

Se tu fizesses isso, permitirias a ti mesmo ficar satisfeito com nada menos que a leveza. Não quererias ter nada a ver com qualquer coisa que tenha vibrações pesadas. Procurarias aliviar ou aligeirar a vibração de tudo o que observas, crias, experiências e expressas. Chamarias a isso “iluminação” e verias resultados surpreendentes num período muito curto de tempo.

A alquimia do universo é realmente extraordinária. Os vossos dicionários definem «alquimia» como «uma transmutação inexplicável ou misteriosa», e é apenas isso, ser o processo através do qual a energia e a matéria são manipuladas para criar manifestações específicas e particulares na realidade tanto individual como coletiva.

E isso leva-nos à...

14.DÉCIMA QUARTA RECORDAÇÃO

Estás continuamente no ato de criação, na vida e na morte.

Já te expliquei muitas vezes de que maneira a criação ocorre. Como seria benéfico para ti perceberes que ocorre continuamente, ou seja, como *nunca acaba*. Todos os pensamentos, todas as palavras, todos os atos são criativos. Qualquer vibração libertada do Núcleo do Teu Ser te recria, bem como toda a tua realidade, de novo. E tu estás a ser mudado em cada momento que passa. O teu futuro é produzido em pequenos incrementos, não em grandes passos ou em grandes decisões. É aos pequenos *incrementos* que deves estar atento. Se assim fizeres, os «grandes momentos» e as «decisões monumentais » cuidarão de si mesmas.

A Morte e o Nascimento são os maiores atos da criação, porque estes são os momentos no Ciclo Eterno da Vida em que a Energia Essencial se transmuta para produzir manifestações específicas no reino espiritual (na morte) ou no reino físico (no nascimento).

Isto está realmente a tornar-se uma discussão espantosa. Primeiro entrámos na teoria da perceção e na física quântica, depois na teoria das supercordas e na cosmologia metafísica metafórica, e agora entrámos na alquimia! Uau!

Mas já tinhas dito que, antes de esta conversa terminar, falarias comigo com muito maior profundidade acerca do momento da fusão ou reunião, com a Essência. Posso fazer-te perguntas acerca desse assunto agora?

Claro que sim. Mas aviso-te mais uma vez de que as palavras não vão bastar para descrever o indescritível. Talvez fosse mais fácil criar outra pintura *dentro* da pintura que tens em mente neste momento...

Mais uma vez com as pinturas.

Sim, bem, como disseste, uma imagem vale mais que mil palavras.

Mas já tínhamos chegado à conclusão de que no centro da *maçaranja* está o Núcleo, não é verdade”?

Sim, isso já percebi.

Muito bem. Agora vamos ver se consegues descrever este Núcleo como uma espécie de sala ou de câmara. Atribui-lhe uma forma e uma cor, se isso te ajudar.

Está bem. Imaginei um contentor brilhante, metálico, de bronze dourado e cilíndrico.

Ótimo. Podes escolher a forma e a cor à tua vontade. Agora pinta um sinal na porta que vai dar a esta câmara. O sinal diz «MORTE». E agora vamos imaginar que há uma segunda porta que dá para esta câmara a partir do lado oposto. Nesta segunda porta diz «NASCIMENTO».

Já formaste uma ideia?

Sim.

Ótimo. Agora, na parte interior da porta que diz «MORTE» — no lado que verias por trás de ti quando atravessasses a porta — está escrito «MUNDO FÍSICO».

É de onde acabo de vir.

Exatamente. E do lado de dentro da porta do outro lado da sala está um sinal que diz «MUNDO ESPIRITUAL».

Conseguiste? Estás a imaginar isto?

Sim, estou.

Repete comigo.

Não acreditas em mim?

Só para termos a certeza.

Está bem... Estamos a imaginar que a câmara no centro da *Maçaranja* tem duas portas, uma de cada lado. No lado de fora está escrito «Morte» e «NASCIMENTO». No interior das mesmas portas está escrito «Mundo Físico» e «Reino Espiritual». Ambas as portas dão para o interior da mesma câmara, da mesma experiência — e ambas dão para o exterior, para experiências completamente diferentes.

Percebeste bem.

Assim, quando estás na câmara, percebes que podes deslocar-te para qualquer uma das portas e, ao abri-la, encontrarás vida sob uma ou outra forma. Há duas maneiras de saíres do Núcleo. Uma das portas dá para a vida física, a outra para a vida espiritual.

Já percebi. Estou a ver.

Ok, só mais um pormenor e a metáfora ficará completa.

Estou a acompanhar-te. Avança.

Lembra-te que, anteriormente, na nossa analogia, tu estavas a mover-te por um longo corredor ou túnel. Chamámos a isso de Corredor do Tempo.

Sim.

Havia um mural que te rodeava ao longo das paredes, do chão e do teto, lembras-te? Este mural estende-se por todo o corredor.

Lembro-me, sim. Eu ia pintando esse mural à medida que ia avançando.

Muito bem. Agora chegaste ao fim do corredor e à porta onde está escrito «MORTE». Vamos retomar a metáfora a partir deste ponto.

Está bem. O que vem a seguir? Entro na câmara?

Não diretamente. A porta não abre diretamente para a câmara, mas para uma passagem curta que leva à câmara. A porta continua aberta atrás de ti enquanto entras nesta passagem.

Podes sentir algo “acontecer” contigo ao entrares nesta passagem. Parece uma “*passagem*” real, com a palavra usada como verbo, e não como substantivo. Parece como se estivesses a fazer uma passagem. Passarás por todas as três etapas da morte nesta passagem — e sentirás como se algo estivesse a *passar para o outro lado*.

O que está a passar para o outro lado é o teu senso de ti mesmo como um corpo físico. Sentes como se ainda ÉS alguém, mas o teu «senso de ti mesmo» não inclui a sensação de teres um corpo.

Aquilo que está aqui a acontecer e durante esta passagem é que estás a ser limpo de todas as limitações, experiências ou sensações físicas. É este a primeira etapa da «morte», quando percebes que não és o teu corpo — embora continues bem vivo.

A porta que diz «MORTE» continua aberta atrás de ti, e tu podes olhar para o mundo físico através dela. Agora avanças para a segunda etapa da morte e experimentarás a consciência ou confusão, ou o que quer que esperes experimentar. Durante esta segunda etapa podes entrar e sair as vezes que entenderes pela porta aberta para o mundo físico. Não te experimentarás ali no sentido físico, mas sentir-te-ás como se estivesses ali. Outros, que ainda vivam com o seu corpo, poderão sentir-te ali.

Se acreditas e estás convencido de que nada existe ou ocorre depois da «morte», passarás, durante a segunda etapa da morte, para o “nada” e não experimentarás absolutamente nada. Já descrevi isso antes.

Permaneces na segunda etapa da morte pelo tempo que te agradar.

Que poderia levar uma pessoa a querer ficar na segunda etapa? Não te parece que qualquer pessoa gostaria de avançar? Saberão as pessoas que há uma terceira etapa da morte para onde podem avançar?

Cada experiência após a morte vale por si mesma. Quer experiências o «inferno» da tua própria criação quer o «Céu» da tua própria criação, o «nada» da tua própria criação ou outra realidade qualquer criada, essas experiências valerão por si mesmas. Retirarás delas quaisquer recordações que haja para retirar delas, e então seguirás em frente.

Durante esta segunda etapa, alguma vez regressamos em espírito aos seres amados que continuam a viver nos seus corpos?

A alma pode de facto escolher regressar em espírito aos seres amados que continuem no mundo físico. Muitas vezes a alma visita os seres amados ainda antes de deixar o corpo.

Sim, foi o que fez a Maggie Berry. E houve muitos outros que fizeram o mesmo. O meu pai fez isso. Apareceu-me num sonho de uma maneira que me fez perceber que se preparava para partir. Na manhã seguinte recebi uma chamada a dizer que tinha morrido na noite anterior.

A Maggie Berry foi a fundadora e a visionária da Core Matters, uma organização transformacional de Denver. Tom LaRotonda, amigo dela e colega na Core Matters na altura da sua morte, contou-me uma história espantosa em Junho de 2005, um ano depois da morte da sua querida amiga, que ele sabia estar com uma doença terminal:

Na manhã do dia 23 de Junho de 2004 eu estava no gabinete que em tempos partilhara com Maggie. Tinha cancelado todas as minhas reuniões. Estava sentado à secretária, confuso, sem saber o que fazer. Não me sentia triste nem zangado... Tudo me parecia estranho.

A Maggie estava internada e eu sentia que devia estar com ela, mas por outro lado percebia perfeitamente e respeitava o pedido dela de não receber visitas. Tinha os pés sobre a secretária e tinha começado a meditar. De repente ouvi a voz da Maggie muito claramente dizer: «Olá, colega», uma coisa que dizíamos constantemente um ao outro. Subitamente uma visão surgiu na minha mente, e vi a Maggie de pé, à minha frente, a sorrir-me.

Fiquei radiante quando a vi. Parecia saudável e alegre, embora eu soubesse que na realidade tinha ficado sem cabelo e o seu corpo fora devastado pelo cancro. Aproximou-se e abraçámo-nos. Nessa altura ela pegou-me nas mãos e disse-me: «Tom, chegou a altura de eu me ir embora. Já me despedi de toda a gente menos de ti. Queria deixar as nossas despedidas para o fim.»

A seguir pegou-me pela mão e caminhámos lado a lado de mãos dadas. Agradeceu-me tudo o que eu tinha feito por ela e disse-me como gostava de mim... e eu fiz o mesmo em relação a ela.

De repente parou e soltou a minha mão, embora eu tentasse segurá-la. Disse-me: «Chegou a altura. Tenho de ir. Adoro-te, meu amigo!», e fugiu. Quando abri os olhos reparei nas horas no meu computador: eram 11.45 da manhã.

Não percebi muito bem o que tinha acontecido, de maneira que saí para a rua para apanhar ar. Nessa altura trazia sempre o telemóvel comigo, porque estava à espera de notícias do Butch [o marido da Maggie], mas dessa vez esqueci-me. Ao fim de uns cinco minutos voltei para trás e vi que tinha um recado. Era do marido dela, e tinha sido recebida às 11.45.

Telefonei ao Butch e ele disse-me que tivera um pressentimento de que eu estava no hospício. Eu respondi-lhe que ia imediatamente e ele disse-me que me despachasse, que ela talvez não aguentasse muito mais.

Quando cheguei cumprimentei o Butch, que me levou para o quarto dela. A Maggie continuava viva, mas não dizia coisa com coisa. Ainda viveu mais uma hora. Foi o momento mais sagrado da minha vida. Depois de ela ter morrido, disse à família dela que ia para o escritório telefonar às pessoas a avisá-las.

Regressei ao meu escritório, telefonei às pessoas a quem tinha de ligar, depois escrevi um mail às restantes pessoas que faziam parte da magnífica comunidade que ela fundara e que tínhamos construído em conjunto. Depois de ter feito tudo isso, fui de carro até ao meu jardim preferido em Denver, o City Park. Aproximei-me de um dos dois lagos do parque e deixei-me ficar, desolado, e sem palavras. Chorei. A Maggie tinha uma mensagem que transmitia constantemente às pessoas em todas as situações: vivam uma vida de alegria. A vida deve ser alegre. Naquela altura procurei com todas as minhas forças ter essa mensagem presente. Acalmei-me um pouco, e ao fim de uma hora, mais ou menos, decidi regressar ao escritório e ver se tinha mensagens.

No caminho para o escritório havia muito trânsito e eu dei por mim cada vez mais irritado. Já estava a voltar aos sentimentos de medo e de raiva, pouco depois de ter vivido um dos momentos mais espirituais da minha vida.

Quando estava parado à frente de um semáforo, furioso, olhei para cima e vi um todo-o-terreno enorme mesmo à minha frente. Reparei com mais atenção e vi a matrícula. Era uma matrícula personalizada e as letras quase saltaram na minha direção. A placa de matrícula dizia: «ALEGRIA».

Ri-me alto.

A Maggie estava a enviar-me uma mensagem com toda a clareza. Estava a dizer-me que era livre e feliz, e estava a lembrar-me que há apenas uma maneira boa de viver a vida: ser alegre.

Atualmente tenho uma réplica dessa chapa de matrícula pendurada por cima da porta de minha casa, para me recordar, a mim e a todos os que a veem, quem foi a Maggie e qual era a sua mensagem a todos nós: tudo tinha a ver com a alegria de uma vida inspirada.

Quando o Tom me contou esta história, fiquei realmente muito comovido. Já tinha ouvido histórias semelhantes, mas nunca tinha conhecido pessoalmente ninguém que tivesse tido uma experiência assim. Pelos vistos, estas coisas acontecem.

Oh, sim. Elas são muito reais. Em algum momento antes da morte, e muitas vezes durante a segunda etapa da morte, a tua alma irá «visitar» os teus entes queridos.

Quando estiveres pronto, passarás para a terceira etapa da morte. Agora a porta atrás de ti fecha-se e tu apenas podes ver a passagem à tua frente. Toda esta passagem apresenta uma distância muito menor em relação à distância que acabaste de percorrer na vida. Levaste anos para atravessar o primeiro corredor, mas agora tens a impressão de atravessar este a correr, a voar em frente a uma velocidade incrível.

Há um ponto de Luz no fim desta passagem, com a própria passagem a parecer que está a ficar cada vez menor. A Luz é quente e brilhante e parece maravilhosamente segura e convidativa.

Há imagens nos lados desta passagem?

Não. Esta passagem para a câmara que é o Núcleo do Teu Ser é mais escura, mas não de uma maneira intimidante ou de mau presságio. Pelo contrário, é-o de uma maneira suave, quente e brilhante. O brilho vem do outro lado da passagem. É a Luz, e é um pontinho minúsculo no início, mas à medida que tu te aproximas da passagem, torna-se cada vez maior no teu campo de visão até que a luz seja...

...Tudo o Que É.

CAPÍTULO 28

Na morte, todas as tuas identidades individuais são descartadas, pondo fim à separação DE ti em RELAÇÃO a ti mesmo, finalmente.

TERCEIRA ETAPA DA MORTE

O Momento da Fusão está próximo. O poder e o deslumbramento deste momento são indescritíveis. A informação e o saber que chegam dele não podem ser apreendidos ao nível consciente. Apenas ao nível superconsciente podem ser contempladas, ou talvez absorvidas.

No momento imediatamente anterior à fusão, a alma paira diante da Luz. Ela se aquece no brilho da Essência. Todos os sentimentos de medo, de apreensão ou de constrangimento de todos os tipos são abandonados durante a corrida através da passagem. Neste momento a Essência irradia puro amor, e a alma, antes de experienciar aquilo que apenas pode ser descrito como um sentido envolvente de ser, tem a sensação de estar *protegida*.

Imagina uma panqueca a ser coberta por um recheio doce, ou gelado a ser coberto por chocolate derretido. É essa a sensação. Parece à alma acabada de chegar um fluxo de um calor doce. É um calor delicado, que a cobre inteiramente.

Em conjunto com este calor vem um sentimento para o qual não há uma única palavra no mundo das sensações físicas. É o sentimento de ser visto, inteira e completamente. Neste momento nada pode ser escondido, nada pode ser ignorado ou perdido, nada pode escapar à nossa atenção. Tudo o que é «bom» e tudo o que é «mau» que a alma possa ter pensado acerca de si mesma está agora exposto à sua frente, e, surpreendentemente, tudo — tanto o «bom» como o «mau» — é lentamente absorvido pela Luz... («aceite como seu», é a impressão com que se fica)... através de uma espécie de osmose energética que derrete até o mais insignificante sentido de vergonha ou orgulho, deixando a alma com um belo vazio, sem nada no interior de si mesma, e experienciando rigorosamente nada de si mesma, a não ser a Abertura.

Ora no interior desta Abertura, onde em tempos coexistiram a vergonha e o orgulho, está a ser instilado um novo sentimento. Ao princípio parecia que o lado exterior da alma estava a ser coberto, agora é como se o seu lado interior estivesse a ser preenchido. Mais uma vez, não é possível encontrar palavras

adequadas para definir de forma conveniente este sentimento — em parte por ser de tal forma imenso. Poderia ser caracterizado como um único sentimento, enorme, misto, que engloba mil sentimentos individuais, que agora vão enchendo aos poucos a alma. Numa tentativa um tanto inadequada, poderia dizer-se que se tratava do sentimento de ser carinhosamente abraçado, profundamente apreciado, genuinamente amado, docemente consolado, profundamente compreendido, completamente perdoado, inteiramente absolvido, longamente esperado, benevolentemente aguardado, totalmente honrado, felizmente celebrado, absolutamente protegido, instantaneamente aperfeiçoado e incondicionalmente amado — tudo ao mesmo tempo.

Ao libertares-te sem a menor hesitação ou arrependimento de qualquer sentimento de individualidade, a tua alma aproxima-se da Luz. Aí ficas submerso em algo de tal maneira imenso que se perde qualquer desejo de algum dia vir a conhecer o que quer que seja que não isso, imerso na glória imensa de uma magnificência interminável, de uma beleza sem paralelo e de uma completude de ser sem igual.

Agora tu estás fundido com esta Luz e sentes-te dissolvido. Este “derretimento” completa a mudança na tua identidade. Deixas de identificar o teu Eu de qualquer maneira ou a qualquer nível com o aspeto separado do ser a que chamaste «tu» na tua vida física.

Esta característica da vida para Além da Morte começa na realidade a afirmar-se na primeira etapa da morte, que é o que tornou possível que experienciasses o que quer que tenhas escolhido experimentar logo a seguir à morte (incluindo o teu próprio inferno), sem dor ou sofrimento. Isso será de novo importante para ti daqui a pouco tempo, quando entrares no Núcleo do Teu Ser.

O que aqui acontece, quando és envolvido pela Luz, é que te fundes com a tua alma. Finalmente percebes que não és um corpo nem uma mente, nem sequer um puro espírito, mas sim os três ao mesmo tempo. É isto que representa o processo de morte no seu conjunto.

Lembra-te do que eu te disse, *que o processo de morte diz respeito ao restabelecimento da tua identidade.*

A primeira etapa do processo da morte liberta-te do teu corpo e de quaisquer pensamentos que possas continuar a ter que te identifiquem com o corpo e a sua aparência.

A segunda etapa do processo da morte liberta-te da tua mente, e de quaisquer pensamentos que possam continuar a identificar-te com a mente e os seus conteúdos.

A terceira etapa do processo da morte liberta-te da tua alma, e de quaisquer pensamentos que ainda possas ter que te identifiquem com a tua alma e a sua individualidade.

Aqui, na Imersão Total do Ser, chegas a um lugar onde Saber e Experiência são apenas um, e onde aquilo que Sabes e Experiencias é que não és o teu corpo, não és a tua mente, e não és a tua alma. És algo de muito maior. És a soma do total de energias que produzem os três.

Na morte, todas as tuas identidades individuais são descartadas, pondo fim à separação DE ti em RELAÇÃO a ti mesmo, finalmente.

Sabes que mais? Pensei que ias dizer que aquilo que eu estava a experienciar aqui era Deus, vindo cumprimentar-me.

É precisamente disso que estamos a falar aqui.

Mas tu acabaste de dizer que...

Tu pareces continuar a pensar em termos de separação entre Ti e Deus, e eu estou a dizer — mais uma vez — que não há qualquer separação.

Embora possas não acreditar nisto agora, no momento da tua vida física, no Momento da Fusão não terás qualquer dúvida disso.

Puxa, isso parece maravilhoso! Eu não posso esperar por isso!

Não precisas esperar por isso.

CAPÍTULO 29

No momento em que te renderes ao amor e permitires que ele te conduza precisamente ao sítio onde a tua alma desejar ir, deixarás de ter dificuldades

IDENTIFICANDO-NOS COM NADA EM PARTICULAR

Aqui está mais uma das várias coisas que já aqui repetiste. Já percebi que queres que eu perceba que o momento de fusão na autorrealização, o momento de sentir a minha Unidade com o Todo, não é algo pelo qual eu tenha de esperar até à minha morte.

Não é. Podes experienciar esta fusão e esta compreensão durante a tua vida física. São muitas as pessoas que o conseguem.

Já falaste de meditação, de oração profunda, de certas disciplinas (ioga, tai chi, e por aí adiante), de dança e de rituais como formas de as pessoas se aproximarem de uma maior harmonia, da paz, e de um estado de sintonia com o divino, ou de união. Há mais alguns «truques» que nos possas ensinar?

Moveres-te para um lugar de deslumbramento e de maravilhamento com tudo o que diz respeito à vida, e uma simples disposição para experienciar a plenitude disso, um desejo puro e verdadeiro, é quanto basta para te abrires à possibilidade desses momentos de transcendência. Muitas pessoas passam pela experiência desta fusão com o Uno de forma espontânea, no meio de muitas atividades vulgares. Ao lavar a louça, ao aspirar a carpete, ao lavar o carro, ao vestir o bebé, ao entregar um relatório no trabalho, ao conduzir a caminho de casa, ao tomar um duche.

Subitamente, de repente, sem aviso prévio e sem qualquer causa, há um sentido de ausência de «separação», uma experiência de união com o todo. Normalmente é sentido apenas durante uma fração de segundo, e em seguida as coisas voltam ao «normal», mas é uma experiência de que as pessoas não se esquecem.

Que devemos fazer quando sucede?

Bom, fazas o que fizeres, não a ignores. Muitas vezes as pessoas ignoram o seu sentido, ou não o percebem. Se tiveste, ou vieres a ter, uma experiência destas, podes regressar a ela na tua memória e recapturar muito do sentimento que então experienciaste.

Podes usá-lo como ponto de partida, como ponto a partir do qual avançar para experiências mais prolongadas.

Há pessoas capazes de provocar voluntariamente esta experiência de união com o Uno, e que permanecem nela durante períodos prolongados. Alguns para o resto das suas vidas. Trata-se simplesmente de uma questão de concentração, ou de convergência na presença completa.

«Convergência na presença completa»?

Já estamos perante um novo problema de palavras. É muito difícil descrever certas experiências com recurso a um número limitado de palavras. Foi por essa razão que te encorajei a formar imagens sempre que isso esteja ao teu alcance. Embora as imagens na tua mente não passem de metáforas, muitas vezes estão mais próximas de te proporcionar o sentimento de «saber» que as palavras têm sempre o poder de evocar.

Quando falo de «convergência na presença completa» refiro-me àquelas vezes em que estás plenamente presente no momento que ocorre nesse preciso momento na tua vida; quando não há uma única parte do teu corpo, mente ou espírito «ausente noutra lugar». Para muitas pessoas isto é raro — mas pode ocorrer, e as pessoas empenhadas nisso podem levar a que ocorra com frequência.

Com determinação, podes afastar a tua mente de tudo o resto e levá-la a esse momento precisamente agora. Há pessoas que chamam a esta experiência «estar centrado» ou estar «plenamente presente».

Ram Dass escreveu um livro acerca deste «estar aqui agora». E há uma contribuição mais recente de Eckhart Tolle, o "*O Poder do Agora*".

Uma maneira de alcançar este estado de ser é olhares-te a ti mesmo nos olhos num espelho. Esta é uma ferramenta enganadoramente simples e incrivelmente poderosa. O truque é não te virares se esse olhar se tornar desconfortável. Se conseguires suportar o teu próprio olhar durante mais do que o tempo que levas a contar até dez, começarás a experienciar uma tal compaixão e amor por ti mesmo que quase não saberás o que fazer com esse sentimento. Pode ser muito difícil para ti aceitar este sentimento se não estiveres habituado a amar-te a ti mesmo — e a maior parte das pessoas, tristemente, não estão. Fica apenas com o sentimento e abraça-o.

Continua a olhar profundamente, cada vez mais profundamente para dentro dos teus próprios olhos. Se tiveres um espelho com cabo, de mão, podes sentar-te ao fazê-lo. Agora, de uma só vez, depois de olhares profundamente os

teus próprios olhos durante todo o tempo que conseguires, fecha-os rápida e simplesmente e — fica com a sensação que se seguir. Muitas vezes te sentirás fundido com a Essência. Isto pode durar apenas um momento — ou o resto do dia.

Se tiveres um companheiro, uma companheira ou um grande amigo, de quem te sintas próximo, também podes tentar uma variante deste processo, que é olhar intensamente o outro nos olhos. Mais uma vez, não desvies o olhar, mesmo quando isto começar a parecer-te desconfortável. O desconforto passa rapidamente, transformando-se numa doçura e num brilho interior ao longo do período que leva a fusão do Eu com o outro.

Pode ser que te lembres de que já antes te disse que, se olhares outra pessoa nos olhos, ou se te olhares a ti mesmo, e esperares ver Deus, será isso que acontecerá. Se não for isso que esperares, não será isso que verás. Seja qual for o caso, sentirás que estás plenamente presente. O agora é uma maneira muito eficaz de te libertares das distrações e das divagações da mente e de te transportares a um nível de experiência da vida muito mais elevado que o da vida que normalmente vives.

Não podes olhar outra criatura viva nos olhos sem te sentires imediatamente presente a ti mesmo. Isto inclui o teu cão, o teu gato, e mesmo qualquer animal selvagem. Interrompe o que estás a fazer, olha fixamente um animal selvagem — um leão, um tigre ou um urso — e verifica se o que te digo é verdade.

Quando te tornas plenamente presente desta maneira perante outro ser vivo, podes muito bem começar a amá-lo. As pessoas apaixonam-se pelos seus animais, e este sentimento é muito real.

É especialmente difícil olhar outro ser humano nos olhos durante muito ou pouco tempo sem ficar apaixonado. É por essa razão que as pessoas afastam tão rapidamente o olhar umas das outras. Não se atrevem a olhar os outros nos olhos muito tempo seguido. O amor que se seguirá pode submergi-las. No entanto, isto acontece porque não sabem o que fazer com esse amor em que se sentem mergulhadas.

No momento em que te renderes ao amor e permitires que ele te conduza precisamente ao sítio onde a tua alma desejar ir, deixarás de ter dificuldades. Nessa altura qualquer luta deixará de ocorrer e acabarás por conhecer o Uno.

É o que acontece no momento da Fusão. É o que acontece no momento da Imersão Total com a Essência. É uma maneira reparadora de começar o dia— ou de o acabar.

Ou de acabar uma *vida*, ao que parece.

Quero dizer, estás a dizer-me, não estás?, que algumas pessoas são capazes de experienciar esta fusão, esta dissolução na Unidade durante a sua vida física, mas será que *todas as pessoas* a experienciam no momento da sua morte? Terei eu esse direito?

Percebeste perfeitamente. Ninguém está excluído, ninguém é desclassificado, ninguém é deixado para trás.

E aqueles que não acreditarem que isso vai acontecer?

A crença não cria a tua experiência depois da segunda etapa da morte.

E o que é que a cria?

O desejo.

Uau!

Uau, uau, e outra vez uau!

As três etapas da morte existem para que atravesasses, delicada e rapidamente, de acordo com o teu desejo, através do processo de reidentificação.

Na segunda etapa da morte tu ainda te identificas com a tua mente e, portanto, a tua experiência é ditada pelo que está na tua mente. As tuas crenças criam a tua experiência.

Uma vez que abandones essa identidade, a tua experiência é criada, não por aquilo em que acreditas, mas por aquilo que desejas. Este é o início da tua experiência chamada "céu".

Podes experienciar estas três etapas da morte que já te descrevi várias vezes, mesmo enquanto ainda és vivo.

Espera aí um bocadinho. Eu sei que disseste que eu podia experienciar este Momento de Fusão enquanto ainda sou vivo, mas ainda não te tinha ouvido dizer *isto*.

Estamos a falar da mesma coisa. Estamos a falar da morte da ideia de separação. É isso que acontece no momento da tua morte física, que pode ocorrer a qualquer momento.

As três etapas da morte são simplesmente os Três Momentos da Reidentificação. São os seguintes:

- 1 - Libertação da identificação com o corpo;
- 2 - Libertação da identificação com a mente;
- 3 - Libertação da identificação com a alma.

Mas, se não nos identificarmos com nenhum destes aspetos de nós mesmos, com o que é que nos identificamos?

Com nada.

Com nada? Estamos a identificarmo-nos com rigorosamente nada?

Com nada *em particular*.

Assim que começares a pensar que és qualquer coisa, que NÃO és outra coisa qualquer, comesças a imaginar-te como algo limitado. No entanto, a Essência não é limitada em sentido nenhum. No Momento da Fusão identificaste com o Todo, o que significa que não te identificas com nada em particular. Com rigorosamente nada.

Buda percebeu isto perfeitamente, e alcançou-o. Mas a maior parte das pessoas não o consegue alcançar durante a sua vida. Todas as almas o alcançam depois da morte. É para isso que serve a morte.

Nesse caso isto não é algo que *pudesse* acontecer, mas algo que *acontece* a todas as pessoas depois de abandonarem o seu corpo.

Sim. E na terceira etapa da morte encontrarás a magnífica perfeição de quem és vista através dos olhos de Deus.

Isso parece tão maravilhoso. Apenas... tão magnífico!

E ainda não terás visto nada. Esta fusão na Essência não é o fim de tudo. De facto, é precisamente o contrário. E o princípio.

CAPÍTULO 30

Não há sofrimento de qualquer tipo na vida depois da morte.

UM EXEMPLO PRÁTICO

Podes continuar fundido na Essência todo o tempo que desejares, mas, como já expliquei, não desejarás permanecer aí para sempre, uma vez que perderias a capacidade de conhecer o êxtase da experiência.

A tremenda deslocação de energia que experienciarás durante a Imersão Total enviar-te-á de novo para a Essência, renovado e recriado como a identidade que recordas, e ficará no Núcleo do Teu Ser.

A câmara, o núcleo da *Maçaranja*, se mantivermos a nossa metáfora.

Sim.

Imagina agora uma grande sala onde as porções de mural para onde olhaste quando descias o Corredor do Tempo estão montadas nas paredes. Não está aí todo o mural, mas apenas partes, apenas as secções da pintura geral, nas quais te concentraste quando te deslocavas ao longo do Corredor.

Estas imagens estão agora penduradas nas paredes, como numa exposição, e tu vais descendo a «galeria» lentamente, observando-as uma a uma.

Enquanto exploras estas imagens em profundidade, experiencias tudo o que está a acontecer na pintura. Não apenas o que está a acontecer contigo, mas o que está a acontecer com *todas as outras pessoas na pintura*.

Estas imagens representam cada um dos momentos da tua vida, e agora, ao examiná-las, tens pela primeira vez uma *imagem completa* de tudo o que se passa em cada momento.

Muitas vezes não era isto que pensavas que estava a acontecer, e é sempre mais do que imaginavas.

Bom, lá vamos nós outra vez. Será uma coincidência que, precisamente quando estávamos a ter esta conversa, eu tenha encontrado uma mulher num retiro espiritual em que servi de orientador, em Bristol, na Inglaterra, que me contou uma história em que há ecos da tua «metáfora»?

Quase não conseguia acreditar no que ela me estava a contar, que vinha precisamente na linha do que acabaste de me contar a mim! Foi como se alguém— um anjo ou assim — me estivesse a enviar uma confirmação física, do

«mundo real», daquilo que eu estava a receber desta maneira, com o diálogo que estamos aqui a ter.

Fiquei tão perturbado pelo que aquela mulher me disse, e pela coincidência que tudo aquilo representava, que lhe pedi que escrevesse tudo e me enviasse o seu relato. Aqui está o que ela me enviou. É uma história fascinante de um momento de proximidade da morte, contada por Elizabeth Everitt, do Reino Unido:

Querido Neale,

No fim-de-semana em Bristol prometi-te que te escrevia a minha história, por isso aqui vai. Estás confortavelmente sentado?

Eu tinha vinte e cinco anos de idade e pela primeira vez na minha vida até então bastante tumultuosa sentia-me satisfeita. Tinha encontrado o homem dos meus sonhos (depois de ter beijado muitos sapos) e estava grávida de sete meses e meio de uma filha muito desejada. Nessa altura adoeci com qualquer coisa que parecia uma gripe e fui para o hospital.

Depressa percebi que estava com varicela e fiquei horrorizada, porque também trabalhava num hospital como parteira e já tinha visto três casos semelhantes acabarem nos cuidados intensivos. Sabia qual era o tratamento e também tinha consciência de que precisava dele imediatamente,

Apesar de me sentir muito mal, tentei tomar conta das coisas e fazer alguns colegas pouco interessados levarem-me a sério. No entanto, numa espécie de comédia negra, eles adiaram decisões, não acreditaram em mim, diagnosticaram-me mal, negligenciaram o caso e medicaram-me exageradamente, dando assim oportunidade à varicela de se espalhar e de me afetar os pulmões.

Sempre vigilantes e observadores, os meus colegas acharam que valia a pena verificar os meus níveis de oxigénio quando finalmente fiquei azul com falta de ar. Quando os mostradores indicaram 64%, ficaram finalmente impressionados. Então sim, levaram-me a sério, sobretudo porque ninguém percebia por que é que eu não estava já morta.

Fui levada a toda a velocidade para a sala de operações, ao mesmo tempo que um colega anestesista me dizia com grande solenidade: «Os teus níveis de oxigénio estão desastrosos. Temos de provocar o parto para salvar a tua vida. Desculpa, mas percebes o que te estou a dizer?» Ao que parece não respondi, mas lembro-me claramente de ter gritado (pelos vistos, só na minha mente): «Claro que sei o que estás a dizer-me. Foi o que vos disse há uma semana, cambada de incompetentes!»

Em poucos segundos fui rodeada pelo menos por dez colegas, que me cortaram, torceram, rasgaram, no meio de preparativos frenéticos para uma cesariana de emergência. Nunca tinha sentido um tal terror nem uma convicção tão firme de que «chegara a minha hora». O desejo de sobrevivência

era de tal maneira grande que não liguei nenhuma quando me disseram que não estavam a apanhar o coração do bebé. «E eu? Que se passa comigo? Por amor de Deus, salvem-me. Salvem-me, por favor!», gritava eu, mais uma vez, ao que parece, apenas na minha mente.

O anestesista, claramente nervoso, inclinou-se sobre mim e disse-me com preocupação: «Por amor de Deus, acalma-te. É só um instante», e depois, ao mesmo tempo que eu ia chorando, desolada, acrescentou: «Pára de chorar. As tuas mucosas já estão muito inflamadas. Assim ainda é mais difícil entubar-te!» Administrou a anestesia e, como estava convencido de que já tinha tido efeito, anunciou a todos os que ali estavam que não havia assim tanta pressa, já que o cirurgião ainda estava a «comer uma bucha».

Derrotada, aterrorizada, desesperada e sozinha, fui vencida pela anestesia, convencida de que ia morrer e ninguém se ralava.

Voltei a mim (embora ao que parece não tenha voltado) por poucos instantes depois da operação para me aperceber de que estava a ser «levada» para os cuidados intensivos. Havia muitos médicos e enfermeiros atarefados à minha volta, mas era como se estivessem todos desfocados — todos menos um, que estava claramente ao meu lado esquerdo, vestido com um uniforme branco engomado, um pouco fora de moda. Essa pessoa sorriu-me e falou comigo num tom de voz tranquilizador: «Pronto, pronto, tens de deixar estas pessoas acabarem o que estão a fazer. Está tudo bem assim. Eles sabem o que estão a fazer. Comigo estás segura. Agora dorme.»

Aliviada por ter sobrevivido à operação, e tranquilizada pela sua calma implacável, permiti a mim mesma uma pequena «sesta». Tive imediatamente uma sensação de queda no abismo. Que diabo era aquilo? Ao mesmo tempo que era arrastada na queda, ia vendo em sucessão rápida imagens de experiências da minha vida. Cada uma dessas imagens como que se detinha no que me parecia ao mesmo tempo apenas um instante ou toda uma vida. Numa dessas imagens fui esfaqueada, noutra corri por cima de um cão, noutra fugia para salvar a vida através de um campo imenso com gás venenoso a queimar-me os pulmões, com consciência de que o meu corpo estava a ser despedaçado por uma explosão.

Estas imagens não eram apresentadas simplesmente como imagens: era vividas de novo. Eu não tinha consciência de nada disto, e no entanto sabia sem qualquer dúvida que todos aqueles momentos tinham feito parte da minha vida numa ou noutra altura.

(Espera lá. Tenho de fazer aqui uma interrupção. Não me tinhas dito, já nesta conversa, qualquer coisa acerca disto? Quando te perguntei o que acontece quando uma pessoa morre, não me disseste qualquer coisa acerca disto?)

Disse. Disse-te que, se morreres e se acreditares na reencarnação, podes experienciar momentos de vidas anteriores acerca das quais não tens uma recordação consciente.

Bem me parecia. Então isso é, como diriam os britânicos, "spot on" (Exato, perfeito, na mosca.)

Com uma exceção. Não há qualquer tipo de sofrimento na vida depois da morte.

Hum...

Parte desta experiência da Elizabeth ocorreu «deste lado» da morte, e outra parte do outro lado. Ela estava, verdadeiramente, entre dois mundos. Tivesse ela estado *inteiramente* na Vida Depois da Morte durante a primeira parte da sua experiência, não teria experienciado dores ou medo ou sofrimento de qualquer tipo.

Muito bem, voltemos à narrativa da Elizabeth.

O passeio pela montanha russa continuou e de repente, tão depressa como começara, terminou. Deixei de ter qualquer sensação; não havia literalmente nada. Era a escuridão total. Ao princípio senti-me aliviada. «Obrigada, obrigada, obrigada», parece-me ter dito. O medo desaparecera, o que me permitiu começar a observar o que me rodeava. Tudo escuro. Nada. Esperei. O pânico começou a instalar-se e eu comecei a perguntar a mim mesma: «Oh, meu Deus. Estarei morta»? Será isto? Realmente, depois de tudo isto, uma eternidade de nada a não ser eu?»

O pânico ia aumentando. Contudo, continuava no vazio. «O quê? Não há luz brilhante, nem um guia que me ajude na passagem? Onde está o meu pai? O mínimo que podiam fazer era aparecer! Então...? Estarei morta? Onde estão os outros? Não, meu Deus, por favor! Quero ver o meu filho. Que aconteceu ao meu filho? Terá morrido? Por favor, peço-vos! Não quero morrer!»

Nada. Finalmente, deixei-me ficar num estado total de indiferença.

«O que te leva a pensar que morreste?»

Os meus ouvidos inconscientes arrebitaram-se. O meu eu inconsciente ficou completamente baralhado. Espera aí, estou a reconhecer a voz da enfermeira que estava ao meu lado. «Graças a Deus! Onde é que tens estado? Onde estou eu? Como saio daqui?»

«O que te leva a pensar que morreste?»

«Sim, sim. Estou a perceber. Não morri porque consigo ouvir-te. Será isto alguma reação estranha à anestesia?»

Suspiro dramático...

«O que te leva a pensar que morreste?»

«Pronto. Isto é mesmo esquisito. Quem és tu e por que não páras de me fazer sempre a mesma pergunta?»

«Foste tu que me perguntaste. O que te leva a pensar que morreste?»

E começou então uma discussão cansativa, que me pareceu ter durado vários dias. Ao mesmo tempo que ia ruminando como era injusto e cruel eu estar ali, naquela situação (fosse o que fosse que quisesse dizer o «ali»), a voz contradizia todos os meus argumentos. Desafiava o meu direito de viver, perguntava-me por que é que eu achava que era mais importante que qualquer outra pessoa. Sentia-me louca de raiva por não conseguir libertar-me daquela tresloucada.

Foi nessa altura que começou a passar o livro das imagens. Não sei se estás a ver, mas era como um daqueles livros em que passamos rapidamente as folhas para ver as imagens mexerem-se, como numa animação. Quando começou, reconheci as personagens do filme. Era a minha vida. «Ah, ah», desdenhei. «Devo estar morta, se a minha vida está a passar desta maneira à frente dos meus olhos.» Não houve qualquer resposta. Apenas um suspiro.

Fiquei profundamente impressionada, até ao fundo da minha alma, com o impacto de cada imagem que passava. De resto, as imagens passavam num abrir e fechar de olhos e eu juro que senti plenamente a força de cada momento, não apenas como se estivesse a libertar-me, mas como se todas as outras almas afetadas pela minha vida estivessem a libertar-se comigo.

Não se tratava do mesmo catálogo de momentos da minha vida que eu própria pudesse ter compilado num estado de consciência. Havia muito poucos acontecimentos dramáticos, importantes. Não se tratava da minha biografia em traços largos. Durante muito tempo as imagens passaram por ordem cronológica, a partir do meu nascimento, mas havia alturas em que os acontecimentos estavam ligados de outra maneira qualquer, e em seguida as imagens começaram a andar para trás e para a frente no tempo, permitindo-me uma compreensão profunda das consequências de qualquer pensamento ou ação que se me deparasse.

Eram recordações do espectro completo das emoções, aquilo que eu agora reconheceria como momentos em que tive a oportunidade ou de mostrar ou de ver aspetos da divindade. Percebi que a maior parte das vezes não tinham sido os momentos mais altamente dramáticos da minha vida que tinham tido mais impacto. Era o efeito de acontecimentos que aparentemente nada tinham de notáveis que se propagava através do tempo como em ondas. Do sofrimento e da perturbação provocados por uma observação distraída à alegria inacreditável que sentira ao andar pela primeira vez de bicicleta sem estabilizadores.

Lembro-me da emoção e da verdade de cada imagem como se tivesse ficado marcada na minha carne, embora tenha dificuldade em recordar os pormenores de cada acontecimento ligado a essas imagens. É como se os acontecimentos físicos tivessem perdido o significado depois de o seu valor ter sido compreendido. De acordo com a recordação que me ficou, nunca me senti julgada e nunca me julguei a mim mesma — limitei-me a perceber que vira o meu verdadeiro eu.

Depois de o livro de imagens ter sido fechado, senti-me literalmente exausta. Continuava agarrada à ideia de que tinha de vencer a discussão, de que tinha de mostrar o meu direito a viver, e no entanto o livro parecia ter tirado toda a força ao meu «motor» e ter deixado em mim um desejo desesperado de me agarrar ao meu filho e de estar com a minha família.

Mesmo esse desejo ardente foi de certa forma deixado em segundo plano pelo que se seguiu à revisão da minha vida. Cada afirmação ou pergunta era seguida pela resposta perfeita. Finalmente resmunguei: «Sabes uma coisa? Desisto. Ganhaste. Não consigo continuar a lutar. Já não tenho mais nada a dar. Desisto.»

Ainda mal tinha acabado de pensar nestas palavras quando comecei a sentir-me aliviada. A paz que eu imaginara ser inútil inundou a minha existência e envolveu-me literalmente numa cápsula de apoio incondicional. Era um sentimento protetor, tranquilizador e estimulante. Era como se todas aquelas almas magníficas estivessem ali comigo, com a minha existência nos seus braços e a protegê-la.

De repente fui transportada daquele lugar magnífico para uma experiência fenomenal. Não faço ideia de como isso aconteceu, mas senti que flutuava sobre uma paisagem de montanhas cobertas de neve, de imensos lagos, florestas e pastagens. Voei sobre elas e sobre uma tribo de índios americanos, que nada tinham de semelhante com o que quer que eu já tivesse visto até àquela data. Vi uma mãe cuidar dos seus filhos com um orgulho sereno e inspirador de ternura e depois dirigi-me ao topo de uma montanha imponente e distante.

Precisamente no topo, encontrei-me frente a frente com o que me pareceu um chefe índio. Quando olhei o seu rosto curtido pelo sol, envelhecido, todo o meu desespero desapareceu. Senti com todas as fibras do meu ser que ele me ajudara a perceber uma verdade profunda, mas tudo o que consigo recordar conscientemente é que me disse: «Tens de ser paciente, mas serás três.»

Pouco depois adormeci e tive a impressão de acordar instantaneamente nos Cuidados Intensivos, e foi então que começou a parte difícil!

Disseram-me que tinha estado inconsciente durante nove dias num coma seminatural semi-induzido por medicamentos. Duas enfermeiras explicaram-

me que durante esse período tinha tido paragens respiratórias uma ou duas vezes, e que nessa altura tiveram de me ligar ao ventilador.

O mais interessante para mim, contudo, foi um período de aproximadamente seis horas durante o qual o meu coração teve um ritmo descontrolado, e inesperado para os médicos, absolutamente disfuncional. Durante esse tempo, o meu coração batera de tal maneira depressa que parecia literalmente passar páginas, como o meu livro de «animação». Este ritmo rápido nada fez para melhorar ou piorar o meu estado, e não respondeu a qualquer medicação dada para tentar resolver o problema.

Para surpresa dos médicos, tudo pareceu resolver-se subitamente por si mesmo. Nessa altura uma das médicas lembrou-se de repente de um facto relacionado com um caso anterior e propusera um tratamento que inquestionavelmente me salvou a vida. Estou convencida de que foi quando «desisti» que a cura começou, que o meu corpo se permitiu responder e foi dada informação ao pessoal de saúde. O chefe índio dissera que o meu corpo e a minha alma estavam novamente a ficar alinhados. «Tens de ser paciente, mas serás três.»

A minha filha, Lilie, está bem viva e de saúde. É uma verdadeira força da natureza. Uma vez estava a ver televisão quando apareceu exatamente a mesma paisagem que tinha sobrevoado. Investiguei onde foram as filmagens e vamos lá em Agosto. Descobri muitos factos acerca da área que me convenceram de que vou encontrar ali pessoas e recursos que me vão ajudar a continuar o processo de cura.

CAPÍTULO 31

Os momento individuais da tua vida são os que tu usaste para criar as tuas experiências do Eu.

PARA QUÊ INCOMODAR-ME?

Isto não é fascinante? Quão próxima é a experiência de Elizabeth do que realmente acontece depois da morte?

Foi o que aconteceu a ela, à medida que se aprofundava cada vez mais na passagem entre a vida física e o reino espiritual. Como eu disse antes na nossa conversa, a experiência é diferente para todos em muitos aspetos — e há algumas coisas que ocorrem em todos os casos. A “revisão da vida” é uma delas.

Mas essa revisão da vida soa como se pudesse ser dolorosa. Ou seja, alguns dos momentos da minha própria vida podem ser desagradáveis, seja por algo que experienciei, ou por causa do que agora percebo que causei a experiência a outras pessoas.

Não há qualquer dor ou desconforto de maneira nenhuma.

Ah, é verdade. Tinha-me esquecido.

Lembra-te que abandonaste o teu sentido de identidade pessoal com a tua mente, e com os pensamentos que mantinhas sobre ti mesmo ali, na segunda etapa da morte. Na terceira etapa, tu te fundiste com a Unidade.

E nesse Momento de Fusão eu afastei-me do meu último sentido de identidade pessoal com o aspeto individual do ser que chamei de “eu”. Afastei-me de “mim”, vendo a “mim” claramente, mas não me identificando emocionalmente com o ser que estava a ver.

Muito bem. Entendeste.

Agora, ao regressarmos à nossa metáfora, tu estás na terceira etapa da morte, passaste pelo Momento de Fusão, e agora experiencias o Núcleo do Teu Ser, vêes tudo o que está na “galeria de arte”, todas as experiências da tua vida, e podes olhar para elas objetivamente, como se estivesses a folhear um livro de imagens, a assistir um filme ou a estudar uma grande obra de arte — que é cada experiência. Estudas cada momento até sentires que o compreendeste. Então passas para a próxima imagem, o próximo momento, a próxima “pintura”.

Desta forma, moves-te por toda a galeria; certificas-te de ter visto a coleção completa. Cada momento é importante para ti porque percebes, ao examinar os momentos individuais da tua vida, que os mesmos são aquilo que tu usaste para criar a tua experiência do Eu — e visto que continuarás a decidir como desejas recriar o teu Eu novamente.

Está bem, espera aí um minuto. Estou confuso sobre uma coisa. Eu sei que tudo isto é uma metáfora, e não realmente “como as coisas são” —

— descrever “como as coisas são” sem usar metáforas tornaria virtualmente impossível que compreendesses.

Entendo. Mas mesmo sabendo que se trata de uma metáfora, tenho que colocá-la “de parte” um pouco. Há uma coisa sobre a qual não consegui entender com clareza. Pensei que tinha “recuperado” a minha identidade quando emergi da Essência, altura em que o meu “encontro com Deus” terminou. Caso contrário, como eu saberia “quem eu sou”?

Sabes.

Então, como é que eu posso passar por essa “revisão de vida” — dar uma olhadela em todas essas imagens de momentos da minha vida que acabei de viver — e não sentir nada? Eu fiz algumas coisas bastante feias, lamento ter de o dizer. E algumas coisas boas também. Como é que, se recuperei a identidade que abandonei nas etapas iniciais da morte, não tenho nenhum sentimento de tristeza, felicidade ou sofrimento em relação a isso?

Quando o teu “encontro com Deus” termina, tu recuperas a tua consciência da identidade limitada que mantinhas na tua última vida, é verdade, mas não voltas a essa identidade. Em vez disso, experiencias o teu Eu muito maior do que isso, muito mais ilimitado.

Deixa-me ver se consigo fazer uma analogia minha, só para ver se realmente entendo isto.

Então vá.

Passei muitos anos no teatro, a trabalhar tanto em teatro amador como profissional, em seis estados diferentes. E é assim que me apanho de repente a pensar naquilo que me estás a dizer...

Era como se eu tivesse saído do palco depois de ter interpretado o papel de uma personagem com muito poucas capacidades, retirasse a minha caracterização, vestisse a minha roupa de sempre e saísse do teatro para entrar no mundo de todos os dias como um ser humano inteiramente capaz e independente.

Na fachada do teatro há imagens minhas rodeadas de néon nas cenas mais importantes da peça. Vejo-me nessas fotografias, nas quais estou a sorrir, a

chorar ou a gritar furioso, mas, como é evidente, não sinto nenhuma destas emoções. Sei que não se trata realmente de mim — que eu sou a pessoa que ali está, de pé, a olhar para aquelas fotografias —, mas quando estava lá, no palco, o sofrimento, a dor e a alegria que mostrava não só pareciam muito reais ao público, mas além disso também me *pareciam muito reais a mim*. De tal maneira que sou um bom ator!

Mesmo assim, quando mais tarde olho para as fotografias, vejo como poderia ter interpretado aquelas cenas ainda melhor — ou alterado algumas delas completamente. E decido que é o que farei no próximo espetáculo. E depois retomo o meu caminho. Primeira paragem: a biblioteca. Quero saber mais acerca da personagem que interpreto!

Bravo! A analogia é muito boa! Está muito próxima do de facto experiências ao atravessar o Núcleo do Teu Ser revendo a «galeria de arte» dos momentos da tua vida. E à medida que deixas o Núcleo do Teu Ser, o que tu FAZES, em certo sentido, é “ires para a biblioteca para descobrires mais acerca da personagem”.

Mas por favor diz-me outra vez, para quê incomodar-me? Para quê deixar o Núcleo? Parte de mim continua a perguntar-se, mesmo depois de toda esta explicação — por que eu, por que eu deixaria a Essência? Por que eu não permaneceria imerso para sempre? Não seria isso o «céu»?

É da natureza da Vida expressar-se. É isso que a Vida faz. Não pode *não* fazer isso, ou não seria. Agora muda a palavra “vida” na frase acima. Observa que “vida” também pode ser chamada de “Deus”, “Aquilo Que É”, “Essência”, “Energia”, ou qualquer outra coisa que queiras chamá-la. Não importa que palavra uses, ainda estás a falar sobre a Vida.

No processo de autoexpressão, a Vida *literalmente*, “expressa” a Si Mesma. Isto é, ela *empurra-se para fora* DE Si Mesma, dando à luz a Si Mesma como um aspeto DE Si Mesma, para que possa Conhecer a Si Mesma na sua própria Experiência.

Isso é muita coisa. São muitas coisas para digerir.

Vamos devagar. Não te precipites. Pensa no assunto ponto por ponto, conceito a conceito:

- 1 - No processo de autoexpressão, a Vida *literalmente* «expressa» a Si Mesma.
- 2 - «Expressar» significa «empurrar para fora». A vida *empurra* a Si Mesma para *fora* de Si Mesma.

3 - Em certo sentido, ela dá à luz A Si Mesma como um aspeto DE Si Mesma.

4 - Fá-lo para que possa Conhecer a Si Mesma na sua própria Experiência.

É realmente isso que significa nascer de novo.

É precisamente isso que significa.

E eu «nasci de novo», e afastei-me do Núcleo para que eu — nas tuas palavras — possa «conhecer melhor» aquilo que encontrei no Núcleo «como real», através da perspectiva da distância.

Bem, captaste perfeitamente. É disto que se trata todo o processo da morte — e do nascimento. Estás constantemente a moveres-te para o e do Núcleo do Teu Ser, para que possas conhecer e experienciar a verdadeira natureza de quem tu és. Usas a distância para conheceres e experienciares a Totalidade como expressões discretas ou singulares de Si Mesma. Pois quando a Totalidade É a Totalidade, ela experiencia apenas a Totalidade, e nenhuma das suas partes constituintes.

E se eu não puder ser melhor do que acabei de ser? E se eu experienciei o domínio total da vida que acabei de viver? Então, e depois? O cliço termina?

Não. Simplesmente redefinirás “domínio total”.

Eu vou elevar a fasquia.

Sim.

Para que o jogo continue. Para que o processo possa continuar.

Sim. É o desejo e a natureza da Vida produzir mais Vida, e produzi-la mais abundantemente.

Tudo cresce, e não existe tal coisa como o fim da evolução.

Lembra-te sempre disto, pois isto é a...

15.DÉCIMA QUINTA RECORDAÇÃO

Não existe tal coisa como o fim da evolução.

Já te descrevi o ciclo da vida eterna. Uma vez que procuras recriar-te de novo, como toda a Vida, passarás ao reino espiritual, no qual acabarás por saber e conhecer mais Quem Tu És e quem escolhes ser. Em seguida regressarás ao Núcleo do Teu Ser e daí ao mundo físico, viajando pelo mesmo Corredor do Tempo de uma maneira diferente, ou por um Corredor completamente

diferente, para que possas Saber na Tua Experiência como é ser quem tu escolheste ser.

Mas como poderei saber quem eu quero ser? Não percebo nada disto. Quando escolho isso?

Escolherás isso quando responderes ao Questionário Sagrado.

Ah, finalmente.

CAPÍTULO 32

Quase todas as pessoas que estão a morrer, não estão a morrer pela primeira vez.

QUESTIONÁRIO SAGRADO

Eu tenho esperado e esperado. Então diz-me, antes que eu perca a paciência. O que é o Questionário Sagrado?

No fim da tua vida, naquilo que descrevemos como o estágio três da morte, tu farás uma pergunta extraordinária. Esta será a pergunta mais importante que alguma vez farás, e a tua resposta será a declaração mais importante que alguma vez tenhas feito e o maior Momento de Livre Arbítrio que jamais possas ter imaginado.

É tão importante que todos os anjos no céu parem para ouvir o que estás a dizer. É tão importante que todos os teus entes queridos estejam reunidos para ouvir. É tão importante que o próprio Deus esteja presente quando a pergunta for feita. Na verdade, será Ela quem fará a pergunta.

Que pergunta é essa?

«Queres ficar?»

Desculpa? Vão perguntar-me se quero “ficar”? Ficar onde? Queres dizer «ficar morto»?

Sim. Em termos humanos, na tua linguagem, sim.

Será essa a pergunta.

Queres então dizer que eu vou ter escolha no que diz respeito a isso?

Tens escolha no que diz respeito a tudo.

Essa é a ideia que venho enfatizando desde o início da nossa conversa. Estamos agora no fim de um diálogo de dez anos, e tu ainda estás a fazer a mesma pergunta.

Bem, eu sei que tenho escolha sobre tudo na minha vida, só não sabia que tinha escolha sobre a minha morte. Estás a dizer-me que se eu não quiser continuar morto, eu não preciso ficar?

É precisamente o que estou a dizer-te.

Isso... isso não é possível! Isso não é... isso vai contra tudo o que eu já ouvi. Não entendo. É-nos dada uma escolha no momento da nossa morte para "continuar ou voltar"?

É precisamente isso. Essa é exatamente a escolha que te é dada. E aqui está a...

16.DÉCIMA SEXTA RECORDAÇÃO

A morte é reversível.

Eu sinto-me como se estivesse numa montanha-russa aqui. É tudo o que posso fazer para apenas aguentar. O que estás a tentar dizer-me aqui?

Todos aqueles que «morrem» estão capazes de tomar uma decisão sobre como desejam continuar a viver — e onde.

Que maneira interessante de colocar as coisas!

É a *única* maneira possível de pôr as coisas, porque é precisamente assim que as coisas se passam. Lembra-te de que a Sétima Recordação é que «a morte não existe».

E não existe mesmo.

Quando uma pessoa faz aquilo a que chama «morrer», essa pessoa é sempre confrontada com uma escolha: queres experienciar que a vida que acabas de deixar continua? Ou desejas experienciar uma realidade na qual estás a mover-te, indo em direção ao reino espiritual?

Queres dizer que todos os que morrem têm a possibilidade de «voltar à vida»?

Sim, a alma pode, na sua experiência, «desfazer» a «morte» pela qual acabou de passar.

Como? Como no mundo ele faz *isso*?

Simplesmente diz a Deus dizendo-pensando-sentindo: «Eu não quero morrer agora. Quero voltar.»

A cada alma é feita uma pergunta: «Estás pronta? Desejas continuar?» Esta é a pergunta mais delicada. É pedido a todas as almas que «atravessam» o mundo físico.

Há uma pergunta que é feita a todas as almas: «Estás pronta? Queres partir?» Trata-se da mais delicada das perguntas, e é feita a todas as almas que «passam a linha» do mundo físico.

Se o pensamento-sentimento-resposta for «sim», a alma continua a sua jornada para o reino espiritual. Se a alma pede para «voltar», a alma é «enviada de volta» para o mundo físico instantaneamente... chegando um nanossegundo antes de «morrer».

Isto é um quebra-cabeças. Isto até chateia um pouco. Se isso for verdade, por que alguém, que realmente ama a sua família, não quer voltar? Ou seja, por muita certeza que eu tenha de que o «céu» seja maravilhoso — e tu ainda não me descreveste isso, ainda não me contaste o que acontece «do outro lado» — ele, o céu, sempre estará lá, à espera de nós. Não é meio egoísta ficar lá quando sabes que podes voltar e que os teus entes queridos estão a sofrer tanto por teres partido?

Não sei se posso acreditar nisso. Isso deixa-me com uma sensação de... não sei... vazio.

Preferirias que não prosseguíssemos com isso?

Bem, tu é que *disseste isso*. Há um elefante no meio da sala de estar. Esperas que eu seja capaz de ignorá-lo?

Não era para chatear-te.

Estou certo que não, mas... então diz-me, do que se trata tudo isto?

É simplesmente como te disse: depois de morrer, todas as almas têm a oportunidade de permanecer na Vida Depois Da Morte ou regressar à vida física da qual acabaram de sair.

Sim, eu entendi isso. Mas por favor, dá-me pormenores. Quando é que isso ocorre?

Ocorre depois que tu te fundes com a Luz. Após o Momento da Fusão.

Bem, isso não é lá muito justo. Quem na Terra pode competir com isso? Por que alguém iria querer regressar à vida física depois de ser fundir com o Uno? Quero dizer, realmente.

Na verdade, muitas, muitas almas o fazem.

O quê? Porquê? Estás a dizer-me que há muitas almas que preferem regressar à Terra do que permanecer no Céu? Isso não diz muito a favor do Céu.

Diz que o Céu é precisamente o que imaginas que seja — um sítio onde podes ter tudo o que desejas.

Depois de se fundir na Essência, a alma percebe muitas coisas. Percebe que não existe tal coisa como julgamento e condenação. Percebe que nada de negativo pode ser possível ocorrer na Vida Depois da Morte. Percebe Quem e o Que é a alma. Percebe qual é a Finalidade da Vida e o Processo da Vida. Percebe plena e completamente a natureza da Realidade Última. E percebe que a Vida Depois da Morte estará sempre ali, à espera, à espera, por toda a eternidade.

Ou como alguém colocou no título de um filme uma vez, *O Céu Pode Esperar*.

Exatamente. Depois de se fundir com a Essência, a alma percebe, essencialmente, tudo aquilo que tenho estado aqui a dizer-te. Mas percebe estas coisas experiencialmente, não intelectualmente. E então muitas almas *escolhem* regressar à vida física. De facto, *a maioria das almas o faz*, pelo menos uma vez.

A maioria das almas o faz?

Quase todas as pessoas que estão a morrer, não estão a morrer pela primeira vez. Se escolherem, desta vez, «ficar mortos», é porque se sentem realmente completos com o que vieram fazer aqui. Portanto, não os invejes por seguirem em frente, nem sintas raiva por não terem voltado. Eles voltaram para ti muitas vezes para te fazerem companhia. Muitas vezes.

Perdi-me aqui. Estou perdido. Esta conversa levou-me a muitos lugares, e eu tenho estado sem fôlego a tentar acompanhar. Tenho feito, penso eu, um bom trabalho — mas isto está a escapar-me. Isto está tão longe da minha cabeça que acho que nem consigo alcançá-lo.

Tenta.

Não sei por onde começar.

Faz-me uma pergunta.

Está bem. O que queres dizer quando afirmas que os que amo voltaram muitas vezes a mim?

Quero dizer precisamente isso. Quero dizer que os teus entes queridos morreram e depois voltaram para ti mais de uma vez, por quererem ser completos contigo e com tudo o resto do que escolheram realizar nas suas vidas.

A minha mãe morreu, e depois partiu. Nunca voltou. O meu pai morreu e pronto, foi isso.

O meu irmão morreu ao volante do carro *enquanto conduzia*, pelo amor de Deus, e a minha cunhada teve de pegar no volante para desviar o carro da estrada e arranjar maneira de travar com o próprio pé. E isto depois de ter sofrido um acidente vascular que a deixou quase sem comando de metade do seu corpo!

Agora, eu detesto ser *mundano* sobre isto, mas se uma alma pode voltar após o momento da sua morte, se ela tem essa escolha, então, o mínimo que o meu irmão poderia ter feito era voltar para o seu corpo o tempo suficiente para desviar o carro para a beira da estrada, ante que mais alguém morresse.

Este assunto perturba-te muito, não é verdade?

Parece-me que sim. Estás aí a dizer-me que todos os que morreram podem regressar à vida se o quiserem? Estás a dizer-me que a minha mãe, o meu pai e o meu irmão mais velho, que eu adorava, foram para «o outro lado», tiveram a possibilidade de voltar a nós, e todos eles *recusaram*? E ainda achas que este assunto não deve perturbar-me? Ou seja, que não devo falar sobre os seus problemas de abandono...

Essa deve ser a questão do abandono de todos os tempos. A Mãe de Todas as Questões de Abandono.

Estou a ver. Nesse caso o que está aqui em causa és tu, e não eles.

O quê?

Alguém que tu amas morre, e a tua preocupação é contigo, e não com essa pessoa.

Oh, vá lá, isso não é justo. Tu acabaste de dizer-me algo muito pouco ortodoxo sobre tudo isto. Acabaste de dizer-me que as pessoas mais próximas a mim tiveram a oportunidade de voltar para os seus entes queridos de luto, e todos disseram que não.

Mas também disse que todos disseram que sim mais de uma vez. Quando vão e *ficam*, é porque estão realmente «feitos» desta vez, realmente completos. A sua partida final foi apenas isso. Foi a Última Despedida deles. Todas as outras vezes, eles voltaram.

Quais todas as outras vezes?! Não me lembro de ninguém a “regressar”. Nenhuma das pessoas de quem estou a falar ressuscitou nas salas de operações ou remissões súbitas de doenças, ou qualquer coisa desse tipo. Quando elas “foram”, foram. Boom. Foram-se. Fim da história.

A tua mãe partiu quatro vezes.

O quê?

Aquilo a que chamas a morte da tua mãe é aquilo a que *ela* chama a sua *última* morte. Não estás a contar as várias que ela teve antes dessa.

A minha mãe teve várias mortes *antes* dessa? E *regressou*?

Deixa-me fazer-te uma pergunta. Sabes se a tua mãe teve algumas «quase mortes»?

Quase mortes?

Alturas em que quase morreu, mas que morreu por um instante.

Oh, queres dizer em que esteve por uma unha negra?

Exatamente, sim. Sabes se ela teve alguma experiência desse tipo?

Não, não sei. Se teve, nunca me falou delas. Porquê?

Vou dizer-te agora que ela teve quatro delas. Dessas quatro, duas foram depois de teres nascido.

Estás a brincar comigo? Isso é real?

É muito real. E tu deves saber que essas não foram as alturas em que ela «quase» morreu. Essas foram as alturas em que ela *morreu*... e em todas essas alturas, ela escolheu voltar.

Isso está além da crença. O que é que estás a dizer-me? Por que haveria ela de voltar?

Ela não tinha terminado. Não estava completa. Sabias que ela quase morreu no momento do teu nascimento?

Não. Ninguém jamais me contou isso!

É verdade. Na tua realidade atual, ela quase morreu como resultado de trazer-te a este mundo. Na outra realidade, ela morreu de facto. Então, ela decidiu voltar. Ela decidiu que queria criar-te, não deixar-te à mercê do mundo. Ela, então, voltou. Na tua realidade foi dito que ela «quase morreu».

Outras vezes ocorreram, também, quando ela morreu, em que foi para a Vida Depois da Morte, lembrou-se do que precisava lembrar e escolheu voltar.

Então, quando até o mais novo da sua prole (que és tu) atingiu a idade adulta, bem a caminho de criar a sua própria vida, ela morreu «de vez». Mesmo então ela era jovem — apenas um ano ou mais velha do que tu és agora. Mas ela tinha realmente terminado, estava completa. Ela não tinha mais motivos para voltar. Estava na hora de descansar e aproveitar a sua próxima experiência — que foi, numa frase, a oportunidade de passar para o próximo nível da sua própria evolução. Ela já o fez. Ela é agora o que tu chamarias de anjo. Ela está a ajudar os outros, como sempre o fez.

Não estou nem um pouco surpreendido. E o meu pai? Onde está?

Não acho que seja sábio ou mesmo benéfico entrar na jornada e estado de cada uma das almas que povoaram a tua vida. A alma e a essência daquele a quem chamas de teu pai encontrou a felicidade total e a paz completa após a morte, disso podes ter a certeza.

Todas as almas a encontram. Não há uma única alma que não a encontre.

Só um segundo. Algo que disseste sobre a minha mãe atingiu o meu ouvido pela segunda vez. Ela nunca mais voltará à forma física? Eu pensei que tivesses dito que o processo de passar do reino espiritual para o mundo físico e vice-versa era eterno e continuava para sempre.

E disse. E é. Eu não disse que a tua mãe não voltou à fisicalidade. Eu disse que ela é um anjo.

Os anjos são físicos?

Os anjos são tudo o que eles querem ser. Se eles quiserem ser físicos, podem ser físicos. Se eles quiserem ser puro espírito, podem ser puro espírito. Os anjos viajam entre dois mundos.

Há anjos a toda a tua volta. Alguns deles na forma física, outros deles na forma espiritual.

Um deles poderia ser a minha mãe?

O que é que tu achas?

Acho que sim. Tenho-a sentido muitas vezes junto de mim. Pensei que era tudo da minha imaginação. Pensei que não era real.

Pensa mais uma vez.

E o meu pai?

Ele ajudou-te a escrever este livro. Achas que se tratou de uma pura coincidência que tenhas chegado a essa consciência no dia do *aniversário dele*?

Oh, meu Deus, este é o aniversário dele! Tenho estado a pensar nele o dia todo, e estou a escrever isto a 29 de Junho — o seu aniversário... é possível tal coincidência?

O teu pai diz «Nada disso».

Está bem, está bem, basta. Quero dizer, estou a ficar assustado aqui, porque *isso* é exatamente o que *ele diria*. Então, que tal se continuarmos? Diz-me, como eu consigo ser um anjo? Como sou promovido?

Tu não és «promovido». Não se trata de uma progressão numa hierarquia. Não se trata de algumas almas serem de alguma forma «melhores» do que outras.

Bem, poderiam estar mais adiante no caminho...

Quem está «mais adiante» num círculo?

Mas eu pensei que tinhas dito...

Escuta-me. Estás a mover-te através de um ciclo sem fim. Não há início nem fim. Não és «melhor» nem «pior» do que qualquer outra alma no ciclo. Todo o ciclo é sagrado, e tu simplesmente estás onde estás.

Um das dificuldades que os humanos criaram na Terra é que muitos mantêm essa ideia de «melhor». É «melhor» ser muçulmano, ou é «melhor» ser um Mórmon, ou é «melhor» ser um Judeu ou um Bahá'i, ou um Cristão, ou é «melhor» ser um homem, ou uma mulher, ou um conservador ou um liberal, ou um Francês ou um Italiano ou um Negro ou um Asiático ou um Caucasiano ou um membro dos Crips ou um membro dos Bloods, ou o que quer que SEJA?

Tu já tens delineado que um de vocês é melhor do que o outro, e isso simplesmente não é assim.

Mas eu tenho uma pergunta justa, então. Se não se trata de ser «promovido», se não se trata de «avanço», então como *chegas* a ser um anjo?

Tu escolhes ser um anjo.

Tu escolhes ser?

Tu escolhes *tudo*. Não há nada que tu não escolhas.

E os anjos podem escolher deixar de ser anjos?

Claro que podem, e os anjos têm-no feito. Podes ser um anjo por um tempo e depois deixares de ser um anjo. Então podes decidir ser um anjo novamente. Podes andar em ciclos, podes andar às voltas, podes viajar em espirais, podes mover-te em linhas retas, podes «ficar no céu» por Eras, podes voltar à terra no próximo segundo — podes ter qualquer caminho que tu desejares.

Tens alguma ideia de Quem Tu És?

Tu estás a tentar dizer-me aqui e eu vejo que estou a resistir.

Tu és Deus.

CAPÍTULO 33

Eu sou tu, simplesmente fazendo com que te lembres de mim.

MORRENDO VÁRIAS VEZES

Robert Heinlein pôs isto num livro há quarenta e cinco anos.

Outro dos meus mensageiros.

Então eu, também, tenho de «voltar à vida»?

Bem, deixa-me perguntar-te isto. Já houve ocasiões em que tiveste a impressão que tinhas «batido a bota»?

Claro que sim. Acho que sei do tipo de coisas que estás a falar agora, e sei que já tive ocasiões como essa.

Claro que tiveste. Queres que eu as descreva para ti?

Não, não, eu sei de quais tu estás a falar...

Há uma de que és capaz de não saber. É uma de que podes não te lembrar. Aconteceu momentos depois do teu nascimento. Tu nasceste prematuro. Pesavas pouco mais de dois quilos. Ninguém esperava que sobrevivesses.

Mas sobrevivi.

Da segunda vez, sim.

Perdão?

Da segunda vez, sim. Da primeira não.

Oh, rapaz! Pessoal, estamos fora do mapa aqui novamente. Estamos fora do mapa.

Depois de teres morrido da primeira vez, disseste que não te sentias completo com aquilo que te levou a moveres-te para a fisicalidade para experienciar.

E o que era isso?

Dar aos outros. Querias experienciar dar aos outros. Querias experienciar o amor. Tu fizeste o teu melhor, ao morrer, mas no fim sentiste que não era o suficiente. Querias experienciar mais.

Espera aí um minuto. Eu «morri» ao nascer para dar aos outros?

Tu atendeste completamente aos objetivos da tua mãe e do teu pai. Naquele momento, tu deste a única coisa que tinhas para dar, a própria vida, para servir completamente aos objetivos dos teus pais.

Quais eram os seus objetivos?

Eles próprios irão revelar-te isso quando chegar a altura. E essa altura virá.

No entanto, eu posso falar sobre o teu objetivo, a qualquer momento. O teu objetivo nesta vida é experienciar como amar. Desinteressadamente. Completamente. Tu fizeste isso no primeiro momento da tua vida. Tu *deste* a tua vida por outra. Mas, como eu disse, a tua experiência de dar não parecia completa para ti. Tu querias mais. Querias continuar a dar. Então saltaste realidades.

Desculpa?

Lembras-te quando falámos anteriormente sobre a possibilidade das realidades alternativas? Quando tu «morres» e depois «voltas», o que tu fazes na realidade é simplesmente mover a tua consciência para uma realidade alternativa. Nessa realidade tu experiencias o momento da tua “morte” novamente, mas desta vez não morres, tu vives. Em alguns casos, o que parece é uma «quase morte». Em outros casos, pode ser uma recuperação surpreendente ou remissão repentina. É como ser inserido na Linha do Tempo nos momentos ou semanas antes de tu «morreres», e então acionares o interruptor que desvia o comboio, enviando-o para outra linha.

Isto é o que tu fizeste das outras vezes, também. As vezes que tu sabes, as vezes que tu te lembras. Em cada um desses momentos — lembras-te deles? — tu pensaste que era um caso perdido.

Lá isso pensei.

E tinhas razão. Tu *eras* um caso perdido. Quero dizer com isto que, tinhas ido embora. Já cá não estavas.

Estava morto?

Todas essas vezes.

Isto está realmente a dar-me cabo da cabeça. *Eu estive morto?*

Mortinho da silva.

E no entanto aqui estou eu, bem aqui e agora.

O quê, achas que os gatos são os únicos que têm nove vidas?

Não me digas que achas que só os gatos é que têm sete vidas?

Sim, estiveste o que se *chama* de «morto» todas essas outras vezes. Passaste por todas as etapas da morte. A essa altura da tua vida já tinhas ouvido falar de «inferno», então foste em frente e criaste o teu próprio «inferno» e passaste por essa experiência. Depois chegaste a um lugar de recordação. Recordaste que o «inferno» não existe. Depois criaste outra coisa, algo muito mais agradável, mas não ficaste satisfeito. Depois conhecestes-me, no momento da Imersão Total. Depois tiveste a tua Revisão da Vida. E depois eu fiz o Questionário Sagrado e tu decidiste voltar.

Disseste-me que não te sentias «completo»?

Agora percebo muito melhor uma nota que alguém me enviou há alguns meses. Uau, agora isso faz realmente sentido. Completamente. Lê isto...

Caro Neale,

Apenas para que fiques a saber, gostaria de te contar uma história que me aconteceu precisamente antes do Natal.

Tinha sido obrigada a deslocar-me em trabalho e tive de passar, contra a minha vontade, seis semanas separada do meu marido, como te disse, pouco tempo antes do Natal. No meio deste trabalho tive uma semana livre, para ir passar o Natal a casa, e para isso precisava de fazer a viagem de cinco horas de carro entre Grand Junction e Loveland, no Colorado. A 22 de Dezembro, às 23 h da noite, comecei a minha viagem, na esperança de conseguir fugir ao mau tempo que se esperava para o dia seguinte. A noite estava limpa e estrelada, pelo menos até à passagem pelo Túnel Eisenhower, em Loveland Pass.

Saí do túnel e vi-me em plena tempestade de neve e mais tarde no meio de uma planície branca a perder de vista. A condução não era fácil e eu pedi a Deus que me protegesse. Quando cheguei a Denver, a condução tornou-se mais fácil. Quando seguia para norte, pela I-25, a estrada estava bem seca, só com um ou outro floco de neve aqui e ali. Ia a pouco mais de 50 quilómetros à hora quando passei por uma zona de gelo e o meu carro se despistou e saiu da estrada. Eram 4 da manhã.

Bati de frente no protetor lateral esquerdo da estrada e senti uma dor súbita na parte inferior do rosto. Não sabia qual era a gravidade do ferimento, mas entrei em pânico quando vi à distância as luzes de um camião a aproximarem-se em direção a mim. O motor do meu carro tinha-se desligado e eu estava parada no meio da estrada. Tive consciência de que o camião ia bater-me antes de o condutor poder ver-me e parar no meio da estrada, cheia de gelo. Não estava suficientemente lúcida para ter a iniciativa de sair do carro. Só tentava arranjar maneira de lhe fazer sinais de luzes. Experimentava todos os comandos, mas não conseguia encontrar o botão.

Foi então que aconteceu um milagre. O meu carro começou a deslizar para trás sem qualquer razão aparente. Começou a deslizar para o lado direito, em direção à berma, até que tocou nas barreiras metálicas — e deteve-se, precisamente quando o camião passou por mim a grande velocidade.

O resto da história não interessa para aqui. De forma resumida, consegui voltar a ligar o carro e percorrer a meia dúzia de quilómetros que me separavam de casa. Ainda nesse dia fui ao dentista, que não encontrou quaisquer fraturas, e os meus dentes, que ficaram a abanar um pouco, devem voltar ao normal daqui a um ou dois meses. Acabei por não sofrer muito, e por outro lado sinto-me verdadeiramente privilegiada por ter vivido esta experiência.

Há quem pense que tive pouca sorte. Outras pessoas acham que, pelo contrário, fui uma felizarda. Mas penso que fui eu, bem como algumas outras pessoas, que percebi melhor o que aconteceu.

Com amor, Inga Kraus

Então, «quase mortes» são, na realidade, «repetições» de ocorrências com um novo resultado. Que ideia! Uma *segunda oportunidade*. Uma oportunidade de terminar, de chegar à conclusão, de fazer o que viemos fazer aqui.

Sim.

E eu estive «morto» três vezes?

Quatro vezes. Não te esqueças da tua morte à nascença.

E mesmo quando adulto, eu voltei? Depois de tanto viver?

Disseste que ainda tinhas muito a fazer, que ainda havia muitas coisas que querias experienciar. Disseste que querias desempenhar melhor a tua função junto dos teus filhos. Disseste que querias experienciar amar as mulheres que te amaram, em vez de as maltratares. Mas acima de tudo disseste-me que querias mudar a ideia do mundo acerca de Deus e da vida.

E que tem essa última parte a ver com recordar como amar?

Disseste que percebeste que, uma vez que o mundo se recordasse de quem e o que é Deus, e como a vida realmente funciona, não haveria qualquer dificuldade para que as pessoas se lembrassem de como amar, e que todos amariam a todos, sem condições.

Depois de te lembrares do que estava «do outro lado», depois de teres passado algum tempo na Vida Após a Morte, depois de perceberes que o «inferno» era uma invenção da tua imaginação (e que *tudo* era uma invenção da imaginação) e, principalmente, depois que tu Me conheceste, disseste que

querias ajudar o mundo a entender algumas coisas. Mas primeiro, disseste que precisavas de entender algumas coisas — experimentalmente.

Como o quê, por exemplo?

Tornaste-te num sem-abrigo aos quarenta e nove anos, no meio da tua vida. Criaste mais companheiros de vida — e deixaste-os, assim como fizeste com os anteriores. Através dessas experiências, aprendeste mais sobre a traição, sobre a tua própria capacidade de trair os outros, sobre como te sentes quando os outros te traem. Aprendeste um pouco sobre o amor. Aprendeste muito sobre o abandono. O abandono pela Própria Vida. Estavas lá fora, nas ruas, a viver na rua, com uma tenda a servir de casa, durante um ano.

Aprendeste como era estar falido. Tão falido que um dólar parecia muito dinheiro para ti, e dois dólares era uma fortuna. Um dia deste dinheiro que achavas que não podias dar. O teu coração compadeceu-se por alguém e acabaste por lhe dar o pouco dinheiro que tinhas. Naquele dia aprendeste sobre a verdadeira generosidade. Também aprendeste que havia «mais de onde esse veio» — e isso foi uma grande lembrança. Descobriste novamente o suprimento do Universo Infinito. Muito em breve ficaste rico. Rico além dos teus sonhos mais loucos.

E começaste a mudar a mente do mundo acerca de Deus. E acerca da Vida. E acerca do outro. Agora tens um relacionamento melhor com os teus filhos. Agora estás a aprender — da maneira mais difícil, ainda magoando os outros, mas pelo menos a aprender — o início de uma nova maneira de amar. Agora escreves livros e vendes milhões deles. Agora viajas pelo mundo, conversando com milhares de pessoas. Agora estás na rádio e na televisão, e até mesmo no cinema.

Achas que tudo isto aconteceu por acaso?

Achas que tudo isto aconteceu por acaso?

Eu... eu...

Eu digo-te, tu escolheste tudo isto. E, claro, não aprendeste nada. O termo «aprendeste» é apenas uma figura de linguagem. Eu uso porque tu usas. Eu falo como tu. Eu uso o vocabulário que tu usas. Nós dois sabemos que não «aprendeste» nada. Tu apenas te lembraste. Tu *lembraste-te* do abandono, *lembraste-te* da generosidade, estás a esforçar-te para te *lembrares* do amor. Trouxeste de volta à tua mente consciente tudo o que se pode lembrar acerca do que sempre soubeste a respeito de Deus, da Vida e dos outros.

De onde achas que tudo isto veio?

De onde eu penso que tudo isto vem?

Tudo o que estás a escrever aqui.

Suponho que tenha pensado que vem de ti. Pensei que vinha de Deus.

ESTÁ a vir de mim. ESTÁ a vir de Deus. Mas tu achas que eu sou algo separado de ti, a dizer-te algo novo? Escuta-me. Eu sou *tu*, simplesmente *fazendo com que tu te lembres de mim*. A tua conversa com Deus criou um espaço, abriu uma porta, permitindo que tu te lembres do que sempre soubeste.

Agora, a questão final não é se tu continuarás a lembrar-te, mas se continuarás a agir como se não te lembrasses.

Ai.

Bem, essa É a questão, não é?

CAPÍTULO 34

Para compreender verdadeiramente a Realidade Última, precisas estar fora da tua mente.

ENTENDENDO MELHOR O PROCESSO DA MORTE

Custa-me a acreditar no que estamos a falar aqui. E custa-me a acreditar que isto tenha que se tornar público. Tenho que colocar tudo isto no livro?

Foste tu que disseste — não fui eu, TU o disseste — que te comprometias a fazer desta uma transcrição completa e precisa da nossa conversa, sem deixar nada de fora. Fui eu quem disse que tu poderias ser tentado em editá-lo. Foste o único que disse, de maneira nenhuma, que isso não iria acontecer. Então, agora estás a lembrar-te de outra coisa. Não, estás a lembrar-te de manter a tua palavra. Fazendo o que disseste. Contar tudo. É isso Quem Tu És? A escolha é tua.

A escolha é sempre tua.

Ufa. Tu tornas isto difícil.

Olha, podes parar aqui mesmo. Termina o livro. Tem sido um livro interessante. Não vás mais longe. Já disseste o suficiente. Para alguns, talvez até demais. Desliga o computador apenas e deixar ir como está.

Não. Estamos bem num avanço importante aqui. Este é um avanço importante, e não apenas para mim. Este é um avanço importante para todos os que estão a ler isto. Mesmo para quem não sabe que se trata de um avanço importante. Eu posso sentir isso.

Então para onde queres ir?

Quero explorar esta última questão um pouco mais profundamente. A seguir podemos concluir esta nossa conversa.

Eu tenho mais uma coisa a dizer-te. Mais uma grande revelação. *Depois* podemos concluir.

Combinado. Então deixa-me ver se entendi a nossa última questão. Estás a dizer que toda a alma, após o momento da morte, tem a oportunidade de reverter o próprio processo da morte. Entendo isto. É um pensamento impressionante, e entendo-o. É algo que tu farias. Faz todo o sentido, dado o grande amor que tens por nós.

Estou feliz que possas ver isso. Confiar no amor de Deus servir-te-á todos os dias da tua vida e também no dia da tua morte. Eu amo-te. Eu amo todos vocês, queridos.

Então diz-me, como é que tudo isso acontece? E se realmente «voltamos», como é que isso ocorre? Nem toda a gente morre de uma maneira tão conveniente que possa ser «trazido de volta à vida» facilmente. O que quero dizer é que algumas pessoas morrem no campo de batalha, ou em acidentes, e ficam em pedaços. Desculpa-me a imagem grotesca, mas assim é. Nem toda a gente morre confortavelmente na cama para que possa simplesmente «acordar» e o médico possa dizer «É um milagre!».

Vamos voltar só um bocadinho atrás.

Depois de «morreres», passas pelos dois primeiros estágios da morte, exatamente como descrevi. Percebes, primeiro, que não és o corpo. Depois experiencias tudo o que esperas experienciar a seguir, com base naquilo em que acreditas. Podes ter essa experiência pelo tempo que desejares, desde que te agrade. Depois moves-te para o terceiro estágio da morte. Este é o estágio final, quando experiencias a Imersão Total com a Essência, emerges dessa experiência para passares por uma Revisão da Vida física que acabaste de concluir e depois decides se “continuas ou voltas”, como costumavas dizer.

Tomo essa decisão com base no que vi na minha Revisão da Vida.

Essencialmente, si. Com base no que viste e se há alguma coisa que tu ainda desejas Saber e Experienciar como uma alma que carrega a identidade particular que tu pensas como sendo «tu». Por outras palavras, com base no facto de te sentires «completo» ou não.

Mas eu pensei... tu sabes, eu realmente tenho estado a escutar-te muito atentamente aqui, e eu pensei que tivesses dito que ninguém morre a sentir-se incompleto. Tu disseste, muito diretamente, que *ninguém morre tendo deixado de experienciar tudo o que veio experienciar ao mundo físico*. Que não existe «incompleto». E disseste que é isso o que significa... *a Décima Primeira Lembrança*: o momento e as circunstâncias da morte são sempre perfeitos.

Tudo o que foi dito é o que acontece.

No entanto, agora estás a dizer que depois que uma pessoa morre, ela pode sentir-se «incompleta» com alguma coisa ou outra, e assim pode «regressar à vida», por assim dizer, e reviver o momento da sua morte de uma nova maneira que... que...

Que o quê...?

Que elimina o facto de que ela morreu.

Exatamente. O que significa que ela *não* morreu. O que significa que «o momento e as circunstâncias da morte são sempre perfeitos». O que significa que *ninguém morre sem ter experienciado tudo o que veio experienciar ao mundo físico*.

Sim, mas as pessoas *morrem* a descobrir que *estavam* incompletas, e então voltam. Mas isso prova que elas podem morrer sendo incompletas.

Estou a ver como estás a pensar isso, então vou dar-te agora mais uma informação.

O processo que chamas de «morte» não está completo até que a alma «passe» para «o outro lado».

É no «outro lado» da *Maçaranja*, é no reino espiritual, que a alma faz o alegre trabalho de estabelecer a sua identidade e recriá-la de novo.

E assim, ninguém «morre» para o velho até que «atravesse» esse limiar. Dito de outra forma, a tua morte não é definitiva até que tu digas que é definitiva.

Se indicares, no momento do Questionário Sagrado, que não te sentes completo e desejas regressar à vida física, da qual acabaste de emergir, podes fazê-lo, e o farás instantaneamente.

Sim, mas isso faz-se, disseste tu, «saltando realidades». Tu disseste que a alma saltou para uma realidade alternativa. Nesse caso, a alma *nesta* realidade *morreu* incompleta.

Vais pensar isso até à morte, sabes disso?

Frase interessante.

Sê cuidadoso para não pensares demasiado. Lembra-te que, para entenderes verdadeiramente a Realidade Última, tens de estar forma da tua mente.

Mas não vamos fugir da tua pergunta.

Não, não vamos.

Perguntaste-me uma vez se a alma podia estar em dois lugares ao mesmo tempo.

Sim, perguntei. E tu disseste que podia estar em muito mais que dois lugares ao mesmo tempo.

Ótimo. Lembraste-te disso. Então, segue-me aqui.

Se a alma se sente incompleta e salta para uma realidade alternativa na qual não morre, então essa alma não morre a sentir-se incompleta. De acordo? De acordo. Mas a alma permanece na *outra* realidade —
— espera um minuto, estou a chegar lá.

A alma «ficando para trás», por assim dizer, na primeira realidade, *não está alheia ao que aconteceu*. Ela sabe que foi permitida a uma parte de Si Mesma saltar para uma realidade alternativa e completar o que deseja completar. Também sabe que *não existe tal coisa como o Tempo*. Por isso, ela sabe que a outra parte de Si Mesma *já completou* o que a fez “voltar” para completar. Assim, a alma, no Único Momento que Existe, o Momento do Agora, move-se para o reino espiritual sentindo-se totalmente completa.

Uau. Arranjas sempre maneira de escapares.

Bem podes dizê-lo. Mas quero sugerir-te que não será de grande serventia para ti analisar minuciosamente toda esta metafísica. Parece-me que podes obter mais benefícios ao concentrares-te nos princípios gerais e nas principais mensagens deste diálogo.

Muitas pessoas na Terra ficam presas nas minúcias. Elas querem que tudo seja explicado, até ao último detalhe. Tu podes virar o bordado do avesso e olhar para a tecelagem cruzada de fios que o produziu, traçando meticulosamente cada fio colorido até descobrires todo o emaranhado, mas nunca entenderás a imagem que eles criaram.

Vê as coisas de outra maneira. Muda a tua perspetiva de «tenho que ter todas as respostas». Dá a ti mesmo a oportunidade de ver a imagem completa. Vais adorar.

CAPÍTULO 35

Não precisas ser «ordenado» para ser um ministro no mundo.

Deus ordenou-te em virtude de estares vivo.

O DESEJO DE TODA A VIDA É CONHECER-SE A SI MESMA NA SUA PLENITUDE

Está bem, eu «entendo» que toda a alma está «completa» quando finalmente chega ao «outro lado». Então, esta é a peça final do quebra-cabeças para mim. O que acontece quando chegamos lá? Que trabalho é esse que fazemos? E como o fazemos?

Quando a alma diz que está completa, quando responde ao Questionário Sagrado e diz «Vamos continuar», ela move-se imediatamente para o reino espiritual, onde começa a adquirir o Conhecimento de si mesma tal como foi experienciado quando se fundiu com a Luz.

Ou seja, começa a ter consciência de si mesma como um Ser Divino. Isso fica claro muito rapidamente, porque no reino espiritual tudo o que a alma deseja, ela produz imediatamente. Não há «lapso de tempo» entre conceituar algo e Conhecê-lo como o Eu. Isso acontece porque no reino espiritual a alma cria em todos os Três Níveis da Criação simultaneamente. No mundo físico isso raramente acontece.

Então, quando eu «morro», de repente começo a criar nos níveis subconsciente, consciente e superconsciente de uma só vez?

Tu fazes isso quando entras no reino espiritual. Ou seja, de acordo com a metáfora, quando tu passas para o Núcleo da *Maçaranja* e passas para o «outro lado».

Todos os níveis de consciência tornam-se UM após a fusão com a luz, e é com essa consciência única que tu deixas a «câmara» — o Núcleo do Teu Ser — e entras no reino espiritual.

Da mesma forma, todos os Aspectos do Ser — corpo, mente e espírito — tornam-se UM.

Da mesma forma, todas as Três Ferramentas da Criação — pensamento, palavra e ação — tornam-se UM.

E, finalmente, todas as Três Experiências daquilo a que tens vindo a chamar de «tempo» — passado, presente e futuro — tornam-se UMA.

Tudo se integra.

De facto, a «morte» é uma reintegração. Longe de ser uma DESintegração, a «morte» é uma REintegração. Cada realidade trina torna-se singular. Aquilo que alguns têm descrito como a Santíssima Trindade torna-se UM.

Uma vez que agora estás a criar com todas as Ferramentas da Criação em todos os Níveis de Consciência ao Mesmo Tempo, as tuas criações tornam-se instantâneas.

Eu crio no nível supraconsciente no mundo do espírito!

Sim, e tudo o que desejas é instantaneamente manifestado no teu conhecimento.

Os mestres também criam a partir deste nível no mundo físico. Os seus resultados instantâneos são chamados de «milagres».

Então, no outro lado, estou verdadeiramente no «céu», onde posso manifestar qualquer coisa que eu deseje.

Sim. E o que tu desejas é chegar ao Conhecimento Pleno de Quem Tu És, e então recriares-te de novo na próxima versão mais grandiosa disso mesmo. Este é o Desejo de Toda a Vida. É chamado de crescimento. É chamado de evolução.

Tu vais querer saber tudo o que há para saber acerca de estares vivo, seres tu próprio, seres Divino. Portanto, desta vez, no «céu», ou no reino espiritual, é a pura alegria. A vida no reino físico também pode ser a pura alegria, só que a maioria das almas não sabe disso. Elas esqueceram-se de Quem Realmente São.

É difícil descrever a atividade da tua alma no reino espiritual com muito mais detalhes devido à limitação do teu atual nível de consciência. Posso dizer-te que é um tempo de grande Saber. No entanto, chegará um momento em que Saber não será suficiente. A alma procurará experienciar o que sabe de Si Mesma na sua nova ideia sobre Si Mesma. Isto, ela entende, só pode ocorrer no mundo físico.

Então, a alma retorna à fisicalidade.

Sim. Satisfeita e plena de alegria. A tua alma retorna ao Núcleo do Teu Ser e, mais uma vez, na jornada de regresso, responde ao Questionário Sagrado: Sabes o que desejas saber? Escolhes agora regressar à fisicalidade?

Quando a resposta-pensamento-sentimento é sim, a tua alma faz outra escolha: regressar à fisicalidade na mesma vida, ou como um ser físico diferente.

A alma está limitada à Terra como destino? Ou pode a alma regressar à fisicalidade de alguma outra forma, em algum outro planeta ou local do universo?

Tal como foi discutido anteriormente nesta conversa, existem muitas rotas através do Espaço/Tempo Contínuo —

Em *Estranho Numa Terra Estranha*, Robert Heinlein disse que há muitos «ondes e quandos» —

Sim. Ele explicou isso perfeitamente.

E tu podes escolher qualquer um que desejares. Tendo feito isso, entras mais uma vez na Imersão Total, que atenua a tua energia vital para que possas entrar na experiência à qual chamas de «nascimento».

Obrigado.

Obrigado por esta descrição e obrigado por toda esta conversa. Eu sei que a mesma contém muitas «descrições de processos» — explicações através de metáforas, ciência e metafísica da cosmologia de toda a vida e de «como tudo funciona» — mas também me deu alguns vislumbres espirituais maravilhosos e trouxe-me conforto através da obtenção de entendimentos mais profundos e uma maior consciência, e que espero que traga conforto a muitos outros — especialmente àquelas pessoas que estão a lidar com a morte de algum ente querido, ou àquelas que, elas mesmas, estão a aproximar-se da morte.

É a oportunidade de todo o verdadeiro ministro de Deus (e tu és apenas tudo isso — ordenado ou não) de trazer conforto aos moribundos.

Sim. E dito isso, às vezes é difícil encontrar palavras para dizer àqueles que estão a sofrer a perda de um ente querido. Uma mulher chamada Sheila escreveu-me isto há alguns anos atrás:

Querido Neale,

O meu irmão Chuck morreu há vários anos, quando tinha apenas vinte e sete anos de idade, e eu não consigo parar de sofrer. Penso nele todos os dias, tudo o que vejo faz-me lembrar dele. Nada mais parece ter importância para mim. Estou cronicamente deprimida. Pode ajudar-me?

Sheila, Wisconsin

O que diria uma pessoa comum a alguém assim? Esta é a questão. Afinal, nem todos somos ministros treinados. Nem todos somos conselheiros licenciados. Nem todos passamos anos nas profissões de apoio social.

Bem, o que é que tu disseste?

Respondi da melhor maneira que pude, baseado no que a minha conversa com Deus me proporcionou. Eu disse:

Querida Sheila,

Lamento profundamente a sua perda e compreendo o seu sofrimento. Há algumas coisas que gostaria de lhe dizer, na esperança de modificar esta recordação na tela da sua mente, de tal maneira que possa pensar nela sem ficar sempre triste.

Em primeiro lugar, quero que saiba que o Chuck não morreu, que a morte é uma ficção e uma mentira e não ocorre em circunstância alguma. Isto é a coisa mais importante que tenho a dizer-lhe, e é algo que deve assimilar como uma verdade das mais elevadas para que tudo o resto possa fazer sentido.

Em segundo lugar, se aceitarmos que o Chuck não está aquilo a que se possa chamar morto, mas sim bem vivo, devemos perguntar a nós mesmos onde está, o que está a fazer e, naturalmente, se é feliz.

Comecemos pela última pergunta. O Chuck nunca foi mais feliz, nem mais alegre, do que no momento em que partiu desta vida, da vida terrena, e isso porque nesse momento teve mais uma vez conhecimento da maior liberdade, da maior alegria— da alegria do seu próprio ser e da sua unidade com Tudo o Que É.

Nesse momento a separação terminou para o Chuck e a sua reunificação com o Todo de Tudo foi um momento glorioso nos Céus e na Terra. Foi na verdade um momento de celebração, e não de luto, embora o luto seja compreensível, dada a nossa consciência limitada do que está realmente a acontecer, bem como a magnitude da nossa própria perda pessoal, que naturalmente sentimos.

Ao fim de um certo período de uma dor natural muito compreensível, que devemos ser suficientemente bons para permitir a nós mesmos, passa a ser uma escolha nossa ficar nesse lugar de devastação e luto, em vez de nos mudarmos para uma consciência mais ampla e de uma verdade mais alta, que nos permita sorrir — sim, mesmo ao pensar na sua partida, mesmo pouco depois de ela ter acontecido, e por abrupto que isso pareça, embora nada seja abrupto no «horário» de Deus, mas sim perfeitamente coordenado.

Se escolhermos avançar para esta consciência mais alargada, podemos celebrar plenamente a vida que pertenceu a Chuck, a dádiva que fez àqueles cuja vida tocou e à maravilha que para eles continua a ser o facto de ter existido e de os ter amado.

Fazemo-lo sobretudo permitindo que o Chuck se liberte completamente. Isto leva-nos à primeira das três questões de que falei: onde está atualmente o Chuck? No terceiro volume das Conversas com Deus, foi-me revelado que no mundo do absoluto onde agora se encontra o Chuck todos estamos em toda a parte, isto é, não há «aqui» ou «ali», há simplesmente «em toda a parte». Assim, em termos humanos, é possível dizer que estamos em mais de um sítio

ao mesmo tempo. Podemos estar em dois sítios, ou em três, ou em qualquer sítio onde desejemos estar, tendo quaisquer experiências que desejemos ter. E isto porque é essa a natureza de Deus, e de todas as criaturas de Deus.

E que experiência escolhemos ter entre outras? A experiência da unidade e da empatia com aqueles que amamos, tal como acontecia quando vivíamos com a nossa forma física. O que isso significa é que o Chuck a ama ainda agora, não no mesmo sentido teórico, mas num sentido muito real, com um amor vivo que pode viver e nunca morrerá. E esse amor eterno e imortal faz que o Chuck (parte da essência que é o Chuck) regresse a si, esteja consigo, com todo o seu pensamento. Isto porque o pensamento de alguém que nos ama é uma atração e um impulso que a essência de um ser não pode negar e não nega, e também nunca há-de ignorar.

O Chuck continua a estar consigo, ainda hoje, no preciso momento em que me lê, e há uma parte dele que está realmente muito presente. Se estiver muito quieta, e muito sensível ao momento, poderá mesmo senti-lo, pressentir a sua presença... Talvez até «ouvi-lo»,

Isto aplica-se a todas as pessoas em todos os lugares, e explica os milhares e milhares de relatos anuais de «visitas» de pessoas que já partiram àquelas que deixaram para trás. Trata-se de acontecimentos a que tanto psiquiatras como sacerdotes, médicos e curandeiros de todos os tipos estão muito habituados e já deixaram de pôr em causa.

Muitas vezes o que acontece é que a essência do ser que se dirigiu a nós em resultado de termos simplesmente pensado nela chega ao nosso espaço cheio de amor e de compaixão, completamente aberta a nós. Esta abertura vai permitir que a essência dessa pessoa que amamos conheça e perceba perfeitamente o que sentimos e experienciamos.

Se pensarmos nessa pessoa com tristeza, dor e sofrimento, a tristeza que sentimos vai ser percebida por essa essência. E, uma vez que a essência é agora puro amor, vai procurar amorosamente curar a nossa tristeza, uma vez que vai parecer-lhe impossível não querer fazê-lo.

Se, por outro lado, pensarmos nessa pessoa com alegria e desejo de celebração, a nossa alegria será conhecida da essência da pessoa que amamos tão profundamente, e essa essência vai então sentir-se livre para avançar para a sua aventura seguinte, com o conhecimento de que tudo está bem. Mas vai regressar, sem a menor dúvida. Vai regressar sempre que se pensar nela.

No entanto, estas visitas serão danças alegres na nossa mente, ligações magníficas, crepitantes, momentos fugazes mas cheios de um brilho intenso, sorrisos que tudo abrangem. Em seguida a essência afasta-se uma vez mais, alegrada pelo pensamento do nosso amor e da nossa celebração da sua vida, sentindo-se completa na sua interação connosco, que de maneira nenhuma terminou.

No processo de nos ajudar a vencer a nossa dor e a nossa tristeza, a essência do ser que amamos não recuará perante nada, recorrendo a qualquer ferramenta, usando qualquer artifício, empregando qualquer meio ao seu dispor (incluindo, talvez, uma carta como a minha, de um estranho) para nos trazer a mensagem da sua alegria invencível no lugar onde atualmente se encontra, e a verdade da perfeição do processo da vida e da transição.

Quando conseguimos celebrar a perfeição, permitimos que a essência e a alma dos que amamos a celebrem igualmente, libertando-a para as maravilhas inexprimíveis da sua realidade mais vasta, honrando a sua presença nas nossas vidas, sob a sua anterior forma física, no momento presente e mesmo para todo o sempre.

Festejar, festejar, festejar! Acabou-se a tristeza, o luto, já que não fomos verdadeiramente atingidos por nenhuma tragédia. Admitimos uma recordação especial acompanhada de lágrimas e de sorrisos, mas lágrimas de alegria perante a maravilha de Quem Somos, de quem o Chuck é, e do indizível amor de um Deus que nos criou para isto.

Festeje, celebre, Sheila. Faça a si mesma e ao Chuck, e a todos aqueles cujas vidas foram tocadas pelas vossas, a dádiva de uma vida; a dádiva da alegria que vem ocupar o lugar da tristeza, da felicidade que vence a dor da perda, da gratidão genuína e finalmente da paz.

As bênçãos de Deus, uma das quais foi a vida de Chuck e a presença dele consigo, mesmo no momento presente, estão por toda a parte à sua volta, Sheila. Comece a ser Quem Realmente É. E sorria.

Estou certo de que era isso que o Chuck queria.

Que Deus a abençoe,

Neale

Essa foi uma resposta maravilhosa. Tenho a certeza de que a Sheila achou isso muito, muito reconfortante.

Sim, mas era verdade? Ou estou apenas a inventar tudo?

Sim.

Sim o quê?

Sim para as duas perguntas. É verdade porque tu estás a inventar tudo. Podes fazê-lo da maneira que desejares.

Tu continuas a dizer-me isso, e eu continuo a querer que seja de uma certa maneira, porque é assim que realmente é.

Mas é assim que realmente é.

É assim que «realmente é» porque continuas a criar dessa maneira. Se desejas criá-la de outra maneira, será de outra maneira.

O mesmo pode ser dito, incidentalmente, acerca de toda a tua vida, na Terra como no Céu.

Bem, se sou realmente eu a criar a minha vida e a vida à minha volta tal como a escolho, então escolho que todos nós respondamos ao chamamento para o nosso sacerdócio no mundo. Sinto-me profundamente inspirado por pessoas como Joan Beck (cujo nome modifiquei para proteger a sua identidade), que em Janeiro de 2003 me presenteou com a possibilidade de partilhar comigo a maneira como a morte do filho modificou a sua vida.

Jason — o seu filho mais velho — tinha dezoito anos e estava no último ano do liceu. Tragicamente, morreu afogado no primeiro dia das aulas de natação. A sua morte deixou a Joan, a família dela e a sua comunidade devastados pela dor.

Joan explicou-me que nunca percebera a que ponto o trabalho de vencer a dor podia ter um aspeto físico. Apenas dois dias depois da morte do filho, sentiu que ele estava com ela. Disse-me que não teria conseguido sobreviver a uma experiência de tal maneira dolorosa sem o ter tido ali com ela.

A experiência da Joan de contactar espiritualmente com o filho incitou-a a iniciar um percurso com a finalidade de perceber o significado da morte de Jason. Joan era filha de um ministro da igreja metodista, e por isso acreditava que Deus estava presente, mas esperava que fosse ela a cuidar da sua vida. Por outro lado, não conseguia perceber por que razão o seu filho tão amado tivera de morrer. No fim de contas, Joan sempre fora uma boa mãe, que ensinara os filhos a distinguir o bem do mal.

Depois de Jason ter partido fisicamente, a Joan explicou-me que o filho continuou a ajudá-la na sua busca por uma resposta. E mostrou-se capaz de a conduzir, mesmo quando ela se mostrava renitente à verdade. A sua capacidade de perdoar o professor de ginástica é um exemplo do papel que Jason continuou a desempenhar na vida de Joan.

Joan nunca tivera grande contato com o professor de ginástica do filho, mas depois da morte dele parecia estar sempre a encontrá-lo. Jason ajudou-a a perceber que devia perdoar o professor de ginástica, e agora ela sente-se livre do seu sentimento de raiva. Embora continue a preocupar-se com a ideia de que algumas pessoas podem pensar que ela está louca, sente-se aliviada com o facto de ter encontrado uma nova maneira de viver.

Quando a Joan me contou a sua história, senti-me tocado com a sua experiência e agradeci-lhe o tê-la partilhado comigo. E depois disse-lhe...

Tenho consciência, Joan, do desespero com que deves ter sentido a morte de Jason, e sinto-me muito feliz por saber que ele encontrou maneira de continuar

em ligação contigo, para que pudesses contar com a ajuda dele para lidar com tudo isto — e para te ajudar a perceber verdades cada vez mais elevadas.

Agora não tenho a menor dúvida de que a finalidade do Jason sempre foi esta. Todos nós entramos na vida uns dos outros por uma ou outra razão e com uma finalidade. Esta finalidade tem sempre a ver com algum aspeto do crescimento espiritual. Também foi com algum fim particular que entraste na vida do professor de ginástica. Por mal que te sintas em relação ao que te aconteceu, imagino que ele também se sinta terrivelmente. Mesmo que não o mostre, estou certo de que por dentro deve sentir-se devastado. O acidente aconteceu durante o turno dele, e isso é uma coisa que ele nunca poderá fazer desaparecer, anular. Durante muitos e muitos anos, este facto há-de assombrar as suas noites, estou certo disso.

Com isto, só espero que não só lhe tenhas perdoado do fundo do coração, mas tenhas falado pessoalmente com ele, que tenhas partilhado com ele o teu amor humano, que lhe tenhas mostrado que percebes a que ponto se deve sentir mal (mesmo que não o mostre, repito), e que queres que ele saiba não que lhe «perdoas» (o que supõe que ele fez alguma coisa de «errado», pela qual é «culpado», embora tu não o condenes), mas sim que não sentes necessidade de lhe perdoar, porque estás consciente de que é um bom homem, de que não fez nada propositadamente ou com má intenção, e de que aquilo que aconteceu foi uma tragédia que simplesmente aconteceu. Aconteceu. Estas coisas sucedem na vida. Estas coisas acontecem. E a «culpa» não é de ninguém.

Diz-lhe que percebes o que aconteceu, e que esperas que ele tenha podido continuar a sua vida como tu agora continuas com a tua. Ainda pronta para dar alegria, amor e riso aos teus, e para levar a felicidade à vida dos outros.

Sim, e diz-lhe que o Jason quer que recorde as centenas de vidas de jovens que ele tocou de forma positiva e importante — e que ainda não parou de o fazer. E ainda que aprender a viver com um erro é transformar a tragédia em bênção, é reconfortar toda a humanidade, uma vez que todos nós cometemos erros na vida, e todos nós somos humanos, e todos nós somos igualmente capazes de dar e de receber muito amor neste mundo, e que todos o faremos, se tivermos oportunidade disso.

Diz-lhe coisas como estas, porque esse homem precisa de curar essa ferida, e tu és uma das pessoas que mais poder tem de o fazer. É ou não verdade?

Amor e carinho...

Neale

É assim que Joan pode ser uma verdadeira ministra. Tu não precisas de ser «ordenado» para ser um ministro no mundo. Deus ordenou-te em virtude de estares vivo. Podes ser — e és — um ministro agora. Todos os dias, se procurares,

encontrarás a oportunidade de levar o teu ministério de cura e amor a mais alguém.

É desta maneira que a Joan consegue ser uma verdadeira sacerdotisa. As pessoas não têm de ser «ordenadas» para ser sacerdotes neste mundo. Deus ordenou-as pelo facto de estarem vivas. Neste preciso momento, tu podes ser, e és de facto um sacerdote. Todos os dias, se procurares fazê-lo, encontrarás uma oportunidade de levar o teu ministério de conforto e amor a mais alguém.

O que posso dizer aos que estão a morrer? Até agora, isso sempre foi difícil para mim. Para a maioria de nós, imagino. Que conforto posso oferecer a eles?

Se encontrares pessoas que acreditam que o perdão é o que é necessário para torna-las «dignas do céu», oferece-lhes o perdão — e diz-lhes que Deus também o faz.

Se encontrares pessoas que acreditam que estão a entrar no braços de Deus e dos seus entes queridos após a morte, oferece-lhes a confirmação — e diz-lhes que Deus também o faz.

Se encontrares pessoas que acreditam que não há vida de qualquer tipo após a morte, oferece-lhes uma ideia alternativa — e diz-lhes que Deus também o faz.

Deus o faz por meio de muitos eventos da vida, em mil vozes diferentes durante cem momentos diferentes, ouvidos por todos aqueles que realmente querem ouvir.

Esta conversa, oferecida a ti e a toda a humanidade, é um desses eventos.

E por isso convido-te aqui a ofereceres esta oração aos que estão a morrer:

O Deus do teu entendimento está contigo agora, mesmo nesta hora, neste exato momento. Se não tens o entendimento de Deus, isso não importa. Ainda assim, Deus está aqui, neste lugar, contigo agora, a sussurrar à tua alma: «Tu és bem-vindo, sempre que estiveres pronto para voltar para Casa».

Não podes ser rejeitado, não por qualquer causa ou razão. Se houver uma causa ou razão pela qual acreditas ser válida, Deus — se quiseres que Deus o faça — invalida-a neste momento. Deus — se quiseres que Deus o faça — apaga-a neste momento. Deus — se quiseres que Deus o faça — neste momento clareia todos os caminhos, todos os caminhos retos, dizendo: “Abram caminho para o meu amado, que escolheu estar em casa com Deus.”

Esta oração é oferecida a ti, filho maravilhoso do universo, ao teres embarcado na jornada mais alegre que alguma vez tenhas empreendido, cheia de surpresas maravilhosas. Uma jornada para a maior felicidade que alguma vez tenhas conhecido e a maior experiência que alguma vez tenha tido.

Sonha agora com coisas gloriosas. Sonha com todas as fantasias a tornarem-se realidade. Sonha com toda a dor a desaparecer, com tudo o que o tempo te roubou a ser-te devolvido novamente. Sonha em ver os entes queridos mais uma vez – aqueles que foram antes de ti e aqueles que te seguirão.

Saibas com toda a certeza que quando saíres daqui, estarás novamente com todos aqueles que ocuparam um lugar no teu coração e partiram antes de ti. E não te preocupes com aqueles que deixaste para trás, pois tu também os verás, uma e outra vez, e os amarás também, uma e outra vez, por toda a eternidade, e até mesmo no momento presente. Pois não pode haver separação onde há amor, nem espera onde há apenas o Agora.

Sorri, então, com a alegre antecipação do que está por vir. Estes presentes foram guardados para ti, e Deus tem estado apenas à espera que voltes para Casa para que os recebas. Paz, alegria e amor sejam contigo, e sejam teus, agora e sempre. Assim é, e assim será, para todo o sempre.

Ámen. (Assim é)

CAPÍTULO 36

Os teus ancestrais caminham contigo. Os teus herdeiros estão ao teu lado, a observar as tuas decisões em nome deles.

O CÉU É TUDO O QUE EXISTE

Obrigado, querido Deus, por esta maravilhosa, maravilhosa oração. Espero que as pessoas em todos os lugares, por todo o mundo, a usem se acharem que poderá servir ao momento e trazer paz e conforto, esperança e compreensão aos moribundos.

Mas espera, por favor. Ainda há algo que eu mesmo preciso entender.

Ouvi-te corretamente? O que quiseste dizer quando disseste que veremos os nosso entes queridos que nos seguirão na morte «mesmo no momento presente»?

Lembras-te de quando, no início desta conversa, falaste sobre a esposa de Andrew Parker, a Pip, e de me teres feito uma pergunta acerca dela?

Sim. Perguntei-te se ela queria ter cancro naquele estágio inicial da sua vida. Perguntei-te se ela realmente escolheu, por uma questão de livre-arbítrio, partir tão cedo, morrer tão jovem. Eu disse que algo assim seria muito difícil de aceitar pelo seu marido, pelos seus filhos e membros da família. Eles perguntavam a si mesmos, com profunda tristeza, tenho a certeza, *por que Pip iria querer deixa-los dessa maneira?*

E lembras-te do que eu disse?

Sim, disseste-me que «Tenho uma resposta que pode chocar-te».

Guardei as duas Recordações para o fim da nossa conversa. Estas são as recordações mais alegres e maravilhosas de todas.

A primeira delas é a...

17.DÉCIMA SÉTIMA RECORDAÇÃO

Na morte, serás saudado por todos os teus entes queridos — aqueles que morreram antes de ti e aqueles que morrerão depois de ti.

Estas almas irão confortar-te à medida que te libertas do teu apego ao mundo físico, guiando-te suavemente para o reino espiritual. Tu nunca precisas de estar sozinho, nunca, nem nunca estás sozinho, mesmo agora.

Sou muito grato por saber disso. A «solidão» na jornada é o meu maior medo.

Tu nunca estás sozinho, e não podes *estar* sozinho, pela própria natureza de Quem Tu És. Pois, tu não és um indivíduo, mas uma Individuação do Todo. Fazes parte de Todos Nós os Que Vivemos, e todos nós, os que vivemos, temos um investimento na experiência de Ti. Os teus ancestrais caminham contigo. Os teus herdeiros estão ao teu lado, observando as tuas decisões em nome deles. Estamos todos contigo sempre, e tu connosco. É necessário apenas a tua crença para Saberes que estamos lá.

Sim, mas isso eu não entendo. Esta última Recordação eu não consigo compreender. Queres dizer que, quando eu fechar os meus olhos na morte, e abri-los novamente na Vida Após a Morte, todos os que eu *amei* — *incluindo aqueles que acabei de deixar para trás* — *estarão lá?*

Se quiseres que eles estejam, estarão. Se acreditares que eles estarão, se esperas que eles estejam, estarás ciente da presença deles ao teu lado.

Mas... olha lá, como já te disse, ouvi dizer muitas vezes que as almas daqueles que me *precederam* na morte estarão à minha espera quando eu fizer a «travessia». Tu mesmo disseste isso, no início desta conversa. Mas eu *nunca* tinha ouvido dizer que as pessoas que estão vivas comigo *agora*, e em virtude de estarem vivas no momento da minha morte, estarão lá para saudar-me. Como pode ser isso?

Tal é a maravilha da Realidade Última que, embora possa ser experienciada por um longo tempo para aqueles que permanecem a viver na fisicalidade, dentro da ilusão do tempo, será no teu próprio Momento do Agora que todos estarão reunidos.

Mas... eu pensei que estaria lá para *saudá-los* quando *eles* morressem. Quer dizer, se eu sou um dos *seus* entes queridos, não estaria à espera deles quando estes morressem?

Sim, estarias... e estarás.

Puxa, desculpa lá, mas não estou a conseguir acompanhar-te. Se eu estou à espera deles enquanto *estes* fazem a travessia, e eles já lá estão à minha espera quando eu faço a travessia, como posso... qual é a sequência aqui?

A saudação mútua no fim das vossas vidas físicas é sequentânea.

Mas quando uma coisa é sequencial e simultânea, qual delas eu experiencio? Tu nunca me explicaste isso. Eu experiencio que uma coisa está a acontecer uma após a outra ou experiencio tudo a acontecer instantaneamente?

O que tu escolheres. Podes olhar para uma imagem individual no teu «mural» ou podes dar um passo atrás e olhar o mural inteiro de uma só vez. É

tudo uma questão de perspetiva. E podes escolher qualquer perspetiva que te sirva. Podes adotar qualquer perspetiva que te agrade.

As implicações disso são enormes. É quase como se, quando a *minha* vida acabasse, a *vida de toda a gente* acabaria também. Quando *eu* morresse, *toda a gente* morreria também. Isso não me parece justo.

Não há nada de injusto nisso. Injustiça não é possível na Realidade Última.

Pode levar muitos anos até que os teus entes queridos que vivem atualmente morram, mas esses anos serão comprimidos em menos de um instante no lugar do Não-Tempo. Se quiseres afastar-te do mural e ver a imagem inteira, irás vê-los a juntarem-se a ti na Vida Após a Morte em «pouco tempo».

É por isso que eu disse que, se *acreditas* que os teus entes queridos — *todos* os teus entes queridos — estarão contigo na Vida Após a Morte assim que fizeres a travessia, se *esperas* que eles estejam lá, estarás consciente da presença deles ao teu lado. A Crença cria a Perspetiva e a Esperança distancia-te da tua pior imaginação, permitindo que vejas uma imagem maior.

Oh, meu Deus, isto é teologicamente tão novo, tão... surpreendente. Nunca tinha ouvido isto em lado nenhum. Quero dizer, não é algo que eu jamais tivesse imaginado.

Essa é uma descrição perfeita do Reino de Deus. Digo-te agora que estarás junto com todas as almas com as quais já tenhas viajado, com aquelas com as quais estás a viajar agora e com *aquelas almas com as quais viajarás no futuro*.

Os meus futuros companheiros também lá estarão?

Se quiseres que estejam lá, sim. Nada vai acontecer que não tenhas escolhido. Lembra-te que o «Céu» é teres ou consegures o que tu queres. Que «Inferno» é teres ou consegures o que não queres. Tem havido muita teologia criada em torno destas duas palavras, mas em síntese, é isso. E o «inferno» não existe a menos que tu mesmo o cries — o que significa que, ainda assim, estás a conseguir o que desejas! E sendo tu quem cria o teu próprio inferno, este desaparecerá no momento em que não o queiras mais.

Então, na verdade, o céu é tudo o que existe.

De facto, isso poderia ser toda a vossa teologia: O Céu é Tudo o Que Existe.

CAPÍTULO 37

Usa os eventos de hoje para criar a promessa de amanhã.

A EXPERIÊNCIA DA MORTE NAS CRIANÇAS

Estou encantado com essa ideia! Mas — e talvez eu esteja a «pensar» demasiado nisso, MAS — se eu também estou reunido nesse céu com aquelas almas com as quais me cruzarei em vidas futuras, isso significaria que estou a passar por *todas* as minhas vidas — incluindo *esta* — com as almas que conheci — *antes do tempo*.

Sim, isso é o que significaria. Nunca conheceste uma pessoa em relação à qual tinhas a sensação de que já a conhecias?

Sim, muitas vezes. Oh meu Deus — o que é que estás a dizer-me?

Isto é apenas o começo da maravilha e da glória, meu lindo filho, apenas o começo. Pois Shakespeare estava certo quando disse «Há mais coisas no Céu e na Terra, Horácio, do que sonha a tua filosofia.»

Não te disse que no meu Reino há muitas mansões? Eu não disse, vocês são deuses?

Eu digo-te, todos vocês se reunirão, vocês, Almas da Antiguidade. Todos vocês se encontrarão e amarão novamente. Todos vocês se unirão uma vez mais, e sempre, ao Círculo Sagrado da Co-Criação.

E os parceiros de alma de todas as tuas vidas irão envolver-te e inundar-te com amor enquanto respondes ao Questionário Sagrado: *Desejas continuar agora? Estás completo com esta experiência atual da Divindade?*

Que revelação incrível!

Oh, minha maravilha, meu filho, minha criação de tirar o fôlego, eu não te disse quase nada ainda. Tenho coisas para te mostrar que até isso que acabei de te dizer se tornará banal. E a primeira coisa que terei para te mostrar, quando deixares esta vida, é o teu glorioso Ser. Serás visto no espelho do teu próprio amor *como foste originalmente criado*. Pois voltarás a amar a ti mesmo, como o fizeste quando te foi permitido, no céu. E ficarás completo novamente, jovem novamente, e passarás para o reino espiritual com todo o entusiasmo e o espírito do teu momento mais emocionante. Experimentarás a ti mesmo como nos dias da tua juventude terrena, e será como se nenhum tempo tivesse passado — *que é exatamente o que aconteceu*.

Tenho de fazer-te uma última pergunta — algo sobre o qual não falámos em todo este diálogo. E a morte das crianças? Elas experienciam as mesmas coisas sobre as quais falámos aqui?

Elas experienciam, e de uma forma muito gentil. A morte é muito gentil com as crianças, porque as crianças raramente se movem para a morte com todos os tipos de noções negativas preconcebidas sobre o que acontece depois. Elas são puras. Elas acabaram de vir do reino espiritual. Elas não estão tão distantes do Núcleo dos Seus Seres. Elas acabaram de emergir da Essência. E assim as crianças pequenas passam pelos primeiros estágios da morte muito rapidamente e regressam quase imediatamente à Fusão com a Essência.

Mas quando elas emergem da Essência, e experienciam o momento do Questionário Sagrado, elas continuam a sua jornada como criancinhas, ou qualquer que seja a idade que tinham quando deixaram o seu corpo?

Ser-lhes-á dado o momento da Maior Livre Escolha que jamais tiveram — a mesma escolha que todas as almas enfrentam antes de entrar no reino espiritual. Elas podem continuar com as suas vidas mantendo a identidade com a qual deixaram a sua última experiência da vida física, ou podem criar uma nova identidade. Todas as almas têm esta escolha.

Importa dizer que as crianças «crescem» na Vida Após a Morte. Ou seja, elas tornam-se plenamente cientes e completamente conscientes de tudo o que está a acontecer e da Realidade Última. Elas sabem a razão pela qual vieram para a Terra e sabem a razão pela qual partiram tão cedo. Se elas se sentirem completas com tudo isso, seguirão em frente, da forma que escolherem. Terão a mesma oportunidade de «voltar à vida» como ocorre com qualquer alma. O processo é o mesmo para todas as almas, não importa a idade dos seus corpos quando saem do mundo físico.

Mas agora gostaria de dizer algo a respeito do propósito pelo qual as crianças morrem muito jovens.

Sim, por favor. Gostaria muito de saber acerca do assunto.

Aquelas almas que entram e saem do corpo dentro de um período muito curto — crianças que morrem no parto, por exemplo, ou em tenra idade — inevitavelmente o fazem ao serviço do propósito de outrem, num nível mais elevado.

Todas as almas vêm à fisicalidade para servir o seu propósito individual, mas esse propósito pode muito bem ter pouco a ver, especificamente, consigo mesmas e tudo a ver com o propósito de outros. A alma que retorna como avatar

ou mestre, por exemplo, o faz pela alegria de se experienciar como tal — e sabe que a melhor maneira de o fazer é servir quase exclusivamente ao propósito dos outros.

O propósito de outros, neste caso, pode ser o de se lembrarem de Quem Eles Realmente São e, em algum nível, experienciar isso. O avatar ou mestre serve esse propósito na vida dele ou dela.

De forma semelhante, muitas almas vêm à Terra para experienciar a alegria de servir o propósito dos outros de uma outra maneira. Em alguns casos, é forçoso que elas partam mais cedo para proporcionar isso. No entanto, isso nunca é uma tragédia para essas almas. Elas concordaram em partir mais cedo.

Queres com isso dizer que temos acordos com outras almas? Temos «contratos»?

Sim. Lembra-te que eu disse-te que, todas as almas que tu já amaste estarão à tua espera no momento da tua morte. Estas incluem as almas que te precederam na morte, bem como aquelas que te seguiram. Abrirás os teus «olhos» quando fizeres a «travessia» para as encontrares *todas lá* — assim como elas te encontrarão lá quando fizerem a travessia delas. Todos vocês estarão lá uns para os outros no Único Momento que Existe.

Iremos encontrarmo-nos no mesmo Quando/Onde.

Exatamente. E todos vocês celebrarão com alegria tudo o que cocriaram para que possam, cada um de vocês, conhecer o seu Ser como Quem Realmente São, e experienciá-lo. Vocês, então, entrarão num «contrato» ou acordo uns com os outros sobre o que cada um de vocês fará na sua próxima expressão *sequentânea*. Como sempre, vocês escolherão experienciar essa próxima expressão como se estivesse a acontecer sequencialmente — e, como sempre, ocorrerá simultaneamente.

Agora, tu perguntaste há pouco sobre os anjos, e se os anjos algum dia regressarão à Terra fisicamente, e eu pergunto se tu te lembras da minha resposta.

Claro que sim. Disseste que voltam, constantemente.

Estamos a falar aqui de crianças que morrem muito jovens.

Elas são *anjos*?

Cada alma que vem ao corpo para servir ao propósito dos outros é um anjo — e cada criança que morreu muito jovem o fez para trazer um presente a alguém. Esse presente pode não ser compreendido por algum tempo pelos pais

e outros que possam estar, naturalmente, profundamente aflitos. Mas eu prometo-te que com o passar do tempo e a cura ocorrer, o presente será visto, será recebido, e o trabalho daquele queridinho — que só poderia ser descrito como um anjo — terá sido realizado.

Essa é uma coisa muito curativa de se dizer. Essa é uma noção muito gentil e curativa.

Não é apenas uma noção. É o estado das coisas. É como as coisas são. É o que é.

Sou muito grato por saber disto e por saber tudo o que me tens dito nas minhas conversas com Deus. Este diálogo contínuo contigo mudou a minha vida e tocou a vida de muitas pessoas também. Eu não sei o que dizer. Eu sei que esta é a nossa última conversa...

A nossa última conversa *em público*. Eu sempre estarei contigo. Sempre. Da mesma maneira que os teus entes queridos estão sempre contigo. Eles pairam sobre ti agora mesmo, alguns na forma física, alguns como guias espirituais e anjos. No entanto, *todos* eles são anjos. Mesmo aqueles que tu imaginaste que se opuseram a ti, mesmo aqueles que imaginaste serem os teus inimigos. Todos apareceram no teu mundo com uma razão Divina e para um propósito Divino: que possas conhecer e escolher, expressar e experienciar, tornar-te e cumprires Quem Tu Realmente És.

Saibas isto, portanto: a Vida neste planeta é o teu maior tesouro, criado para ti como um contexto dentro do qual podes tomar a próxima decisão mais gloriosa sobre o teu Eu. E saibas também que para auxiliar-te nessa escolha, *não te envie nada além de anjos*.

Já me tinhas dito isso antes. Não pude dar-te ouvidos na altura. A minha vida estava numa confusão, eu tinha que encontrar alguém para culpar. O mundo estava tão perto da destruição e tive que encontrar *alguém* pelo qual responsabilizar por isso.

No entanto, eu não disse para que não julgasses nem condenasses? Portanto, sê uma Luz nas trevas e não a amaldiçoes. Pois tudo o que acontece no mundo vem para trazer os meios para ti para que possas criar a experiência mais maravilhosa da tua imaginação.

Usa os eventos de hoje para criar a promessa de amanhã e usa a tua experiência do Agora para produzir a maravilha do Para Sempre.

Com isto, damos por terminada a nossa conversa. Disseste no início do nosso diálogo que ainda não realizaste o que te propuseste realizar. Realizaste

agora. Quase. Só tens que te lembrar agora como amar. Completamente, e não apenas um pouco. Abnegadamente, e não apenas quando for do teu interesse.

Isto é o suficiente para te concentrares agora, para permitires que esta conversa pública termine. Pois concluíste, com esta informação final sobre a cosmologia de toda a Vida e da Vida Depois da Morte, um diálogo que se destina a toda a humanidade, e isso é o suficiente. Deste a este processo dez anos da tua vida, e isso é o suficiente. Mudaste a opinião do mundo sobre Deus e a Vida, e isso é o suficiente.

Sim, mas não todo o mundo. Não o mundo todo.

O mundo inteiro mudou. Asseguro-te.

As Novas Revelações e o Deus de Amanhã foram abraçados por pessoas em todos os lugares, e por causa do teu trabalho e do trabalho de muitos outros como tu — professores, autores, oradores e cantores, curandeiros e ministros, contadores de histórias em murais que se movem, as mães e os pais que abraçaram os seus filhos no abraço de um amor real e duradouro, os trabalhadores da vinha e todos os mensageiros que se comprometeram profundamente a mudar a maneira como a vida é vivida na Terra — o mundo inteiro iniciou a sua notável transformação.

Com o tempo, essas transformações serão completas. No Tempo/Sem Tempo, já está realizado.

Pois esta foi a tua vontade, e a minha. E neste mundo ou nesta nossa criação, a Nossa vontade está feita.

Estás surpreendido?

Um momento surpreendente será aquele em que tu entrares pela primeira vez no reino espiritual e descobrires que podes criar, com a velocidade do teu pensamento, qualquer coisa. E que possas conhecer o que criaste sequencial ou simultaneamente, de acordo com o que escolheste. Oh, sim, que surpresa isso será!!

No entanto, a maior surpresa e a maior maravilha ainda está por vir. Somente depois de escolheres e recriares-te de novo, somente depois de decidires, com as alma de todos os teus entes queridos à tua volta, como desejas experienciar a maravilha e a glória de Quem Tu És, somente no momento dessa escolha será a totalidade da tua consciência aberta para a...

18.DÉCIMA OITAVA RECORDAÇÃO

O Livre Arbítrio é o Ato de Criação Pura, a Assinatura de Deus e é o teu Dom, a tua Glória e o teu Poder para todo o sempre.

Podes exercer esse poder tanto no reino espiritual quanto no mundo físico. Com os teus pensamentos, com as tuas palavras e com as tuas ações, assim o farás. Estás a fazer isso agora, mesmo neste momento presente. Portanto, neste glorioso tempo de Agora/Sempre, recria o teu Eu novamente na Próxima Versão Mais Grandiosa da Maior Visão que alguma vez tiveste sobre Quem Tu És.

E saibas disto, finalmente: o que quer que escolhas e onde quer que estejas, sempre tens a capacidade de estar instantaneamente...

Em Casa com Deus.

Que assim seja.

POSFÁCIO

Meus queridos e maravilhosos amigos...

Obrigado por terem feito esta viagem comigo. Sinto-me profundamente grato por isso.

Sinto-me grato porque sei que foi preciso coragem e uma enorme disponibilidade e abertura aos novos pensamentos e às novas ideias acerca de Deus e da Vida para que pudessem ficar comigo tanto tempo. Grato também porque sei que agora também vocês compreendem. Também vocês recordam. Também vocês sabem Quem Realmente São. E isto pode representar toda a diferença no nosso mundo.

Quando comecei este diálogo, há dez anos, sentia-me muito só. No entanto, sabia que as mensagens contidas nestes livros extraordinários não me eram dirigidas apenas a mim. Destinavam-se ao mundo inteiro, e pretendiam *mudar* esse mundo na sua totalidade. O nosso mundo teria a ganhar com algumas mudanças feitas neste preciso momento, pelo menos se quisermos continuar a nossa aventura nesta Terra magnífica e fruir de uma vida melhor que aquela que temos conhecido até agora.

Fomos tão longe quanto possível na direção em que agora prosseguimos. Estamos a começar a despedaçar tudo aquilo que construímos ao longo do processo da nossa evolução. À nossa volta conseguimos aperceber-nos da desconstrução gradual que está a ocorrer. No entanto, os dados ainda não estão lançados, e o nosso futuro ainda não está de forma alguma decidido. A nossa espécie encontra-se no limiar de um amanhã em que se nos apresentam duas possibilidades bem distintas para que escolhamos entre elas. Estaremos prestes a dar um salto em frente em direção à expressão gloriosa da vida coletiva com que fomos abençoados, tornando-nos de uma vez por todas seres altamente evoluídos? Ou daremos um gigantesco passo atrás, em direção às nossas modestas origens, adotando uma vez mais a mentalidade de homens das cavernas e vivendo de acordo com as prioridades mais primitivas?

São estas as questões que a humanidade enfrenta nos dias de hoje, e também são as que sempre vi à minha frente, desde os tempos da minha juventude. Desde então que sinto que a solução para os nossos problemas mais prementes estava à nossa frente, e seria encontrada num rearranjo simples dos nossos pressupostos mais fundamentais acerca da vida que então vivíamos. Hoje, ao fim de uma década de conversas com Deus, estou certo disso.

Por outro lado, também sei que alterar os pressupostos da humanidade acerca da vida não é tarefa fácil, nem que possa ser empreendida por uma única pessoa. Será necessário o esforço combinado de todos os seres humanos que sintam o chamamento para criar o dia de amanhã. Neste momento, qualquer dos meus leitores está em condições de saber se é uma dessas pessoas.

Se for, empenhar-se-á em fazer do fim desta Década de Diálogo o princípio de um Século de Mudança. Estou convencido de que bastarão cem anos — o resto da minha vida e da vossa e ainda alguns para lá disso — para assegurar o futuro da humanidade. Em termos cósmicos, não passa de um piscar de olho, mas em termos humanos é uma tarefa longa, por isso o melhor é pormos mãos à obra. Na realidade, não podemos perder um só instante, como se pode ver com um simples olhar à nossa volta.

A nossa missão, se decidirmos aceitá-la, é mudar o que o mundo pensa acerca de si mesmo. Para o fazer, teremos de mudar a nossa História Cultural. Temos de modificar o que dizemos constantemente a nós mesmos que somos, o que dizemos que a vida é, por que estamos aqui na Terra e aquilo que Deus quer. Temos de educar os nossos filhos de uma nova maneira e com novas ideias acerca do que significa ser humano. E temos de começar por reeducar-nos a nós mesmos.

Como é evidente, os meus leitores sabem tudo isto. No fundo de si mesmos, já sabem tudo isto. E foi por essa razão que leram este livro. Talvez tenham imaginado que foi por acaso, mas é evidente que isso não é verdade, e agora estão em condições de o perceber. A realidade é que cada leitor se abriu a este diálogo com a divindade, se permitiu ter esta conversa com Deus, de maneira a poder perceber aquilo que sempre percebeu na parte mais profunda do seu ser — de maneira a poder reunir e formar as articulações necessárias para também os outros poderem recordar.

Foi por esta razão que as *Conversas com Deus* me ajudaram, e é por isso que também o ajudaram a si, leitor.

E é agora que tem início o verdadeiro trabalho. E o leitor tem um papel importante nele, quer lhe restem algumas semanas de vida, quer alguns meses ou décadas.

Mesmo aqueles que se aproximam da morte — e talvez especialmente esses — têm uma função a desempenhar. Se assim o decidirem, podem partilhar uma mensagem pela maneira como morrerem, e essa mensagem terá um impacto profundo à sua volta e portanto no seu mundo. De resto, esta é uma das ideias principais deste livro. *A morte, diz este último diálogo, é um ato de criação.*

Da mesma maneira, aqueles de nós que continuarem a viver na nossa presente forma física durante mais algum tempo podem contribuir de muitas formas para o processo através do qual todas as almas alcançam a recordação de quem são e da razão por que estão aqui. Tendo-nos posto a nós próprios na Terra para conhecer e experienciar a nossa verdadeira identidade, podemos acelerar esse processo ajudando os outros a conhecer e a experienciar as suas.

É este o Grande Segredo da Vida. Trata-se da esquina mais difícil que alguma vez teremos de dobrar no caminho para a nossa casa com Deus.

Há muitas maneiras de enfrentar esta tarefa, e antes de vos deixar com o texto final deste diálogo vou sugerir uma forma extraordinária de o leitor mudar

a sua vida e o seu mundo. Mas primeiro consideremos algumas coisas simples que é possível fazer com poucos recursos e facilmente acessíveis para expandir a sua experiência pessoal da magnífica energia da Nova Espiritualidade.

Pode escolher gerar energia de grupo explorando novas ideias da Nova Espiritualidade que podem libertar a humanidade do seu velho paradigma de medo e separação, raiva e violência, movendo-se para uma expressão da vida mais pacífica e feliz. Pode consegui-lo formando um grupo de estudo de *Conversas com Deus*. A criação de pequenos grupos que se reúnam informalmente em casa de um dos membros duas ou três vezes por mês pode ajudar-nos muito no processo de reescrever uma História Cultural assente em novas crenças que produzam novos comportamentos nas nossas vidas de todos os dias.

É através de coisas como esta que podemos modificar o mundo. Por favor, não duvide disto. Há um pequeno número de pessoas que se reúnem regularmente em «células» por todo o mundo que já modificaram profundamente a nossa vida e o nosso mundo. A única questão que permanece não é se as pessoas que se encontram tranquilamente em grupos podem mudar o mundo, mas sim *em que sentido queremos que esse mundo se modifique*.

Há uma coisa que me perguntam sistematicamente para onde quer que eu vá e que é como se podem transmitir as mensagens de *Conversas com Deus* às crianças.

Atualmente, posso dizer que já há uma maneira, graças a um homem notável, Robert Friedman, que decidiu publicar uma série de livros para crianças baseados em *Conversas com Deus*. Os dois primeiros livros da coleção são *The Little Soul and the Sun* e *The Little Soul and The Earth*. Estes livros contam uma história com continuação, a da Pequena Alma e da sua aventura tanto no reino físico como espiritual. Fazem-no de tal forma, e com ilustrações tão belas, que as crianças de 4 a 7 anos conseguem apreender facilmente mesmo os conteúdos mais profundos.

Já estão em preparação mais aventuras da Pequena Alma. Todas são publicadas pela Hampton Roads Publishing Company, criada pelo Sr. Friedman com a finalidade de transmitir estas mensagens ao mundo (Devo dizer que foi este homem que correu o risco de publicar a trilogia inicial de *Conversas com Deus* — *Sinais de Fogo*, 1999 — há cerca de dez anos. Aquilo que agora parece uma banalidade, era na altura um grande risco. Poderiam ter-se perdido muito dinheiro e muita boa vontade. Mas nada disto deteve Bob, e atualmente o mundo é um lugar melhor, por poder contar com a sua coragem e o seu empenho.)

Para as crianças mais crescidas e os adolescentes, talvez queira considerar a possibilidade de ler *Conversas com Deus para Adolescentes* (*Sinais de Fogo*, 2002). Este livro contém respostas a perguntas muito concretas de adolescentes acerca das suas próprias vidas. Viajei por todo o mundo e recorri à Internet para falar com jovens e para lhes fazer uma pergunta concreta: «Se pudesses

perguntar a Deus fosse o que fosse, que pergunta lhe farias?» O resultado foi este diálogo extraordinário neste livro único dedicado aos jovens.

Se desejar conhecer algumas belas peças musicais que inspiraram as mensagens destes livros, há várias que vos posso recomendar. Em *Have You Seen Me Lately*, um álbum de Carly Simon já com alguns anos, encontrará «*Life is Eternal*», uma canção extraordinária inspirada na mensagem de Rossiter W. Raymond que cito neste livro. Annie Sims, ligada à *country music*, também gravou algumas canções muito especiais, incluindo pelo menos duas diretamente inspiradas pela sua experiência de *Conversas com Deus*. A bela «*Go Within*», do seu álbum *Half the Moon*, é um exemplo comovente daquilo de que estou a falar. Da mesma forma, muitas das canções mais profundas escritas e interpretadas em tempos recentes por Alanis Morissette falam diretamente ao deus que existe no coração de cada um de nós. Sinto-me inspirado pelo empenho do dom extraordinário de Alanis Morissette não apenas em divertir, mas também em expandir a consciência do nosso planeta.

Também gostaria de aproveitar para chamar a atenção dos leitores para a possibilidade de partilharem a experiência proporcionada aos participantes nos nossos Retiros de Renovação Espiritual das *Conversas com Deus*, já ao longo de vários anos, graças às meditações especiais conduzidas por Nancy Fleming Walsh. Muitos dos participantes têm-nos dito que estas meditações extraordinárias lhes proporcionavam um método que lhes permitia passar do Conhecimento para a Vivência de quem são, proporcionando-lhes uma forma magnífica de viver a sua ligação à Nascente. Este movimento do Conhecimento para a Vivência é a viagem acerca da qual falamos longamente neste livro. Três das meditações de Nancy com maior impacto existem agora num programa de CD intitulado *Your Secret Place*. Recomendo-o vivamente a quem quiser uma ferramenta com a qual explorar o que é Regressar a Deus.

Quaisquer informações acerca do curso *Home with God*, dos livros *Little Soul*, da música de Annie Sims ou de Alanis Morissette, das extraordinárias ideias transmitidas no CD *Your Secret Place*, e ainda acerca dos Retiros de Renovação Espiritual das *Conversas com Deus*, realizados por todo o mundo, podem ser obtidas em <http://www.nealedonaldwalsch.com/>, nas páginas Special Opportunities e Resources. No entanto, isto é apenas o começo.

O que eu gostaria que o leitor retirasse de tudo isto é que passasse a ser uma força poderosa na criação do nosso amanhã coletivo. O que está em causa não é se poderá fazê-lo, mas sim se irá fazê-lo.

No entanto, para o fazer precisa de uma ferramenta, de um método, de uma maneira de a força poderosa que se encontra dentro de si exercer o seu efeito sobre a força poderosa que se encontra fora de si. O leitor tem essa ferramenta, mas pode não estar consciente disso. É a ferramenta da realização individualizada através da ação coletiva. Isto é, é o método pelo qual cada um de nós pode reunir-se aos outros num empreendimento coletivo que dirija os seus esforços para um mesmo fim. Já antes usei a mesma citação, e voltarei a

usá-la: «O problema com o mundo de hoje é que as pessoas civilizadas não estão organizadas [...] e as pessoas organizadas não são civilizadas.» Penso que foi o jornalista Jimmy Breslin que escreveu estas palavras, que não podiam ser mais claras e diretas. Sendo assim, a nossa função é organizar-nos.

Uma vez, em frente de um público de 750 pessoas, na Holanda, em Outubro de 2005, fiz, muito espontaneamente uma afirmação que desde então desencadeou um movimento em todo o mundo impulsionado por um grupo de pessoas extraordinárias. Nessa noite disse à audiência: «Vejam o que meia dúzia de pessoas fizeram para aterrorizar o nosso mundo. Imagine-se o que um grupo igualmente pequeno poderia fazer se estivesse igualmente empenhado em produzir a paz, o amor e a alegria no nosso mundo.»

E acrescentei: «Dêem-me mil pessoas — dez da Holanda, dez da Dinamarca, dez da Itália [...] cem de toda a Europa, ainda cem da Coreia, da China, do Japão e do Oriente, cem do Médio Oriente, cem de África, cem da América do Sul e cem dos Estados Unidos [...] dêem-me mil pessoas espalhadas desta maneira por toda a parte e garanto que conseguiremos mudar o mundo.»

Em seguida fiquei eu próprio surpreendido quando me ouvi a mim mesmo dizer: «Na verdade, se quiserem fazer parte deste grupo, enviem-me os vossos e-mails para info@thegroupof1000.com.» Na altura esse e-mail ainda nem sequer existia! Mal acabei a conferência fui a correr para o hotel para o criar. Na manhã seguinte, quando abri a nova caixa de correio, encontrei 77 mensagens!

Estávamos a caminho!

Atualmente estamos a seguir em frente, a reunir uma vasta rede em todo o mundo que dará apoio a uma notável iniciativa global para ajudar a humanidade a mudar as suas ideias acerca de si mesma. Tencionamos conseguir-lo modificando a nossa História Cultural, e tencionamos conseguir essa modificação modificando *aquilo* que ensinamos a nós mesmos *acerca* de nós mesmos.

Nem todas as pessoas que pedem informações acerca do Grupo dos Mil decidem tornar-se membros. O nível de empenhamento no nosso mundo que é solicitado é muito grande. Aqueles que já se associaram a nós decidiram exercer a sua influência sobre o nosso planeta de uma forma profunda e notável.

Se quiser conhecer melhor o primeiro nível de iniciativa espiritual deste grupo, envie o seu pedido de informações para info@thegroupof1000.com.

Gostaria de concluir com algumas palavras acerca da religião tradicional de um ponto de vista o mais atual possível. Tenho consciência de que muitos fiéis de religiões tradicionais estão atentos a este diálogo e ao que aqui estamos a fazer.

Muitas vezes penso como gostaria que as religiões tradicionais vissem as coisas de uma maneira pelo menos um pouco diferente. Muitas coisas poderiam mudar, e milhões de pessoas deixariam de abordar a vida e a morte ou mesmo Deus com receio, se as religiões tradicionais deixassem pelo menos de ensinar

que Deus nos manda para o Inferno, que é Deus que nos atribui uma recompensa ou um castigo, que pode ser condenar-nos ao Inferno para toda a eternidade.

Desejo muitas vezes que as religiões decidam pelo menos ensinar que somos nós que o fazemos a nós próprios. Em seguida poderíamos eliminar a culpa das nossas consciências ao aproximar-nos da morte, e nunca criaríamos o nosso próprio «Inferno» ao atravessar as portas da morte.

No entanto, mesmo quando penso isto vejo-me obrigado a reconhecer que a religião tradicional está a mudar muito no que diz respeito às suas mensagens, e estou francamente grato por isso. Parece-me um sinal certo e seguro da nossa evolução, e quero reconhecer e honrar a maravilhosa modificação que tenho observado naquilo que alguns líderes religiosos da atualidade têm afirmado publicamente.

Já em vários livros anteriores a este mencionei algumas afirmações notáveis do papa João Paulo II. O Inferno não existe como lugar, disse o papa. Tanto o «Inferno» como o «Céu» são (nas palavras do papa, e não nas *Conversas com Deus!*) «estados de ser».

Ao falar perante um público de mais de 8 mil pessoas em quartas-feiras consecutivas em Julho de 1999, o papa João Paulo II analisou de perto as ideias de Céu e de Inferno. De acordo com o *Osservatore Romano*, o jornal da Santa Sé, o santo padre disse: «Quando a forma deste mundo tiver desaparecido, aqueles que acolheram Deus nas suas vidas e se abriram sinceramente ao seu amor, pelo menos no momento da sua morte, fruirão plenamente da comunhão com Deus que é o fim da vida humana.»

Isto é, evidentemente, aquilo que o livro que tem nas suas mãos repete do princípio ao fim.

«O Céu é o fim último e a vivência plena dos mais profundos anseios humanos, o estado de felicidade suprema e definitiva», continuou o papa.

Ao falar sobre o Inferno na sua catequese, o papa disse que devíamos ter o cuidado de não interpretar incorretamente as imagens do Inferno nas Sagradas Escrituras, e explicou «mais que um lugar, o Inferno indica o estado dos que se afastam livre e definitivamente de Deus, fonte de toda a vida e alegria».

Estou convencido de que o papa foi diretamente inspirado por Deus ao fazer estas afirmações. Não há dúvida de que sabia que todas as suas palavras eram atentamente seguidas em todo o mundo. Nas minhas próprias conversas com Deus foi dito repetidamente que o Inferno não é um castigo de Deus, mas sim algo criado por nós, a partir dos pensamentos de isolamento de seres humanos a quem foi ensinado que estão separados de Deus.

Além disso, na presente conversa fui inspirado a revelar que as ideias acerca do Inferno e da danação que nos acompanham ao longo da nossa vida se reproduzem na nossa experiência depois da morte. É o que acontece, como

Deus aqui diz, no segundo estágio da morte, quando experienciamos aquilo que esperamos experimentar — incluindo o Inferno, se for disso que estamos à espera.

Nas suas próprias observações, em 1999, o papa João Paulo II transmitiu a ideia de que o Inferno «não é um castigo exteriormente imposto por Deus, mas sim um desenvolvimento de pressupostos já estabelecidos pelas pessoas nesta vida».

Acredita nisto? É uma afirmação saída diretamente da boca de uma das mais elevadas autoridades nas vidas de milhares de milhões de pessoas em todo o mundo, do líder temporal e espiritual de uma das mais importantes religiões.

«O Inferno é um estado resultante de atitudes e ações que as pessoas adotam em vida», acrescentou João Paulo II.

Mais uma vez, foi o que este livro repetiu.

A ideia do papa de que o Inferno não é um castigo de Deus, mas sim algo que nós próprios criamos através dos nossos pensamentos de separação de Deus, é surpreendentemente semelhante a outra feita pelo evangelista Billy Graham já há alguns anos.

«A única coisa que posso dizer com alguma certeza é que o Inferno é a separação de Deus. Estamos separados da sua luz, da sua companhia. E é nisso que consistirá o Inferno. Se se trata de um verdadeiro fogo, não sei, não prego acerca do assunto porque não tenho a certeza» (revista *Time*, 15 de Novembro de 1993).

E quanto à realidade de um verdadeiro «mar de fogo» que arde por toda a eternidade? A Bíblia diz que a realidade do Inferno é um ponto doutrinário fundamental (Hebreus 6,1-2). Judas ensina-nos que o Inferno é um lugar real, literalmente de fogo e tormento (Judas, 3-7). O apóstolo João viu que o Inferno era um lugar real (Apocalipse 14,10; 20,10-15; 21,8). Mas tanto o reverendo Graham como o papa João Paulo II rejeitam completamente este ensinamento claro das Escrituras.

É maravilhoso que mesmo os mais importantes líderes religiosos comecem a pôr em questão estes ensinamentos antiquados, que em vez de nos aproximarem de Deus nos afastam dele. Assim, reconheço com alegria que as religiões tradicionais estão a começar a acordar. Temos esperança de um amanhã mais brilhante. Podemos alcançar uma massa crítica se partilharmos um novo mundo de ideias acerca de Deus e da Vida todos reunidos, usando o poder da Internet e outras formas de comunicação de massas, incluindo a rádio, a televisão e os filmes.

Tenciono recorrer a todas estas formas de comunicação nos próximos meses e mesmo anos, agora que a minha «missão» foi alterada. Tal como já disse, este é o meu último livro em forma de diálogo. Contudo, não é o fim do meu trabalho. Deus acabou de modificar as minhas funções, que passaram a ser divulgar a mensagem, em vez de simplesmente assimilá-la. Ao embarcar nesta

nova missão, tenciono sonhar o sonho impossível: que a humanidade um dia venha a ouvir a mais importante mensagem de Deus ao mundo:

Perceberam tudo mal...

Até agora, a luta do homem pela realização apenas teve um inimigo invencível. Esse inimigo foi o pensamento do homem acerca de si mesmo. Como Pogo, a maravilhosa personagem cômica de Walt Kelly, pôs a coisa: «Já encontrámos o inimigo, e ele é nós.»

E assim prossigo, como D. Quixote, vendo-me a mim mesmo, e a todos nós, e ao próprio mundo, com outros olhos...

Trata-se de uma missão que espero que os meus leitores assumam comigo. Deus assegurou-nos que as ideias da humanidade se estão a modificar, e que os nossos sonhos podem ser os sonhos que acabarão por modificar o mundo. Gostaria de testemunhar esta realidade no Momento Presente do meu Agora. Incito toda a gente a reunir forças para produzir os votos que por tanto tempo acalentámos. A minha parceria com os meus leitores ao longo dos últimos dez anos de conversas partilhadas com Deus é algo que não poderia esquecer. Adoro-vos e amo-vos em todos os quandos e ondes do meu ser.

Prossigamos, todos nós...

Para sonhar o sonho impossível,

Para combater o inimigo invencível,

Para suportar a dor insuportável,

Para nos atrevermos até onde os corajosos não se atrevem.

Para corrigir a injustiça que não pode ser corrigida,

Para amar, com pureza e castidade à distância,

Para tentar quando os teus braços estiverem demasiado cansados,

Para alcançar a estrela inalcançável.

É esta a minha missão, seguir essa estrela,

Por mais inalcançável, por mais distante.

Para combater pelo bem sem pausas nem tréguas,

Para estarmos prontos a marchar contra o Inferno por uma causa celestial.

E sei que se conseguir ser verdadeiro nesta busca gloriosa,

O meu coração ficará em paz e quando eu encontrar o meu repouso,

E o mundo se tornar melhor por essa razão,

*Esse homem, escarnecido e coberto de chagas,
Continuará a lutar, com o seu último fôlego de coragem,
Por alcançar a estrela inalcançável.
Sempre e de todas as maneiras,*

*Neale Donald Walsch
Ashland, Oregon
Natal de 2005*

RECORDAÇÕES

PRIMEIRA RECORDAÇÃO

Morrer é algo que cada pessoa faz por si mesma.

SEGUNDA RECORDAÇÃO

Tu és a causa da tua própria morte. Isto é sempre verdade, morras como morreres e onde morreres.

TERCEIRA RECORDAÇÃO

Não é possível morrer contra a própria vontade.

QUARTA RECORDAÇÃO

Nenhum caminho para Casa é melhor que qualquer outro.

QUINTA RECORDAÇÃO

A morte nunca é uma tragédia. É sempre um dom.

SEXTA RECORDAÇÃO

Tu e Deus são um só. Não há separação entre os dois.

SÉTIMA RECORDAÇÃO

A morte não existe.

OITAVA RECORDAÇÃO

Não podes modificar a Realidade Final, mas podes modificar a tua experiência dessa realidade.

NONA RECORDAÇÃO

É desejo de Tudo O Que É Conhecer-se a Si Mesmo na Sua Própria Experiência. Esta é a razão de toda a Vida.

DÉCIMA RECORDAÇÃO

A vida é eterna.

DÉCIMA PRIMEIRA RECORDAÇÃO

O momento e as circunstâncias da morte são sempre perfeitos.

DÉCIMA SEGUNDA RECORDAÇÃO

A morte de cada pessoa serve ao propósito de todas as outras pessoas que estão cientes disso. É por isso que elas estão cientes disso. Portanto, nenhuma morte (e nenhuma vida) é “desperdiçada”. Ninguém nunca morre “em vão”.

DÉCIMA TERCEIRA RECORDAÇÃO

Nascer e morrer são a mesma coisa.

DÉCIMA QUARTA RECORDAÇÃO

Estás continuamente no ato de criação, na vida e na morte.

DÉCIMA QUINTA RECORDAÇÃO

Não existe tal coisa como o fim da evolução.

DÉCIMA SEXTA RECORDAÇÃO

A morte é reversível.

DÉCIMA SÉTIMA RECORDAÇÃO

Na morte, serás saudado por todos os teus entes queridos — aqueles que morreram antes de ti e aqueles que morrerão depois de ti.

DÉCIMA OITAVA RECORDAÇÃO

O Livre Arbítrio é o Ato de Criação Pura, a Assinatura de Deus e é o teu Dom, a tua Glória e o teu Poder para todo o sempre.